

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ASSOCIADO EM  
EDUCAÇÃO FÍSICA – UEM/UEL

MORGANA CLAUDIA DA SILVA

---

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE  
CORPO A PARTIR DOS DISCURSOS DE  
MESTRANDAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

---

Maringá  
2012

**MORGANA CLAUDIA DA SILVA**

---

---

**AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE  
CORPO A PARTIR DOS DISCURSOS DE  
MESTRANDAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

---

---

Dissertação de Mestrado apresentada  
ao Programa de Pós-Graduação  
Associado em Educação Física –  
UEM/UEL, para obtenção do título de  
Mestra em Educação Física.

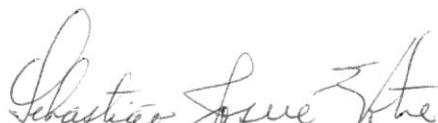
**Orientadora: Profa. Dra. Larissa Michelle Lara**  
**Co-orientador: Prof. Dr. Antônio Geraldo Magalhães Gomes Pires**

MORGANA CLAUDIA DA SILVA

## **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE CORPO A PARTIR DE DISCURSOS DE MESTRANDAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física – UEM/UEL, na área de concentração em Educação Física e Sociedade, para obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 20 de junho de 2012.



---

Prof. Dr. **Sebastião Josué Votre**



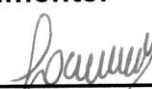
---

Prof. Dr. **Giuliano Gomes de Assis Pimentel**



---

Prof. Dr. **Antonio Geraldo Magalhães Gomes Pires**  
(Coorientador)



---

Profa. Dra. **Larissa Michelle Lara**  
(Orientadora)

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**  
**(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)**

S586r Silva, Morgana Claudia da  
As representações sociais de corpo a partir dos discursos de mestrandas em educação física / Morgana Claudia da Silva. -- Maringá, 2012.  
190 f. : il., figs., quadros

Orientadora: Prof.a Dr.a Larissa Michelle Lara.  
Co-orientador: Prof. Dr. Antônio Geraldo Magalhães Gomes Pires.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Departamento de Educação Física, Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL, Universidade Estadual de Londrina, 2012.

1. Corpo - Análise do discurso. 2. Representações sociais. 3. Corpo e saúde. 4. Pós-Graduação e formação. I. Lara, Larissa Michelle, orient. II. Pires, Antônio Geraldo Magalhães Gomes, co-orient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL. IV. Universidade Estadual de Londrina. Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL. V. Título.

CDD 22.ed. 306.4613

*Dedico esse trabalho à minha mãe que, mesmo não estando mais ao meu lado, estará orgulhosa de mim, onde quer que eu esteja. Ao meu irmão Ruden que, de sua maneira “torta”, me acompanhou nesse processo.*

# **Agradecimentos**

---

---

*À família escolhida de coração, que foi fundamental para esse processo de minha formação: Geraldo, Dirce, Pedro e Raulzito. E, obrigada por me emprestar seu quarto semanalmente Raul.*

*À Graça (prima, amiga, irmã, mãe), que sempre de longe me olhava e me incentiva nesse processo.*

*À Dra. Larissa Michelle Lara, peça fundamental que, como poucos, sabe trabalhar em parceria, ocupando seu posto de orientadora, que não impõe; sabe ser generosa, e possibilitou com seu desapego que eu alçasse o voo que escolhi.*

*Ao grande amigo Antônio Geraldo Magalhães Gomes Pires que, por meio de suas críticas, broncas e puxões de orelhas, guiou-me nesse processo. Sem ele, este trabalho não estaria finalizado.*

*À aluna/amiga Débora que realizou pacientemente as transcrições de minhas entrevistas.*

*Às mestrandas dos Programas de Pós-graduação em Educação Física da UEM/UEL e da UFPR por aceitarem participar da pesquisa, condição essa determinante para sua realização.*

*Àqueles que acreditaram sempre em mim. Obrigada Jack, Laudenir, Dra. Sônia Bordin, Suzi, Josi, Nádia, Gládis, Cidinha e Juliana Boaretto.*

*Aos amigos que entraram na minha vida durante o mestrado, no qual compartilhamos angústias, alegrias e conhecimento, apoiando-nos uns aos outros nas horas difíceis.*

*Ao Prof. Sebastião Votre, pela disponibilidade em me receber em sua cidade e pela conversa franca durante a fase de pré-qualificação. Ao Prof. Giuliano, pelas contribuições e indagações durante esse período.*

*Enfim, a todos que direta ou indiretamente estiveram comigo. Obrigada!*

SILVA, Morgana Claudia. **As representações sociais de corpo a partir de discursos de mestrandas em educação física**. 2012.190f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2012.

## **RESUMO**

---

---

A presente pesquisa objetivou analisar representações sociais sobre corpo no imaginário de mestrandas vinculadas a programas de pós-graduação stricto-sensu em educação física, de universidades públicas do Estado do Paraná. Tomando o corpo como objeto de estudo, entendemos que os sentidos a ele atribuídos são sínteses de dimensões da formação do profissional de educação física e de representações que circulam no imaginário social. A teoria das representações sociais, proposta por Moscovici (2005), proporcionou as condições teóricas básicas para que se compreendesse o objeto investigativo, e a técnica de análise do discurso, de Orlandi (1996), possibilitou o tratamento dos dados coletados por meio de entrevista semi-estruturada realizada junto a treze mestrandas vinculadas aos programas que integram a pesquisa. Construiu-se como núcleo central da representação um corpo funcional pautado na saúde e, como sistema periférico, os seguintes aspectos: a) saúde relacionado com funcionalidade corporal, hábitos saudáveis e atividade física; b) formação continuada, relação entre a graduação e a pós-graduação; c) intervenção profissional orientada pelo campo da academia de ginástica; d) deslocamento dos sentidos instituídos sobre o papel social do *personal trainer*; e) corpo desejo/sonho. Os resultados da pesquisa mostram que as representações de corpo das mestrandas continuam apoiadas nas relações cotidianas e nos discursos que estão imbricados na e pela sociedade, na qual o corpo perfeito – magro e/ou moldado/sarado – continua sendo o padrão social de beleza.

Palavras-Chave: Corpo. Saúde. Representações Sociais. Pós-Graduação. Formação.

SILVA, Morgana Claudia. **The social representations of body from speeches of masters students in physical education.** 2012.190f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde. Universidade Estadual de Maringá, Maringá 2012.

## ABSTRACT

---

---

This paper analyzes the social representations of the body established in the minds of masters students linked to post-graduate programs strict sensu in physical education in public universities in the State of Parana. Taken as a study objects by means of social representations the body, we believe that the him are summaries of the dimensions of the professional of physical education and representations that circulate in the social imaginary. The theory of social representations proposed by Moscovici (2005), provided the basic theoretical conditions for the object order to grasp investigative, and technical analysis of the speech, Orlandi (1996), allowed the processing of date collected through semi-structured interview with the thirteen masters students linked to programs that integrate research. It was constructed as the central representation of a body in health and functional ruled as peripheral system, the following aspects: a) health-related functionality body, healthy lifestyle and physical activity; b) continuing education, the relationship between undergraduate school; c) professional intervention guided by the field of fitness center; d) displacement of sense imposed on the social role of the personal trainer; e) body desire / dream. The research results show that the representations of the body mestrandas still supported in everyday relationships and discourses that are intertwined in and by society in which the perfect body – lean and / or molded/ healed – remains the social standard of beauty.

Key Words: Body. Social representations. Post-graduation. Formation.



# LISTA DE FIGURAS

---

---

**Figura 1 -** A função geradora dos temas, proposta por Moscovici..... 41

**Figura 2 –** Representação sinóptica do núcleo central e sistema periférico encontrados na pesquisa..... 96

# LISTA DE QUADROS

---

---

<b>Quadro 1 -</b>	Síntese das diferenças existentes entre universo consensual e reificado.....	51
<b>Quadro 2 -</b>	Características do núcleo central e sistema periférico de uma representação.....	63

# LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

---

---

<b>AD</b>	Análise do Discurso
<b>DEF</b>	Departamento de Educação Física
<b>CCS</b>	Centro de Ciências da Saúde
<b>CEFE</b>	Centro de Educação Física e Esporte
<b>TRS</b>	Teoria da Representação Social
<b>UFPR</b>	Universidade Federal do Paraná
<b>UEM</b>	Universidade Estadual de Maringá
<b>UEL</b>	Universidade Estadual de Londrina
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde

# SUMÁRIO

---

---

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 O CAMPO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS</b> .....	24
1.1 A constituição do campo das representações sociais no Brasil.....	25
1.2 Ancoragem e objetivação como processos geradores das representações sociais.....	35
1.3 Interlocutores no campo das representações sociais.....	43
<b>2 A CONSTRUÇÃO DAS TRILHAS METODOLÓGICAS</b> .....	64
2.1 A análise do discurso como aporte metodológico no campo das representações sociais.....	65
2.2 A estruturação do percurso investigativo.....	73
<b>3 O DESVELAMENTO DOS DISCURSOS</b> .....	83
3.1 O corpo como objeto de pesquisa na educação física.....	84
3.2 Atores sociais e seus discursos sobre o corpo.....	92
3.2.1 Funcionalidade do corpo e da saúde como sistema periférico discursivo.....	97
3.2.2 O campo da formação continuada como do sistema periférico discursivo.....	105
3.2.3 Outros elementos do sistema periférico discursivo: intervenção profissional, personal <i>trainer</i> , e corpo desejo.....	114
3.2.4 Corpo funcional situado na saúde como núcleo central.....	129
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	132
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	137
<b>ANEXOS</b> .....	155
<b>APÊNDICES</b> .....	153

# INTRODUÇÃO

Meu corpo não é meu corpo,  
é ilusão de outro ser.  
Sabe a arte de esconder-me  
e é de tal modo algaz  
que a mim de mim ele oculta.

**Carlos Drummond de Andrade**

O corpo, tomado como objeto de estudo, emerge das sínteses das interpretações dos sentidos produzidos sobre ele por mestrandas em cursos de pós-graduação *stricto-sensu* em educação física, vinculados a universidades públicas do Estado do Paraná. As representações de corpo foram eleitas como objeto de estudo por serem elas um dos principais determinantes teóricos e ideológicos que fundamentam o processo de formação do profissional da educação física.

Todavia, ao propor como desafio o desenvolvimento da presente pesquisa, foi necessário voltar o olhar para os caminhos percorridos após minha<sup>1</sup> formação inicial na universidade, situando o local de onde falo e das condições de produção e circulação das representações e discursos sobre o objeto da pesquisa.

Na maioria das vezes, é difícil entender o processo da formação inicial dada à entrada na universidade na fase da juventude, em que os estudantes elaboram sua relação com a área a partir da motivação da prática, ao mesmo tempo em que colocam as teorias em certo ostracismo. É a inserção no campo de trabalho que possibilita o processo de maturação profissional, gerando certa consciência acerca da área de atuação.

O campo de formação em educação física, na década de 1980, contexto no qual me inseri, foi marcado por bases teóricas de natureza positivista e tecnicista orientando a prática pedagógica dos cursos, e por princípios das abordagens de ensino tradicional

---

<sup>1</sup> Na introdução desse estudo será utilizado o verbo na primeira pessoa do singular por se tratar da trajetória profissional da pesquisadora. No restante do trabalho utilizaremos a terceira pessoa do plural.

e comportamentalista. O esporte era tomado como núcleo de conhecimento central dos projetos pedagógicos de escolas e das ações docentes.

Nessa década, a educação física recebia severas críticas em relação a sua concepção de natureza esportivista e a sua vinculação acadêmico-científica com a área da saúde. Começava a ser produzido, na área da educação física, um novo olhar, a partir de um grupo de mestres e doutores que voltava de sua formação de pós-graduação (alguns fora do Brasil e outros que incursionaram pela área da educação no país). Era um discurso diferente do estabelecido e que colocava em dúvida a “verdade” da área. O ponto fulcral dos questionamentos remetia às discussões sobre a identidade da educação física<sup>2</sup>, causando crises de cunho metodológico e epistemológico, contribuindo também para seu processo de consolidação como campo de conhecimento.

Esse caminhar voltado à busca de identidade gerou, na área, inúmeras reflexões em relação ao papel da educação física perante a sociedade. Para Daolio (2004, p. 2), começava a ocorrer o aumento de reflexões e debates sobre o predomínio da área sob o olhar do campo biológico, necessário, uma vez que “[...] o corpo era somente visto como um conjunto de ossos e músculos, e não expressão de cultura [...] a Educação Física era vista como somente uma área biológica, e não como uma área que pode ser explicada pelas ciências humanas”. E foi nesse turbilhão de informações que fiz minha formação acadêmica, quase que exclusivamente baseada nos conhecimentos relativos às ciências biológicas e voltada para o modelo esportivista, com poucas informações e conhecimentos norteados pela área das ciências humanas.

Ao me formar, imediatamente me inseri, como outros colegas da época, no campo do esporte. Vale lembrar que também passei pela vivência no campo do ensino formal, pois, antes de ingressar na universidade, tive formação no magistério em nível de ensino médio, o que me fez manter proximidade com a escola na condição de

---

<sup>2</sup> Essa pesquisa não objetiva a discussão sobre a identidade da Educação Física, mas apenas situa um momento histórico que se relaciona diretamente com a construção profissional da autora. Entretanto, esse tema pode ser consultado em: BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, W. Educação física e ciência: cenas de um casamento (in) feliz. In: **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Campinas: Autores Associados, 2000. v.22, n.1, p.53-65.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S. C. **Educação física na escola**: questões e reflexões. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

professora da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Naquele período, tive também a experiência com a educação física no ensino fundamental (séries finais). Mas, o campo de intervenção profissional no qual iniciei e consolidei minha trajetória profissional foi o esporte, em especial, a natação.

Minha aproximação com a temática do corpo vem inicialmente de forma assistemática, notadamente em função do trabalho<sup>3</sup> à “beira das piscinas” como professora e técnica de natação. Mesmo sem refletir criticamente sobre os sentidos do corpo, eu já lidava com os conceitos pré-estabelecidos sobre ele no campo do treinamento esportivo de excelência.

Para lidar com o grupo de atletas, principalmente com as mulheres, era necessário cumprir certos rituais fundantes do imaginário do mundo da natação. Ou seja, para que as atletas se tornassem “nadadoras de ponta” era essencial que seus corpos sofressem significativas transformações. Elas deveriam se afastar de uma representação de corpo belo ou corpo magro e pouco musculoso, para um corpo forte, marcadamente musculoso que remete a uma representação do corpo masculino corrente no imaginário social.

Mergulhada nesse campo de intervenção profissional que tinha (e que tem) como princípio básico a busca do rendimento “a qualquer preço”, e diante das condições objetivas para garantir minha existência, não me sobrava tempo e nem condições teóricas para lançar outros olhares acerca das consequências que essa atuação profissional exercia sobre a formação dos corpos das atletas. Poderia mesmo afirmar que tinha uma consciência ingênua sobre a relação do esporte de excelência com a constituição das representações sobre os corpos das atletas.

Posso afirmar que minha inserção no universo do campo profissional do ensino superior foi condição fundante para início de meu distanciamento da realidade do mundo do esporte de excelência. O olhar unívoco da “técnica” que lançava sobre a natação foi sendo superado por um olhar crítico e ampliado. Minha consciência ingênua

---

<sup>3</sup> Como ponto esclarecedor, iniciei minha trajetória profissional na área da natação, primeiro como professora de natação e depois como coordenadora de escolinha de natação. Fui técnica desportiva em natação efetivamente por 16 anos, passando por todas as categorias até chegar a ser técnica da “equipe principal”. Nesse meio tempo, também fui me aproximando do campo da docência, levada pela experiência como técnica de natação e, na sequência, ingressando em outras linhas de estudo dentro da docência.

começou a ser transformada em consciência crítico-reflexiva sobre o esporte e minha própria prática profissional. O olhar plural<sup>4</sup> que passei a lançar sobre a natação melhorou minha leitura de mundo na área da educa o física, visto que iniciava minha carreira na forma o de professores.

Foi nessa época que comecei a perceber interpreta es contraditórias e complexas sobre a questão no que diz respeito ao meu papel no campo de treinamento e também na forma o de professores, e de como eu entendia e “via” a área somente pelo prisma da “beira da piscina”<sup>5</sup>. A inser o no campo de forma o de professores me “abriu os olhos” para outros saberes, e quanto mais mergulhava nele, mais inquieta es apareciam.

Ao ingressar em um grupo de estudos na Universidade Estadual de Londrina (UEL), percebi que os saberes discutidos eram motivadores de buscas pela Educa o Física para além do olhar marcado pela saúde e pela biologia. Outras áreas que se apresentavam eram instigantes. Cada vez mais ficava  vida para aprofundar esse campo de conhecimento, o qual me levou a dar um mergulho mais profundo.

Considero que o divisor de águas para o estabelecimento de outro foco de interesse pela área adveio da experiência vivenciada junto a esse grupo de estudos<sup>6</sup>, que desenvolvia suas investiga es tomando por base as práticas pedagógicas construídas pelos docentes. Dessa forma, a experiência acadêmica propiciada pelo grupo possibilitou aos seus participantes a busca de forma o complementar, ampliando o olhar de mundo sobre as diversas temáticas que se aproximavam da educa o física, ou mesmo que fossem distantes dela.

Esse mergulho no novo campo de conhecimento foi me afastando gradativamente do campo do esporte. Porém, quero deixar claro que o período

---

<sup>4</sup> Aqui, a utiliza o do “plural” remete não somente   amplia o, mas principalmente   indica o de mais de um olhar sobre o campo do esporte, precisamente a nata o.

<sup>5</sup> Chamo de beira da piscina o espaço onde o/a técnico(a) atua diretamente na forma o e prepara o técnica de seus atletas, tanto nos treinamentos como nas competi es que envolvem esse universo. Aqui me remeto ao trabalho desenvolvido pela professora de 16 anos envolvida com a nata o, e no papel de forma o de atletas no mundo aquático.

<sup>6</sup> Sobre a forma o desse grupo de estudo, Cf. FOGAGNOLI, A. H.; PIRES, A. G. M. G.; SILVA, M. C. O grupo de pesquisa no curso de forma o de professores de educa o física: a (re)significa o da inicia o científica. **Nuances**: estudos sobre a educa o. Presidente Prudente, SP: ano XIV, v.15, n.16, p.65 - 79, jan./dez., 2008. Disponível em: [revista.fct.unesp.br/ojs/index.php/Nuances/article/viewFile/177/247](http://revista.fct.unesp.br/ojs/index.php/Nuances/article/viewFile/177/247). Acesso em: 15/04/2009.



vivenciado dentro do esporte, “no mundo aquático”, é que me possibilitou, em outro momento, esse afastamento. O esporte, em minha vida, foi fundamental, pois me deu subsídios para ler esse campo sob outros enfoques, mesmo que isso pareça contraditório, haja vista que foi a partir do esporte que eu pude me distanciar desse campo, para mergulhar nas coisas do campo social.

Elegemos os campos do conhecimento referentes à sociologia, antropologia, filosofia, história e educação física, que foram utilizados como interlocutores iniciais à construção de uma matriz teórica que nos ajudasse na elaboração de uma base de saberes substanciais, o que nos permitiria compreender melhor essas relações. Então, entre tantos assuntos debatidos à época pelo grupo, as questões sobre o corpo sempre foram um campo atrativo. Dessa maneira, para se discutir tal temática, houve a necessidade de incursões no campo de produção de conhecimento sobre o corpo.

Especificamente em relação ao corpo (que sempre foi objeto de estudo de várias áreas), a educação física passa a se apropriar dele como seu objeto a partir dos anos 1980, momento em que veicula diferentes representações de corpo. Assim, mesmo sendo o corpo objeto de estudos da área da educação física, nos programas de pós-graduação na área, no Estado do Paraná, ele não aparece nas relações discursivas na maioria das disciplinas.

O corpo, até a década de 1980, era visto pelo campo da saúde e das manifestações esportivas, com função biológica. Essa apropriação da área sobre o corpo se deu em um momento em que a educação física estava vinculada ao “culto ao corpo” tendo como um dos motivos a grande proliferação e popularização das atividades de *fitness* que se materializavam nas academias de ginástica. Nessa linha de raciocínio, Darido e Rangel (2005) apontam que a preocupação era com um corpo saudável, marcado pelo pressuposto do modelo biológico higienista, porém com características renovadas, tendo relação direta entre o campo das ciências biológicas e o corpo que parte da perspectiva da saúde e da estética. Essa mudança em olhar o corpo, nesse período, marcou a área, e também foi utilizada como forte argumento, até mesmo para a intervenção do profissional de educação física, focalizando temas como beleza corporal.

[...] que este corpo é responsável pelo processo relacional ser-mundo e, como tal, expressa a existência concreta do grupo de mulheres

investigadas, cuja configuração demonstra o seu sentir, pensar, agir, imaginar, desejar e reagir, elementos essenciais à formação das representações sociais (GOMES, 2006, p.12).

A educação física é um campo que também discute beleza corporal. Ela contribui para a determinação e consolidação de um padrão de corpo feminino a ser aceito pela sociedade. Nessa direção, também, ao focar a saúde, aponto que em alguns momentos a educação física reforça a ideia da busca de um corpo saudável, indicado quase sempre pelos meios midiáticos que emanam por todas as partes, apontando para um ideal de saúde, beleza e perfeição e interferindo nos sentidos que circulam sobre o corpo na sociedade.

Essas alterações, aqui identificadas como sendo os novos sentidos dados ao corpo, são sínteses dos processos de transformação que ocorreram na sociedade, e que acabam por marcá-lo, fazendo com que ele passasse a portar em si as próprias marcas de sua história. Nas palavras de Andrade (2003, p. 119), essas transformações pelas quais passam os corpos representam “um constructo social e cultural de diferentes e múltiplos marcadores identitários”, o que permite inferir que as relações construídas pelo homem ao longo de sua vida estão imbricadas por uma rede que atua produzindo efeitos de sentidos nesse próprio homem, relações essas que produzem saberes acerca do mundo, permitindo que as representações, algumas vezes, mantenham-se intactas e, noutras, sofram mudanças, gerando rupturas e reformulações.

Sempre houve interferência direta pela e na sociedade nos processos de produção dos sentidos do corpo, o que remete entender esse corpo como fruto do processo sociocultural de construção da história do próprio homem, pois, conforme explicitado acima, é nele que ficam marcadas certas imagens: crenças, medos, valores, ideias, ou seja, seus significados. É esse corpo que produz sentidos, marcados por histórias ora individuais, ora coletivas, com influências sociais, culturais, psíquicas e biológicas. É o corpo detentor de múltiplos sentidos.

As discussões que tematizam o corpo não são novas, uma vez que o estudo do corpo como fenômeno ganhou *status* a partir dos anos 1980. Porém, apesar das diversas discussões que se formaram em torno dessa temática, sempre há fatos

novos a serem investigados, uma vez que o corpo é transformado segundo o período, a cultura, as pessoas, entre outros. Para cada tipo de sociedade, a concepção de corpo assume “significados diferentes”, sendo o que determina essa conceituação é a maneira como essa sociedade se constituiu.

A partir do panorama inicial apresentado, tenho por foco desvelar “impressões”, “sentidos” que as atoras sociais<sup>7</sup> participantes da pesquisa possuem em seu imaginário sobre corpo. Assim, a presente pesquisa busca justificar que essa impressão, não se solidifica, pois, os sentidos dados ao corpo de maneira geral, são construídos socialmente; então, o saber corrente/cotidiano, é mais forte do que os saberes produzidos nas universidades. Como a educação física traz consigo incorporações da área da saúde, parto do entendimento de que, talvez, os discursos dessa área estivessem imbricados nas vozes das mestradas, sobretudo pelo viés biológico. Nesse sentido, foi necessário conhecer se as atoras dessa pesquisa conseguiam, após a apreensão de conhecimentos durante sua formação em nível de graduação e, chegando, agora, aos programas de pós-graduação, assumir um discurso de teor acadêmico, capaz de dialogar com o conceito de corpo sem cair em representações do senso comum, pois entendemos que o corpo como objeto de trabalho do profissional de educação física merece ser reconhecido e traduzido em seu fazer diário.

Tomei por base as representações sobre corpo instituídas na e pela sociedade sob o olhar dessas mestradas, que ocupam parte de seu tempo para pensar os modos de fazer a educação física em programas de pós-graduação em nível *stricto-sensu*, tocando, ainda, o campo pedagógico de formação com o objeto de estudo: o corpo, uma vez que elas possivelmente estejam ou serão inseridas no campo de formação de professores em instituições superiores, lidando de forma direta ou indireta com esse objeto de trabalho do profissional/professor da educação física.

---

<sup>7</sup> A expressão “atoras sociais” é utilizada com base em Goffman (1985), que compara as relações travadas na vida humana (em que todo comportamento humano em situação social se apresenta diante de seus semelhantes na tentativa de dirigir e dominar as impressões que se possa ter dele) com a representação teatral (em que um ator representa um personagem diante do público). Assim, “quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (p. 41). Cf: GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

Os significados que o corpo possui, apontam Paim e Strey (2004, p. 2), variam de acordo com a sociedade, modificando-se em função da situação que o homem possui num determinado contexto. Sendo assim, “[...] a aparente realidade imutável, que significa que todos os indivíduos têm corpo, deve ser pensada dentro de um contexto cultural específico. Assim o corpo, não fala por si próprio, se ele anuncia algo é aquilo que a própria cultura o autoriza a falar”.

Para pensar o corpo vou considerar que sua representação é síntese de um processo histórico, o que não me permite refletir sobre ele a partir de uma lógica não linear, cujos acontecimentos pertencem a um dado tempo e lugar. É preciso repensar como, em cada momento, o homem, a partir de condições pré-determinadas pela sociedade, cria formas para se adaptar a dado meio social e a transformá-lo. Esse processo de adaptação vai reger os modos que uma sociedade/comunidade/ grupo pensam, e o que elegem como certo ou errado, moral ou imoral.

Os sentidos que o corpo assume são sínteses das relações que os homens travam com o mundo e consigo mesmos. O ser humano está num mundo regido pela modernidade que traz à tona a ideia da rapidez das “coisas” e a velocidade da informação se faz presente em todos os momentos, levando-o a se apropriar de novas formas de pensar, de agir e até mesmo de se relacionar com o outro. Então, esse corpo também sofreu e sofre com o impacto da modernidade, pois “[...] assim como qualquer objeto, o corpo, na sociedade de consumo, dissolve-se no jogo e nas trocas simbólicas”, em nome dessa agilidade que se faz cada vez mais determinante nas transformações atuais (FERREIRA, 2001, p. 36).

Partindo do cenário delineado e trazendo esses apontamentos como pontos de dúvida que me levam a buscar quais são os sentidos dados pelas mestrandas aos seus corpos, trago como questão central: como estão instituídas as representações sociais de corpo no imaginário de mestrandas de programas de pós-graduação em educação física do Estado do Paraná? Para tal, algumas questões norteadoras serão necessárias para complementar a questão central.

A partir dos discursos das atoras sociais participantes da pesquisa procuro trazer à tona questões que são construídas culturalmente e que, por muitas vezes, podem até mesmo estar vinculadas a práticas de preconceito. Assim, o aprofundamento na

temática de corpo vinculada ao tema de saúde e beleza trará, talvez, questões instigantes para a pesquisa.

O corpo da mulher aqui é apresentado como objeto de estudo, partindo do princípio que, em geral, a representação de um corpo é modelada em sua maioria para atender a determinados padrões sociais, padrões estes que estão postos “na e pela” sociedade. São esses padrões que envolvem as concepções que temos uns dos outros e, particularmente nessa pesquisa, busco o corpo e seus sentidos no imaginário das mestrandas de programas de pós-graduação em educação física do Estado do Paraná.

Entendo que o corpo representado socialmente busca “quase” sempre seguir padrões de beleza corporal, padrões estéticos determinados como “certos” ou “errados”, e que fazem parte de uma das dimensões culturais em que se apoiam as sociedades. O corpo a que nos referimos é o responsável direto por se relacionar com o outro e com o mundo. Ele se expressa em suas interrelações e poderá apresentar configurações de como as mestrandas pensam, sentem, agem e se imaginam entre outros nesse mundo a partir dos sentidos que possuem de seu corpo, os quais serão fundamentais para o desvelar das representações sociais desse grupo.

Pensar o corpo de forma isolada seria catastrófico, pois ele não o é. Ele faz parte de uma teia complexa de relações que permeia a vida do homem, e nessa rede de relações, as representações que se fazem presentes (determinadas) são materializadas por intermédio também dos discursos que são produzidos e que foram constituídos pelas culturas dos povos.

As pesquisas na área da educação física que se apoiam nas representações sociais aparecem a partir da década de 1980, em universidades do Rio de Janeiro<sup>8</sup>, tendo como aporte os estudos das ciências sociais com produções que realizam interlocuções entre as representações sociais e a área. Segundo Pires (2000, p. 19), a representação social é parte de um conhecimento que permite aos homens elaborarem suas tomadas de decisões em relação aos fenômenos, não se pode perder de vista que ela advém de um “[...] saber prático construído a partir das condições objetivas determinadas”. Entretanto, é necessário lembrar que a incursão pela temática do “corpo” não é propriedade da educação física, pois historicamente o corpo vem sendo

---

<sup>8</sup> São elas: Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Gama Filho.

foco de estudos das áreas de humanas nos cursos de artes, ciências sociais, educação, sociologia, antropologia, entre outros.

Partindo das necessidades investigativas já elencadas, essa pesquisa objetivou a análise das representações sociais sobre corpo instituídas no imaginário de mestrandas de universidades públicas do Estado do Paraná vinculadas a programas de pós-graduação *stricto-sensu* em educação física, buscando identificar os sentidos dado ao corpo por meio de seus discursos.

A fim de realizar a pesquisa proposta, são eleitos os seguintes objetivos específicos: a) Entender como estão instituídas as representações sociais de corpo de mestrandas em Programas de pós-graduação de Instituições de Ensino Superior Públicas do Estado do Paraná; b) Identificar os sentidos que portam os discursos das mestrandas no que diz respeito às suas representações sociais de corpo; c) Verificar se as representações identificadas apresentam algum tipo de relação com os padrões corporais instituídos no imaginário social.

Procurando atender a esses propósitos, a pesquisa foi estruturada em quatro capítulos. No primeiro, intitulado **O campo das representações sociais**, a teoria das representações sociais foi abordada, o que possibilita a compreensão dos sentidos de corpo estabelecidos no imaginário social. A matriz teórica fundante está assentada nos estudos sobre representação social, de Moscovici.

No segundo capítulo, intitulado **A construção das trilhas metodológicas**, são apresentados os caminhos que orientaram a elaboração da pesquisa no que diz ao instrumento e procedimentos tomados no decorrer do processo de produção de conhecimento. Apresentamos, ainda, a análise do discurso utilizada como instrumento, e os desafios do processo em seu percurso investigatório.

No terceiro capítulo, intitulado **O desvelar dos discursos sobre corpo**, tomamos como cenário alguns trabalhos que exploram o corpo a partir das representações sociais. São apresentadas e discutidas a análise e a interpretação dos sentidos dos discursos das mestrandas que participaram dessa pesquisa, momento em que eles foram apreendidos a partir de suas representações sociais sobre corpo, bem como identificados o núcleo central e o sistema periférico decorrentes dos dados coletados.

Por último, nas considerações finais, são apresentados os resultados da pesquisa, momento em que retomamos as inquietações, bem como a análise de possibilidades, avanços e limites investigativos.

Com o desenvolvimento dessa pesquisa foi possível fazer emergir a compreensão das representações que as mestrandas em educação física possuem sobre corpo, sendo possível, por meio delas, identificar seus modos de organização da vida e de vivência de seu próprio corpo, pensando nesse processo como um fenômeno social.

# 1 O CAMPO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

---

---

A teoria das representações sociais é tomada, nessa pesquisa, como aporte básico para a compreensão dos discursos de atoras sociais vinculadas a programas de pós-graduação. A constituição dessa teoria deu-se inicialmente pelas ideias de Émile Durkheim como forma de análise da realidade coletiva, esse conceito ganha densidade ao avançar na proposta de Serge Moscovici, em 1961, que substitui o termo coletivo por social, ampliando então seu significado. Essa teoria é disseminada/consolidada por meio de seus seguidores, a exemplo de Denise Jodelet, Jean-Claude Abric e Willen Doise.

Os estudos em representações sociais se consolidaram no Brasil a partir dos anos de 1990 com trabalhos produzidos nas áreas de educação, psicologia e saúde. Assim, considerando as representações sociais como um campo de conhecimento podemos afirmar que Serge Moscovici (fundador da área de conhecimento), Denise Jodelet, Jean-Claude Abric e Willen Doise são as referências teóricas fundantes dessa teoria.

Por isso, no decorrer desse capítulo, fez-se necessário incursionar pelo campo das representações sociais no Brasil, bem como entender que as representações sociais almejam transformar o desconhecido em algo conhecido, o não familiar em familiar, por meio de dois processos que são responsáveis por gerar as representações: a ancoragem e a objetivação. Por fim, foi necessária a verificação de como a teoria das representações sociais, proposta por Serge Moscovici, avança na perspectiva de seus principais seguidores.



## 1.1 A constituição do campo das representações sociais no Brasil

---

---

A apresentação de uma síntese histórica do processo de constituição das teorias em representações sociais como campo de pesquisa no Brasil contribui para pensarmos sua estrutura, seu conteúdo e sua contribuição como aporte investigativo, procurando fazer interlocução com Denise Jodelet em relação ao fato do Brasil possuir ou não uma escola de representação social. Daí entendermos que, no Brasil, a representação social é utilizada como meio para realizar análise social, bem como instrumento de pesquisa que permite desvendar as problemáticas presentes na área, para a compreensão das mudanças e permanências que são produzidas socialmente.

Na procura pela origem dos estudos em representações sociais no país foram descobertas as escolas europeias como berço desse processo de aproximação dos pesquisadores brasileiros com essa teoria. A chegada da teoria das representações sociais no Brasil completa 30 anos em 2011. Sua aceitação como campo de pesquisa é perfeitamente identificada ao olhar a acentuada quantidade de estudos desenvolvidos nos mais diversificados campos do conhecimento, materializados sob a forma de teses, dissertações, artigos, livros e capítulos de livros publicados.

No cenário brasileiro, os progressos em pesquisas que usam a teoria das representações sociais são nítidos, apesar do pouco tempo de existência no país. Jodelet apresenta um desenho desta teoria no Brasil numa tentativa de explicitar a forma como ela vem se consolidando. A autora acredita que diante desse cenário podemos pensar em um movimento científico, mas não ainda em uma escola brasileira das Teorias das Representações Sociais, pensamento materializado em texto que publicou na revista da Sociedade Brasileira de Psicologia<sup>9</sup>. A estudiosa adverte, ainda, que é necessário traçar o sentido geral de “*escola*”, para somente em seguida ratificar ou não a existência da “*escola*”.

---

<sup>9</sup> Revista Temas em Psicologia. 50 anos da Teoria das Representações Sociais. São Paulo: v. 19, n. 1, 2011, p.1-370.

Jodelet (2011) inicia sua reflexão sobre essa questão colocando em foco a própria ideia de escola. Para ela, esse conceito pode se apresentar de diferentes maneiras, já que o termo escola pode ser marcado pela sua polissemia, ou seja, porta uma multiplicidade de sentidos, tanto no campo do conhecimento do senso comum, quanto na esfera do conhecimento científico.

Basicamente, a autora remete suas análises a três sentidos relativos ao conceito de escola. No primeiro sentido, a ideia de escola constitui-se sob a forma pela qual o indivíduo aprende por experiências que ajudam a construir e a formar sua personalidade, fazendo com que ele entenda suas próprias vivências sociais. O indivíduo aqui aprende na escola da vida, pois as maneiras de se viver estão postas na sociedade, por meio de condutas que lhe são apresentadas pelos grupos aos quais pertence, sendo essas as primeiras fontes de aprendizagem humana.

O segundo sentido de escola apresentado por Jodelet remete aos conhecimentos pré-estabelecidos e determinados pela sociedade, ou seja, a escola é o local de aprendizagem de conhecimentos úteis, conhecimentos estes chamados de formal e que servem para a vida presente e futura. Nela, o ensino se dá de forma oral e escrita, apoiado por pensadores e matrizes teóricas de ensino que difundem suas doutrinas, tais como a “escola platoniana em Filosofia ou da escola keynesiana em Economia” (2011, p. 20).

O terceiro sentido está vinculado ao processo de ensino e aprendizagem pertencente aos campos de domínios, como arte, ciência, literatura, entre outros. Os grupos criadores do domínio se “[...] afiliam a uma mesma corrente de estilo ou de uma liderança de forma, por exemplo, em literatura a escola realista ou a escola do novo romance” (JODELET, 2011, p. 20). Especificamente ela traz o exemplo da área da pintura e de como esse sentido de escola é presente, pois ao qualificar pintores que apresentam características de um mesmo estilo pertencentes a um país, identifica-se sua origem em uma época específica.

A respeito da constituição de uma “escola brasileira” de representações sociais, Jodelet (2011) parte da premissa que essa escola foi estruturada no mundo acadêmico brasileiro, ou seja, de que o lugar de produção dos estudos em representações sociais foi e é a universidade pública, o que fez com que a “escola brasileira” se distanciasse

de forma significativa dos demais centros de estudos que desenvolvem pesquisas no campo das representações sociais. Considerando que os modelos de pesquisas da escola brasileira são diferentes daqueles utilizados pela psicologia social, berço da teoria, Jodelet passou a se questionar se poderia, realmente, chamar de Escola Brasileira o desenho que os pesquisadores brasileiros deram à teoria com suas pesquisas.

Essa reflexão iniciada por Jodelet tem aporte nos modos de produção de pesquisa na qual os pesquisadores brasileiros se orientaram, haja vista que esse aporte se dá principalmente pela psicologia social. As outras áreas buscam, a partir desse conceito, formatar suas pesquisas no país em suas áreas específicas.

Após 50 anos de existência da teoria das representações sociais é possível identificar diferentes escolas no mundo, ainda que o Brasil caminhe para a construção de sua própria escola. Pode-se dizer que as escolas são caracterizadas em função do fato de reunirem um grupo de pesquisadores que discute e produz conhecimentos, tomando os mesmos referenciais teórico-metodológicos como orientadores de suas práticas de pesquisa.

No Brasil, estudos primários em representações sociais foram orientados, em sua primeira fase, pela abordagem estruturalista proposta por Jean-Claude Abric, sendo que mais tarde os pesquisadores também passaram a lançar mão da abordagem sociogenética proposta por Willien Doise. Para Jodelet, a utilização dessas abordagens serviu de base para marcar a maneira diversificada como o campo das representações sociais foi instituído no imaginário científico brasileiro. Jodelet ainda fala que, no Brasil, foram raras as pesquisas que:

[...] aplicaram os modelos propostos de maneira rígida e estritamente reprodutiva. O fenômeno que me parece um traço importante da produção brasileira: sua capacidade de assimilar nas suas problemáticas os aportes exteriores sem submissão passiva a suas prescrições (JODELET, 2011, p. 21-22).

Diante das condições objetivas da teoria no país, Jodelet aponta que ainda é prematuro afirmar a existência de uma “escola brasileira” de estudos em Representações Sociais. Porém, ela caminha no sentido de defender a existência real de um grupo de pesquisadores unidos por um mesmo estilo e uma mesma

preocupação ou orientação, sendo essa orientação comum aos pesquisadores brasileiros e fruto da diversidade de produtos que procuram sempre focar seus estudos em problemas concretos da realidade social brasileira. Para a autora, essa preocupação em desenvolver estudos claramente marcados por uma orientação social é a mais nítida caracterização de uma “escola” que se apresenta, em seus fundamentos, radicalmente diferente da perspectiva proposta pelas escolas europeias (2011).

Radicalizando sua fala, Jodelet afirma que os estudos relativos à teoria das representações sociais no Brasil se cristalizam na formação de “grupos de estudiosos” que se reúnem em torno de temáticas e determinados campos já definidos, remetendo à ideia da construção de vários “arquipélagos<sup>10</sup>”, tendo como marco norteador a teoria geral das representações sociais. Enfim, para a autora, a metáfora do arquipélago remete às diversas universidades brasileiras, nas quais os pesquisadores desenvolvem pesquisa na área das representações e cada grupo a elas vinculados que foca suas atenções nas problemáticas sociais locais, regionais e nacionais buscando produzir conhecimentos que colaborem para a compreensão ou mesmo soluções das problemáticas focadas nas pesquisas realizadas. Por fim, Jodelet diz que “[...] este novo quadro nos indica que o termo mais adequado para descrever o que se passa no campo de estudo brasileiro das representações sociais, parece ser a noção de “movimento” e não a de “escola”” (JODELET, 2011, p. 23).

Um aspecto que chama bastante atenção é o fato da teoria das representações sociais no Brasil ter sido utilizada, prioritariamente, como instrumento de pesquisa, ou seja, estar inserida no campo metodológico dos estudos. Para Jodelet (2011), ainda se faz necessária a análise aprofundada sobre as possibilidades da contribuição dos estudos brasileiros na perspectiva das representações sociais em relação às realidades sociais postas por eles em evidência. Nesse sentido, podemos dizer que a contribuição teórica do país para o campo das representações sociais é marcada por dois aspectos (JODELET, 2011, p.25):

---

<sup>10</sup> Aqui nos referimos ao sentido real da palavra: um grupo de ilhas pouco distantes uma das outras. Usando a metáfora do arquipélago, cada grupo de pesquisadores se fecha em suas ilhas (campos de estudos) para o desenvolvimento de suas pesquisas.

a) por “conteúdos representacionais identificados nas pesquisas” sobre os campos estudados no Brasil que se materializam principalmente nas áreas da saúde, educação, psicologia, educação física, entre outros, permitindo a construção de uma visão mais ampla da realidade e a identificação da evolução da teoria no país, o que acabou por dar certa estabilidade ao campo das representações sociais sob a ótica nacional, apontando de forma cumulativa os diferentes caminhos tomados nas pesquisas brasileiras;

b) pela forma como se estruturam os diferentes campos da pesquisa, pois tanto no Brasil como fora dele, levam-se em consideração os sistemas de valores, “[...] ideologias específicas e provenientes do funcionamento destes próprios campos”, mais especificamente, os da saúde e educação. Esses dois campos possuem sistemas que são ligados às organizações institucionais, as quais apontam os problemas específicos de seus países, apresentando uma faceta dessa sociedade e dos grupos que a constituem.

Dessa forma, apontar as características dos sistemas na forma de representações próprias aos grupos, seja de profissionais, ou não, nos permite fazer um balanço de como são instituídas tais representações, tanto no nível de categoria (coletivas) quanto no nível individual, podendo, então, entender as dinâmicas sociais e simbólicas que dão suporte às tomadas de decisões e posições dos indivíduos envolvidos nas respectivas pesquisas (JODELET, 2011, p. 25).

Após apresentar o cenário das reflexões sobre a existência ou não de uma “escola brasileira” de estudos em representações sociais, passamos a explicitar a maneira como se deu a chegada da teoria das representações sociais nesse país. Podemos dizer que os primeiros estudos aconteceram nas Universidades Públicas Federais da Paraíba e Santa Catarina. Em seguida, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo deu início a estudos na área. A difusão do campo de pesquisa alcançou os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco, Mato Grosso do Sul e outros (JODELET, 2011; ARRUDA, 1987; SÁ E ARRUDA, 2000).

Uma das ilhas<sup>11</sup> do arquipélago que passa a se destacar na produção do conhecimento em representações sociais foi constituída na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que se especializou em desenvolver pesquisas que tomavam como referencial básico a perspectiva processual. Outra ilha constituída no estado do Rio de Janeiro estava localizada na Universidade Estadual do Rio de Janeiro que optou por fazer pesquisas no campo apoiadas na abordagem da escola estruturalista. A Universidade de Brasília aparece como a sede das escolas de Genebra e a Universidade Federal de Santa Catarina como aquela que desenvolveu articulações entre “atitudes e representações sociais”.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul propôs seus estudos sob a perspectiva centrada na “comunicação dos espaços públicos e comunitários” e, nos anos 1990, a teoria aportou a área de conhecimento da Educação Física quando estudos passaram a ser desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação, em nível de Mestrado e Doutorado, na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. Essa última instituição, por meio de seu Programa de pós-graduação, foi a pioneira no desenvolvimento de pesquisas no campo da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança no Brasil.

As universidades que desenvolveram e ainda desenvolvem seus estudos apoiados nas escolas europeias sobre representações sociais tomaram como ponto de partida quatro escolas reconhecidas como representantes dos estudos das teorias de representações sociais: a Escola *Aix en Provence*, a Escola de Genebra, a Escola Lemana e a Escola Anglo-saxã. A Escola *Aix en Provence* apresenta abordagem estruturalista liderada por Jean-Claude Abric, na qual o núcleo central é o ponto chave desse modelo estruturalista. Os pesquisadores que desenvolvem seus estudos na Universidade de *Aix en Provence* são, entre outros, Flament, Abric e Vérge (JODELET, 2011).

A escola de Genebra, que tem como líder Willen Doise, propõe-se a estudar a gênese sociocognitiva das representações sociais, usando o modelo proposto por ele em quatro níveis: individual, intergrupar, social e ideológico, nos quais analisam os

---

<sup>11</sup> Aqui nos referimos, como metáfora, a cada universidade brasileira que realiza seus estudos com base na teoria das representações sociais.

processos psicossociais. Já a escola *Lemana* reúne diversos pesquisadores de universidades suíças, e traz uma “[...] elaboração conjunta de aspectos teóricos e de metodologias adequadas aos pressupostos teóricos”, constituindo a especificidade de cada escola. Essa escola desenvolve “[...] perspectivas complementares que unem as problemáticas da psicologia social (categorização, relações de gênero ou intergrupais, processos de influencia, etc..) ao enfoque das representações sociais” (JODELET, 2011, p. 21).

Nos últimos anos, Jodelet aponta que, com a contribuição de estudiosos como Farr, Duveen, Bauer, Marková, Gaskel Jovechelovitch e outros jovens pesquisadores, começou-se a falar da Escola Anglo-saxã, ou então denominada *London School of Economics*, que está ligada à “[...] corrente de pensamento, para a análise do discurso, a dialogicidade, a narratividade num quadro contextual” de acordo com Marková (2003). Essas quatro escolas apresentadas já estão consolidadas. Porém, outras escolas tentam um espaço a fim de serem reconhecidas como “escola das representações sociais”, como é o caso dos estudos realizados no Brasil, e também do laboratório de psicologia social da *École des Hautes Études em Sciences Sociales* que quer ser reconhecida como uma “escola francesa”, na qual seus difusores adotam uma perspectiva no âmbito simbólico e antropológico, aproximando-se das ciências sociais no uso de métodos qualitativos.

De forma bem objetiva, Jodelet aponta que os estudos realizados no Brasil utilizam a “[...] Teoria das Representações Sociais (TRS) como instrumento para melhor conhecimento da realidade social e forma de intervenção sobre ela”. Para a autora, a utilização das representações sociais nas pesquisas desenvolvidas no Brasil se dá sob forma de uma pesquisa aplicada que conta com contribuições das teorias centradas nos problemas sociais brasileiros. Com base nesse argumento, apresentamos os estudos de Jovechelovitch, em 2000, quem elaborou um modelo dos tipos de saberes constituídos no espaço público, assim como o estudo desenvolvido por Sá, Oliveira, Castro, Vetere & Carvalho, em 2009, sobre memórias brasileiras vivas no campo do passado político, e os estudos que trazem como ponto de partida o imaginário desenvolvido por Arruda & Alba, em 2007, entre outros (JODELET, 2011, p. 24).

Para a autora, os estudos que são desenvolvidos no Brasil partem de realidades sociais concretas e potencializam o avanço da teoria das representações. Porém, no país, ainda não é possível identificar a formação de uma escola. Como ressalta Jodelet (2011), caminhamos a passos largos desse momento, sendo os avanços qualificados como um “movimento brasileiro de representações sociais”.

Essa apresentação inicial dos estudos das representações sociais no Brasil se faz necessária para que possamos apontar porque as representações sociais foram tomadas como base teórica dessa pesquisa. Nesse intuito, essa pesquisa está alicerçada nas representações, aporte utilizado para apresentar o corpo possuidor de uma simbologia social que foi representado pelas atoras sociais, possibilitando verificar as trocas simbólicas que são instituídas a partir de seu imaginário. Dessa forma, as representações podem apontar como são construídos os conhecimentos que são compartilhados na e pela cultura.

Um dos aspectos que destacamos no presente capítulo remete ao fato dos estudos em representações sociais portarem algumas características que os tornam relevantes à compreensão da maneira como a humanidade torna familiar aquilo que não lhe é familiar e como elabora suas posições em relação às coisas que a cercam. A partir dos princípios explicitados passamos a apresentar os principais aspectos teóricos do campo de conhecimento das representações sociais.

Minayo (2011, p. 73) aponta que o conceito de representações sociais é um termo “[...] filosófico que significa a reprodução de uma percepção retida na lembrança ou do conteúdo do pensamento”. Na área das ciências sociais ela é definida como uma categoria do pensamento que expressa a realidade do indivíduo, procurando explicá-la, justificá-la ou então questioná-la. Já Moscovici (1978, p. 28) traz o conceito de representações sociais como “[...] um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação quotidiana de trocas e liberam os poderes de sua imaginação”.

As representações sociais advêm de sistemas que possuem “[...] uma lógica e uma linguagem particulares, uma estrutura de implicações que assenta em valores e em conceitos, [...], mas como ‘teorias’, ‘ciências coletivas’ *sui generis*, destinadas à



interpretação e elaboração do real”. (MOSCOVICI, 1978, p. 50). Esse conceito esclarece muitos pontos que permaneciam inexplicados, permitindo a verificação de como formamos os conhecimentos que se estruturam socialmente. Assim, as representações sociais cumprem importante função junto ao mundo imagético cotidiano na medida em que tornam familiar aos sujeitos aquilo que não lhes é familiar, criando a condição fundante para que eles possam se apropriar dos acontecimentos que correspondem a sua significação.

Para Moscovici, as representações sociais são um conhecimento emergente do mundo no qual as pessoas se encontram e interagem, do mundo onde os interesses humanos, necessidades e desejos encontram expressão, satisfação ou frustração. Em síntese, ele entende que o conhecimento surge das paixões humanas e, como tal, nunca é desinteressado, o que o leva a definir representação social (2005, p. 48) como “[...] uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação”. A representação social possibilita os indivíduos categorizarem e classificarem novos acontecimentos ou ideias com os quais não tinha travado nenhum tipo de contato. Todo esse processo ajuda a compreender o fenômeno a partir de ideias, teoria e valores já presentes na sociedade, ideias já internalizadas pelos indivíduos e aceitas pela sociedade atual. Enfim, podemos dizer que as representações sociais, no que diz respeito ao senso comum, remetem a um conhecimento subjetivo e instável, que se materializa pelas imagens, ideias, concepções e visões de mundo que os indivíduos possuem sobre sua própria realidade. Elas emergem por meio dos discursos dos atores a partir de uma realidade considerada concreta para as ciências sociais.

As familiarizações originadas das representações estão apoiadas nas representações que os indivíduos fabricam, quer sejam elas oriundas de uma teoria científica, de um objeto ou de uma ação. Todas advêm do resultado de uma busca de tornar “real” algo que é incomum, ou não-familiar para o grupo, e este incomum propicia às pessoas um sentimento de não-familiaridade. É por meio desses resultados que se torna possível superar os problemas e integrar-se ao mundo “físico e mental”, transformando-o. Ao transformá-lo, possibilitam-se ajustes, e o que era não-familiar,

que estava longe, se torna agora algo familiar, ao alcance das mãos; ou seja, tornar algo que era abstrato em algo concreto, como observa Moscovici (2005).

As pessoas querem se sentir a “salvo” de riscos, atritos e conflitos, ou seja, querem sentir-se “em casa”, pois entendem que as coisas sempre se repetem – as mesmas situações, os mesmos gestos e ideias. Para que ocorram mudanças, primeiramente, é preciso pensar nos pontos de resistência. No todo, essa dinâmica das relações:

[...] é uma dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas. Como resultado disso, a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a “realidade”. Aceitar e compreender o que é familiar, crescer acostumado a isso e construir um hábito a partir disso, é uma coisa, mas é outra coisa completamente diferente preferir isso como um padrão de referência e medir tudo o que acontece e tudo que é percebido, em relação a isso (MOSCOVICI, 2005, p. 55).

Moscovici (2005), em sua obra *Representações sociais: investigações em psicologia social* cita pesquisa de Denise Jodelet<sup>12</sup> que, à época, ainda não havia sido publicada, na qual a pesquisadora buscou interpretar a reação dos atores sociais de uma aldeia francesa frente aos pacientes mentalmente deficientes daquele local. Mesmo os moradores sendo sabedores das condições dos pacientes e mesmo eles possuindo uma aparência “quase que normal”, considerando as informações que os moradores haviam recebido em relação à condição de deficientes daqueles sujeitos, os pacientes continuaram a ser vistos como estrangeiros (estranhos / não-familiares) pelos moradores. No estudo, fica evidente que as representações que esses pacientes provocavam eram derivadas de “[..] visões e noções tradicionais e que eram representações que determinavam as reações dos aldeões para com eles” (p. 58). Enfim, o autor aponta para o claro exemplo do não-familiar e a necessidade de sua transformação em algo familiar. Mas também é relevante salientar que a tensão entre o

---

<sup>12</sup> O livro *Loucuras e Representações Sociais*, de Denise Jodelet, foi considerado sua obra visceral, e teve sua primeira edição na década de 1980, pela Editora Vozes no Brasil. JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: R.J.: Vozes, 2005.

familiar e o não-familiar está sempre estabelecida na sociedade, pois a *priori* já se tem uma representação posta pela sociedade do fenômeno em questão.

## 1.2 Ancoragem e objetivação como processos geradores das representações sociais

---

---

A ciência e as representações sociais são ao mesmo tempo diferentes e complementares, afirma Moscovici (2005), sendo essa relação marcada pelo pensamento de Bachelard ao observar que o mundo em que se vive e o mundo do pensamento não são um só e o mesmo mundo. No silêncio do discurso do filósofo surge a ideia de que o mundo reificado atual sempre avança de acordo com a proliferação das ciências. Ao contrário do que se acreditava no século passado, as ciências de hoje geram representações. Sabe-se que antigamente a ciência era produzida pelo conhecimento do senso comum, e hoje ela utiliza o senso comum para fazer “ciência”. Como esclarece Moscovici (2005, p. 60):

Sem dúvida, cada fato, cada lugar comum esconde dentro de sua própria banalidade um mundo de conhecimento, determinada dose de cultura e um mistério que o fazem ao mesmo tempo compulsivo e fascinante. Baudelaire pergunta: “Pode algo ser mais encantador, mais frutífero e mais positivamente mais *excitante* do que um lugar comum?” E poderíamos acrescentar, mais coletivamente efetivo? Não é fácil transformar palavras não-familiares, ideias ou seres, em palavras usuais, próximas e atuais. É necessário, para dar-lhes uma feição familiar, por em funcionamento os dois mecanismos de um processo de pensamento baseado na memória e em conclusões passadas.

Para entender o que Moscovici aponta faz-se necessário realizar aproximações com seu pensamento no tocante à maneira como se constitui a formação e funcionamento das representações sociais. Os mecanismos que ele aponta como fundantes na produção das representações são dois processos: a ancoragem e a

objetivação. Para o autor (2005, p. 61), a ancoragem é “[...] um processo que transforma algo estranho e perturbador, [...] e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada”, ou seja, ela classifica, e denomina, ela transforma o não-familiar ao familiar.

O processo de ancoragem está situado em dois polos. Se por um lado ele precede (aqui se refere à forma que dá ao tratamento das informações a partir de pontos de referências) à objetivação, por outro ele é procedida por ela (aqui se refere à função social das representações, que permite entender como os elementos que são representados constituem suas relações sociais). Então, “[...] ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras” (MOSCOVICI, 2005, p. 62). Isso sempre acontece quando se é incapaz de avaliar algo, ou então de descrevê-lo no intuito de se aproximar dele, classificando-o em algo que é comum; ou seja, pode-se:

[...] representar o não-usual em nosso mundo familiar, reproduzi-lo como uma réplica de um modelo familiar. Pela classificação do que é inclassificável, pelo fato de se dar um nome ao que não tinha nome, nós somos capazes de imaginá-lo, representá-lo (MOSCOVICI, 2005, p. 62).

Ao incluir a palavra classificação em sua teoria, Moscovici atenta para um conjunto de comportamentos e regras que dão conta de definir o que “é” e o que “não é” permitido na sociedade e que esses comportamentos são criados a partir de regras pré-estabelecidas entre indivíduos e classes sociais. Segundo o autor, “[...] a principal força de uma classe, o que a torna tão fácil de suportar, é o fato de ela proporcionar um modelo ou protótipo apropriado para representar a classe, [...] de todas as pessoas que supostamente pertençam a ela” (2005, p. 63).

Podemos dizer que o primeiro processo da ancoragem se dá por meio da “classificação” do objeto ou do fenômeno, possibilitando, então, que um grupo social entenda, minimamente, um fenômeno ou objeto desconhecido. A classificação ou categorização é o primeiro passo do processo de ancoragem, no qual permite que o grupo se comunique com ele, pois, como é algo desconhecido ao grupo social, faltará a ele representações sobre o fenômeno e ou objeto. Dessa maneira o grupo social

precisa categorizar o objeto para poder torná-lo de alguma forma familiar. Com isso, o grupo social buscará representações de algo familiar a ele para uma primeira aproximação, e serão essas “nomeações” conhecidas que irão servir para compreender o objeto e/ou fenômeno.

Após a classificação, o próximo passo se refere à nomeação. Para que exista a classificação é necessário nomear o objeto, dando “vida” ao fenômeno ou a ele, fazendo com que o objeto desconhecido do grupo social, ao ser significado, passe a fazer parte do “mundo conhecido” do grupo, ou seja, tornar-se familiar. De acordo com Moscovici (2005, p. 66), “[...] ao nomear algo, nós o libertamos de um anonimato perturbador, para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na *matriz da identidade* de nossa cultura”.

A teoria das representações traz duas consequências que devem ser ressaltadas: a primeira se refere à ideia de que o objeto que não possuir ancoragem não existe e, a segunda, refere-se ao entendimento de que os objetos classificados não podem somente ser rotulados. Dessa maneira, a primeira consequência apresentada se refere a uma ideia ou percepção que se não possui ancoragem, não pode existir, pois, todo processo ou sistema de classificação pressupõe uma tomada de decisão baseada em alguma representação existente, ou seja, o consenso do grupo, o que fez com que Moscovici (2003, p. 70) afirmasse que,

[...] é impossível ter um sentido primeiro para qualquer objeto específico. Os vieses que muitas vezes são descritos não expressam como se diz, um déficit ou limitação social ou cognitiva, mas uma diferença normal de perspectiva, entre indivíduos ou grupos heterogêneos dentro de uma sociedade.

Na segunda consequência apontada, Moscovici (2005, p. 70) adverte que os meios que classificam e dão nomes aos objetos não podem somente graduar ou rotular os indivíduos ou então objetos, pois, eles possuem como objetivo principal procurar facilitar “[...] a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas[...]”.

Portanto, na medida em que as representações passam a emergir dos grupos sociais elas se tornam ao alcance e são visíveis e muito semelhantes às ideias<sup>13</sup> já integralizadas, as quais se tornam familiarizadas pelos indivíduos. Desse modo, as representações sociais que já existem podem, de certo modo, ser modificadas, e aquelas “[...] entidades que devem ser representadas são mudadas ainda mais, de tal modo que adquirem uma nova existência” (MOSCOVICI, 2005, p. 70).

Sá (2001), refletindo sobre os apontamentos de Denise Jodelet, aponta que a ancoragem se resume na integração cognitiva do objeto a ser representado; que são as ideias, os acontecimentos, as pessoas, as relações, ou seja, um sistema de pensamento social já existente nas transformações implicadas pelos grupos. Ainda sobre essa questão, Sá (1998, p. 38), trazendo o pensamento de Moscovici, aponta que “[...] a ancoragem diz respeito à classificação e denominação”, sendo que o que não for classificado se torna estranho para o indivíduo. Moscovici (2005) aponta que ao falar de alguma coisa, mesmo que de forma vaga, é possível representá-la, tornando-a familiar. Para Dotta classificar “[...] corresponde a escolher um dos paradigmas ou protótipos reunidos em nossa memória [...]”. Esse não é considerado um processo que tenha uma forma lógica, pois o que ocorre nele é uma comparação de forma generalizada, na qual se decreta um “afastamento” ou então uma “aproximação” à categoria (2006, p. 20).

A classificação permite então atingir objetivos necessários para que tenhamos uma orientação das relações que os indivíduos têm com os outros e com o ambiente em que vive. Essa escolha dá-se nos sistemas de categorias dos indivíduos, sendo necessário definir os caracteres comuns a esse sistema para se estabelecer cognições sobre as manifestações dos sintomas. Por último, é necessário reconhecer o significado em determinados comportamentos. Sá corrobora com os apontamentos de Moscovici acerca do processo de denominação.

Minhas observações provam que denominar uma pessoa ou coisa é precipitá-la (como uma solução química é precipitada) e que as

---

<sup>13</sup> Em nível de compreensão, as ideias são representações mentais que advêm de coisas concretas ou abstratas. Porém, essas representações nem sempre são símbolos pois, como as imagens podem ser apenas signos ou sinais de referência, as representações aparecem em relação a dados concretos da realidade percebida. LAPLATINE, F.; TRINDADE, L. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

consequencias disso são três: (a) uma vez denominada, a pessoa ou coisa pode ser descrita e adquire certas características, tendências, etc; (b) ela se torna distinta de outras pessoas ou coisas através dessas características e tendências; (c) ela se torna objeto de uma convenção entre aqueles que adotam e partilham a convenção (SÁ, 2001, p. 67).

Alves-Mazzotti (1994) aponta que as funções consideradas como básicas da teoria das representações sociais devem se articular com o processo de ancoragem, no qual se constitui na integração, por meio de um processo cognitivo. A interpretação da realidade e da orientação de conduta são essenciais para a construção das relações sociais entre os indivíduos.

Para Moscovici (2005, p. 71), a objetivação “une a idéia de não-familiaridade com a realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade”. Ao permitir vir à tona os conceitos abstratos junto à realidade, a objetivação permite compreender as palavras, transformando-as em noções de coisas. Portanto, objetivar é reproduzir um conceito e consiste em um processo de “concretização” para a realidade, pois a imagem se torna concreta e física; ela é cópia da realidade concreta. Sendo assim, seu mecanismo permite que aquele conhecimento socialmente representado passe a ganhar uma forma mais específica, na qual a essência do fenômeno é capturada, tornando-se fácil de ser compreendido para os grupos sociais, e transformando-o em produto para o senso comum. Então, para Moscovici (2005, p.73),

Uma vez que uma sociedade tenha aceito tal paradigma, ou núcleo figurativo, ela acha fácil falar sobre tudo o que se relacione com esse paradigma e devido a essa facilidade as palavras que se referem ao paradigma são usadas mais frequentemente. Surgem, então, fórmulas e clichês que o sintetizam e imagens, que eram nada distintas, aglomeram-se ao seu redor. Não somente se fala dele, mas ele passa a ser usado, em várias situações sociais, como um meio de compreender outros e a si mesmo, de escolher e decidir.

Podemos apontar que a objetivação ocorre em duas etapas. A primeira se constitui na formação/construção de uma metáfora que possa sustentar o fenômeno (objeto ou ideia). Podemos dizer que essa construção de metáfora é uma construção seletiva na qual o indivíduo processa diversas informações sobre o objeto (ideias e crenças), apoiado nos valores e normas de seu grupo social para, então, realizar mentalmente uma esquematização na qual será possível identificar a organização dos

elementos que dão corpo à representação e que irão estabelecer entre si padrões estruturados nas relações do grupo social (MOSCOVICI, 2005, CABECINHAS, 2004). A segunda se dá na naturalização das representações, quando o fenômeno passa a ser totalmente assimilado, e o que é considerado abstrato torna-se concreto, ou normal, para o grupo.

A partir do pensamento de Jodelet afirmamos que no corpo conceitual da teoria das representações sociais a objetivação se caracteriza como um processo no qual o indivíduo se concentra absorvendo várias formas de significações e passa por um processo de construção tido como “formal” de conhecimentos produzidos pelo indivíduo. Ressaltamos o fato de Moscovici (2005, p. 75) afirmar que é a cultura que incita todos os indivíduos a construir suas realidades a partir daquilo que eles consideram significantes a si ou ao grupo social, pois “[...] sem representações, sem a metamorfose das palavras em objetos, é absolutamente impossível existir alguma transferência”. Para ocorrer aprendizagem, a sociedade utiliza modelos quantificáveis, mensuráveis, que dão ao indivíduo a noção da lógica do que é consciente. Para exemplificar o uso pela teoria da categoria “inconsciente” o autor diz que,

[...] a ciência se refere a órgãos físicos e a psicanálise é uma ciência, então o inconsciente, por exemplo, ou um complexo, serão vistos como órgãos do sistema físico. Desse modo, um complexo poderá ser amputado, desenhado ou percebido. Como se pode perceber, o que é vivo é assimilado ao que é inerte, o subjetivo ao objetivo e o psicológico ao biológico. Cada cultura possui seus próprios instrumentais para transformar suas representações em realidade. Algumas vezes as pessoas, outras os animais, serviram para tal propósito. [...] podemos, pois, dizer que no referente a complexos, átomos e genes, nos não apenas imaginamos um objeto, mas criamos, em geral, uma imagem com a ajuda do *objeto* com o qual nos identificamos (2005, p. 75-76).

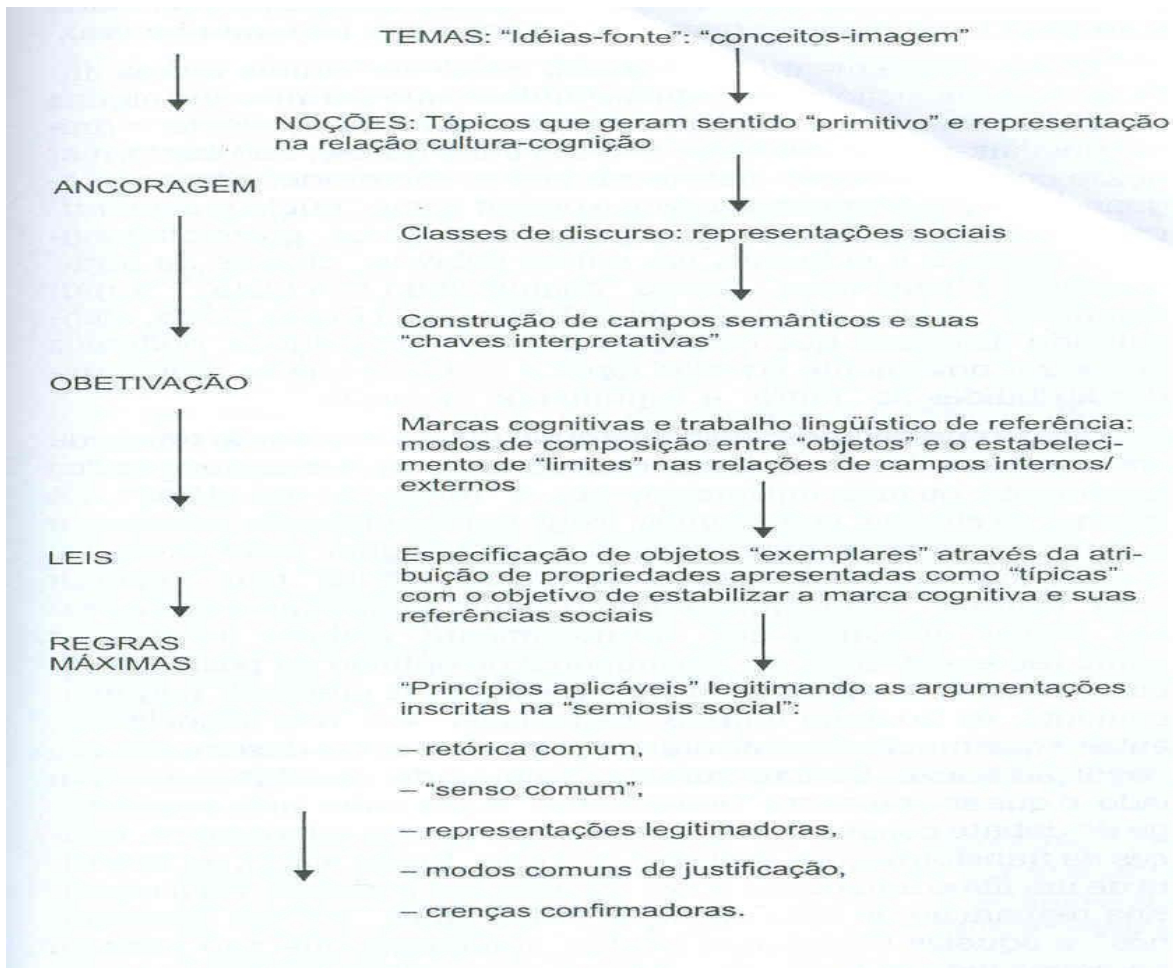
As representações que todos constroem no seu dia-a-dia fazem com que algo que não é familiar torne-se familiar. Contudo, elas dependem da memória individual ou coletiva. Por isso, a solidez da memória permite tornar sólidos e independentes os acontecimentos atuais, classificando-os em uma riqueza de informações acumuladas e que se servem para proteger cada indivíduo. É a soma dessas experiências que se vivencia, e que estão guardadas na memória, que possibilita buscar imagens, gestos, ou seja, a linguagem necessária para superar o não-familiar e se relacionar em grupo.



Por fim, vale apontar que a ancoragem e a objetivação estão interligadas, sendo a ancoragem a possibilidade de manter a memória em movimento, “[...] e a memória é dirigida para dentro, está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome”. Já a objetivação direciona para fora, pois “[...] tira daí conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido” (MOSCOVICI, 2005, p. 78).

Com o objetivo de oferecer melhor visualização dos princípios relativos à ancoragem e à objetivação, apresentamos o quadro sinóptico elaborado por Moscovici que sintetiza a relação existente entre a função geradora dos temas com os dois conceitos centrais da teoria das representações sociais.

Figura 1- A função geradora dos temas, proposta por Moscovici:



Podemos apontar que a ancoragem remete aos traços fundamentais (conhecimentos) que circulam no grupo pesquisado. É a ancoragem que dá o sentido de pertencimento e que aponta os aspectos constituintes para a formação de uma representação social sobre alguma coisa. Já a objetivação se caracteriza por ser mais flexível, pois aponta as condições sociais e a natureza da produção de conhecimento que foi elaborada pelo grupo pesquisado. A ancoragem e a objetivação compreendem a inibição e a articulação entre a atividade cognitiva (produção de conhecimento) e as condições sociais em que são construídas (produzidas modularmente) as representações sociais.

## 1.3 Interlocutores no campo das representações sociais

---

---

Serge Moscovici é um dos nomes mais relevantes nas áreas da psicologia social e ciências sociais, cuja teoria tem influenciado pesquisadores da América e Europa. Com ele foi inaugurado o campo de estudos teóricos referentes às representações sociais (TRS<sup>14</sup>), que em 2011 completou 50 anos. Ele buscava compreender quais eram os processos que levavam “sujeitos sociais” a construir suas representações, suas teorias sobre determinados objetos, e como essas representações tornavam possível a organização e comunicação entre os sujeitos.

De Rosa (2011), concordando com Jodelet, aponta que a obra *Psychanalysis, son image et son public* deve ser considerada a obra gênese dos estudos em Representações Sociais, pois é a partir dela que as novas invenções relativas aos conhecimentos práticos produzidos pelos homens ganham vida. Este livro surgiu como o primeiro esboço da teoria e tentava produzir uma explicação do fenômeno de socialização apropriando-se dos conhecimentos da psicanálise na sociedade parisiense. Moscovici tinha como intenção entender como as pessoas comuns se apropriavam de conhecimentos considerados científicos. De Rosa (2011, p. 504) fala que o livro em foco:

[...] é um texto indispensável a estudantes e estudiosos das ciências sociais interessados em compreender – por meio da teoria das representações sociais – os processos e os *modus operandi* da elaboração do conhecimento “no” e “do” social e da relação entre conhecimento especializado, senso comum e sistemas de comunicação, como aparatos de mediação de significados em relação ao posicionamento ideológico de indivíduos, grupos e instituições e às suas construções identitárias e simbólicas.

O referencial teórico que orienta nossa pesquisa está fundado nos princípios dos estudos desenvolvidos a partir da teoria das representações sociais, podendo ser visualizados por sua natureza interdisciplinar, haja vista ser uma das condições

---

<sup>14</sup> TRS: teoria das representações sociais.

determinantes à utilização da teoria que faz aproximação com o objeto a partir do conhecimento produzido pela própria área, ou seja, ele deve transpor os limites de sua disciplina para aportar nos conhecimentos de áreas afins. Mas é importante ressaltar que a teoria apresenta como área de conhecimento básica a psicologia, e, em especial, a sub-área da psicologia social<sup>15</sup> e as áreas com as quais mantém uma intenção, que são as ciências humanas, ciências sociais, sociologia e antropologia. É na psicologia social que as representações ganham teorização e, de acordo com Arruda (2002), possibilitam que diversas áreas de conhecimento dialoguem, estimulando a diversidades de estudos.

Enfim, a representação social é compreendida como um conjunto de símbolos que se constituem em ambientes sociais, como na casa, na escola, na rua, no trabalho, na roda de amigos, entre outros, os quais estabelecem como as pessoas devem configurar sua comunicação entre seus pares e nortear seus comportamentos, intensificando a relação entre homem e sociedade.

Com os estudos em representações sociais podemos verificar como as representações são um determinante do comportamento que ora é visto como individual, ora como coletivo, mas que, em geral, advém de uma coletividade, que é o ponto de partida dos estudos de Moscovici. É esse aspecto da teoria que remete aos estudos de Émile Durkheim ao trabalhar o conceito de representações coletivas como objeto de reflexão. Para compreender essas representações, o autor fez uso, como campo investigativo, dos estudos relacionados à religião dos povos primitivos, tomando como premissa que essas representações poderiam ser encontradas como substrato em religiões elaboradas, bem como em outras formas de conhecimento social.

O conceito de “representação” sempre fez parte do pensamento dos sociólogos, mas é com Émile Durkheim e Marcel Mauss que ele sofre radical análise, buscando demonstrar sua relação com o que acontece na realidade de uma coletividade, ou seja,

---

<sup>15</sup> A psicologia social aborda as representações sociais no âmbito de seu campo e de seu objeto de estudo, a relação indivíduo-sociedade, com igual interesse pela cognição, diferenciando-se, porém, do paradigma clássico da Psicologia. Propõe-se a estudar e compreender “como os indivíduos, grupos, sujeitos sociais constroem seu conhecimento a partir da sua inscrição social, cultural entre outros por um lado, e por outro como a sociedade se dá a conhecer e constrói esse conhecimento com os indivíduos. Em suma, explicita como interagem os sujeitos e a sociedade para construir a realidade, como terminam por construí-la numa estreita parceria que, sem dúvida passa pela comunicação” (ARRUDA, 2002, p.128).

naquilo que remete à maneira como os grupos expressam seus sentimentos. Ao retomar as representações sociais como objeto de estudo, Moscovici supera a qualificação coletiva das representações ao ampliar seus sentidos no momento em que assume que as representações, além de traduzirem conhecimentos, também os produzem.

Sobre essa superação, é relevante buscar na obra de Durkheim, intitulada *As regras do método sociológico* (1987), sua base teórica. No texto, Durkheim afirma que os fatos sociais, como objeto da sociologia, devem ser vistos de forma diferente da proposta pela psicologia, ou seja, para ele é:

[...] fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é gerada na extensão de uma sociedade dada, apresentando uma existência própria, independente das manifestações individuais que possa ter (DURKHEIM, 1987, p. 11).

O autor considera todos os objetivos científicos como “coisa” e, como coisa, devem ser tratados. Como são desconhecidos e ignorados, é por meio do desenvolvimento da análise objetiva do seu exterior, que eles se farão conhecidos. Dessa maneira, esses objetos (coisas) pressupõem uma construção que se inicia no simples e que parte para o complexo. Para Durkheim, uma representação coletiva traduz:

[...] a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam. Ora, o grupo está constituído de maneira diferente do indivíduo, e as coisas que o afetam são de outra natureza. Representações que não exprimem nem os mesmos sujeitos, nem os mesmos objetos, não poderiam depender das mesmas causas (1987, p. XXVI).

Em Durkheim (1983), as representações coletivas sempre envolveram as representações acerca da ciência, das religiões, dos mitos, relações entre tempo e espaço, sendo que todas elas deveriam estar integradas à sociedade. Dessa maneira, para ele, as representações se constituíam em fenômeno psíquico e social composto por mitos e ideologias para que se pudesse entender o funcionamento do pensamento coletivo da sociedade. Assim, o indivíduo era visto como produto social que não podia promover mudanças.

Durkheim desenvolveu a tese de que a “natureza fundamental do homem reside na religião”, imaginando que essa prática pode traduzir as representações coletivas, considerando-as fenômenos que são capazes de afirmar os laços entre os indivíduos da sociedade e, além disso, que possam assegurar a manutenção destes ao longo das gerações (NOBREGA, 2001, p. 57).

De acordo com Anadon e Machado (2011, p. 11-12), o termo representação social, para Durkheim, se refere a,

[...] representações coletivas, como uma forma de ideação à qual se opõe a representação individual, e foi por ele aplicado em relação a sociedades estáticas, tradicionais, estabelecidas, sem inovação. [...] compreende diversos tipos de produções mentais sociais, como a ciência, a religião, a ideologia, os mitos e outros, produções estas que de um lado não são idênticas quanto à constituição das formas e funções, e de outro lado se distanciam do que se entende como senso comum.

Para Nóbrega (2001), a noção que Durkheim apresenta sobre as representações sociais se associa com,

[...] espécie de guarda-chuva que reúne uma larga gama de diferentes formas de pensamento e de saberes partilhados coletivamente (crenças, mitos, ciência, religião, opiniões), cuja característica consiste em revelar o que há de irreduzível à experiência individual e que se estende no tempo e no espaço social (p. 57).

O princípio das representações individuais, proposto por Moscovici (1978), parte da ideia posta por Durkheim<sup>16</sup>, em 1898, que pensava as representações de forma coletiva, (concebida como consciência coletiva). Moscovici acreditava ser muito abrangente esta ideia e remetia à imprecisão em muitos momentos. Então, apoiado nos estudos de Durkheim, Moscovici passa a buscar uma forma de conhecimento apropriado ao “mundo contemporâneo na qual predominam mudanças constantes e o pluralismo de ideias e de doutrinas quer políticas, quer religiosas, filosóficas e morais”.

---

<sup>16</sup> Émile Durkheim (1858 - 1917) considerado um dos pais da Sociologia moderna, foi fundador da Escola Francesa de Sociologia, posterior a Marx, e combinava pesquisa empírica com a teoria sociológica. É amplamente reconhecido como um dos melhores teóricos do conceito da coesão social. As representações coletivas remetem ao conceito de “representações coletivas”, que são como os conceitos, resumo de categorias produzidas e que coletivamente formam a bagagem cultural de uma sociedade. Seu trabalho principal consiste na reflexão e no reconhecimento da existência de uma “consciência coletiva”.

Ele procura entender essa sociedade que possui como característica ser dinâmica, e que convive com uma ciência elitista e isolada, “[...] que fala uma linguagem esotérica, sem ter conta da diversidade e da mobilidade dos diversos grupos sociais e dos indivíduos que os compõem” (ANADOM E MACHADO, 2011, p. 12).

Ao seu olhar, as representações coletivas originaram-se do meio, das situações e ideias originadas advindas da ciência, da ideologia, do mito e demais áreas afins, apresentando-se no indivíduo como reflexo expresso dele próprio. Então, essas representações permitem que o indivíduo se conheça, se classifique e possa organizar o mundo a partir da construção/organização dos seus pensamentos, ou seja, para Durkheim, a vida social seria condição de todo o pensamento organizado.

Paulino (2007, p. 71) aponta que as “representações coletivas possuem um caráter mais estático e homogêneo, sendo compartilhado por todos os membros do grupo, tendo como função promover o vínculo entre eles, para que ajam e pensem uniformemente”. Dessa forma, as representações coletivas apontadas por Durkheim se caracterizam por fenômenos psíquicos e sociais que formam na sociedade uma espécie de “consciência coletiva” pois, para ele, os “fatos sociais” não poderiam ser explicados tomando como base o indivíduo, mas somente pelo ponto de vista social.

Horochovski (2004, p. 96), em sua tese, traz à tona a noção de representações como um sistema de ideias que, junto aos ritos e ao culto, podem compor sistemas de práticas que estão postos no mundo. A pesquisadora traz essa noção apoiada em Marcel Mauss que, em 1979, trabalhou com a ideia do rito como representação. Ela diz que em sua obra, *A expressão obrigatória dos sentimentos*, Mauss, realizou análise do ritual oral dos cultos funerários australianos e, por Durkheim, recupera os ritos e o luto, analisando-os como modos de expressão de emoções coletivas. Para Mauss (1979, p.147), “[...] não só o choro, mas toda uma série de expressões orais de sentimentos não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos, mas sim fenômenos sociais, marcados por manifestações não-espontâneas e da mais perfeita obrigação”.

Convém explicitarmos que a noção trabalhada por Durkheim sobre representação possibilitou a percepção de ações coletivas, que são independentes do caráter econômico, cultural, político e social. Para Durkheim, a utilização do termo representações coletivas objetivou a compreensão das relações que os indivíduos

mantêm com os objetos que o cercavam. Oliveira (1999) diz que o termo “representações” aproximou também Gilbert Durand (que estuda o imaginário, procurando traduzir e/ou representar a realidade a partir de seus significantes) de Moscovici (que se preocupou com os motivos das representações que acontecem em grupo e/ou individualmente).

Moscovici não nega o conceito elaborado por Durkheim sobre as representações (coletivas), porém, aponta que a partir dele as representações sociais são concebidas sob forma de aporte social de modo a compreender as relações existentes, pois elas vêm de grupos sociais já constituídos, permitindo que os indivíduos dessa sociedade se conheçam e se organizem. O próprio autor afirma o quanto é difícil definir, de forma específica, as representações sociais, pois as representações coletivas, para Durkheim, envolviam vários campos, como a religião, as crenças, a ciência, o mito, entre outros, e para Moscovici, isso sempre foi um problema, pois ele achava quase impossível compreender tantas coisas ao mesmo tempo. Entende que “o fato de querer incluir demais, inclui-se muito pouco: querer compreender tudo é perder tudo” (MOSCOVICI, 2005, p. 46).

Seguindo essa linha de raciocínio, Paulino (2007) explicita que nesse processo de construção, a visão “clássica” de uma representação pré-estabelecida e estática foi substituída por outra gerada e adquirida no meio social, em que as interações sociais são mais importantes que seus substratos. Enfim, “percebendo uma *lacuna* no foco do simbólico, Moscovici *remodelou* esse conceito, trazendo-o às condições atuais, das sociedades contemporâneas” (p. 71).

As mudanças conceituais nos estudos da teoria das representações apontaram que, se para Durkheim, as representações eram consideradas “estáticas”, sempre no mesmo lugar, para Moscovici, elas passam a ser consideradas de caráter dinâmico, móvel, pois têm o poder de surgir e desaparecer.

[...] se, no sentido clássico, as representações coletivas se constituem em um instrumento explanatório e se referem a uma classe geral de ideias e crenças (ciência, mito, religião, etc.), para nós, são fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo” (MOSCOVICI, 2005, p. 49).



Podemos apontar que a teoria das representações sociais marcou uma nova etapa em relação à história da psicologia, pois ela possibilitou que ocorresse uma ruptura entre os modelos positivista e funcionalista que estavam em vigor no final dos anos 1950, segundo Nóbrega (2001, p. 59). Porém, foi no final dos anos 1970 que realmente essa teoria encontra seu lugar como ponto de pesquisa.

São vários os campos de estudo que se utilizam da teoria das representações sociais para a elaboração de suas pesquisas. Para Sá (1998, p. 62), os “[...] autores oriundos da filosofia, da antropologia, da história e da linguística encontram-se entre os que usam autonomamente o termo para designar suas próprias reflexões e pesquisas”. Na área das ciências humanas, quem lança mão dos princípios das teorias de forma marcante são as ciências sociais, antropologia, sociologia, educação e serviço social. Na área da saúde, há a enfermagem e a saúde coletiva. A partir de meados dos anos 1980, essas teorias aportaram os campos de conhecimento relativos à educação física, ao esporte, ao lazer e à dança. Acredita-se que esse fenômeno esteja acontecendo em função do fato das teorias das representações sociais se apresentarem como excelente ferramenta à compreensão da realidade da área da educação física e de suas subáreas. Conforme sintetiza Carvalho (2005, p. 14):

[...] a teoria das representações sociais através da visão de que os indivíduos não são meros receptores de informações, existe uma sociedade pensante, os indivíduos pensam, questionam, produzem e comunicam conhecimentos constantemente, ou seja, nós construímos teorias para a realidade e lhe atribuímos significados.

As representações sociais emergem da própria realidade social que se faz presente no cotidiano, em que estão implícitas as afirmações, as explicações, os conceitos que certa coletividade possui sobre determinado assunto. Nóbrega (2001, p. 60-61) aponta que:

O que de fato procura Moscovici não é a **tradição** de um social **pré-estabelecido** das sociedades ditas “*arcaicas*”, como fizera Durkheim, mas ele se interessa pela **inovação** de um social **móvel** do mundo moderno transformado com a divisão social do trabalho e a emergência de um novo saber: a ciência [...]. Nessa perspectiva, Moscovici encontra na psicanálise o objeto exemplar para observar como ocorreu penetração desse novo saber na vida cotidiana da sociedade francesa do pós-guerra. Essa concepção conduz Moscovici a substituir a noção das representações **coletivas** pelo conceito de representações **sociais**.

De acordo com Moscovici (2005, p. 46), as representações sociais “[...] devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos”. Dessa maneira, toda representação elaborada por um grupo de indivíduos visa criar uma rede de relações, na qual aparece o primeiro processo referente à representação social e à elaboração dos conhecimentos por uma determinada coletividade, que leva em consideração a organização cognitiva do grupo em questão.

A teoria das representações sociais traz à tona um conceito que faz com que o pesquisador realize seu trabalho a partir do pensamento social do(s) indivíduo(s) em toda sua dinamicidade social. As formas com as quais os indivíduos se comunicam são diferentes, na maioria das vezes, guiadas por objetivos, pensamentos e culturas distintas que geram universos próprios para os grupos em questão.

Moscovici pensa as representações a partir da existência de dois universos de pensamento instituídos nas sociedades: o universo consensual e o reificado. No universo consensual impera a lógica que se legitima por tudo que é produzido e compartilhado entre os indivíduos cotidianamente. Essa condição faz com que o conhecimento produzido possua pouca objetividade. No universo reificado, o saber construído é sustentado por princípios acadêmico-científicos, o que torna o saber objetivo em função do rigor metodológico de sua produção. Sobre esse aspecto organizacional do processo de produção dos saberes, Arruda (2002, p. 130) argumenta que o universo consensual é aquele constituído:

[...] na conversação informal, na vida cotidiana, enquanto o universo reificado se cristaliza no espaço científico, com seus cânones de linguagem e sua hierarquia interna. Ambas, portanto, apesar de terem propósitos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana. As representações sociais constroem-se mais freqüentemente na esfera consensual, embora as duas esferas não sejam totalmente estanques.

O quadro a seguir refere-se à síntese elaborada por Arruda (2002) e que demonstra as diferenças existentes entre os dois universos: consensual e reificado.

Quadro 1 – : Síntese da diferença existente entre universo consensual e reificado:

Universos Consensuais	Universos Reificados
Indivíduo, coletividade: <i>Opus proprium</i> - NÓS. Sociedade = grupo de iguais, todos podem falar com a mesma competência.	<i>Opus alienum</i> – ELES Sociedade: sistema de papéis e classes diferentes → direito a palavra é desigual: experts
Universos Consensuais Sociedade de amadores, curiosos, conversação, cumplicidade, impressão de igualdade, de opção e afiliação aos grupos. Conhecimento para exigência de comunicação → alimentar e consolidar o grupo. - resistência a intrusão.	Universos Reificados Sociedade de especialistas: especialidade → grau de participação normas dos grupos → propriedade do discurso e comportamento. Unidade do grupo por prescrições globais, não por entendimentos recíprocos. - divisão por área de competência.
Representações sociais - senso comum, consciência coletiva. - acessível a todos, variável.	Ciências - retratar a realidade independente de nossa consciência. - estilos e estruturas, frios e abstratos.

Fonte: Quadro apresentado por: ARRUDA, Ângela. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, 117: n. 1, nov. 2002, p.130.

Para Moscovici, não existe hierarquia em relação ao conhecimento do senso comum e o conhecimento científico, embora faça distinção entre eles. Sancovshi (2007, p. 10) corrobora com o pensamento do estudioso quando aponta que o conhecimento elaborado a partir do senso comum não pode ser distorcido ou, então, corrompido, pois “[...] é o lugar onde o conhecimento científico se junta ao senso comum produzindo redes de comunicação, tornando a sociedade viva”.

Moscovici, em sua obra *Representações sociais: investigações em psicologia social*, nos diálogos entre Moscovici e Marková, afirma: "O problema para mim se tornou o seguinte: como o conhecimento científico é transformado em conhecimento comum, ou espontâneo?" (MOSCOVICI, 2005, p. 310). Ainda, refletindo sobre essa questão, Moscovici diz:

Desse modo, quando comecei minha pesquisa na França, tentei compreender e reabilitar o pensamento comum e o conhecimento comum. Ainda mais, não os considerei como algo tradicional, ou primitivo, como mero folclore, mas como algo muito moderno, originando-se parcialmente da ciência, como a configuração que assume quando se torna parte da parcela da cultura. Vi a transformação do conhecimento científico em senso comum como uma área de estudo possível e excitante (2005, p. 311).

Concordando com a ideia de Sancovski (2007, p. 10) é necessário nos atermos ao processo de deslocamento que distingue a proposta de Moscovici de outras propostas da psicologia social. Considerarmos esse deslocamento, aponta Sancovski, “[...] é essencial para a adequada compreensão do estatuto da representação no âmbito da teoria das representações sociais. Se sujeito e objeto não são polos dados de antemão, como pensar o conceito de representação?”

Porém, parece que Moscovici não está preocupado com esse problema, pois com frequência o chama de impreciso e ambíguo. No entanto, esses adjetivos são considerados por ele como uma virtude da teoria proposta. Ele considera que a pouca rigidez para a definição desse conceito é que vai permitir que a teoria alcance a compreensão dos fenômenos estudados.

Enquanto as formas ‘clássicas’ de psicologia cognitiva tratam a representação como um elemento estático da organização cognitiva, na teoria da representação social o próprio conceito de representação possui um sentido mais dinâmico, referindo-se tanto ao processo pelo qual as representações são elaboradas, como às estruturas de conhecimento que são estabelecidas (MOSCOVICI, 2005, p. 20).

Moscovici, como fundador dessa área de conhecimento, reconhece que teve influências de Marx, Mannhein, Gurvich, Scheler, Sorokin e principalmente de Durkeim, no que diz respeito à elaboração de seu pensamento na construção de uma teoria sobre representação social. De acordo com Anadon e Machado, esses pensadores conseguiram produzir um sistema de análises da realidade social dos sujeitos, tomando como ponto comum a maneira como eles produzem suas representações e que estão condicionadas pelo meio social em que vivem. Moscovici sempre acreditou que poderia estudar de “[...] forma sistemática o fenômeno de transformação dos processos de compreensão do real enraizado na consciência dos indivíduos e dos grupos” (ANADON E MACHADO, 2011, p. 18).

Moscovici não possui olhar restrito sobre os fenômenos que estão postos, mas acredita que deva lançá-lo para esse fenômeno, levando em consideração como se passa a construção das representações para os indivíduos, observando as normas e valores postos pela sociedade. Para ele, a representação social é própria da sociedade e da cultura do homem, e leva a perceber a existência de uma rede de relações a partir da qual veiculam percepções e conceitos que se manifestam por intermédio do

comportamento social dos indivíduos. Esses comportamentos devem ser vistos como reflexos da cultura de uma sociedade em particular, ou seja, são sínteses dos processos de construção de seus sentidos.

Barbosa (2001, p. 70) aponta a necessidade de “[...] partir das relações sociais para compreender como e por que os homens agem e pensam de determinada maneira”. As relações sociais merecem atenção pelas contribuições que eles trazem ao entendimento da formação e consolidação de conceitos socialmente veiculados e mantidos pela sociedade e, por que não dizer, pelos profissionais da área da educação física.

Podemos inferir que uma representação social faz supor que a compreensão do fenômeno estudado na perspectiva da sua concepção conceitual “[...] consiste em processar informações [...] compreender a realidade completamente”, conforme aponta Moscovici (2005, p. 30). A noção que leva cada sujeito a perceber o mundo, e/ou a realidade que o cerca é a noção de representação social, que considera as experiências vividas. Assim, se todas as interações humanas pressupõem representações, a interação deve ser considerada como uma característica central das representações, como produto da comunicação, das ações e reações: “[...] pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação” (MOSCOVICI, 2005, p. 41).

Gomes (2006, p. 31) aponta que a representação social “[...] condiciona o comportamento social por constituir-se numa realidade social, devendo ser vista como uma forma específica de perceber, compreender e reproduzir a realidade de uma forma significativa”. Para Moscovici (2005, p. 51), “[...] a sociedade é uma criação visível, contínua, permeada com sentido e finalidade [...]”.

Em toda sociedade, a partir da construção de seu sistema social, existem regras e regulamentos que são pré-estabelecidos, os quais são validados por “evidências empíricas” que dão forma e explicam os objetos e acontecimentos, tornando-os acessíveis a qualquer pessoa, na medida do seu interesse e importância.

Assim sendo, o mundo cujos objetos não são considerados interessantes, nem importantes são tratados negativamente e rotulados como sendo irreal. Essa forma de ver o mundo é consequência de uma realidade histórica, concreta, determinada pelas representações sociais, caminhando no sentido abstrato para o concreto, revelando o

conhecimento do mundo, segundo a concepção dominante da ideia de representação social, cujo sentido e abrangência passam a ser alvo de discussão na sequência dessa abordagem (GOMES, 2006, p. 31).

Rangel (1993, p. 12) diz que “[...] as pessoas elaboram socialmente as representações, que se tornam assim, fatores importantes nas relações entre o homem – ser social – e o mundo”. Essas elaborações orientam a forma “coletiva” que se interpreta, define e se constrói a realidade objetiva, na qual os valores e conhecimentos postos devem variar de acordo com os significados que os grupos lhe atribuem. Ela ainda diz que “[...] as representações surgem do universo cotidiano, do universo consensual, da experiência direta de interação e comunicação dos sujeitos no seu meio social” (p. 28).

Para que possamos entender esse fenômeno denominado de representação social devemos levar em conta que “[...] nós percebemos o mundo tal como é e, todas nossas percepções, ideias e atribuições são respostas a estímulos do ambiente físico ou quase físico, em que nós vivemos” (MOSCOVICI, 2005, p. 30). E como se percebe esse mundo? É por meio do conhecimento? Mas de onde vem o conhecimento? Entender de onde vem esse conhecimento é importante para compreendermos a relação do conceito de representação social com a construção do saber prático identificado como senso comum.

Mattos (1995, p. 453) diz que só se pode conhecer algo porque esse “algo” traz consigo como “herança genética, na forma de pré-concepções, uma matriz que irá permitir, em contato com a experiência, uma comparação, um cotejo, um reconhecimento”. Essa herança genética é responsável pelas pré-concepções que as pessoas possuem como ser social. Porém, o conhecimento é inerente ao homem. Há a possibilidade desse conhecimento se desenvolver a partir de conceitos e ideias, e/ou por meio de experiências, como ocorre também com a teoria das representações sociais. Dessa maneira, as representações sociais poderiam ser uma “[...] forma de conhecer típica dessas sociedades, cuja velocidade vertiginosa da informação obriga a um processamento constante do novo, que não abre espaço nem tempo para a cristalização das tradições, processamento que se esteia no olhar de quem vê” (GOMES, 2006, p. 38).

Os estudos de Valle (2008) consideram as representações sociais como parte de um conhecimento recorrente do senso comum, conhecido também como conhecimento prático, que leva a uma ruptura dentro das teorias de conhecimento, visto que antes elas eram formadas na perspectiva de um saber “formal”, que, segundo o autor, “[...] focalizam um saber gerado através da comunicação da vida cotidiana (um saber prático) que apresenta uma finalidade também prática empenhada em orientar posturas e comportamentos em situações sociais reais” (p. 30).

Falamos de representações sociais como conhecimento prático orientado para uma comunicação que desencadeia uma compreensão do contexto no qual se materializa como social, resultando em outras formas de conhecimento, que, conforme Moscovici (2005) constituem-se em elementos cognitivos (conceitos, categorias, imagens, teorias, etc), que ao serem elaboradas e partilhadas socialmente passam a constituir uma nova construção de realidade comum, possibilitando a comunicação entre os indivíduos.

Ao observarmos o campo dos estudos em representações sociais, três abordagens teóricas que o embasam podem ser identificadas: uma orientada pelo pensamento de Denise Jodelet, que parte da perspectiva etnográfica; outra, de Willen Doise, que assume a perspectiva sociológica, e outra, de Jean-Claude Abric<sup>17</sup>, que toma as representações como sendo uma dimensão cognitivo-estrutural.

O conceito elaborado por Jodelet (2001, p. 22) apresenta as representações como “[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”. Ela defende que as representações sociais se referem ao modo de interpretar e agir no cotidiano, sendo que se constitui em um conjunto de imagens, que serve como referência e que permite que os homens possam interpretar sua vida e, principalmente, dar sentido a ela.

Sabemos que nas relações cotidianas dos indivíduos eles conversam, pensam e analisam diversas situações que vão elaborar suas representações, sendo influenciados pelo comportamento social, nas relações diárias. Para Valle (2008, p. 32), “[...] na construção das representações transformamos o novo, o desconhecido, em

---

<sup>17</sup> As análises desse estudo tomaram como base a proposta de Abric: núcleo central e sistema periférico.

algo familiar. O familiar passa a ser, então, o conhecido, a confirmação de crenças, enquanto que o não-familiar intriga e gera desconforto”.

Para Jodelet (2001), as representações possuem três particularidades que são consideradas marcantes: a vitalidade, a transversalidade e a complexidade. A *vitalidade* é explicada ao se verificar a quantidade de publicações que se tem sobre a temática em diversos países nos quais ela é empregada/estudada, o domínio sobre ela e as abordagens metodológicas e também teóricas que ela inspira aos estudiosos da área. A *transversalidade* se dá pela multiplicidade das relações com que as disciplinas próximas a ela dialogam a partir de um tratamento psicossociológico, que promove um interesse de todas as áreas das humanas em dialogar com este psicólogo social. E a *complexidade* se dá pela dificuldade para se definir um tratamento específico a ela. Dessa maneira, a junção das três particularidades presentes na noção de representação social faz com que os espaços que podem ser tomados por essa pesquisa acabem se ampliando.

Em consonância com Jodelet, Machado (2001, p. 13) diz que todo conhecimento que advém de um sentido comum pode ser considerado uma maneira de se interpretar, de criar um conceito sobre a realidade do dia a dia. “Este pensamento não se constrói no vazio, ele se enraíza nas formas e nas normas da cultura e se constrói ao longo das trocas quotidianas. Por isso se afirma que a Representação Social é socialmente construída”. Para Jodelet, é somente por meio das interações sociais que se torna possível construir um saber de senso comum. É esse saber que se encontra presente nas práticas sociais nas quais elas orientam a maneira de ser e de pensar dos indivíduos.

Para exemplificar, Jodelet (2001, p. 28) sistematiza um conjunto de elementos que considera a configuração de um saber prático que vai ligar o indivíduo ao objeto. A autora sintetiza de forma clara a noção de representação em relação à apropriação de um fenômeno ou objeto. São eles:

- A representação social é sempre a representação de alguma coisa (objeto) e de alguém (sujeito). As características do sujeito e do objeto nelas se manifestam;
- A representação social tem com seu objeto uma relação de simbolização (substituindo-o) e de interpretação (conferindo-lhe significado). Estas significações resultam de uma atividade que faz da representação uma construção e uma expressão do sujeito;



- Forma de saber: a representação será apresentada como uma modelização do objeto diretamente legível em (ou inferida de) diversos suportes lingüísticos, comportamentais ou materiais;
- Qualificar esse saber prático se refere à experiência a partir da qual é produzido, aos contextos e condições em que ele o é e, sobretudo, ao fato de que a representação serve para agir sobre o mundo e o outro, o que desemboca em suas funções e eficácia sociais (JODELET, 2001, p. 28).

Outra abordagem que também se sustenta na teoria das representações sociais é a abordagem societal, proposta por Willem Doise, sendo talvez a abordagem menos utilizada<sup>18</sup> por pesquisadores brasileiros. Doise lança mão das representações sociais numa perspectiva sociológica, apontando a inserção social dos indivíduos como fonte de mudanças nas próprias representações e enfatizando a:

[...] inserção social dos indivíduos como fonte de variação dessas representações. Nesta direção, é evidente o objetivo dessa abordagem em conectar o individual ao coletivo, de buscar a articulação de explicações de *ordem individual* com explicações de *ordem societal*, evidenciando que os processos de que os indivíduos dispõem para funcionar em sociedade são orientados por dinâmicas sociais (interacionais, posicionais ou de valores e de crenças gerais) (ALMEIDA, 2009, p. 719).

Doise (1993, p. 161) entende que Moscovici ofereceu aos pesquisadores do campo da psicologia social uma teoria que possibilitou “[...] analisar complexos fenômenos sociais, mas também capaz de reorganizar teoricamente tradicionais campos de estudo na Psicologia Social”. Considerando que os estudos de Moscovici não tinham o propósito de estudar todas as possibilidades que o campo da teoria das representações sociais aportava, Doise verificou que existiam possibilidades ainda abertas para realização de estudos, e assinalou que essa abertura poderia abrir outras possibilidades, dando conta de uma grande teoria sobre representações sociais.

Segundo Doise (1990, p. 172), a teoria das representações sociais poderia ser considerada como uma grande teoria, pois “[...] sua finalidade é a de propor conceitos

---

<sup>18</sup> De acordo com estudos verificados sobre representações sociais em periódicos da área no Brasil, constatou-se que a abordagem societal, proposta por Doise, é a menos utilizada. Cf.: PEREIRA, A. S. L. **S. Representações sociais do homossexualismo e preconceito contra homossexuais**. Dissertação (Mestrado em psicologia). Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2004, 144f. ALMEIDA, A. M. Abordagem societal das representações sociais. **Sociedade e Estado**. Brasília, v.24, n. 3, set/dez de 2009, p.713-737.

de base que devem atrair a atenção dos pesquisadores sobre um conjunto de dinâmicas particulares e suscitar, assim, estudos mais detalhados sobre os múltiplos processos específicos”. Almeida (2009), realizando uma releitura de Doise, aponta que grandes teorias da área das ciências humanas são concepções gerais sobre o indivíduo e o funcionamento da sociedade, e são esses dois pontos que orientarão as pesquisas, as quais devem ser completadas por descrições realizadas de forma detalhada, e que esse processo de pesquisa pode ser compatível com a grande teoria, ou com outras teorias.

Doise é responsável pelo desenvolvimento de um grupo de pesquisa em psicologia social experimental em que faziam parte Gabriel Mugny, Claude Deschamps, Anne Sinclair, Anne-Nelly Perret-Clermont e Marisa Zavalloni. Com o passar do tempo, a esse grupo foram se agregando pesquisadores como Alain Clémence, Fabio Lorenzi Cioldi, Dario Spini, Monique Herrera, Christian Staerklé, Fabrice Buschini. O grupo centrava suas pesquisas na intervenção dos sistemas de crenças compartilhadas em relação à organização e ao funcionamento cognitivo. Segundo Almeida (2009, p. 719), Doise se tornou o “[...] advogado de uma *abordagem societal* da Psicologia Social”.

Ao pensar no campo teórico, Doise (2001) propunha articulação entre a teoria de Moscovici com a de Bourdieu para uma definição de representações sociais. A teoria proposta por Moscovici, como apontado no decorrer desse capítulo, traz aproximações com Bourdieu por meio de uma terminologia própria que se aproxima da concepção de representação social. Para Doise (2001, p. 193), as “[...] representações sociais são sempre tomadas de posições simbólicas [...]”, na qual ele denominou de marcação social as respostas cognitivas aplicadas à resolução de alguma tarefa, impregnadas dos significados sociais. Sendo citado por Almeida (2009, p. 720-721), Doise aponta que são três os aspectos que irão definir a concepção atual de uma marcação social. São elas:

1. A marcação social, que define qualquer situação na qual ocorre correspondência entre respostas que irão derivar das regulações sociais, e as respostas que resultam na organização dos esquemas cognitivos;
2. Para dar lugar a algum desenvolvimento cognitivo, a correspondência deve levar o indivíduo a comparar de forma efetiva as respostas de diferentes naturezas;

3. O mecanismo no qual a marcação social vai garantir a elaboração de novas respostas cognitivas é o conflito sócio-cognitivo, ou seja, ela é a confrontação de respostas contraditórias que podem dar lugar a novas respostas.

A teoria de Doise traz para o palco das discussões as tomadas de posições, atitudes e julgamentos no que diz respeito à análise societal. Para ele, são múltiplas as imbricações que possuem as pesquisas, porém, elas já permitem uma integração “[...] num sistema mais amplo de dinâmicas atitudinais mais específicas; os estudos sobre as atitudes oferecem descrições mais detalhadas de processos que se situam em pontos precisos da articulação entre relações simbólicas e representações sociais” (2001, p. 200).

A abordagem estrutural das representações sociais, inicialmente identificada como Teoria do Núcleo Central (que tomamos como base para nossas análises), foi proposta por Jean-Claude Abric, sendo complementada por Pascal Moliner e Claude Flament, os quais dizem que as representações sociais se estruturam a partir de dois subsistemas<sup>19</sup>: um central e outro periférico, que cumprem papéis específicos e complementares.

Abric (1994) defende que uma representação social deve ser definida a partir de seus conteúdos (que são as informações e atitudes), e também por sua estrutura interna (que ele chama de campo de representação), organizando de forma hierárquica os elementos que a constitui. O núcleo central passa ser um elemento importante de todas as representações sociais, pois “[...] permite encontrar diretamente sua origem nos valores que o perpassam” (MAGALHÃES, MAIA, ALVES-MAZZOTTI, 2009, p. 17). De acordo com Moreira e Oliveira (1998), buscar o núcleo central se torna importante para que se possa compreender as concepções, ideias e visões de mundo que os indivíduos possuem sobre a realidade, e também para que se possa compreender como eles estabelecem suas relações por meio das representações.

Almeida (2009) apresenta a tese de Abric, a qual sustenta a hipótese de que toda representação social está organizada em torno de um núcleo central e de um sistema periférico, desenho estrutural da representação que proporciona as condições para que seu núcleo central se relacione de forma direta com a memória coletiva, lugar

---

<sup>19</sup> São somente Moliner e Flament que utilizam a terminologia de subsistemas.

onde se organiza a significação, a consistência e a permanência da representação, sendo, portanto, estável e resistente às mudanças; o sistema periférico permite a adaptação à realidade e proteção ao núcleo central.

Em seus estudos, Abric procurou enfatizar a dimensão cognitivo-estrutural das representações sociais, tomando como referencial a ideia estabelecida pela “abordagem estrutural”, marcada pelo princípio de que uma representação social é uma organização, é uma estrutura que é atravessada por diversas dimensões (ABRIC, 1998).

Os estudos de Campos e Roquette (2003, p. 436) apontam que ao se focar a dimensão afetiva na abordagem estrutural ela não se constitui “[...] em uma estrutura paralela, nem em uma subestrutura secundária: conforme as diferentes situações, a representação é ativada de modo mais normativo ou funcional; podem ser ativados elementos mais, ou menos, carregados afetivamente”.

A perspectiva estruturalista compreende que se deve retomar a dimensão afetiva, pois ela se faz importante na medida em que possui influência, organiza ou então determina cognições e comportamentos; ou seja, para que algo agrade, torna-se necessário uma avaliação desse objeto de representação, da ativação do domínio cognitivo. Numa perspectiva um pouco mais restrita, Abric (1998) diz que:

Parece que, sob a luz dos resultados obtidos, de um lado, os elementos avaliativos de uma representação social constituem a estrutura subjacente de uma atitude relativa a um dado objeto; de outro lado, é somente quando as influências contra-atitudeis atingem um elemento central de uma dada representação (Ex.: a empresa ou os estudos) que elas podem provocar uma mudança de atitude (p. 37).

Na abordagem estrutural proposta por Abric encontramos o núcleo central e o sistema periférico. Para o autor, o núcleo central das representações é o elemento gerador de seu significado, pois ele determina sua organização e estabilização. Portanto, pode-se afirmar que representações sociais diferentes possuem núcleos centrais também diferentes.

Apoiados nas leituras de Flament, Magalhães, Maia, Alves-Mazzoti (2009), Abric afirma que a característica do núcleo central ser duro remete à ideia de que ele será sempre resistente a mudanças e sua proteção será feita pelos elementos que compõem o sistema periférico, que são mais permeáveis do que a diferença de conteúdo e a

adaptação à realidade concreta. Assim é, “[...] através da periferia que as representações aparecem no cotidiano e é por meio da relação dialética que estabelece com o núcleo central que este pode ser compreendido. Uma transformação do núcleo central tem sempre início na periferia” (p. 17).

Abric (1998) fala que o núcleo central se refere à memória coletiva do grupo e que ela é consensual, estável, rígida, resistente a mudanças e possui pouca acessibilidade ao contexto atual, sendo esse núcleo determinado pela natureza do objeto. O autor parte da teoria de que o núcleo central se articula em torno da hipótese e que “[...] toda representação se organiza em torno de um núcleo central”. Esse núcleo passa a ser o elemento fundamental para a representação, pois é ele quem vai determinar a sua significação e sua organização, ao mesmo tempo (p. 162). Para ele, é o núcleo central que assegura duas funções essenciais nesse processo:

Uma função geradora é o elemento pelo qual se cria ou se transforma a significação dos outros elementos constitutivos da representação. É aquilo por meio do qual esses elementos ganham um sentido, uma valência;

Uma função organizadora: é o núcleo central que determina a natureza dos vínculos que unem entre si os elementos da representação. É, neste sentido, o elemento unificador e estabilizador da representação.

Podemos apontar, então, que é o núcleo central quem determina a natureza dos elos, ao mesmo tempo em que une os elementos da representação, fazendo dele o elemento unificador e estabilizador das representações. Sá (1996) afirma que o núcleo central, em função de sua ligação com as condições históricas, ideológicas e sociológicas dos objetos representados e partilhados pelo grupo social, torna-se consensual, o que colabora de forma decisiva para a homogeneidade do grupo. Ainda, segundo Sá,

[...] o núcleo central, por mais importante que seja seu papel na definição do significado de uma representação social e na organização dos seus demais elementos, chamados “periféricos”, não esgota o conteúdo a as formas de funcionamento da representação na vida cotidiana (1996, p. 72).

O sistema periférico vai permitir a integração de experiências e histórias individuais, e ainda tolera as diferenças do grupo. Ele é flexível, sensível e aceita mudanças imediatas. Ele se constitui como um complemento complementar ao núcleo

central, pois contextualiza e também atualiza sempre as determinações normativas, permitindo que haja diferenciação em função das experiências cotidianas nas quais os indivíduos estão imersos em seus grupos. Para Lindoso (2011, p. 52), “[...] os elementos do sistema periférico proveem da interface entre a realidade concreta e o sistema central”. Abric (1998, p. 31) diz que “[...] eles constituem o essencial do conteúdo da representação: seus componentes mais acessíveis, mais vivos e mais concretos”.

O sistema periférico tem três funções as quais devem responder à concretização, regulação e defesa. A primeira vai permitir que se formule a representação em termos objetivos (concreto) e que sejam assimiláveis e compreensíveis. A segunda garante a estabilidade do núcleo central em relação à função de defesa. A terceira é o próprio sistema de defesa do núcleo central. Podemos dizer que o papel do sistema periférico nesse processo é essencial, pois como um componente das representações e ligado ao sistema central, ele vai permitir a ancoragem da realidade.

De forma sucinta, Abric (1998) diz que a primeira contribuição para pesquisas que usam essa abordagem acontece devido aos comportamentos individuais ou de grupo determinados por representações que são constituídas em meio à situação e aos elementos que o perfazem. Para o autor, a utilização da abordagem experimental em pesquisas pode trazer algumas respostas ao pesquisador que, embora fundamentais, também podem ser limitadas. Para ele, “[...] é no campo que se elaboram, se vivem, e se transformam as representações sociais” (p. 169).

A seguir apresentamos o quadro proposto por Abric que caracteriza o que é núcleo central e sistema periférico a partir da representação social.

Quadro 2 - Características do núcleo central e sistema periférico de uma representação

NÚCLEO CENTRAL	SISTEMA PERIFÉRICO
Ligado à memória coletiva e à história do grupo	
Consensual: define a homogeneidade do grupo	Permite a integração das experiências e histórias individuais
Estável	Suporta a heterogeneidade do grupo
Coerente	Flexível
Rígido	Suporta as contradições
Resistente à mudança	Evolutivo
Pouco sensível ao contexto imediato	Sensível ao contexto imediato
Funções	Permite adaptação à realidade concreta
Gera a significação da representação	Permite a diferenciação do conteúdo
Determina sua organização	Protege o núcleo central

Fonte: Quadro apresentado por: ABRIC, Jean-Claude. Abordagem estrutural das representações sociais. Desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, S.P.H.F.; LOUREIRO, M.C.S. **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: UCG, 1998, p.34.

Procuramos traçar o panorama das representações sociais com o intuito de compreender o processo de construção do conhecimento em meio à apropriação de certa corrente teórica em relação ao objeto pesquisado. Nesse sentido, esse objeto pode ser olhado de diversos modos. Para Jodelet, por exemplo, a representação social é uma forma de conhecimento socialmente elaborado e partilhado, a partir de uma visão prática, do real do cotidiano e que é assumido pela comunidade. Para Doise, as representações sociais são sempre tomadas de posições simbólicas organizadas de maneiras diferentes. Abric trabalha as representações a partir da teoria do núcleo central, pois para uma representação ter estabilidade, ela precisa de estrutura para mantê-la. Ela possui um núcleo central (é a substância da coisa) que é protegida pelo sistema periférico (aquilo que parece, mas não é; ele se aproxima das opiniões).

No capítulo que trata das trilhas metodológicas apresentamos os caminhos orientadores dessa pesquisa, apresentando as bases teóricas que lançamos mão para seu desenvolvimento, e de que forma utilizamos a análise do discurso como ferramenta.

## **2. A CONSTRUÇÃO DAS TRILHAS METODOLÓGICAS**

---

---

Discorrer acerca do processo metodológico da presente pesquisa é apontar quais foram as trilhas que orientaram seu desenvolvimento. Para que pudéssemos pensar no instrumento inicial de coleta foi necessária sua verificação para identificar indícios que levassem a pistas que fossem, de certo modo, menos suscetíveis a desacertos. Dessa maneira, o presente capítulo objetiva apresentar as trilhas que orientaram o desenvolvimento da pesquisa e a forma como a produção científica do conhecimento foi configurada como prática produzida historicamente, possuindo sua estrutura assentada no estabelecimento de relações que envolvam a pesquisadora e seu objeto de estudo.

Para Ludke e André (1986, p. 1), a condição necessária para se viabilizar um projeto de pesquisa é “[...] promover o confronto entre os dados, as evidências, as informações coletadas sobre determinado assunto e o conhecimento teórico acumulado a respeito dele”. As autoras entendem que a representação social instituída no imaginário de parte dos pesquisadores do campo social remete ao sentido de que pesquisar significa procurar respostas para inquietações e indagações propostas pelo pesquisador, as quais emergem da realidade social. Foi o que procuramos fazer ao longo dessa investigação, tendo claro que mesmo se evitando os desacertos na busca da apreensão do conhecimento em atendimento aos objetivos propostos, eles, de certo modo, tangenciam as ações de coleta, tratamento e confronto dos dados.



## 2.1 A análise do discurso como aporte metodológico no campo das representações sociais

---

---

É mister iniciar essa seção lembrando que quando se trabalha com representação social não se pode esquecer que é no discurso dos atores sociais que ela se materializa. Portanto, buscar os sentidos de uma representação social requer um mergulho do pesquisador nos discursos dos sujeitos, de modo a extrair suas expectativas e anseios, suas certezas, e por que não dizer suas dúvidas em relação ao objeto estudado, pois, é por meio da análise do discurso que a língua encontra seu verdadeiro sentido simbólico, e é nesse simbólico que se encontram as representações sociais do grupo (ORLANDI, 2005).

As representações sociais são produzidas pelos sujeitos nas interações que tecem com outros sujeitos de seu grupo no processo de construção de seu cotidiano. Considerando que as representações são aspectos simbólicos elaborados com o objetivo de transformar algo não familiar a um grupo social em algo familiar, e que esse processo se manifesta por meio dos discursos dos sujeitos do grupo, é possível justificar por si só a utilização da análise do discurso como técnica para fazer emergir os sentidos das representações sociais instituídas nos discursos das atoras sociais envolvidas com a pesquisa.

A opção por lançar mão da análise do discurso (AD) como técnica de interpretação dos sentidos dos discursos se justifica pela própria fala de uma das mais importantes representantes da área, Eni Orlandi (1996, p. 12), que afirma ser “[...] pelo discurso que melhor se compreende a relação entre linguagem/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação”. Ora, as representações sociais também são elaboradas a partir do mesmo princípio, qual seja, as relações estabelecidas pelo homem com algo de seu cotidiano que não lhe é familiar. Assim, na própria relação com o mundo ele elabora um sentido que torne familiar aquilo que não é familiar.

Para tanto, é necessário manter a atenção à fala e à ação das atoras, observa Chizzotti (2000), colocando-se numa escuta ativa, atentando às comunicações verbais e atitudinais em relação a elas, prestando atenção em seus gestos, olhares, silêncios, hesitações e entonações.

Naquele período ela se constituiu em espaço de relações entre três domínios preliminares: o marxismo, a linguística e a psicanálise, considerados como momento de ruptura com o século XIX.

A linguística se constitui pela afirmação da não transparência da própria linguagem e possui como objeto próprio a língua. “Esta afirmação é fundamental para a análise do discurso, que procura mostrar que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, não é uma relação direta que se faz termo-a-termo, isto é, não se passa diretamente de um ao outro” (ORLANDI, 2005, p. 19).

Tomando-se como referência a ideia de que os estudos discursivos são o conjunto existente entre a língua e a história e que em função de sua relação produzem sentidos ao trabalharem de forma material, portanto, não abstrata, visto ser essa a forma como se produzem os sentidos na história, eles não separam a forma e o conteúdo, mas buscam a compreensão da língua como um acontecimento, condição que leva a autora dizer que “[...] reunindo estrutura e acontecimento a forma material é vista como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história” (p. 19).

Ainda sobre a criação da técnica da análise do discurso, Queiroz (2011, p.1) diz que, para sua criação,

Pêcheux (1993) realiza rupturas com as pesquisas estruturalistas que via a língua apenas como um veículo para a comunicação, limitada em si mesma e busca analisá-la a partir de aspectos que vão além do ato comunicativo, ou seja, aprofunda-se nos aspectos extralingüísticos do discurso a fim de chegar à construção de sentidos do contexto social, histórico e ideológico no qual um determinado enunciado está inserido. Isso implica dizer que a língua é tomada como produto da interação entre os falantes, é um veículo de interação com o mundo e tem o propósito de ocultar questões ideológicas materializadas na linguagem.

O discurso possui como característica a perspectiva de intervenção; é uma ação transformadora que busca quase sempre combater o “excesso de formalismo” na linguística e que se constitui por três ramos do conhecimento: 1. A teoria da sintaxe e

da enunciação; 2. A teoria da ideologia, 3. A teoria do discurso, a determinação histórica dos processos de significação (ORLANDI, 2005).

Para Orlandi, o estudo da linguística concentra sua atenção na língua como um sistema de signos, ou seja, ela contém um significante, ela é símbolo de algo, sendo que ele (a linguística) é que introduz a análise do discurso. “Pois é justamente pensando que há muitas maneiras de se significar que os estudiosos começaram a se interessar pela linguagem de uma maneira particular que é a que deu origem à Análise do Discurso” (2005, p. 15). Ela concebe então a linguagem como mediação que se faz necessária entre o homem e a realidade social. Para Foucault, essa “mediação” identificada como discurso nada mais é que “[...] um conjunto de enunciados que se apóia na mesma formação discursiva; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 1995, p. 135). O autor ainda afirma que o discurso é o,

[...] caminho de uma contradição a outra: Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que estas desempenham; é manifestar como pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência (2005, p.171).

Retornando ao pensamento de Orlandi (1996) é possível afirmar que o princípio da análise do discurso remete à ideia de serem os sentidos dos discursos não postos e que as palavras proferidas pelos indivíduos não possuem um único sentido, ou seja, a exposição de uma mesma materialidade linguística pode gerar diversos sentidos. Para Lemmertz (2004, p. 2), “[...] as marcas linguísticas são pistas para o analista do discurso, a relação entre as marcas e o que elas significam é tão indireta quanto é indireta a relação do texto com as suas condições de produção”. É por intermédio da linguagem que se tem acesso aos discursos, em consequência, ao discurso do sujeito/atoras.

Para Fernandes (2005, p. 24), o discurso está na exterioridade, pois “[...] no seio da vida social, o analista/estudioso necessita romper as estruturas linguísticas para chegar a ele. É preciso sair do especificamente linguístico, dirigir-se a outros espaços, para procurar descobrir, descortinar, o que está entre a língua e a fala”. Já Maingueneau (2005, p. 15) afirma que “[...] o discurso é uma dispersão de textos cujo

modo de inscrição histórica permite definir como um espaço de regularidades enunciativas”.

Foucault aponta que os discursos que permeiam as sociedades são discursos controlados e neles estão marcadas formas de poder e repressão. O filósofo entende que a construção dos discursos é sempre controlada socialmente, e esclarece: “[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes, dominar seu conhecimento aleatório [...]” (1995, p. 8-9). Enfim, para ele, o discurso é um conjunto de enunciados que se baseia na mesma formação discursiva.

Orlandi entende que conceitualmente, a noção de discurso “[...] distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem” (2005, p. 20). Nesse sentido, é bom lembrar que o discurso deve propiciar convicções comuns, evitando a constituição de qualquer forma de relação orientada pela ideia de dominação. Para tanto, torna-se necessário que o próprio discurso não porte nenhuma identificação de natureza ideológica, o que entende ser praticamente impossível.

Outro aspecto que deve ser garantido ao trabalhar com análise do discurso, remete à necessidade de se evitar o tratamento do discurso como local de batalhas no qual, em função de disputas, ele, o discurso, possa ser configurado não como um campo de vitória/ganho ou derrota/perdas, mas, sim, como campo de entendimento. Enfim, o discurso tem que ser capaz de realizar uma troca compartilhada, na qual os sujeitos, mesmo que não concordando, devem entender o posicionamento do outro e, mesmo assim, não abrir mão de seu posicionamento.

Pêcheux (1988) ressalta a impossibilidade da existência de um discurso sem sujeito e, muito menos, de um sujeito sem ideologia. Isto se dá porque é na ideologia que os sujeitos se constituem. Essa compreensão fica explícita também na fala de Orlandi quando ela diz que “[...] o sujeito, para se constituir e para (se) produzir sentidos, é afetado pela língua e pela história, pois ele só tem acesso a uma parte do que diz, caso contrário, se não se submetesse à língua e à história, não falaria nem, no entanto, produziria sentidos”. Os sujeitos, então, se (co)relacionam com a própria

história, com os sentidos, na memória, com a ideologia, e isto produz por meio da língua o “dizer” (2005, p. 48-49).

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos dizer que é na análise do discurso que se configuram os enunciados que serão analisados, pois é pela linguagem que cada indivíduo apresenta sua história, e esta história se constitui por meio dos caminhos trilhados que darão os sentidos ao corpo.

Segundo Orlandi (2005, p. 60), a interpretação dos sentidos de um discurso pode aparecer em dois momentos no processo da análise: “1. em um primeiro momento, é preciso considerar que a interpretação faz parte do objeto da análise [...], 2. em um segundo momento, é preciso compreender que não há descrição sem interpretação [...]”. Dessa maneira, para a autora, não existe possibilidade de pensar um discurso de forma fechada nele mesmo, mas o que existe é um processo discursivo no qual se pode recortar e analisar estados diferentes no próprio discurso.

Para a realização da análise discursiva devemos também avaliar a capacidade do pesquisador, que necessita de certa habilidade teórica e prática para poder interpretar os dados dos discursos a serem analisados. Quando se realiza a análise de um discurso busca-se “interpretá-lo”, o que, para Orlandi, é uma prática sempre presente em toda forma de linguagem. Para ela, “não há sentido sem interpretação” (1996, p. 9). Por isso, é importante estarmos atento aos sentidos produzidos pelos discursos, pois eles não se fecham e não são evidentes, embora, na maioria das vezes, pareçam ser.

Outro elemento que não deve ser esquecido quando da análise do discurso, como aponta Orlandi refere-se à consideração de que o “dizer é aberto” e produzido por cada sujeito, ou seja, é um dizer que não tem final. Para a autora, esse dizer é somente “pura ilusão”, pois alguém pode acreditar que produziu a “última palavra ou palavra final” sobre qualquer coisa. Da mesma forma, pensar, “o dizer” é refletir sobre o fato de que ele também não possui um começo claro ou mesmo verificável, pois seu sentido estará em constante processo (1996, p. 11).

A análise do discurso utiliza a linguagem como prática, pois ela se interessa pela mediação e pelo trabalho simbólico. A fala é uma “[...] ação que transforma, que constitui identidades”, pois ao falar e ao significar, o indivíduo se significa (ORLANDI,

1996, p. 28). Conforme lembra Orlandi, quando se fala, se posiciona e quando se afirma algo, tem-se a determinação histórica dos sentidos produzidos pelo discurso. É claro que não se fala pensando no processo histórico (com a cronologia). Mas o falar (discursar) possui sentidos que são produzidos e que deverão circular na sociedade entre os indivíduos.

Ao se utilizar a palavra discurso corrobora-se com os apontamentos de Sargentini (2009) quando diz que todo discurso é realizado na tentativa de estabelecimento da distinção entre significado e sentido, pois, o significado é sustentado pela crença de que as palavras são “convenções tácitas” do falante, e o sentido vai se apoiar na crença de que a construção linguística quer dar um caráter que seja universal ao significado. Corroborando com Godim e Fisher (2009, p. 10), “[...] um mesmo significado se manifesta em sentidos circunscritos a produções discursivas oriundas de inserções no mundo social”.

Orlandi (2005, p.15) aponta que, etimologicamente, a palavra discurso remete a movimento, ou seja, o discurso é assim “[...] palavra em movimento, prática de linguagem”, nela busca-se entender a língua fazendo sentido (práticas discursivas). Pode-se dizer que ao fazer a análise do discurso, se busca “[...] analisar a língua do mundo, considerando a produção de sentidos, enquanto parte da vida do homem; considera os processos e as condições de produção da linguagem”

Sob essa perspectiva, para apresentar a interpretação dos discursos (os sentidos) coletados junto às atoras sociais, adotamos o seu discurso como objeto e o texto produzido como unidade, pois ao se utilizar dessa técnica objetivamos analisar as perspectivas de seu plano discursivo, e como ele se constrói em meio às relações sociais construídas pelas atoras. Dessa maneira, estamos buscando a materialidade do discurso das mestrandas sobre o corpo face à concepção de mundo que as cerca. Sobre esse aspecto Rizzuti (1999, p. 56) aponta que a:

[...] análise de discurso vai além da superfície discursiva ou das formas de funcionamento da língua, trabalhando com questões enunciativas mais profundas. Seu principal contraponto com a linguística está na "historicidade discursiva", ou seja, o analista do discurso deve questionar os processos de produção que estão implícitos no discurso analisado, identificando que o sujeito fala de determinado lugar social e, portanto, possui interesses individuais e coletivos.

Na mesma acepção utilizada por Carrieri *et al* (2006, p. 2), utilizamos a análise do discurso como técnica, pois ela se torna útil para a análise dos “[...] processos ou fenômenos sociais que fogem à compreensão das técnicas tradicionais de pesquisa. [...] por possibilitar a apreensão das formas de produção do discurso e da sua relação com as estruturas materiais e sociais que as elaboram”.

Dessa maneira, a análise do discurso coloca em evidência a relação existente entre as atoras entrevistadas, como produtoras de discursos. Seu contexto sócio-histórico e cultural permitirá que se compreenda em profundidade a realidade social em que vivem, manifesta pela formação discursiva, ou seja, por meio de seus discursos individuais.

Essa proposição permite que não se pense que o discurso seja o único elemento que traz à tona a realidade social das atoras, pois, para Foucault (1996, p. 138), “falar é exercer um poder, falar é arriscar seu poder, falar é arriscar conseguir ou perder tudo [...]”. Sendo assim, essas atoras sociais não produzem discursos neutros, mas sim, elas são sua própria construção histórica do meio a qual estão inseridas.

Spink (1995, p. 93) diz que “[...] sendo produto social, o conhecimento tem de ser revertido às condições sociais que o engendraram, não podendo ser apenas entendido no nível individual”. Por isso é de suma importância considerar o contexto social do qual fazem parte as atoras.

Uma saber prático passa a ser caracterizado como uma representação social quando torna familiar ao grupo social uma “coisa” que não lhe era familiar. Esse deslocamento de sentidos faz com que a “coisa” seja compartilhada por todos os atores sociais do grupo. É importante salientarmos que os sentidos referentes à “coisa” são sínteses das produções coletivas de atividades cognitivas e simbólicas dos grupos sociais, sendo que sua objetivação é a própria materialização da funcionalidade social que a representação social da “coisa” passa a incorporar.

Em função do discurso portar, simbólica, explícita ou implicitamente, o sentido da representação de um objeto que está instituído no imaginário de um grupo social, é condição determinante que consigamos fazer emergir o significado da representação no momento da interpretação de seu sentido, na qual lançamos mão de uma base de

conhecimentos que remete aos campos da sociologia, psicologia, antropologia e educação.

Considerando que a materialização das representações sociais se faz de forma simbólica por meio dos discursos é que a teoria das representações sociais se utiliza de princípios teórico-metodológicos da análise o discurso como ferramenta para fazer emergir os sentidos das representações. Sendo assim, ao se realizar a análise do discurso, considerando que a linguagem não é algo transparente, é necessário “atravessá-la”, para então encontrar o sentido posto do outro lado dos discursos apresentados. Barbosa (2001) diz que “[...] ninguém escuta num discurso o que quer, do jeito que quer e para qualquer um. Tanto quanto a formulação e emissão do discurso, a escuta e a compreensão do discurso também são reguladas”.

Outro ponto necessário a apresentar é que, na análise do discurso, trabalha-se com as propriedades discursivas, ou seja, “[...] com as formas materiais que reúnem forma e conteúdo” (ORLANDI, 2005, p. 90). Dessa maneira, o que interessa ao pesquisador no momento da análise é como as marcas formais aparecem no texto, permitindo assim se chegar às propriedades discursivas. Então o conteúdo que contém no discurso vai permitir a compreensão de como o “[...] objeto simbólico produz sentidos”.

É importante também ressaltar que na análise do discurso não se atravessa o texto a fim de se extrair dele um conteúdo, mas sim, utiliza-se de sua materialidade discursiva para “[...] compreender como os sentidos – e os sujeitos – neles se constituem, interlocutores, com efeitos de sentidos filiados as redes de significação”. Então, na análise do discurso se trabalha com “[...] os processos de constituição (dos sujeitos e dos sentidos)” (ORLANDI, 2005, p. 91).

O ponto de partida para a realização das análises é buscar a compreensão do objeto como produtor de sentidos. É definir o trajeto temático, conforme defende Jean-Jacques Guilhaumou, que diz respeito aos discursos produzidos que sejam representativos. Pois, esse discurso não é desconectado da realidade das atoras sociais; ele porta em si seus próprios “recursos interpretativos”, pois “tudo se encontra nele: as complementaridades e as contradições” (GODIM E FISHER, 2009, p. 13).



Então, é a partir do objeto discursivo que se inicia a análise, na qual se procura relacionar as diferentes formações discursivas com a formação ideológica que vai reger as relações. Nesse momento, começam a ser formulados os processos discursivos que serão responsáveis pelos “[...] efeitos de sentidos produzidos naquele material simbólico” (ORLANDI, 2005, p. 78). Assim, a escolha da análise do discurso se deu por ser um instrumento que nos possibilita entender os princípios e procedimentos analíticos para fazer os discursos emergirem.

## **2.2 A estruturação do percurso investigativo**

Após a explanação teórica da análise de discurso, escolhida para essa investigação, torna-se necessário apresentar como a estruturação do percurso investigativo foi delineada. A metodologia para essa investigação tomou como referencial o próprio objeto de estudo e a matriz teórica adotada, sendo de caráter exploratório e de natureza qualitativa.

Consideramos que o objeto de estudo, nesse caso, o corpo, deveria ser focado por uma lente que propiciasse desenhos singulares daqueles que até o presente momento haviam sido produzidos sobre ele. Seguindo essa diretriz e pensando na realidade histórico-social a partir da qual se dá a construção da existência da mulher paranaense envolvida com o mundo acadêmico é que se optou por entender como essa mulher lança olhares sobre seu corpo. Contudo, cabe elucidar que a pesquisa não se orienta pelos princípios dos estudos de gênero, mas apenas tomou essas mulheres como referencial na medida em que seu discurso pode propiciar aproximação singular com o objeto.

Ao longo do desenvolvimento do processo de pesquisa, focalizamos o olhar sobre a maneira como as atoras sociais produzem sua realidade social, uma vez que essa é uma das condições determinantes objetivas necessárias à compreensão dos sentidos das representações sociais de corpo que estão instituídas em seus

imaginários. Esse aspecto é significativo para a pesquisa na medida em que os corpos são “[...] educados por toda uma realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados pelos atos de conhecimento”, conforme aponta Soares (2007, p. 185).

Em relação à teoria das representações sociais, ela foi útil na medida em que proporcionou as condições teóricas básicas para que compreendêssemos o objeto de pesquisa, tomando como referencial as relações estabelecidas entre o fenômeno perceptivo que está constituído. Elegendo essa relação como norteadora de suas práticas procuramos compreender como as atoras sociais produzem seus conhecimentos sobre os fenômenos, coisas ou acontecimentos que lhes são desconhecidos, que não fazem parte de seu patrimônio de conhecimentos já incorporados por intermédio de suas práticas sociais. Esses aspectos permitem observar o acontecimento focalizado na pesquisa em seu meio de produção e circulação, o que propicia melhores condições para a elaboração da(s) resposta(s) às questões particulares.

Chizotti (1995) lembra que um dos princípios marcantes da pesquisa exploratória é ser orientada por uma espécie de necessidade voltada ao ato de provocar o esclarecimento de uma situação com o objetivo de se concretizar uma tomada de consciência. Para Gonsalves (2007), a pesquisa exploratória se caracteriza por dar condições de esclarecer ideias, apresentando uma visão geral sobre o fenômeno estudado.

Na tentativa do afastamento de uma possível fragilização metodológica da pesquisa, a primeira providência que tomamos diz respeito ao processo de eleição das trilhas a serem percorridas no decorrer da pesquisa. O referencial utilizado para essa eleição tomou como base os princípios norteadores da pesquisa exploratória, que afirmam que a construção e finalização do método dar-se-ão no próprio processo de pesquisa. É bom ressaltarmos que esse princípio está delineado no marco teórico-metodológico dos estudos em representações sociais, considerados ferramentas adequadas e consistentes para a consecução dos objetivos propostos para essa investigação.

A partir do momento em que a natureza e a metodologia da pesquisa foram definidas, tomamos como preocupação as múltiplas realidades com que a pesquisadora se deparou ao longo do processo de delineamento investigativo. A preocupação se justifica na medida em que, ao optar por construir a metodologia da pesquisa percorrendo trilhas, assumimos os riscos de nos depararmos com acontecimentos, condições e situações com as quais ainda não conhecemos ou que, pelo menos, não nos são familiares, o que provavelmente colocaria a pesquisadora diante de situações-problema e questões que possivelmente poderiam produzir a (des)focalização da leitura do próprio objeto da pesquisa, afastando-a dos objetivos elencados.

Enfim, temos consciência de que a opção metodológica contém seus riscos na medida em que propõe percorrer trilhas desconhecidas que apresentam como suas bases de sustentação os conhecimentos referentes aos campos representacionais e imagéticos das mestrandas, ou seja, seu universo simbólico. Entretanto, o fator motivador da tomada do corpo como objeto da pesquisa está localizado no fato de entendermos que o corpo e suas manifestações é o objeto da intervenção profissional das atoras sociais quando exercem ou quando vierem a exercer sua profissão no campo da educação física, seja na Licenciatura ou no Bacharelado. Ao afirmar que o corpo e suas manifestações são o objeto de intervenção profissional apontamos para a relação direta existente entre a maneira como a representação de corpo está instituída no imaginário das atoras e suas tomadas de decisões no que diz respeito às orientações teórico-metodológicas norteadoras de suas práticas profissionais.

Outro aspecto que justifica a realização da pesquisa é o fato de que as atoras são professoras que atuam ou pretendem atuar com o campo de formação de professores de educação física, ou seja, exercer sua profissão no ensino superior. Assim, entendemos que seja determinante a identificação da representação de corpo para que se possa obter melhor compreensão das referências que elas usarão para tomar suas posições em relação às atribuições da profissão e do mundo.

Salientamos que a tomada de posição dar-se-á no campo das interações que envolvem os elementos simbólicos do universo humano, ou seja, como as atoras sociais se relacionam no cotidiano de sua vida com o corpo e seus significados em seu campo profissional. Esse modelo possui um poder simbólico que interfere na própria

definição do que deve ser assumido como comportamento social aceitável em relação ao corpo, bem como a instituição de processo de controle das práticas corporais com o objetivo de reger o comportamento dos corpos. Por fim, pode-se afirmar que a educação física, implícita ou explicitamente, tende a ratificar essa tipificação corporal que é modelada por interesses de grupos sociais dominantes.

A pesquisa apresenta como população mestradas dos Cursos de Pós-Graduação *Stricto-sensu* em educação física das Instituições de ensino superior (IES) públicas do Estado do Paraná. O grupo amostral é composto por 13 (treze) mestradas, eleitas de forma intencional/proposital, na medida em que somente participaram do processo de pesquisa as pós-graduandas que eram graduadas em educação física, por entendermos que sua formação profissional interferiria na maneira como elas fariam sua leitura do mundo e de suas coisas.

As mestradas participantes da pesquisa são oriundas dos dois únicos programas de Pós-Graduação *Stricto-sensu* no Estado do Paraná em educação física, sendo que um programa se encontra na cidade de Curitiba, na Universidade Federal do Paraná (UFPR), e o outro na cidade de Maringá, integrando a Universidade Estadual de Maringá (UEM) e a Universidade Estadual de Londrina (UEL). O início da primeira turma (mestrado) junto à UFPR deu-se em agosto de 2002.

O Programa de Pós-Graduação em educação física da UFPR possui mestrado e doutorado em educação física, encontrando-se vinculado ao setor de Ciências Biológicas. Quatro linhas de pesquisa o integram atualmente, sendo: Atividade física e saúde; Comportamento motor; Fisiologia de performance; e História e Sociologia do esporte.

O Programa de Pós-Graduação Associado em educação física (mestrado e doutorado) da UEM e da UEL foi o primeiro Programa de Pós-graduação em educação física associado no país. Conta atualmente com duas áreas de concentração e cinco linhas de pesquisa. A área Desempenho humano e Atividade física conta com três linhas de pesquisa: Atividade física relacionada à saúde; Fatores psicossociais e motores relacionados ao desempenho humano; e Ajustes e respostas fisiológicas e metabólicas ao exercício físico. A área de Práticas sociais em educação física congrega

duas linhas de pesquisa: Trabalho e formação em educação física, e Práticas políticas e produção de conhecimento em educação física.

Considerando que as representações sociais se manifestam por meio dos discursos produzidos por atores sociais, optamos por fazer uso dos princípios teórico-metodológicos da análise do discurso. Os discursos que lançamos mão para o desenvolvimento da pesquisa foram eleitos porque consideramos que representam o universo discursivo das atoras sociais envolvidas com o processo, sem esquecer que cada discurso porta uma singularidade única. Também vale ressaltar que é nesse momento que procuramos identificar os indícios para se chegar às pistas que deram validade ao instrumento e fidedignidade aos dados coletados.

Em relação à interpretação dos discursos, inicialmente elegemos aqueles que apresentaram pontos comuns sobre o objeto da pesquisa e também alguns pontos não comuns que emergiram nas falas. Porém, essa escolha tomou como base os dados que foram considerados relevantes na estrutura discursiva. Para tal, lançamos mão da fala de Orlandi (1996, p. 19) ao ratificar esse encaminhamento: “A interpretação é o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é “materializada” pela história”.

Durante o processo das entrevistas na tentativa de desvendar os sentidos e significados que envolvem o corpo, focalizamos os discursos produzidos pelas mestrandas como fruto de suas representações sobre a temática levantada. Assim, pode-se dizer que, de acordo com Doise (2001), em seus discursos aparecerão inserções muito específicas das representações, que fazem parte de um conjunto de relações sociais organizados via processos simbólicos de suas próprias relações.

Utilizamos a técnica de entrevista semi-estruturada<sup>20</sup> fazendo uso de gravador digital e diário de campo. Ao pensarmos na instrumentalização própria do processo de coleta de dados, vale ressaltar a fala de Pires (2000, p. 50) ao apontar que o processo de coleta não necessita ser encarado como prática, pois as informações da pesquisa

---

<sup>20</sup> A entrevista semi-estruturada se baseia em uma ou poucas questões que servem como guia, e tem como características o fato de serem perguntas abertas. Ela permite flexibilização para o pesquisador introduzir outras questões que surjam diante do que acontece no processo (a entrevista), pois de acordo com os discursos dos entrevistados, é possível o aprofundamento em relação às informações que se deseja obter. A recomendação para seu uso é quando se tem definido de forma clara os meios de análise das informações obtidas durante a entrevista.

podem ser visualizadas de modo cumulativo e horizontalizado, cujas análises e interpretações decorrerão da mensuração feita pelo pesquisador a partir de repetições.

As entrevistas realizadas com as atoras sociais foram feitas com gravador digital, sendo as conversas registradas para facilitar o tratamento dos dados. Um diário de campo fez parte do processo, pois serviu para registrar observações feitas pela pesquisadora em relação a sensações e expressões que não poderiam ser captadas pelo gravador digital. Por fim, é bom ressaltar que os dados coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas proporcionaram à pesquisadora a relação de familiaridade com a temática estudada e construída ao longo do próprio processo.

Outro aspecto a ser destacado sobre a entrevista semi-estruturada remete à ideia de considerá-la como conversa orientada, pois se inicia com uma estrutura fundante previamente constituída, ou seja, há um roteiro estabelecido ou pré-estabelecido. Isso porque, a técnica permite realizar a coleta a partir da construção de um processo de interação social com as atoras sociais envolvidas com a pesquisa, o que tende a propiciar a qualidade dos dados.

Nesse modelo de pesquisa, as atoras sociais não sofrem nenhum tipo de restrição à sua fala, ou seja, podem discursar livremente sobre a temática focada. Outro aspecto valorativo da técnica remete ao fato dela permitir e favorecer que as mestrandas elaborarem seus discursos a partir de seu patrimônio de conhecimentos acerca da temática norteadora da entrevista. Vale lembrar que a técnica também está vinculada às coisas da memória e o fato de ser desenvolvida sem uma ordem fixa/cristalizada exige muito, tanto da pesquisadora quanto das atoras, situação que requer, por parte da pesquisadora, muita atenção ao processo para que não haja perda no foco da entrevista.

Convém ressaltar que não há padronização do processo de coleta/entrevista, mas, pelo contrário, a própria natureza do trabalho torna cada pesquisa única e singular, o que faz com que a pesquisadora passe todo o processo de registro das falas atenta ao refinamento das entrevistas ao longo do processo. A vantagem do instrumento utilizado está no acesso que ele possibilita à riqueza informativa que se encontra silenciada no imaginário das estudantes, a qual se materializa a partir dos esclarecimentos que a pesquisadora solicita a elas sobre alguns pontos de seu

discurso. Esse instrumento pode gerar, logo na fase inicial das entrevistas, pontos de vista, hipóteses e orientações que possibilitem à pesquisadora se aprofundar nas entrevistas por intermédio da questão deflagradora do estudo, podendo até mesmo possibilitar a criação de novas estratégias.

Outro aspecto que não se pode relegar ao esquecimento está vinculado ao alto nível de significância que os dados obtidos com esse instrumento de coleta portam. O fator que produz essa característica é que os discursos são registrados de uma maneira quase informal, fazendo com que as atoras sociais envolvidas com o processo se sintam mais próximas da pesquisadora para explicitarem suas posições e compreensões sobre o objeto, sempre de forma relacionada à sua realidade. Entretanto, é evidente que a pesquisadora é, em muitos casos, ainda uma estranha para a pesquisada, o que pode fazer com que algumas pós-graduandas sintam-se um pouco inibidas. Contudo, o olhar que lançam sobre o corpo será elaborado tomando como referencial sua própria realidade, garantindo, assim, a fidedignidade dos próprios dados.

Para a realização das entrevistas foi combinado um encontro com as atoras sociais no qual seriam definidos, a partir de sua disponibilidade<sup>21</sup>, o dia, horário e local para a realização da entrevista. Esse procedimento foi considerado importante na medida em que as atoras sociais, ao determinarem as condições para a realização das entrevistas, tiveram tranquilidade para um envolvimento pleno, reduzindo as possibilidades de interferência externa durante sua consecução.

Não podemos esquecer que essa técnica de coleta de dados também permitiu à pesquisadora a liberdade de ação e intervenção no que diz respeito ao encaminhamento orientado da entrevista com o objetivo de garantir um processo de coleta sólido, bem como a construção de uma interação densa com as atoras. Por essas características, também consideramos que a técnica é um instrumento favorável à entrevistadora para que oriente a conversa no sentido de criar as condições que qualificariam melhor suas respostas. Esse ponto foi relevante no momento da interpretação dos sentidos das falas, na medida em que pudemos explorar de forma

---

<sup>21</sup> As conversas realizadas com as atoras aconteceram de forma individual, embora pudessem ter ocorrido também em grupos, pois, o que se deseja é realmente extrair suas representações.

flexível e radical aqueles aspectos dos discursos que foram considerados relevantes à pesquisa.

Para podermos fazer emergir as representações sociais, adotamos como pergunta deflagradora do processo de entrevistas com o objetivo de registro dos discursos das atoras envolvidas a seguinte questão: O que é corpo para você? A opção pelo uso da pergunta deflagradora deu-se porque ela colocou a entrevistada diante de uma questão global e aparentemente simples, ou seja, para respondê-la não seria necessária grande dose de aprofundamento de conhecimentos. Mas, contraditoriamente, é justamente esse aspecto da pergunta deflagradora que seduz, pois se entende que é com esse desenho simples que a entrevistada se sentiria tranquila para falar, tomando inicialmente como fonte/arquivo de informações sobre o objeto da pergunta seu banco de dados referente ao mundo do conhecimento reificado/científico.

No decorrer no período de refinamento do instrumento de coleta (entrevista semi-estruturada), ocorrido por meio de um estudo piloto<sup>22</sup> com três pós-graduandas, alguns aspectos surgiram com força simbólica nos discursos das atoras sociais, e que, por isso mesmo, foram considerados como relevantes à compreensão do objeto de estudo, levando-nos a incorporá-los no novo roteiro de entrevistas elaborado. Ressaltamos que mais relevante que os aspectos explicitados anteriormente é o fato da pergunta deflagradora criar algumas condições básicas ao estabelecimento de um “clima de conversa” garantidor de que o diálogo construído no decorrer da entrevista se

---

<sup>22</sup> A conduta processual no estudo-piloto foi constituída por duas fases: a primeira, identificada como pré-piloto, foi aquela na qual realizou-se o refinamento do instrumento (roteiro de entrevista) para registro dos discursos. Já na segunda fase aconteceu a aplicação do instrumento refinado, sendo que seu objetivo era a busca da fidedignidade dos dados coletados por meio dos discursos registrados. Portanto, foi nessa fase que o instrumento (roteiro de entrevistas) teve sua versão definitiva apresentada. Para o desenvolvimento dessa etapa da proposta de pesquisa, realizou-se inicialmente o mapeamento para definir as atoras sociais que participariam das duas fases do processo de construção do projeto piloto. O processo de produção do projeto piloto iniciou-se com a construção do roteiro primário de entrevista. De início, o instrumento foi estruturado com cinco questões referente ao corpo. Porém, depois da realização de discussões sobre sua formatação, optou-se por realizar os primeiros ensaios com apenas uma pergunta deflagradora: *Como você, profissional da educação física, pensa o corpo?* É importante lembrar que a principal característica desse tipo de roteiro é que ele permite que a entrevistada/conversa se dê a partir da construção de um processo interacional em que cada atora social envolvida sabe quem e qual papel vai cumprir no decorrer do processo. Outro dado significativo é que também torna a própria entrevista/conversa mais equânime e livre.



aproximará de um tom informal, coloquial e descontraído, permitindo o aflorar dos sentimentos, tanto vinculados ao senso comum, quanto ao conhecimento reificado de forma real. Garantir esse procedimento para o registro dos discursos foi condição para que pudéssemos efetuar o mergulho sistematizado e profundo no imaginário das atoras sociais.

Entendemos que a interpretação dos sentidos e dos conceitos que surgiram sobre o corpo, e que sustentam essa percepção oriunda dos discursos, seria a condição determinante para conseguirmos identificar o núcleo central e o sistema periférico da representação social de corpo instituída no imaginário das atoras sociais envolvidas com a pesquisa. Para tal, incluímos no roteiro os aspectos relevantes que identificamos como orientadores no roteiro de entrevista reelaborado:

- a) Corpo centro de reflexões dos anos 1980;
- b) Corpo no processo de formação acadêmica;
- c) Relação corpo/mídia/saúde;
- d) Percepção do corpo feminino;
- e) Relação corpo/desejo.

Ao utilizarmos a palavra discurso fazemos emergir os apontamentos de Sargentini (2011), em que todo discurso é realizado na tentativa de estabelecimento da distinção entre significado e sentido, pois, o significado é sustentado pela crença de que as palavras são “convenções tácitas” do falante, e o sentido vai se apoiar na crença de que a construção linguística quer dar um caráter que seja universal ao significado, conforme fica nítido na fala de Godim e Fisher (2009, p. 10): “Um mesmo significado se manifesta em sentidos circunscritos a produções discursivas oriundas de inserções no mundo social”.

Pelo explicitado acima, fica nítida a opção pela entrevista semi-estruturada não apenas como instrumento metodológico voltado à coleta de dados necessária ao desenvolvimento de uma pesquisa. Para a pesquisadora, ela vai muito além dessa compreensão, na medida em que possibilita o estabelecimento de uma efetiva interação com as atoras sociais, procedimento esse que proporcionará a elas um lugar para que possam expressar sua visão e posição em relação não somente ao objeto da pesquisa, mas, principalmente, às coisas relativas ao seu cotidiano e profissão,

consciente de que são mentoras da produção de seu discurso, afastando, assim, qualquer possibilidade de que ele seja assujeitado pela pesquisadora.

Nesse processo, realizamos o contato com os responsáveis pela coordenação dos Programas de Pós-Graduação em Educação Física no Paraná para que autorizassem a realização do contato com as estudantes que poderiam se envolver com a pesquisa. Vale ressaltar que quando as atoras sociais eram contatadas também recebiam todas as informações sobre o processo de pesquisa e as razões que levaram à sua escolha para colaborar em sua consecução. No momento das entrevistas, elas também tomavam ciência das questões relativas às normatizações dos procedimentos éticos que seriam tomados no sentido de resguardar sua identidade<sup>23</sup>.

O percurso metodológico adotado nos deu condição de conduzir o processo da pesquisa de forma confortável. Percalços ocorreram ao longo do caminho, porém, nada que pudesse desestruturar a pesquisa. Após o processo das entrevistas, o próximo passo foi a realização de sua escuta, cruzando esses dados com o diário de campo, instrumento construído a partir das percepções realizadas pela pesquisadora. Os desvelamentos dos discursos produzidos pelas mestrandas sobre corpo são apresentados no próximo capítulo.

---

<sup>23</sup> A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Maringá: CAE N° 0361.0.093.000-1, Parecer N° 522/2011.

### 3 OS DESVELAMENTOS DOS DISCURSOS

---

---

Um saber prático passa a ser caracterizado como uma representação social quando torna familiar ao grupo social uma “coisa” que não lhe era familiar. Esse deslocamento de sentidos faz com que a “coisa” seja compartilhada por todos os atores sociais do grupo. Assim, os sentidos referentes à “coisa” são sínteses das produções coletivas de atividades cognitivas e simbólicas dos grupos sociais, sendo que sua objetivação é a própria materialização da funcionalidade social que a representação social da “coisa” passa a incorporar. Em complemento, vale observar que as representações sociais sempre se manifestam simbolicamente nos discursos, entendidos aqui como escritos falados, arquitetônicos, iconográficos, filmográficos ou corporais, produzidos pelos atores sociais sobre o objeto a ser representado.

Em função do discurso portar simbolicamente, explícita ou implicitamente, o sentido da representação de um objeto que está instituído no imaginário de um grupo social, é condição determinante para conseguirmos fazer emergir o significado da representação no momento da interpretação de seu sentido que lancemos mão de uma base de conhecimentos que remete aos campos da sociologia, psicologia, antropologia e educação.

Considerando que a materialização das representações sociais se faz de forma simbólica nos discursos é que a teoria das representações sociais, em geral, lança mão dos princípios teórico-metodológicos da análise do discurso - AD. É importante salientarmos que para nós a análise do discurso é assumida como ferramenta que nos permite fazer emergir os sentidos das representações.

Nessa direção, a fala de Orlandi (2005, p.15-16) dá materialidade ao nosso discurso, na medida em que, para autora, uma dos primeiros aspectos a serem observados quando do uso da AD é entender que ela não irá trabalhar com a língua posta como sistema abstrato, mas sim com a linguagem do mundo. Para ela, trabalhamos com as “[...] maneiras de significar, com homens falando, considerando a

produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade”. Dessa forma, para a autora, é por meio do discurso que se pode identificar a relação direta entre língua e ideologia. Foi por meio dele que nos identificamos com a materialização dos discursos das mestrandas, os quais produzem sentidos por e para os sujeitos. Contudo, antes de apresentarmos esses discursos torna-se necessário o mergulho em algumas pesquisas que contemplam as representações sociais e o corpo, visando entender como a teoria das representações sociais está sendo tomada na perspectiva de referencial teórico da área.

### **3.1 O corpo como objeto de pesquisa na educação física**

---

---

Tomamos como ponto central, nessa pesquisa, discorrer acerca da representação social sobre corpo produzida por um grupo de atoras sociais: as mestrandas de educação física no Estado do Paraná. Contudo, para dar densidade às reflexões sobre o objeto de estudo, elegemos algumas pesquisas intencionalmente e que contemplam o corpo em cursos de mestrado e doutorado em universidades brasileiras no intuito de auxiliar nas reflexões que faremos sobre a temática a partir da coleta de dados em campo. Tais pesquisas serão explicitadas nesse tópico procurando ampliar o campo perceptivo acerca dos discursos sobre corpo realizados pelas atoras sociais participantes da investigação.

A apropriação da temática do corpo deu-se por vários vieses no campo da educação física, e efetivamente, também ocorreu no âmbito das ciências sociais e humanas. Sendo assim, é prudente apontar que grupos de estudo sobre representação social são muitos presentes na área das ciências sociais, especificamente nos cursos de sociologia, ciências sociais, psicologia social, entre outros. Na área da saúde ele

aparece no curso de enfermagem, sendo que a cada ano vem aumentando a parcela de pesquisadores do campo da educação física que se dedicam a essa temática.

É notório que esse corpo de que falamos seja percebido em sua dimensão histórica. Ele é um produto da sociedade, sendo “moldado” por intermédio da moda, dos cosméticos, das cirurgias plásticas e das academias de *fitness*, que prometem um corpo “belo/idealizado”. Então, essa (des)estruturação vivida pelo corpo na atualidade ante as transformações que determinam o ideal de beleza, de acordo com os padrões vigentes do momento, são reflexos da fragilização pela qual passa o homem na sociedade moderna (GÓES, 1999). Em relação ao campo da educação física, o corpo sempre foi objeto de estudo, pois em diferentes épocas e em diferentes contextos buscou-se conhecer o corpo, com base nos acontecimentos sociais de cada época.

Então, se considerarmos que as representações sociais se caracterizam por se sustentar mais em seus valores do que em seus conceitos, conforme aponta Moscovici (2005), poderemos inferir que os conceitos produzidos na educação física em relação ao corpo fazem parte fundante da sociedade, e que esses conceitos são reinventados, organizados, reinterpretados de acordo com as crenças e valores sociais.

Podemos dizer que tomar as representações sociais como produto social é importante para compreendermos como a educação física também busca “[...] entender quando e porque um determinado esquema figurativo foi admitido por um grupo social e desta maneira expor as práticas sociais que estão relacionadas com estas representações” (PEREIRA, 2008, p. 15).

Goetz *et al* (2008, p. 227), em uma discussão sobre representação social do corpo na mídia impressa, aponta que, para Jodelet, é importante estudar o corpo com base na perspectiva das representações sociais, “[...] pois, estas assumem um papel importante na elaboração de maneiras coletivas de ver e viver o corpo, difundindo modelos de pensamento e de comportamento a ele relacionados”. Para ela, a imagem que se tem do corpo sempre aparece como mediadora de um lugar social no qual o indivíduo está inserido, sendo que essa relação mediadora só se estabelece valendo-se das relações com o outro.

Para Sá (1998), quando se escolhe um objeto do estudo, aqui consideramos o corpo, e o investigamos a partir da teoria das representações sociais, é mister que se

considere o contexto sociocultural dos atores ou atoras que são investigados, uma vez que esse objeto de estudo deve ser apreendido segundo um prisma “conceitual” da teoria, que considera as bases funcionais, econômicas e sociais de uma cultura, levando em conta a dinamicidade local e a conduta das sujeitas nas suas mais diversas interações.

Historicamente falando, Mauss aparece como um dos primeiros estudiosos a dar enfoque ao corpo como objeto de estudo com base na perspectiva sociológica, situando esse corpo como a imagem da sociedade, inserido na produção dos sistemas simbólicos que a sociedade construiu e constrói. Esta sociedade (e consideramos aqui a sua localização em cada época) influencia diretamente no pensamento construído coletivamente em torno do corpo, pensamento esse que nos revela um “sujeito” pertencente a uma cultura vigente de certo período determinado. Para Crespo (1990, p. 8):

[...] os estudos sobre o corpo processam-se num quadro de crise de civilização e civilizações; e parece que a história do corpo encontra-se no cruzamento dos múltiplos elementos econômicos, políticos e culturais de uma totalidade. Assim, temos que aprofundar as investigações sobre as práticas e as representações do corpo, pois ainda há muito por conhecer numa área em que a “dimensão escondida” das condutas humanas é de uma riqueza imprevisível.

Nessa relação histórica estão imbricadas as relações humanas que nos apontam que os indivíduos não são iguais, e que existem múltiplas maneiras de se dar sentido ao corpo, pois os lugares e seus grupos sociais são determinantes para a construção das maneiras distintas de representá-lo.

Porter (1992) diz que primeiramente é necessário compreender a (de)codificação das representações sobre o corpo ao longo dos tempos e que essa (de)codificação aparece tomando por base os inúmeros estudos que buscam entender/ compreender como diferentes grupos sociais pensam e agem tendo como objeto central de estudo o corpo.

Esse processo pelo qual passa o corpo é reflexo da cultura existente, atualmente banalizada em função de que os indivíduos não se relacionam com seu próprio corpo no sentido de aceitá-lo como é, e sim, buscando um corpo idealizado para atender às

exigências ou às relações simbólicas que são instituídas na e pela sociedade. De acordo com Gomes (2006, p. 43), a:

[...] cultura característica da sociedade de consumo capitalista se encarregou de banalizar o corpo feminino que se arma de adereços, os quais se tornam signos atinentes às exigências midiáticas do mercado, destinando-se ao embelezamento, à higiene do corpo, a um tipo de moda que se enquadra na matriz universal símbolo do corpo da mulher que se cuida, pois atende aos apelos do consumo.

Concordando com o que Gomes discorre, e trazendo o olhar de Gonçalves (1994, p. 28), apontamos serem os meios tecnológicos possuidores de uma capacidade de produção em massa e dos meios de comunicação, padronizando gostos, hábitos e também consciências, utilizando-se da moda, da estética e da regulação do comportamento.

Podemos dizer que a representação social que indivíduos constroem sobre o corpo sempre fez parte do cotidiano social e que ela recebe significados individuais e sociais, conforme o espaço em que se encontra inserida. Porém, essas “[...] representações recebem influências históricas e culturais, do contato com os universos consensuais e reificados, do acesso à ancoragem e à objetivação, transformando o não familiar em familiar” (CARVALHO, 2009, p. 21).

Simões (1998), em sua tese de doutorado, buscou identificar a visão de corpo nos discursos dos docentes que atuavam na formação profissional nas universidades brasileiras no período de 1996 e 1997, e que eram alunos do programa de Pós-graduação em nível de Mestrado e Doutorado na Unicamp. Na primeira parte, realiza uma pesquisa bibliográfica sobre corpo da Antiguidade até o século XX, tendo como foco olhar para esse corpo sob o campo da filosofia, biologia, psicologia e antropologia. A segunda parte discorre sobre a abordagem metodológica na perspectiva fenomenológica, utilizando-se da análise do fenômeno situado por meio de entrevista com 21 atores, tendo como perguntas geradoras: Corpo, o que é isto para você? E na ação profissional, qual sua visão de corpo?

A autora aponta que os atores investigados possuíam uma visão de corpo que ia além da ideia reducionista de corpo belo e perfeito, pois o entendiam como um sistema de relações consigo, com o outro e com o meio em que estavam inseridos. Esse corpo, para eles, estava envolto por questões sociais, afetivas e emocionais que

representavam sua identidade. Os atores reconheciam a dificuldade de falar sobre seu próprio corpo embora, nos discursos apresentados, poucos foram os que admitiram um corpo biológico (corpo perfeito). Assim, concluindo, ela diz que a teoria e a prática podem coexistir nas contradições, nas incertezas, numa relação dialógica, em que é possível abandonar princípios maniqueístas de certo e errado, revelando a importância de uma lógica não linear.

Os estudos de Silva *et al* (2009) falam sobre a visão do corpo na perspectiva dos graduandos de educação física, em que os resultados desvelaram a predominância entre os graduandos de uma visão técnico-biológica e fragmentada no início do curso e uma compreensão mais integral de corpo com os graduandos do final do curso. Porém, ambos possuem como ponto de referência orientações da área ligadas à perspectiva da saúde, da estética e da técnica desportiva.

Veloza (2009) em sua tese de doutorado buscou compreender a dinâmica das relações identitárias relacionadas às práticas corporais na sociedade. Aqui entende-se por práticas corporais os jogos, os esportes, as ginásticas, as lutas e as danças, entre outras atividades que envolvem o corpo. Ele procurou realizar uma interpretação lógica dos elementos da cultura de movimento tendo como pano de fundo a reflexão sobre a contemporaneidade, na qual aponta que diferente das sociedades “primitivas” e “tradicionais”, nas quais os vínculos de pertencimento, era expresso pela totalidade de determinada cultura, as sociedades contemporâneas, pela complexidade de suas relações sociais e culturais, assumem características bastante distintas.

Para o autor, as práticas corporais, como manifestações culturais, constituem-se em elementos que também são atingidos por este tipo de transformações. A pesquisa com experiência etnográfica nas aulas de Educação Física remeteu à discussão para temas relacionados às práticas corporais, como Jogos Tradicionais, Esporte Moderno, Futebol, Eurocopa e Skate, possibilitando a compreensão de certos aspectos relacionados ao movimento dos referentes locais e globais que agem na definição dos significados atribuídos às práticas corporais na sociedade contemporânea.

Lindoso (2011), em sua dissertação, busca as representações de corpo entre professores do esporte que atuam em escolas privadas e públicas em Recife em um congresso técnico dos jogos escolares. Em seu trabalho aparece como núcleo central o



corpo relacionado à experiência de movimento e saúde, e aparece em sua periferia a estética, a beleza, a liberdade e a performance. Como resultado, a autora aponta que esse corpo representado pelos professores do esporte está transitando entre uma representação biológica/motora e, também, associado à cultura e à expressão. Os atores dessa pesquisa buscam articular um discurso que é marcado por uma perspectiva tradicional, tendo seu foco em uma dimensão biológica.

Na pesquisa de Gama e Gama (2009), em representações sociais de corpo entre mulheres praticantes de atividade físicas que fizeram cirurgias plásticas, notou-se que a manutenção da auto-estima é prioridade para as entrevistadas. Elas apresentam uma complexa relação de tensão entre saúde e beleza. Há uma ideia recorrente às entrevistadas de que, se mudarem uma parte do corpo, aparecem efeitos que se desdobram para todo o resto. Desse modo, a cirurgia plástica é vista por elas como um processo inicial de modificação corporal de acordo com as referências e os critérios que essas mulheres possuem.

Estudos de representação social que abordam o corpo ainda são poucos na área da educação física, porém cada vez mais grupos de estudos da área se voltam para estudar sob a lente da teoria das representações sociais. Em áreas como publicidade, educação e psicologia, as investigações sobre representações sociais de corpo são muito frequentes e vêm abordando sistematicamente representações que circulam na sociedade referente a estereótipos de corpo.

Para Siqueira e Faria (2007), em pesquisa sobre corpo, saúde e beleza, o corpo belo dos anos 1960 (corpo natural) passou a ser identificado como um corpo marcado pelos músculos hipertrofiados nos anos 1980 (acentuando aqui o aumento das academias de *fitness*) e, nos anos 2000, o corpo almejado era aquele que misturava uma boa forma física com atividades que gerem bem-estar. Contudo, é claro, que essas percepções generalizadas de corpo, apresentadas por Siqueira e Faria, não vão dar conta da variedade de “corpos” que as diferentes sociedades e culturas comportam, mas se colocam como orientações acerca das mudanças de entendimento desse corpo histórico.

Já nos estudos apontados por Goetz *et al* (2008), os autores analisaram todos os números das revistas Boa Forma, Estilo e Saúde entre 2005 e 2006. Os dados apontam

que as representações sociais do corpo, analisadas nesses periódicos, destacavam dois aspectos: o primeiro, prático, que contempla aspectos físicos, relacionados a questões de estética e ao cuidado da saúde corporal; e, o segundo, de caráter subjetivo, apontando o corpo como unidade físico-psíquica, que sempre prioriza o equilíbrio e o bem-estar para se alcançar uma vida saudável.

Em outra pesquisa sobre representação social e imagem do corpo feminino, Secchi, Camargo e Bertoldo (2009) investigou as representações sociais do corpo feminino entre estudantes universitárias dos cursos de educação física, psicologia e moda, e a possível influência que essas formações profissionais poderiam ter nas representações sociais e na imagem do corpo feminino para esses grupos. Os resultados apontaram que as universitárias compartilham os conceitos de representação social de corpo, sendo beleza e aparência física a primeira característica pessoal que se destaca nas relações sociais entre os indivíduos. Aparece nos discursos dessas mulheres padrões e modelos de beleza, relacionados ao corpo feminino, tendo como símbolo a magreza. O corpo, então, para essas universitárias, aparece vinculado à saúde, sendo que “corpo bonito” representa *status* e poder, os quais podem ser direcionados ao campo pessoal e também profissional. Ainda, sobre o corpo, Goetz *et al* (2008, p. 227) esclarece:

[...]Jodelet, Ohana, Besis-Moñino e Dannenmüller, em 1982, realizaram um estudo considerado clássico de investigação dos efeitos das mudanças culturais em relação ao corpo. Foram definidas três grandes categorias relacionadas às representações sociais do corpo: a primeira, citada pela maioria dos participantes, diz respeito à funcionalidade do corpo, na qual os indivíduos atribuem importância à preservação da saúde, da juventude, da forma física e à prevenção da deterioração para manter o equilíbrio psíquico e conservar a aparência estética; a segunda refere-se a considerações propriamente morais, em que os indivíduos enfatizam a necessidade de serem disciplinados, de terem boa vontade e controle, de manterem a dignidade e o respeito por si próprio e pelos outros, em conformidade com as normas sociais. A terceira categoria é definida como narcisista, sendo composta por indivíduos que consideram importante o próprio prazer e o do outro, que se preocupam em ter uma apresentação favorável e manifestam intenção sedutora.

Em pesquisas de autores como Del Priori (2000), Siqueira e Faria (2007), Silva *et al* (2009), entre outras, a representação de corpo é tratada com base nos diversos tipos de mídias. Tais pesquisas apontam sempre como ancoragem a utilização da imagem

corporal, principalmente da mulher, trazendo a ideia de um corpo sensual, que satisfaça os padrões de “desejos” impostos e que nos remeta ao padrão corporal considerado ideal pela sociedade: belo e magro. As imagens, quer em revistas, outdoors, quer em televisão, legitimam o discurso de padrão que a sociedade determina, ao qual as pessoas deveriam se ajustar.

Para Del Priori (2000, p. 100), os “[...] discursos são tão mais perigosos quanto mais aderirem de maneira sub-reptícia a nosso cotidiano, fazendo-nos confundir sua normalidade com banalidade”. Ainda, para Siqueira e Faria (2007, p. 172), o corpo que a mídia explicita é “[...] um espaço onde as representações a seu respeito são amplamente construídas e reproduzidas”. Dessa forma, em todas as esferas a representação de um corpo belo é exemplo a ser seguido.

A dúvida que fica é se a mídia, os cartazes, os corpos nas academias, entre tantos outros que remetem à imagem de um corpo “perfeito e belo” não possam estar interferindo nesse processo dialético das representações. Então, será que também, para as atoras sociais da pós-graduação que integraram essa pesquisa, esses conceitos postos pela sociedade não estão também entrelaçados em seus discursos? Uma vez que o corpo porta em si as representações de uma sociedade, esse modelo de corpo perfeito, muitas vezes fabricado, não é o corpo que se busca com base no imaginário coletivo?

Pesquisas na área das representações sociais que tomem o corpo como objeto investigativo podem remeter a explicações psicossociológicas que tenham origem nas representações, pois o corpo, para o homem, constitui-se sempre com base nas representações individuais e sociais, sendo construído, reconstruído e desconstruído de diversas maneiras.

Apoiados em Jodelet (2001), entendemos a representação social como um saber prático amparado por três questões fundamentais: De onde se sabe? O que se sabe? Sobre o que se sabe, e com que efeito? A autora nos aponta que essas questões podem fornecer pistas necessárias para compreendermos que toda representação se origina de um sujeito (aqui, as mestrandas), seja eles individual ou coletivo, e se refere a um objeto (nesse estudo, o corpo). Assim, esse corpo envolve o conceito das representações sociais, pois ele, o corpo, compreende um saber prático, sendo o meio

pelo qual o homem está no mundo. É a forma encontrada pelo homem para se articular como mundo, de acordo com Merleau-Ponty (1986).

Podemos dizer que os estudos apresentados aqui trazem ainda uma representação forte de corpo voltado para a dimensão biológica, e que ainda a relação entre corpo belo e perfeito é frequente nas representações dos trabalhos apresentados. Porém, é perceptível que está ocorrendo um deslocamento de sentidos (pequeno) nas pesquisas no que diz respeito ao corpo.

De maneira geral, os estudos que utilizam a base teórica das representações sociais no campo da educação física vão ao encontro do que aponta Jodelet (2011) ao afirmar que, no Brasil, a utilização da teoria das representações sociais como aporte teórico se dá na perspectiva de orientação das práticas cotidianas dos pesquisadores. Em sua fala, a pesquisadora esclarece que, no Brasil, não existe ainda escola de representações sociais, pois os pesquisadores brasileiros se utilizam de maneira brilhante (segundo ela) da teoria para resolver seus problemas imediatos. Assim, considera que em pesquisas brasileiras a teoria aparece de forma mais solta, porém, seguindo todo rigor científico que lhe é dado.

O tópico seguinte apresenta o desvelar dos discursos das mestrandas dos programas de pós-graduação em educação física das universidades públicas do Estado do Paraná. Tais dados orientam as análises que fazemos a partir da identificação de núcleo central e sistema periférico, os quais se colocam articulados entre si.

## **3.2 Atores sociais e seus discursos sobre o corpo**

---

---

Para apresentarmos a interpretação dos dados coletados, adotamos o princípio de que os discursos das atoras serão tomados como textos produzidos numa perspectiva de unidade, pois, ao utilizarmos a análise do discurso, objetivamos verificar as perspectivas de seu plano discursivo e de como ele se constrói em meio às relações

sociais desenvolvidas pelas atoras. Dessa maneira, estaremos buscando a materialidade do discurso das mestrandas em meio à concepção de mundo que as cerca sobre o corpo. Como observa Rizzuti (1999, p. 56):

[...] análise de discurso vai além da superfície discursiva ou das formas de funcionamento da língua, trabalhando com questões enunciativas mais profundas. Seu principal contraponto com a linguística está na "historicidade discursiva", ou seja, o analista do discurso deve questionar os processos de produção que estão implícitos no discurso analisado, identificando que o sujeito fala de determinado lugar social e, portanto, possui interesses individuais e coletivos.

A partir dessa linha de encaminhamento, apresentamos as mestrandas que fizeram parte do processo da pesquisa e que passarão a ser identificadas em nosso discurso como “atoras sociais”. Em relação à idade, elas estão no limite compreendido entre 23 e 45 anos. A idade média ficou em 28,7 anos. No que diz respeito aos seus campos de pesquisa, podemos dizer que sete apresentam seus projetos ligados à saúde (fisiologia do exercício, biomecânica, atividade física e saúde, atividade física e obesidade); uma à sociologia do esporte; e quatro à formação de professores. No campo da intervenção profissional, cinco são professoras do ensino superior (faculdades) de instituições públicas e privadas. A maioria delas atua no setor de academias de ginástica e, por fim, quatro são professoras do ensino básico, o que nos remete a uma formação distinta entre elas.

Os discursos apresentados nessa pesquisa foram eleitos porque trazem o universo representacional das atoras em relação ao objeto da pesquisa, mas, ressaltamos que cada discurso é único em si mesmo, ou seja, porta sua singularidade. Em relação à interpretação dos discursos, inicialmente elegemos aqueles que apresentavam pontos comuns sobre o objeto da pesquisa, ao mesmo tempo em que também traziam pontos significativos. Porém, essa escolha foi feita com base na força com que se manifestavam na estrutura discursiva. Sobre esse efeito, é importante ouvirmos Orlandi (2005, p.19) quando ela fala que “[...] a interpretação é o vestígio do possível”.

As análises realizadas dos discursos produzidos pelas atoras sociais procuraram desvendar os sentidos e significados que envolvem o corpo. Nesse intuito, focamos os discursos produzidos pelas mestrandas como fruto de suas representações sobre a

temática levantada, sendo que não existe nenhuma crítica quanto à produção de seus discursos frente à leitura da realidade apresentada por elas, pois o que nos interessa são os sentidos que seus discursos produzem. Desse modo, em seus discursos são materializadas as representações que fazem parte das relações sociais travadas cotidianamente por elas.

Ao buscarmos as representações sociais de corpo é necessário compreender que ele, o corpo, é um marco revelador da história pessoal de cada indivíduo inserido na sociedade, e que esse marco engloba o corpo como lugar de expressão e vida. Os sentidos para os diversos significados atribuídos ao corpo sempre estão relacionados com a construção cultural que o indivíduo possui. É nesse sentido que entendemos ser relevante explicitarmos de onde (o lugar) as atoras falam e fazem seus discursos circularem. Esse lugar remete aos seus campos de formação acadêmica e intervenção profissional – educação física – os quais apresentam o corpo e suas manifestações como objeto fundador de suas práticas reflexivas, de pesquisa e ensino.

No processo de “escuta” das entrevistas, foram emergindo fatos que nos conduziram a reflexões, os quais julgamos ser importantes para o processo total das análises. Nesse sentido, no processo de ouvir as entrevistas, tentamos ser fiel ao que diz Orlandi (2005, p. 61) quando menciona que quem analisa o discurso não pode, de maneira alguma, realizar uma interpretação, mas sim trabalhar “(n)os limites da interpretação”, ou seja, o pesquisador não se inclui na história, mas se vê numa posição deslocada que lhe possibilita contemplar o processo de produção de sentidos.

Para buscarmos as representações e fazermos emergir uma identificação dos sentidos das mestrandas em relação ao objeto, inicialmente tivemos que “ouvir” repetidas vezes o discurso produzido por elas. Nesse processo de escuta apareceram indícios daquilo que chamamos de sistema periférico e que apresentam como função principal proteger o núcleo central. O mergulho que fizemos nos discursos das atoras sociais possibilitou a identificação de sistema periférico, responsável pela relação existente entre realidade concreta e o núcleo central. Abric (1994, p. 80) diz que cabem a eles “[...] atualizar e contextualizar todas as determinações normativas e de outra forma consensuais” do núcleo central. Dessa forma é essa interface que permitira uma

flexibilidade, mobilidade e uma expressão individualizada que caracterizam as representações sociais.

O sistema periférico encontrado nessa pesquisa tem como função proteger o núcleo central, permitindo que os achados façam uma adaptação à realidade concreta de cada ator social, que pode até mesmo integrar as histórias individuais, pois ele é flexível e suporta contradições. Rangel (2007, p. 17) aponta que em torno do núcleo central são organizados “[...] elementos periféricos, que são os componentes estruturais mais acessíveis e mais vivos”.

A Figura 1 constitui-se em sinóptico dos achados dessa pesquisa, organizada por meio de seu núcleo central e sistema periférico. A intenção é contribuir com a visualização esquemática que possa orientar o entendimento daquilo que se constatou a partir da leitura dos dados coletados junto às atoras sociais.

Figura 2: Representação sinóptica do núcleo central e sistema periférico encontrados na pesquisa.





### **3.2.1 Funcionalidade do corpo e da saúde como sistema periférico discursivo**

Dando início às interpretações dos discursos registrados, gostaríamos de falar sobre algumas estruturas discursivas que emergiram e que, direta ou indiretamente, cumprem o papel de **sistema periférico** da representação social de corpo instituída nos imaginários das atoras sociais que estiveram envolvidas com a pesquisa. Quando as atoras falam sobre seu corpo, podemos identificar a existência de uma relação de sua ideia sobre o corpo com a própria **funcionalidade desse corpo**. Para tanto, observemos algumas estruturas discursivas:

[...] Corpo pra mim **é uma máquina**. Uma máquina perfeita.

[...] Ele **é um veículo, de massa e de estrutura**.

[...] **é assim, eu falo veículo porque não me desvinculo do corpo biológico, sabe lá da biomecânica, do desenvolvimento motor, daquele corpo que anda e funciona para algo**.

[...] Ele **é um meio** também, ele **é um instrumento** que você pode utilizar desde suas tarefas mais básicas.

[...] A gente **consegue fazer as tarefas do dia a dia, sem dificuldade, sem dor [...] sem dificuldade sem impedimento**.

[...] Corpo pra mim é um paralelo, **estar bem, se sentir bem, é poder realizar as atividades do dia a dia bem**.

[...] **trabalhava principalmente as questões de funcionalidade**.

[...] mas eu acho que um corpo saudável [...], porém, embora eu acho que pessoas quanto mais magras terão **mais facilidade para fazer as coisas**.

[...] o corpo **na verdade** para eles era **um instrumento** [...] como meio, (risos) quando eu me refiro ao meio, seria **como instrumento mesmo né**.

Os discursos das atoras também estão marcados pela associação entre o corpo instrumento e o objeto máquina. Mas não é qualquer máquina, mas sim a **um veículo**, ou seja, apenas **um meio, um instrumento**. Na visão de algumas das entrevistadas, o

homem pode utilizar essa máquina/meio na realização das “tarefas mais básicas do dia a dia, sem dificuldade, sem dor [...] sem dificuldade sem impedimento”, o que quer dizer “estar bem, se sentir bem”.

Pois é, estar e sentir-se bem, no imaginário das atoras remete àquele corpo que “[...] é bem funcional e que consegue [...] desempenhar as coisas bem, de não ficar capengando”, enfim, ter “[...] um corpo saudável [...] é ter mais facilidade para fazer as coisas”. Ainda, há as marcas da representação com o seguinte discurso: “[...] o corpo na verdade para elas era um instrumento [...] como meio (risos) quando eu me refiro ao meio, seria como instrumento mesmo né”.

É interessante ressaltarmos que há nos discursos muitos momentos nos quais as atoras produziram sonoras gargalhadas quando falavam que o corpo era um instrumento. Para nós, em função do tom um tanto quanto nervoso com que as gargalhadas eram produzidas, algumas tinham clareza de que estavam tomando posições (provocativas?) que poderiam, no mínimo, deixar a pesquisadora surpreendida, haja vista ser aquele parte do sistema periférico da representação que remete, segundo a literatura da área das humanas, a uma representação conservadora.

O corpo funcional está ligado aos discursos que remetem à **saúde**. Algumas pistas sobre a construção dessa marca já haviam sido detectadas quando uma das entrevistadas fala sobre o corpo como sendo uma máquina de perfeita funcionalidade. Sendo assim, nos discursos sobre o corpo aparece a ideia de corpo que remete aos princípios da relação entre funcionalidade e saúde, ou seja, um corpo funcional é um corpo saudável. Porém, para que possamos mergulhar nessa representação que começa a se desenhar é necessário lançarmos nosso olhar sobre seu campo de produção. De imediato fica nítido que aliada à ideia de corpo saudável aparece a questão de funcionalidade, que remete aos campos de conhecimento das ciências sociais e das ciências da saúde.

Percebemos a utilização de um olhar técnico sobre o corpo que remete a sua visualização como instrumento. Como tal, esse corpo pode também ser usado para aprender técnicas esportivas. Ele (o corpo) também pode entrar na categoria do “corpo performance”, pois é determinado por aquilo que potencialmente pode produzir. Essa ideia é materializada nos seguintes discursos: “[...] a educação física era basicamente

voltada pro esporte né"; “[...] seria como eu falei um instrumento mesmo né, e não iria além, não representaria nada mais do que a forma completa para poder tá reproduzindo o que eles passavam né, desde o esporte”.

Podemos dizer que surge uma representação de corpo atrelado ao técnico/esportivo/funcional, na qual a ideia de um corpo centrado como instrumento/funcionalidade é presente. Dessa maneira, podemos dizer que o esporte é um dos campos de produção dessa representação social que remete ao funcionalismo do corpo na área – o corpo como fim – pois, o ensino da técnica nos apresenta um olhar ainda reducionista da área.

Coadunamos com Ludorff (2005) quando diz que a valorização por parte dos profissionais da área de um corpo técnico ou então um corpo capaz de executar tarefas não chega a ser uma novidade para a educação física, pois ele foi o centro das discussões entre os anos 1980 e 1990, marcadas pelos embates conceituais da área. Acreditávamos que essas discussões já estariam superadas no campo, pois Soares (1990) apontava esse período como o da cristalização da tendência biologicista, na qual a educação física era restrita à educação do físico sob a ótica de um corpo biológico. Daolio (1994, p. 94) aponta que “[...] toda técnica é cultural, porque é fruto de aprendizagem específica de uma determinada sociedade, num determinado momento histórico”.

Avançando nesse olhar, percebemos que a estrutura interna da representação está regida pelo fenômeno da saúde, pois é evidente nos discursos das mestrandas que ao falarem sobre o corpo elas desenham um corpo pensado a partir de sua funcionalidade. Parece-nos existir um deslocamento dos sentidos, pois é necessário cuidar desse corpo para que ele funcione e seja saudável. Bagrichevsky (2007, p. 3) aponta que nesse mundo globalizado o corpo vem sofrendo mudanças de sentidos, em que

[...] prolifera ênfases retóricas que fazem alusão à responsabilidade pessoal e à obrigação moral do ‘dever-ser’ saudável, belo(a), magro(a), jovem, ativo(a)!. Trata-se de uma dimensão ascética pulverizada através de recomendações sobre mudanças de comportamentos (estilos de vida) e cuja circulação tem se tornado cada vez mais ampliada, a despeito das iniquidades sociais que também seguem potencializadas exponencialmente em todos os cantos longínquos do planeta.

Ao apontarmos o corpo funcional, centrado na saúde, verificamos que o termo saúde aqui ultrapassa o limite de ser ou não possuidor de uma doença, “[...] que tá tudo em dia com seus exames”. Porém, esse corpo deve principalmente estar dentro de um padrão desejado e incorporado pela sociedade atual. Nesse sentido, nos parece visível que existe no silêncio dos discursos das atoras uma urgência de que trata Bagrichevsky (2007), uma necessidade de indução para que as pessoas passem a possuir um estilo de vida “idealizado” que é determinado pelas características do ser saudável ou então ativo, como pode ser identificado na estrutura discursiva apresentada: “[...] saúde é o principal”; “[...] bom o corpo pra mim ééé, (pausa) bom ele também é nossa casa”; o que remete que como na nossa casa, para ela ficar organizada é necessário de cuidados, e é assim também com o corpo segundo o discurso, “[...] mas eu vejo que a gente precisa cuidar dela né, (risos)”.

Ao observarmos o discurso produzido pelas atoras sobre o estar e sentir-se bem, a exemplo de “[...] é desempenhar as coisas bem, de não ficar capengando”, “[...] um corpo saudável [...] é ter mais facilidade para fazer as coisas”, fica explícita a aproximação entre a representação de saúde com o aspecto da funcionalidade. Senão, vejamos como se apresentaram os discursos produzidos especificamente sobre saúde:

[...] saúde é você estar da melhor maneira possível, **corpo harmonioso com suas ações**, porque não adianta você ter um corpo bonito, e não poder realizar suas ações, **então a saúde está aí, nessa harmonia**.

[...] **saúde é um corpo saudável, a gente conseguir fazer as tarefas do dia-dia sem dificuldade sem dor**.

[...] saúde é você **estar bem** com o corpo e você **ser ativo (...)** **hábitos saudáveis**. (...) **praticar algum exercício físico**.

[...] **qualidade de movimento**, qualidade **de exercício**, vai reverter pra ele em forma de saúde.

[...] Saúde [...] **não ficar restrito de alguns movimentos**.

Pudemos perceber que as mestrandas apresentam, em seus discursos, relação direta entre **saúde e funcionalidade**. Dessa maneira, a saúde é vista como algo que o indivíduo seja capaz de realizar, ou seja, ela deve ser um recurso da vida diária das pessoas no tocante às suas capacidades físicas em geral. Segundo a Organização

Mundial de Saúde, saúde é o estado do mais completo bem-estar físico, social e mental e não apenas ausência de uma doença (OMS, 2003). Os princípios fundantes do conceito de saúde da OMS estão materializados no discurso das atoras sociais quando elas afirmam que “ter saúde, é você tá, [...] estar com seus exames fisiológicos e biológicos bem, de glicemia e triglicídeo, isso é ser saudável”.

Ao buscarmos traçar relação com a funcionalidade apontada pelas atoras sociais lançamos mão da fala de Farias e Buchalla (2005), na qual apresentam a Classificação Internacional de Funcionalidade (CIF<sup>24</sup>), desenvolvida pela Organização Mundial da Saúde. Ao identificarmos um corpo funcional nos discursos das atoras, percebemos que ele se aproxima da Classificação Internacional de Funcionalidade apresentada por Farias e Buchalla, pois elas apontam que na OMS o termo funcionalidade vem determinar “[...] os componentes de funções e estruturas do corpo, atividade e participação social. A funcionalidade é usada no aspecto positivo e o aspecto negativo corresponde à incapacidade” (2005, p. 189).

A CIF se baseia em uma abordagem psicossocial que vem incorporando os componentes de saúde nos níveis corporais e sociais, e as funções do corpo são definidas “[...] como as funções fisiológicas ou psicológicas dos sistemas do corpo. As estruturas são definidas como as partes anatômicas do corpo, como os órgãos e seus componentes” (FARIAS E BUCARLA, 2005, p. 189). Essa definição remete ao fato desse corpo ser organizado para a realização de uma simples tarefa, ou mesmo de alta complexidade. Em consonância com o discurso de Farias e Buchalla (2005, p. 190) podemos dizer que essa organização da funcionalidade que remete a algo saudável aponta para:

Os conteúdos desse componente são organizados desde as simples tarefas e ações até áreas mais complexas da vida, sendo incluídos itens referentes à aprendizagem e aplicação do conhecimento, tarefas e demandas gerais, comunicação, mobilidade, cuidados pessoais, atitudes

---

<sup>24</sup> CIF: todas às vezes ao usarmos essa sigla, estaremos nos referindo à Classificação Internacional de Funcionalidade, apresentada por Farias e Buchalla (2005), de uma adaptação da OMS (2003). Ela faz parte da “Família de Classificações Internacionais” da OMS, na qual consiste em promover uma seleção apropriada de classificações referente a vários campos da saúde em todo o mundo. O papel da CIF é descrever as incapacidades que são relacionadas às condições de saúde, na qual identificam “[...] o que uma pessoa pode ou não pode fazer na sua vida diária, tendo em vista as funções dos órgãos ou sistemas e estruturas do corpo, assim como as limitações de atividades e da participação social no meio ambiente onde a pessoa vive” (FARIAS E BUCHALLA, 2005, p. 188-189).

e situações da vida doméstica, relações e interações interpessoais, educação e trabalho, auto-suficiência econômica, vida comunitária.

A área da saúde continua mantendo suas bases sólidas, especialmente pelo olhar do campo biológico. Segundo Novaes (2009), atualmente a Educação Física ainda possui marcas hegemônicas pautadas no viés biológico. Fica evidenciada a materialidade do discurso sobre a relação saúde e funcionalidade nos discursos quando elas falam que saúde é um “corpo harmonioso com suas ações”, e que a não realização das funções consideradas normais e corriqueiras traz o apontamento de algo não saudável, “[...] porque não adianta você ter um corpo bonito, e não poder realizar suas ações”.

Aqui é apontada uma visão funcional atrelada ao conceito de saúde que é fortemente marcada no campo da educação física, principalmente, pelas áreas da fisiologia e biologia, entre outras identificadas como pertencentes ao conjunto das chamadas “ciências duras”. Esse olhar que está posto sobre o campo da educação física possui suas bases na área da saúde, sendo essa uma postura adotada pelos profissionais que compõem a área, ou seja, podemos considerar que esse olhar já se cristalizou no imaginário da área muito próximo de uma verdade absoluta, enfim, uma visão funcionalista da saúde que remete ao bom funcionamento do corpo, como aparece nos seguintes discursos:

[...] saúde é um corpo saudável, a gente conseguir fazer as tarefas do dia-dia sem dificuldade sem dor. Pra mim saúde, biológico fisiológico é essencial.

Saúde, é você não ter nenhum tipo de problemas que acarrete o desenvolvimento desse corpo, que acarrete aí o corpo está em um espaço, sem ter nenhum, tipo de problema, não estar precisando tomar medicamentos, ficar restrito de alguns movimentos, algumas alimentações.

Após a análise dos discursos nos parece que o corpo em movimento é visto como corpo saudável, mas, é importante ressaltarmos que o sistema periférico da representação remete ao movimento irrestrito, amplo, sem limitações e de qualidade. Para tanto, não pode existir nenhuma dificuldade para a execução das ações, bem como nenhuma sensação de dor; deverá haver apenas o sentir-se bem.

Novaes (2009, p. 385) propõe que se faça uma reflexão sobre o conceito que a educação física atual mantém sobre corpo e saúde e, nesse sentido, concordamos com o autor quando diz que o conceito de educação física se deu pelo viés da saúde, “[...] sendo que mesmo sua entrada no ambiente escolar, não se deu primeiramente pela importância pedagógica como as demais disciplinas”.

Coadunado com Novaes, Bagrichevsky (2007, p. 6) também aponta que a educação física deva refletir urgentemente acerca de seu posicionamento em relação ao campo da saúde, pois ela:

[...] postada como área de atuação social e acadêmica que intenciona se legitimar no campo da saúde (coletiva) por intermédio da replicação de uma práxis na qual ainda prevalece o valor maior de incursões mensurativas para classificar comportamentos ‘adequados’ e ‘impróprios’ à saúde.

As atoras sociais trazem de forma recorrente em seus discursos a ligação entre saúde, atividade física e hábitos considerados por elas como saudáveis. Nesse sentido, parece que a pessoa só não é saudável porque não quer, ou seja, se todo indivíduo realizar uma atividade física, controlar sua alimentação, automaticamente será magro, saudável e conseqüentemente terá saúde, sentido que emerge na fala das atoras, a exemplo de: “[...] eu vejo que as pessoas procuram mais fazer atividade física não pela saúde, mas pra ter um corpo bonito”. Surge aqui a preocupação pela busca da saúde, sendo esse o aspecto orientador para se ter uma boa vida, ou seja, “uma vida bem vivida”. Isso é evidenciado nos discursos seguintes:

[...] **pois se você cuidar de seu corpo**, automaticamente ele vai ficar bonito.

[...] eu acho que pessoas quanto **mais magras terão mais facilidade para fazer as coisas**; eu acho que daí já vem toda a saúde junto, né?

Saúde é você, não só questão ausência de doença. Saúde é **você estar bem com o corpo e você ser ativo**, que **você tenha hábito saudáveis** né? Então não só você não estar doente quer dizer saúde. Saúde abrange tantas, talvez até **associar um pouco com o estilo de vida**, mais saudável. **Pessoas mais saudáveis, hábitos alimentares saudáveis** [...].

Notamos aqui uma visão um tanto quanto reducionista do papel do profissional da educação física, bem como o entendimento distorcido do que seja saúde. Gonçalves e Pires (1999, p. 15) apontam que:

[...] a natureza simbólica das “verdades construídas” sobre a relação Atividade Física - Saúde conta sempre com a contribuição de especialistas que, através do critério de autoridade presumida, conseguem veicular e consolidar um conhecimento simbólico reconhecido como válido, ainda que resultante de visão recortada, descontextualizada e re-elaborada em relação à realidade em que foi produzida.

Parece-nos que as atoras sociais acreditam que a atividade física pode resolver qualquer problema e propiciar “milagrosamente” um estado de saúde mais condizente. Concordamos com Gonçalves e Pires (1999, p. 16) quando alertam que:

Mais grave, no conjunto desses equívocos, intencionais ou não, referentes à Saúde Coletiva e Atividade Física (SCAF), talvez seja, no entanto, aquele que indica a Atividade Física como instrumento mágico, um passaporte que, por si só ou no mínimo de forma prioritária, garantiria acesso ao mundo da Saúde.

Os elementos discursivos que emergiram nos apontam também que essa saúde apresentada pelas atoras sociais perpassa a ideia de que quem é possuidor de saúde possui beleza. Para elas, estar saudável pode ser estar belo/bonito, conforme registrado no discurso que diz: “belo pra mim é o saudável”. Assim, considerando esse discurso, podemos dizer que ao ter atrelado saúde à beleza ocorreu um deslocamento de sentidos acerca do que é saúde. Ao se buscar um corpo saudável, portanto belo, o corpo é reificado e, conforme aponta Andrade (2003, p. 124), “[...] um corpo saudável e belo passa a ser entendida como um objetivo individual a ser atingido por meio de um exercício intencional de autocontrole, envolvendo força de vontade, restrição e vigilância constantes”. Nesse sentido, a educação física, nas ações de seus profissionais, busca também educar os indivíduos para que eles vivam de maneira saudável, fazendo com que se busque constantemente a prevenção de “algo não saudável”.

A superfície discursiva nos aponta para uma ideia de saúde que remete à responsabilização de cada sujeito consigo mesmo, e que esta deve ser atualizada constantemente. Esses fatores, de maneira superficial, vão ao encontro do que



Gastaldo (1997) aponta quando registra em sua fala que cada vez mais as pessoas tentam ter um controle sobre si para garantir a não doença e, principalmente, “ter” saúde. Essa saúde é garantida, segundo o autor, pelo controle que cada pessoa deve ter em relação a seus hábitos alimentares, à realização de atividades físicas, bem como a outras ações que ele (indivíduo) poderá controlar. Dessa maneira, ele será possuidor de saúde.

Podemos dizer que os discursos registrados nos propiciaram pistas suficientes para apontarmos que essa representação de saúde está associada ao cotidiano da vida diária de cada indivíduo e que o centro desse núcleo está materializado na própria harmonia que é estabelecida entre as ações produzidas pelo corpo por meio das práticas de exercícios físico e a incorporação de bons hábitos alimentares.

### **3.2.2 O campo da formação continuada como sistema periférico discursivo**

O **campo da formação continuada**<sup>25</sup> dos profissionais da educação física também integra o **sistema periférico** que emerge dos discursos das mestrandas participantes da pesquisa, identificado pelas atoras como um campo que remete ao sagrado na medida em que, ao travarem contato com os conhecimentos que nele circulam e são produzidos, identificam uma nova maneira de se olhar o mundo e suas coisas. Assim, as coisas e fenômenos existentes no mundo sofrem deslocamentos de sentidos em função da apropriação de um novo universo de linguagens e conhecimentos, o que proporcionou às atoras sociais as condições objetivas e subjetivas necessárias para tornar familiares muitas daquelas coisas/fenômenos que até então lhes eram não familiares. Enfim, as relações que estabeleceram com os

---

<sup>25</sup> Entendemos por formação continuada o espaço que possibilita a reflexão e as mudanças práticas docentes, e que permite, a partir das dificuldades da profissão, que os professores reflitam sobre elas e busquem soluções. Nesse sentido, é necessário que todos os profissionais busquem sua atualização constantemente. Cf: LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 5 ed. São Paulo: Alternativa,s/d.

professores de sua graduação e com o conhecimento que circulava e era produzido na universidade acabou por levá-las a produzir um conceito de local sagrado referente à instituição de ensino superior pública, e em especial, de seu universo científico. Nesse sentido, em relação à identificação por parte das atoras sociais sobre como o corpo foi discutido no período de sua formação inicial, elas produziram as seguintes estruturas discursivas:

[...] **nenhum aprofundamento** na discussão do corpo.

[...] era basicamente tecnicista, né? (...) **corpo era** só pros **gestos, movimentos e reprodução**.

[...] rola **uma discussão mais filosófica assim, mas foi só superficial**, mais na questão fisiológica do corpo.

[...] então, tem uma certa concepção do corpo, assim, **o corpo como estética**.

[...] vim de uma concepção voltada para **o olhar de um corpo modulado**, [...]. Tenho certeza absoluta que **a concepção de corpo que eu tenho hoje é fruto da relação das discussões que foram realizadas na sala de aula na graduação**.

[...] **trabalhou muito pouco eu acredito**, o que poderia ter trabalhado o corpo. A gente teve **uma disciplina de atividades rítmicas e uma de dança e que foi trabalhado o corpo**, no mais, **o corpo era só a fisiologia**, do que acontece se tiver correndo e fazendo exercício.

[...] tinha uma chamada **corpo em movimento**, que na verdade abordava mais **como que a gente ia abordar o corpo com as crianças na escola, como incluir eles, os chamados gordinhos** [...] já ensinando.

[...] **era muuuito mais fragmentada**, [...] é vários professores que **trabalhavam técnica**, que trabalhavam essa questão é, fragmentada [...] não apenas na fisiologia, [...] mas professores que trabalhavam disciplinas específicas na nossa área [...].

[...] a minha **formação foi bastante tecnicista** [...] mas, nós tivemos pouquíssimos momentos de reflexão, sobre o corpo em si mesmo **fora daqueles gestos e movimentos que eram feitos nas disciplinas** [...].

Os discursos ratificam a tendência da área em estruturar suas propostas pedagógicas tomando como referencial teórico a matriz cartesiana de produção do conhecimento, que reza o princípio de que o conhecimento a ser ensinado/transmitido

deve ser fragmentado até a sua parte mais simples, para daí iniciar seu ensino até se conseguir atingir sua parte mais complexa. Essa ideia está manifesta no discurso sobre o corpo que, no decorrer da formação inicial das atoras, era trabalhado muito mais como “meio” de execução de movimentos, ou seja, “como esse corpo deveria se movimentar”. Quando ocorria alguma discussão mais aprofundada sobre o corpo, ela ficava a cargo da área dos conhecimentos filosóficos do curso.

Ainda sobre esse elemento do sistema periférico, identificamos algumas pistas que apontam para a existência de uma visão dualista lançada sobre a maneira como estão instituídas nos imaginários das atoras os sentidos do conhecimento e dos diferentes saberes específicos da área.

As pistas nos dizem que somente as disciplinas voltadas para os campos de conhecimentos filosóficos, antropológicos e sociológicos é que tinham *expertise* suficiente que lhes garantiam o “direto” de realizar essas discussões, o que fica marcante nos discursos registrados, dentre os quais destacamos: “uma discussão mais filosófica assim”, e que nos remete à ideia de que no campo da filosofia faz sentido essa forma de se olhar o corpo, mas que no curso o foco central sobre o corpo está atrelado à visão biológica, pois, conforme a fala, “o corpo era só a fisiologia”, era o como se movimentar, para que se movimentar, e até mesmo sua relação com a estética, “[...] o corpo como estética”.

Fica evidenciada uma visão de corpo apoiada ainda na relação tecnicista que foi o campo de formação de muitos dos professores que ainda estão atuando em nível de graduação e pós-graduação. Essa hegemonia de um corpo tecnicista/fisiológico em movimento e que não é discutido de maneira radical, está apoiada no campo de conhecimento predominante na área e que está centrado na dimensão biológica com forte ligação com o campo da saúde.

Novaes (2009) e Rocha Jr (2005, p. 70) apontam que a formação de professores nas universidades/faculdades apresentava um discurso crítico sobre os vários campos de atuação profissional, que toma corpo no “[...] interior do debate pedagógico da educação física por aqueles que pensam a unidade da profissão a partir da esfera da educação e da pedagogia. Assim, a educação física é pensada a partir da lógica do discurso pedagógico”. Essas discussões pela qual passava a área influenciaram de

forma direta ou indireta a formação daqueles professores que participaram/participam da formação profissional das atoras sociais.

Os presentes discursos registrados remetem ao corpo como ferramenta para instrumentalizar o futuro professor naquilo que diz respeito, segundo as falas das atoras, ao “como que a gente ia abordar o corpo com as crianças na escola, como incluir eles, os chamados gordinhos”, enfim, o corpo pleno em sua funcionalidade.

Nesse sentido, Rosa e Barros (2010) dizem que a área da educação física atravessava, a partir dos anos de 1980, um momento de mudanças de paradigmas, abarcando concepções centradas na biologia e na desportivização com um olhar puramente tecnicista. Porém, ao lançar seu olhar para uma pedagogia voltada para a cultura corporal, ainda não conseguiu ressignificar essa mudança de paradigmas. O corpo ainda continua sendo tratado como objeto, quase sempre como um organismo biológico. Essas ideias aparecem nos discursos, como apontado pela atora social: “[...] o corpo na verdade para eles era, [...] um instrumento que seria utilizado pra poder tá aplicando as atividades. [...]”; ou “[...] então os professores viam o corpo de que forma, somente como um meio pra poder estar reproduzindo em cada disciplina em cada bloco”.

Pensamos ser importante, nesse momento, ressaltar que, de maneira geral, as mestrandas realizaram a sua formação inicial entre as décadas de 1990 e 2000, período em que o discurso hegemônico estabelecido na área era fortemente marcado pelos princípios tecnicistas do campo esportivo, a exemplo da fala: “[...] a minha formação foi bastante tecnicista [...]”. Porém, já nos anos de 1980, a área iniciava um processo de reflexões que passou a tomar como referencial fundante os princípios teóricos relativos ao campo da educação. Essa passagem é marcada no discurso: “[...] esse processo de transformação de mudanças que a educação física começou a ter a partir da década de 80, [...] na formação da universidade a gente ouvia falar [...]”.

Assim, a área começa a estabelecer outro discurso, conforme nos fala Moraes *et al* (2006, p.214):

A partir do acúmulo de discussão, produção e formação de professores com influências de outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais e Humanas, a produção do conhecimento em Educação Física tomou outro rumo histórico e passou, a partir dos anos de 1980 predominantemente, a tecer uma crítica severa aos materiais e

produções que tinham por objeto a determinação de práticas padronizadas e direcionamento do fazer pedagógico.

As atoras sociais deixaram evidenciado em seus discursos que reconhecem que o período foi marcado por uma grande discussão que mudou o rumo acadêmico-científico do campo da educação física. Podemos mesmo dizer que esses discursos apresentam uma forte estabilidade em relação à compreensão do corpo biológico, e aqui estamos também considerando a grande produção científica que tinha o corpo como objeto, realizada a partir dos anos 1980<sup>26</sup>.

Foi com a ampliação de suas fronteiras epistemológicas que a educação física iniciou a ampliação de suas práticas científicas com a busca de outros olhares possíveis de serem lançados sobre seus objetos de estudos. Foi nesse período que houve a consolidação do processo de aproximação da educação física com as matrizes teórico-metodológicas dos campos de conhecimento da educação, filosofia, antropologia, sociologia, história, psicologia social, economia e política. Ainda, esse foi o momento em que a área começa a se deparar com autores até então não familiares ao seu universo acadêmico-científico de conhecimentos, o que acabou por proporcionar aos pesquisadores e professores a produção de um mergulho radical na própria realidade da área.

Esse processo de intensas mudanças fez com que ocorresse um significativo deslocamento de sentidos de uma grande quantidade de fenômenos específicos da área, o que acabou gerando a ressignificação de seu próprio sentido. Podemos observar tal fenômeno na estrutura discursiva: “[...] na época, a formação da universidade a gente ouvia falar, mas era muito é não tinha um entendimento, [...] sabia que existia uns movimento, que existia os autores, mas ficava por ali e não havia esse aprofundamento.”

Aqui destacamos quatro marcos representativos dessa superação de limites epistemológicos, realizada por meio da aproximação do campo da educação física com o pensamento de Paulo Freire, com a filosofia pelo pensamento de Merleau-Ponty, com a política pelo pensamento marxiano e com a sociologia fazendo uso das ideias de

---

<sup>26</sup> Há de se ressaltar que, na maioria das entrevistas, foi a pesquisadora que provocou a reflexão da discussão sobre corpo na década de 1980.

Foucault. Lembramos que até então, a produção de conhecimento na área estava centrada no campo da saúde, especialmente no campo da medicina, que em função de seu forte capital simbólico ainda se mantém fortemente presente.

Essa nova fronteira da área é identificada pela marcante interferência que o pensamento produzido sobre o corpo pelo filósofo existencialista Merleau-Ponty teve sobre os estudos de corpo na educação física. Esse olhar possibilitou à área o deslocamento de sentidos estabelecidos até então sobre esse corpo.

O entendimento que as atoras apresentam em relação ao corpo ainda fica direcionado ao seu campo acadêmico, sendo que elas demonstram dificuldades de romper com esse olhar, principalmente quando remetem ao campo de atuação profissional de cada uma. Apontam que perceberam uma superação de paradigmas no que diz respeito às reflexões sobre o corpo. “[...] tenho certeza absoluta que a concepção de corpo que eu tenho hoje é fruto da relação das discussões que foram realizadas na sala de aulas na graduação [...]”. É lógico que essa superação apresentada por elas, como exemplificado anteriormente a partir de uma entrevista, leva-nos a pensar acerca da própria ampliação dos limites de conhecimento da área.

Entendemos que ao ingressar na graduação em educação física, de maneira geral, os estudantes chegam sem ter muita clareza sobre as coisas e fenômenos a partir dos quais se dará sua formação profissional. Diante dessa situação, para eles, o conhecimento sistematizado e organizado sob a estruturação de uma matriz curricular, por vezes, lhes parece algo sem sentido, algo não familiar. Um aspecto que consideramos como relevante na questão remete ao fato das próprias atoras afirmarem que essa situação existe muito em função de sua imaturidade: “[...] até pela graduação, não sei pela imaturidade da idade também [...]”, ao fato de ingressar muito cedo no ambiente universitário.

Em relação a algumas disciplinas, as atoras também afirmam que essa situação vai se dissipando na medida em que avançam em sua formação, o que remete ao abandono do aspecto imaturidade. Com o passar do tempo e o próprio amadurecimento na condição de estudante, o conhecimento científico passa a ser absorvido de forma objetiva e elas passam a ter clareza da importância desse conhecimento, pois ele fará parte de sua prática profissional.

A partir dos discursos das atoras é possível entender que ocorre apropriação das discussões e reflexões sobre o corpo durante o período que envolve graduação e pós-graduação. Porém, uma discussão sobre corpo mais aprofundada no período da graduação ficava a cargo somente de algumas disciplinas específicas. No mais, apareciam apenas recomendações por parte dos professores sobre o corpo. Quando remetemos ao campo da pós-graduação as estruturas discursivas produzidas remetem a:

[...] **uma discussão da funcionalidade do corpo, nada de corpo mais sério. Somente aquilo voltado a minha linha de pesquisa.**

O **corpo fisiológico** sim, que **foi o que eu agreguei.**

[...] na **disciplina de metodologia de ensino superior, de políticas pedagógicas,** [...] depois eu fiz uma outra disciplina, que já era na área do marxismo, [...] **existia as discussões dentro dessa linha.**

[...] **discussões** é difícil **desvincular com a linha de pesquisa,** né?

[...] **com o estágio docente, eu percebi que agora, já tem uma mudança em relação a isso.**

Bom não mudou muito, pois **as disciplinas são mais específicas.**

Constatamos, nos discursos, o deslocamento do foco das discussões e reflexões sobre o corpo no decorrer de seu processo de formação quando eles dizem que:

[...] por mais que a disciplina não tenha como foco o corpo, ou que não tenha como objetivo principal na ementa a discussão do corpo, vem esta **discussão à tona; os professores estão muito preocupados hoje, então acredito que tenha surgido com mais intensidade agora.**

Mesmo assim, consideramos interessante apontar que encontramos dois pontos conflitantes nos discursos das atoras sociais. O primeiro ponto remete ao fato de que os Programas aos quais as atoras sociais estão vinculadas pouco contribuíram no que diz respeito à ampliação dos limites de compreensão do corpo devido estarem eles mergulhados em seus objetos específicos de estudo. Isso aparece nos discursos das atoras: “[...] **no mestrado é mais difícil, por que tudo é mais focado pras disciplinas pro projeto. Eu pouco escuto,** a não ser nas áreas qualitativas”.

Os sentidos dos discursos apontam que um dos Programas possui como uma de suas principais características levar os estudantes a se envolverem somente com as

disciplinas relacionadas diretamente ao seu próprio objeto de pesquisa. Exceção a essa característica é o cumprimento da única disciplina obrigatória do Programa não vinculada ao objeto de pesquisa, qual seja, metodologia de pesquisa.

Fica evidente que o Programa ao qual essas mestrandas estão vinculadas não se volta para reflexões sobre o corpo. Isso talvez aconteça devido o foco central dele estar localizado no campo da saúde. Porém, é bom apontar que mesmo as mestrandas que estão em linhas de áreas do campo sociológico do Programa também apontaram que não existe uma discussão consistente no que diz respeito ao corpo nas disciplinas que cursaram: “[...] não, nenhum aprofundamento na discussão do corpo”. Entretanto, fica a questão: caberia uma discussão sobre o corpo no processo de formação da pós-graduação em educação física? As áreas e linhas de pesquisa contemplariam essa possibilidade temática?

Nos discursos das atoras sociais é visível o olhar funcional da educação física, sobretudo quando trazem informações sobre seu “uso”, como apresentado: “O corpo fisiológico sim, que foi o que eu agreguei o que eu tinha informação né? Lesão, como funciona a lesão bioquimicamente no corpo, ok, o funcionamento fisiológico do corpo perfeito, mudança incrível”.

Entendemos que um Programa de pós-graduação *stricto sensu* tem por objetivo não apenas a formação especializada em um determinado tema, mas, sobretudo, a formação e aperfeiçoamento profissional com vistas à concepção do pesquisador e do docente com ampla compreensão de sua área de atuação e capacidade comunicativa. Pensando diretamente na qualificação para a docência, entendemos que seja necessário, nesse processo de formação, a existência de disciplinas com caráter introdutório e de aprofundamento, especializadas ou generalizadas, que comportem um conhecimento aprofundando não somente da área de pesquisa, mas também de outras áreas com as quais a educação física dialoga. Somente assim, entendemos que a qualificação para o ensino superior tende a se efetivar de modo ampliado.

O segundo ponto afirma que as discussões produzidas no outro Programa e que apresentam o corpo como objeto de reflexão são disciplinas componentes da linha de pesquisa sociocultural. Nesse Programa existem disciplinas que são reconhecidas como núcleo comum e que trazem à tona essa discussão, as quais são consideradas



pelas mestrandas como bastante pertinentes, como evidenciado na fala: “No mestrado é mais discutido. [...] no mestrado mesmo, a gente teve como uma obrigatória, epistemologia, que discutiu isso, essas questões de corpo e cultura”.

É possível dizer que o campo do conhecimento da pós-graduação é identificado como um campo de produção de deslocamento de sentidos sobre o próprio corpo, para algumas atoras, e que, muitas vezes, a oportunidade de se aproximar do Programa como aluno especial oferece aos futuros mestrandos a possibilidade de conhecer novos olhares sobre o corpo, sobretudo quando afirmam: “[...] na disciplina especial que foi minha porta de entrada pro programa, eu comecei a ter outras reflexões [...]”. É interessante a metáfora construída pela atora quando elucida: “[...] então pra mim foi muito cru, por que a minha formação não deu base de nada pra esse tipo de discussão”. Entendemos que, na primeira fase, a mestranda se vê como alguém que lança um olhar superficial sobre as coisas da área. Na medida em que vive o cotidiano do Programa, se depara com a possibilidade de olhar o mundo de forma diferente do que até então olhava. O estudante especial, ao se apropriar de novos conhecimentos, também se instrumentalizou para transformar sua visão de mundo e realidade. A fala de uma entrevistada marca bem esse fato: “Então, foi na disciplina do mestrado que eu comecei a ter uma visão um pouquinho mais diferenciada, e você vai conseguindo identifica os autores né? Os estudiosos que fizeram esse tipo [...]”.

Nesse sistema periférico, podemos apontar que o que ancora a fala das atoras sociais dos dois Programas de Pós-Graduação é a constatação de que a discussão sobre o corpo no período da formação inicial aconteceu de maneira superficial e que, com exceção de disciplinas como Fundamentos da Educação Física – referendada no corpo como centro do conteúdo – as demais disciplinas não apresentaram essa preocupação. O afastamento evidenciado nos discursos das atoras sociais se dá quando as entrevistadas de um Programa afirmam não ocorrer preocupação, por parte desse Programa, em trazer o corpo como discussão por meio das disciplinas ofertadas, já que o rol de disciplinas é voltado para o atendimento a necessidades específicas do projeto de pesquisa das mestrandas, como é possível observar: “[...] pois as discussões são mais focadas para as disciplinas específicas que você faz pro seu projeto”. Identificamos que as mestrandas partícipes da pesquisa desse Programa apontam que

não há uma discussão em sua formação no *stricto-sensu* que tematize o corpo; porém quando ela aparece, vai remeter a questões ligadas à funcionalidade do corpo.

As atoras sociais do Programa de outra instituição reconhecem que existe uma discussão sobre o corpo em sua formação, e que essa discussão aparece muito mais em função de uma preocupação manifesta por parte de alguns professores em tentar contemplar o(a)s mestrando(a)s com conhecimentos específicos (ligados à área de estudo) e também conhecimentos abrangentes. Esse olhar apresentado pelo grupo de mestrandas também aponta como o grande responsável por essa discussão a área de concentração “Práticas sociais em educação física”. Notamos, aqui, que as duas linhas que integram essa área de concentração são referendadas como diferencial, as quais ajudam a manter, no Programa, esse olhar multidisciplinar, afastando o olhar duro que remete somente a conhecimentos específicos ligados diretamente ao projeto de pesquisa.

### **3.2.3 Outros elementos do sistema periférico discursivo: intervenção profissional, personal trainer e corpo desejo**

O campo de **intervenção profissional** de algumas das entrevistadas – Academia de Ginástica – configura-se como integrante do sistema periférico. Podemos dizer que o fato de exercerem sua profissão nesse campo faz com que elas produzam significativas contradições em seus discursos sobre o corpo. Essa contradição se manifesta quando os valores do campo de intervenção profissional (academia de ginástica) são colocados diante dos valores do campo científico. A atenção aqui deve estar centrada no fato de que ambos os campos profissionais são campos de produção e circulação de estruturas discursivas que remetem a representações de corpo diferenciadas, sendo que em ambos os campos as representações se aproximam muito da opinião. Vejamos os discursos da atoras sociais sobre o fato:

**Eu me preocupo com isso**, porém vejo que **sou prisioneira desse mundo** [...], pois eu tenho uma formação acadêmica (risos). Eu me volto com aquilo que todo mundo pensa, **é difícil fazer essa separação**.

[...] **o que você veio buscar aqui?** A maioria **ainda é corpo**. Ah, eu vim buscar qualidade de vida, não tem que fazer exercício, **precisa fazer exercício, tem** que fazer né. [...] se **ficar bonita melhor ainda, se ficar gostosona melhor ainda, mais eu quero qualidade de vida**.

**Curitiba**, por mais que as pessoas **vão à academia**, elas, a maioria que vai, são aquelas que não estão precisando, que **estão em busca do corpo perfeito** né.

[...] não eu vejo que tem as pessoas que **buscam a academia**, por conta de uma recomendação médica, por conta de saúde, **mas a grande maioria está lá pela estética**.

As atoras sociais reconhecem que existem mudanças no que diz respeito aos conhecimentos produzidos sobre o corpo, devido às discussões que a área proporcionou. Mas as dificuldades se encontram no processo de transferência para o mundo do trabalho. Elas não conseguem realizar a ressignificação desse corpo, como apontado nessa superfície discursiva: “**Eu me preocupo com isso, porém vejo que sou prisioneira desse mundo, e por mais que eu tente pensar, pois eu tenho uma formação acadêmica, (risos)**”.

Percebemos que existe o reconhecimento, por parte das atoras sociais, da existência de mudanças em relação aos conhecimentos produzidos sobre o corpo. Porém, entendemos que a construção simbólica que está instituída no imaginário social, tanto dos frequentadores quanto dos profissionais, é corpulenta. Daí a dificuldade dessa transposição de sentido: “[...] **eu me volto com aquilo que todo mundo pensa; é difícil fazer essa separação**”. Afirmamos isso, em função de verificarmos que as atoras sociais, ao falarem sobre sua atuação profissional, ou seja, ao transferirem o saber reificado para o campo de trabalho, deixam transparecer a densa ruptura entre os discursos apresentados por elas e o campo de atuação. Aparece de forma contundente a constatação que os frequentadores da

[...] **academia são pessoas magras**, ou seja, os indivíduos que necessitam estar nesse ambiente não o fazem, pois são [...] pessoas não tão gordas né, mas o obeso que realmente precisa, ele não vai, porque **tem aquele padrão de beleza** que, se ele for, ele **vai se sentir humilhado**, vai se sentir mal.

A academia como o templo do belo também se manifesta nos discursos: “[...] esse corpo copiado pela própria sociedade, assim não podemos generalizar, [...] mas no Brasil, é muito forte esse corpo magro”. A maioria das mestrandas já teve ou ainda tem sua atuação profissional em centros de cultura física: academias, estúdios, clínicas e outros. Ao falarem especificamente sobre seu campo de trabalho elas aproximam suas representações de corpo sustentadas pelo senso comum.

Podemos dizer que as academias são consideradas os templos de beleza, e conforme aponta Rodrigues (2005), é na modernidade que o corpo passa a se apresentar como objeto de cuidado e fascínio, de repulsa ou de afeto. Para o autor, é por meio das práticas corporais que as pessoas se estabelecem com seu próprio corpo, aparecendo a relação de amor e de ódio, pois todo corpo físico, desejado, traz em si um anúncio de corpo não desejado e passível de ser destruído. Por isso, as pessoas têm necessidade de buscar diuturnamente esse corpo perfeito.

Os olhares das atoras sociais ainda se voltam a essa representação de corpo trazida por Rodrigues (2005), do qual elas não conseguem se desvincular.

[...] eu acho que ainda **buscam um corpo perfeito, uma atrofia muscular, emagrecer principalmente** [...].

[...] **Independente se a academia vai trazer a uma ideia de corpo escultural** que a sociedade né permite, **mas essa pessoa pelo menos tá fazendo atividade física**, então assim, por mais é que se tenha um culto à beleza por trás disso [...].

As atoras sociais não conseguiram transcender essa marca cultural enraizada na sociedade, pois em pleno século XXI, o senso comum da imagem do profissional de educação física centrada no culto e no consumo de um corpo perfeito/belo ainda vigora, sendo geralmente ele (profissional da educação física) considerado como principal responsável por esse referencial, embora entendamos que a situação é mais complexa. Cabe ao profissional da educação física cuidar do corpo e, segundo as atoras sociais, esse cuidado deve estar atrelado a um corpo saudável, como apontado pelas atoras sociais.

Essas indagações são necessárias na medida em que entendemos que as atoras sociais convivem diariamente com suas próprias contradições, vivência essa que, na maioria das vezes, passa despercebida por elas. As atoras sociais possuem a

certeza que o corpo deve transcender essa materialidade de “objeto”, mas não conseguem, em sua prática, fazer com que todo conhecimento que obtiveram até então no campo reificado fosse capaz de mudar os sentidos que dão suporte ao seu fazer prático. Essa relação de deslocamento só é percebida com atoras que trabalham no campo do Ensino Superior, ou seja, parece-nos que esse conhecimento só se sustenta em um discurso que se baseia em um viés “teórico”<sup>27</sup>.

Podemos dizer que as atoras sociais estão cumprindo um papel social reducionista no tocante ao processo dialogal com os diferentes corpos, deixando sua atuação marcada pela estética do corpo representada socialmente. Assim, esses achados vêm ao encontro da pesquisa de Silva (2011), que também adverte que as noções de uma busca de determinadas formas corporais não devem terminar em si mesmas, mas podem se relacionar com outras ideias (re)construídas socialmente. O autor aponta para a importância de que os profissionais interajam com as concepções de corpo apresentadas pela sociedade contemporânea a partir do professor de educação física:

A relativização da busca de um corpo considerado "perfeito" deve ser um dos nortes profissionais do professor de Educação Física, uma vez que é evidente a sua relação cotidiana com seus alunos. Nesse sentido, a intervenção docente da Educação Física com seu público pode contribuir sobremaneira para os aspectos críticos e desmistificadores do corpo na sociedade (SILVA, 2011, p. 11).

Outro elemento que integra o **sistema periférico** remete ao **papel social que a figura do *personal trainer*** cumpre na sociedade. Vejamos como se apresenta essa estrutura discursiva:

[...] então as pessoas **estão buscando um atendimento mais personalizado**, até tem gente que **simplesmente quer uma companhia, alguém pra conversar** e estar fazendo alguma atividade né.

[...] as pessoas que vão procurar o personal, eu acho que **a maioria está indo em função da qualidade de vida** [...].

[...] o personal vai ser **um momento de desafogo né**, não, não é desafogo, é **desafogar ali a sensação de ficar sentada** né, [...]

<sup>27</sup> Aqui usamos de forma proposital o termo “teórico” para apresentar uma definição que é muito presente na área da educação física e que entende por teórico tudo o que é estudo dentro de uma sala de aula e que necessita de leitura e reflexão; a prática é tudo aquilo que remete ao “fazer” – atividades como, por exemplo, a aula de academia.

principalmente está sendo muito visto porque as pessoas querem conversar, porque as pessoas querem atenção.

O papel ao qual remetem o personal é de, [...] quase um psicólogo, o exercício tá ali como um coadjuvante [...] mas eu acredito que só do fato do personal ouvir problemas né, e elogiar a pessoa, já [...].

[...] Eu acho que o personal que ganha dinheiro é aquele que é carisma, carismático, é aquele que sabe ouvir, e sabe por exemplo elogiar.

Os discursos produzidos nos remetem a dois pontos essenciais do fenômeno. O primeiro se apresenta no sentido de que o tempo de trabalho físico necessário para se atingir o objetivo proposto com a prática de atividades físicas será menor porque ele está acompanhado e orientado por um *personal trainer*. Observemos a fala da atora sobre a questão: “[...] quando você tem um personal, você pensa que tem uma pessoa só pra te atender [...]”, ou seja, para que se possa rapidamente atingir os objetivos primários eu lanço mão do profissional que está posto na sociedade e que é capacitado para tal; ele pode me preparar mais rápido.

O segundo ponto que surge refere-se à maneira como está instituída no imaginário social a figura do *personal*. Ter um *personal trainer* remete a um poder simbólico ligado a fatores econômicos e de classe, já que pagar um personal remete ao pertencimento à classe social hegemônica. Conforme o discurso de uma atora social, ter um *personal* significa: “[...] acho a questão de status [...]”.

Esse personal, além do papel que identificamos acima, porta outro sentido, o qual aponta para o fato dele ser visto pelo cliente em sua intervenção profissional como “[...] mais psicólogo, mais amigo né, ele é mais companheiro do que realmente aparenta trabalhar com os conhecimentos; então eu vejo o personal hoje, com inúmeras características”. Tais discursos nos levam a perceber o deslocamento de sentido do papel do *personal trainer*. Ele passou de um “técnico em recuperar corpos” para uma espécie de psicólogo. O sentido que emergiu se aproxima em uma representação que esse profissional também cumpre o papel de **ouvinte**. Ainda, em outro discurso aparece novamente esse deslocamento de sentido sobre o papel do *personal* para uma espécie de ouvidor:

[...] o personal vai se um momento de desafogo né [...], é desafogar ali a sensação de ficar sentada né, [...] principalmente está sendo

muito visto porque as pessoas querem conversar, porque as pessoas querem atenção.

Esse deslocamento de sentidos aparece de forma mais contundente no momento em que as atoras sociais justificam o papel que o *personal trainer* passa a cumprir em meio à sociedade atual cada vez mais veloz e exigente das pessoas. Nesse sentido, para que se realize o cumprimento de suas tarefas, as pessoas estão se isolando mais, tornando-se mais solitárias e, com isso, acabam diminuindo as relações interpessoais. Os discursos revelam, ainda, que a população usuária dos serviços do *personal trainer* tem como característica a solidão, o ser sozinho, o que faz com que esse profissional passe a cumprir o papel de “ouvinte/confessor”. Desse modo, as pistas nos remetem a um *personal trainer* **que é ouvinte do confessor.**

Para as atoras sociais, apesar da função desse profissional estar pautada na organização de um planejamento individual, essa ação fica em segundo plano, já que o papel principal desse profissional está centrado em ouvir seus clientes, assumindo o papel que chamaremos aqui de “personal ouvidor”, “[...] o papel ao qual remetem o personal é de, [...] quase um psicólogo, o exercício tá ali como um coadjuvante [...] mas eu acredito que só do fato do personal ouvir problemas né, e elogiar a pessoa, já [...]”. Assim, o bom personal, é aquele que escuta e elogia. Para isso é necessário, por exemplo, ter algumas características: “[...] carisma, carismático é aquele que sabe ouvir, e sabe por exemplo elogiar”.

De forma geral, um *personal trainer* se caracteriza com um profissional dentro da academia ou estúdio que trabalha baseado em um programa individual de treinamento, considerado seguro e planejado, que objetiva de forma clara alcançar os resultados almejados por seus clientes o mais rápido possível. Essa ação profissional, segundo Bossle (2008), chegou ao Brasil com ares de modismo no início do século XX. Porém, a autora coaduna com Rodrigues (1996) dizendo que, “[...] parece delinear novos papéis quando define o profissional *Personal Training* como uma “super microempresa” que vende serviços de aptidão e visa conquistar o cliente, satisfazê-lo e mantê-lo fiel” (p.187). Nesse sentido, Bossle (2008) concorda com Sibillia, apontando que os indivíduos que fazem parte da sociedade vão absorvendo a unção de consumidores e a lógica da empresa, vigorando como modelo às instituições.

No artigo “o *personal trainer* e o cuidado de si: uma perspectiva de mediação profissional”, Boslle (2008, p. 195) diz que:

[...] parece deslocar o papel deste profissional, que é focado no treinamento e na preparação física do seu cliente, para pensá-lo como um “cuidador” deste cliente. Assim, podemos pensar “o sentir-se cuidado” como uma possibilidade de sensação almejada pelo cliente na relação com seu *personal trainer*. O tensionamento desta relação é atravessado por questões [...], que podem convergir com o conceito de cuidado de si. Este tensionamento parece carecer de discussões mais amplas da área de Educação Física e Ciências do Esporte, pois a bibliografia sobre o tema não tem se ocupado de investigá-lo.

Uma percepção próxima à apresentada pela autora aparece nesse sistema periférico. Porém, avançamos ao dizer que encontramos o deslocamento de sentidos que vai resignificar o papel social do profissional “*personal trainer*”, pois ele transcende o que Boslle (2008) aponta como cuidador do cliente. Essa relação *personal trainer* x cliente ultrapassa os limites do ser cliente.

Vejamos o papel desse profissional. Primeiro ele é responsável pela planificação e organização de um programa individual; depois ele passa a ocupar um papel de reorganização corporal do cliente, pois se faz cada vez mais ser necessário uma (re)construção de um corpo específico, na qual o serviço do personal é identificado sendo que “[...] você pensa que tem uma pessoa só pra te atender [...]”.

Melucci (2004, p. 104) aponta que a partir das relações que são travadas cotidianamente pelos indivíduos, não se tem mais espaço para “o campo da experiência e das relações, mas um espaço de atenção e de intervenção para uma quantidade de especialistas que identificam problemas e nos propõe soluções”. Dessa forma, identificamos que para cada problema que o indivíduo possui, ele necessita imediatamente de uma pessoa, e/ou especialista que deve prescrever ou recomendar de que forma ele deve agir frente ao problema apresentado. Ele passa a se tornar dependente do outro, ou de outros serviços que são passíveis de compra.

Esse serviço que o cliente passa a comprar remete a suas atividades cotidianas, como o controle de sua alimentação, controle de seu horário de sono, de suas roupas, e até mesmo, como aponta Bossle (2008, p. 196), de suas relações familiares e sociais.

Em um rápido olhar, o *personal trainer* parece ser a versão atualizada do consultor privado dos primeiros séculos [...] o consultor privado objetivava o aconselhamento para assegurar a autonomia do indivíduo,



enquanto o *personal trainer* parece visar à dependência eterna do cliente ao seu trabalho. O conselheiro auxiliava o indivíduo a cuidar-se a si mesmo, diferentemente dele, o *personal trainer* parece deter a responsabilidade pelo cuidado do seu cliente. [...] o cliente parece transferir a preocupação por cuidar-se para o seu treinador personalizado, isentando-se desta função. [...] o *personal trainer* parece focalizar os seus cuidados exclusivamente no corpo do seu cliente. Poderíamos dizer, então, que o corpo constitui-se o alvo do cuidado de si na atualidade e que o *personal trainer* parece ser um agente deste cuidado.

Podemos dizer que o deslocamento que encontramos avança no sentido de que as atoras sociais apontam que em muitos casos a atividade física é até secundária, pois o foco central está na busca de companhia, como nesse discurso: “[...] tem gente que simplesmente quer uma companhia, alguém pra conversar, e tá fazendo alguma atividade né?”.

Outro elemento que integra o **sistema periférico** remete à confirmação do discurso de um **corpo preestabelecido** que incorpora o padrão social vigente na sociedade. Dessa maneira é interessante olharmos para a materialidade desses discursos produzidos pelas atoras:

Ah, eu vejo ela (mídia<sup>28</sup>) responsável de tudo isso. Ela é determinante para a construção de um corpo idealizado pelas pessoas. É ela quem determina.

[...] buscam um corpo perfeito, (...) está ligado diretamente com o que as pessoas veem ai fora, a mídia, as revistas. As mulheres casadas, por exemplo, buscam a academia porque querem ter um corpo aceitável para o seu marido, as solteiras (risos) buscam um corpo para poderem conquistar.

[...] a mídia ela é determinante ainda de ligar a educação física, o profissional de educação física com essa questão do belo [...].

[...] a mídia impõem a magreza, às vezes até levando a anorexia por que todas as atrizes que aparecem na televisão tem o corpo magrinho, é então poucas propagandas como a da Dove, que apareceu na televisão é capaz de colocar a pessoa com a beleza natural, não naquela beleza estipulada que é a magreza. Ser belo é ser magro é isso que a mídia impõe.

[...] aquele corpo perfeito que a mídia impõe né, que é perfeito entre aspas também né.

---

<sup>28</sup> Apontamento nosso.

O corpo representado por elas é um corpo representado socialmente e que faz parte do imaginário social coletivo, conforme o discurso: “[...] aquele corpo perfeito que a mídia impõe né”. De acordo com Corrêa e Hernandez (2010, p. 2), todo estereótipo social é construído por meio de generalizações e de observações individuais nas quais a pessoa está inserida e é observada. Para os autores, são considerados “[...] crenças, conjunto de ideias e rótulos usados para determinadas situações de forma mecânica, sem questionamentos”. Os autores ainda apontam que:

A instalação do estereótipo seguiria os seguintes passos: inicialmente, as pessoas imaginariam e definiriam o mundo e, logo após, o observariam. A interpretação estaria essencialmente relacionada à cultura, determinando de forma estereotipada uma noção interna sobre o mundo externo. Portanto, de acordo com os códigos da cultura, já haveria uma opinião formada para se analisar o mundo antes mesmo de observá-lo [...]. Portanto, estereótipo, é a probabilidade de se encontrar algumas características em um grupo de indivíduos, em confrontação à probabilidade de se verificar as mesmas características no restante da população.

A mídia nos apresenta diariamente um culto ao corpo, corpo esse introjetado no imaginário social, e que cumpre um papel cultural, na visão de Bourdieu (1988, p. 188), pautado numa linguagem corporal que também se apresenta com distinção de classes, e que ocupa uma posição fundamental na sua construção argumentativa e teórica. Aponta o corpo como a “[...] objetivação do gosto da classe, que se expressa de mil maneiras toda uma relação com o corpo, isto, toda uma maneira de tratar o corpo, de cuidá-lo, de nutri-lo, de mantê-lo, que é reveladora das disposições mais profundas do habitus”. Isso é evidenciado na fala da atora social: “[...] a responsável de tudo isso. Ela é determinante para a construção de um corpo idealizado pelas pessoas. É ela quem determina”.

No discurso das atoras aparecem dados relacionados à classe social: “[...] *eu* acho que a pessoa digamos leigos assim, que não buscam não tem conhecimento. [...] são mais influenciadas por esse tipo de padrão, que a sociedade impõe, que a mídia impõe, do que as pessoas sei lá talvez sejam mais instruídas, e que olham mais pra uma qualidade de vida, não que cada um tem o seu corpo, não vai se todo mundo igual

[...]”. A relação entre corpo e classe social aparece forte nesse discurso, haja vista que o sujeito social produz sua existência a partir de determinações políticas, sociais e econômicas (BOLTANSKI, 2004). Essa relação se evidencia quando a atora social diz:

[...] eu quis dizer, **que pessoas de nível de instrução mais baixos eu acredito que são mais influenciados pela mídia e por esses fatores que mostram esse padrão de beleza, e as pessoa que são mais instruídas, é conseguem é buscar, digamos, nas academias (...)a saúde, bem-estar e a qualidade de vida são mais importantes do que esse padrão de beleza** que a mídia impõe.

Esse culto ao corpo ao qual nos remetemos refere-se a um possível padrão de beleza estabelecido socialmente que aponta a “magreza” como ideal de corpo belo. Segundo esse discurso, “[...] a **mídia impõe a magreza**”, ou “[...] **ser belo é ser magro**”. Daí observarmos pelo discurso que possuir um corpo que esteja em forma, ou ser magro, é importante para até mesmo se relacionar com o outro: “**Então novamente meu cartão de visita é o corpo**”. Assim, percebemos um corpo aqui compreendido como objeto; e como objeto ele necessita de controle social. Porém, é necessário explicitarmos que as percepções que as pessoas têm sobre o corpo são construídas e reconstruídas no cotidiano dos sujeitos e de sua coletividade. Isso fica evidente no seguinte discurso: “**a aparência conta, é no campo de trabalho, uma entrevista de emprego a aparência vai contar muito, como você está com o seu corpo, aí volta ao princípio né**”. Percebemos aqui uma representação de corpo que aponta ser ele determinante para a garantia das condições laborais que contribuam com a busca da sobrevivência, ou seja, o corpo é reificado a partir da dimensão do belo e dos discursos sobre ele.

[...] **o corpo tem que ser bonito, pois é ele que vai vender, sou um produto de venda, aiiiiii, que horrível!**

[...] **No meu grupo tem magrinha, gordinha, baixinha**, (risos), de tudo, **então convivemos com esse corpo**, mas **com certeza não e o corpo de nossos sonhos**. Eu acho sinceramente que **a mulher é uma eterna insatisfeita**.

[...] hoje em dia **ele é mais estranho**, hoje a tendência e cada vez mais **é a mulher estranhar o corpo**, estranha aquilo que se veste, aquilo que não se encaixa direito . [...] **Mas os corpos** (falou com ênfase) **são todos padronizados, aquele corpo belo mesmo**.

[...] corpo belo é sem defeito digamos assim.

[...] Acho que ela (sociedade) também cultua esse corpo, um corpo malhado, um corpo sarado,

Quando ele está no seu estado mais perfeito. [...] Eu acho que as pessoas ainda pensam, por isso que buscam ser magros. Porque ser magro é ser saudável [...].

A preocupação com a imagem estética, que valorize os padrões, é corrente na sociedade atual, pois a indústria cultural vem cada vez mais apresentando a valoração de um corpo esguio, belo e magro, enfim, podemos dizer um “**corpo apolíneo**”<sup>29</sup>:

[...] um corpo perfeito, (risos). [...] magro, [...] além da estética ele tem que combinar com funcionalidade [...].

[...] já penso em um corpo bonito, não tenho como fugir disso. [...] Eu acho que quando existe uma simetria assim, uma imagem que te passa tranquilidade, uma harmonia nas formas.

No caminho da busca de um corpo belo, magro e saudável aparece o estranhamento e o incômodo que as atoras sociais demonstram ao se referirem a outros tipos de corpos, como o corpo muito magro ou o corpo gordo, conforme a estrutura discursiva abaixo:

[...] antigamente era mais gordinho e tudo, não tinha essa preocupação, hoje em dia ele é mais estranho, hoje a tendência e cada vez mais é a mulher estranhar o corpo, estranhar aquilo que se veste, aquilo que não se encaixa direito no corpo, então, por exemplo, você colocou ali uma calça muito justa, e sobro uns pneuzinhos a tendência é você estranhar tudo isso.

O corpo do outro não me incomoda, mas aquela comparação me incomoda, sabe você tá vendo aquela lá, olha ela é mais magra, isso me incomoda, como ela engordou, como ela emagreceu, isso me incomoda.

Eu não faço ginástica com que é gordo, posso refletir e tudo mais, mas pra mim, pro meu corpo não dá não. Olha aí de novo aquilo que falei a construção cultural de ser magro e gordo.

---

<sup>29</sup> Corpo apolíneo remete ao deus grego, Apolo, e conduz à visualização de um corpo regrado, equilibrado.

Quando se dá a discussão de um padrão corporal, as atoras sociais apontam relações diretas entre corpo saudável, bonito e magro, pois “ser belo é ser magro é isso que a mídia impõe”. Porém, ser muito magro está fora dos padrões ou ser muito gordo. O corpo gordo é tido pelas atoras sociais como um corpo que possui dificuldades para se movimentar. Percebemos que o imaginário social está pautado em relações já definidas, como também aponta Castro (2009, p. 84):

[...] tem-se um imaginário social do que é o corpo bonito/feio, saudável/doente, gordo/magro, feminino/masculino, entre outros, que são construções feitas não apenas por características fisiológicas, mas também sociais. Tais conceitos e definições perpassarão a vida dos indivíduos na forma de padrões corporais a serem seguidos.

Esses padrões, fortemente demarcados pelas atoras sociais, levam-nos a refletir acerca do quanto nos tornamos prisioneiros de nossas ações, a exemplo de falas como: “eu não faço ginástica com que é gordo. Posso refletir e tudo mais, mas pra mim, pro meu corpo não dá não. Olha aí de novo aquilo que falei a construção cultural de ser magro e gordo”. Estaríamos vivendo sob a ditadura de uma armadura corporal, que impõe o certo e o errado? Levantar essas questões implica em reflexões de como, culturalmente, os grupos se apoderam de percepções, ações e as transformam.

Ser gordo ou excessivamente magro é o estranhamento do não familiar, pois “[...] hoje em dia ele é mais estranho; hoje a tendência é cada vez mais é a mulher estranhar o corpo”. Nas discussões de Bruhns (1989, p. 43), é possível observar:

Vivemos dentro de uma tradição cultural na qual nosso corpo sofre uma série de repressões através de preconceitos, normas sociais, etc., sofrendo com isso uma rigidez postural. [...] A cultura dita normas em relação ao corpo [...]. A mais simples observação em torno de nós poderá demonstrar que o corpo humano é afetado pela religião, pela profissão, pelo grupo familiar, pela classe social e outros intervenientes sociais e culturais [...]. Ao corpo se aplicam também crenças e sentimentos que estejam na base da nossa vida social [...]. Podemos, então, pôr em evidência a ligação entre a industrialização, o desenvolvimento do lazer e o tipo de atividades corporais praticado na nossa civilização atual [...].

Para Daolio (1994), existe uma construção cultural de corpo que está pré-definida, posta em prática pelas especificidades de cada sociedade, via o conjunto dos costumes, crenças, hábitos e tradições que caracterizam essa cultura. Isso implica dizer

que cada grupo é possuidor de uma imagem social referente ao corpo, imagem essa que se constitui como símbolo de uma identidade corporal que tem por função selecionar ou rejeitar as pessoas de acordo com sua imagem. Dessa forma, se cada cultura constrói sua imagem de corpo, são elas que vão instituir de maneira própria as relações de se ver e viver esse corpo.

O corpo apresentado deve ser padronizado e tudo aquilo que perpassa as extremidades não é bem visto. Essa exposição exarcebada desse corpo reflete o que as atoras sociais apresentam, pois parece que esse corpo nunca esteve tão em foco. Não basta somente ter um corpo, é necessário ter um corpo com as características hodiernas dessa sociedade. Como lembra Castro (2009, p. 88),

[...] existe, desse modo, um imaginário social de corpo saudável e belo, com tamanho, forma e acessórios. Tais atributos circulam através dos meios de comunicação e vem “repousar” no inconsciente de cada indivíduo. Têm-se, portanto, as representações sociais de corpo magro, obeso, feio, belo, saudável, doente, entre outras. Como exemplo de pessoas “excluídas” por suas formas corporais, podem-se ser citados os obesos mórbidos.

Para as atoras sociais, um corpo obeso é visto como algo fora dos padrões corporais para a sociedade, pois o que está instituído é um modelo de corpo magro e malhado como imagem ideal de corpo. Para Benedetti (2003, p. 79), ser obeso significa “[...] estar imerso numa rede de crenças e valores que constroem uma realidade”. Dessa forma, esse indivíduo terá muitas dificuldades de se relacionar com o outro e como o meio. Isso fica claro nesse discurso:

A minha família, [...] **nós todos somos muito magros, até comparados a família deles que todos são obesos**, desde a mãe dela à minha sogra, até as irmãs delas, todas, ela é a segunda que faz cirurgia bariátrica, [...] ele é obeso também [...].

[...] eu tenho assim talvez **o meu olhar pra uma pessoa gorda é de dó**.

Em diversas vezes as atoras sociais utilizam adjetivos como dó e pena, referendando atitudes em relação a esse corpo. Se as pessoas devem conviver umas com as outras, e todas possuem características próprias com suas singularidades, igualdades e diferenças, por que ser diferente incomoda? Por que não se tem direito a

um corpo “normal<sup>30</sup>”, com todas as particularidades que neles possam portar? Como observado pelos discursos, ser gordo ou muito magro é ter que conviver com o preconceito diário: “[...] uma relação, assim um pouco de pena sabe, não é um bom sentimento né, mas assim, um pouco de dó pelo o que aquela pessoa vai ter que ter força de vontade pra ser ela, pra querer, pra volta aquilo sabe, eu sinto bastante dó”.

Outro elemento que integra o **sistema periférico diz respeito ao corpo desejo**, cuja estrutura discursiva aponta<sup>31</sup>:

Veja bem, tenho duas filhas, meus **seios já estão um pouco caídos** né, (risos). Mas, **me incomoda**, não sei se colocaria hoje silicone, mas amanhã é possível.

[...] eu **não sou satisfeita com ele**. Melhorar os seios, a celulite, a barriguinha e tudo mais, (risos) [...] **meu desejo, então esse corpinho aqui poderia ser muito melhor**. Não que eu não esteja satisfeita com ele assim, mas dava pra melhorar, (risos).

Para a minha idade estou bem, **mas me incomoda sim, a barriguinha, as celulites, o peito um pouco caído**, (risos).

As minhas amigas, nós já formamos um grupo acima dos 30 anos. **E então, todas têm alguma coisa pra arrumar**, e mesmo aquelas que arrumaram querem melhorar algo. **A eterna insatisfação feminina**.

**Hoje eu não tenho problema nenhum com o meu corpo**, assim não faço questão nenhuma de silicone, pra que né?. Pra que gastar um dinheiro.

[...] **não é o meu sonho**, mas eu sou feliz com o meu corpo em função das minhas atividade atléticas. Por exemplo, **pra correr eu do graças a Deus que eu sou magrinha e que eu não tenho peito**.

[...] **incomoda os seios que já...** é... caíram né, que a gente vê, que hoje poderia colocar uma prótese, é uma vantagem. E sei lá, talvez celulite e essas coisas incomoda.

Eu acredito que **nós mulheres nunca somos satisfeitas com o nosso corpo**, porque sempre estamos procurando na outra mulher algo que a gente acredita que nossos maridos desejam. E então, eu desejo o corpo da outra.

[...] então me agrada, eu não tenho problema com isso, **mais tem alguma coisa que eu gostaria que fosse melhor** (risos), **os seios é**

<sup>30</sup> Normal aqui é referendado à aceitação de que a sociedade possui pessoas magras, gordas, nem muito magras e nem muito gordas, baixas, altas, loiras, morenas, negras e ruivas. Ou seja, normal é reconhecer os diferentes biótipos que circulam na sociedade.

<sup>31</sup> Cabe lembrar que alguns desses temas foram suscitados pela pesquisadora durante as entrevistas.

**maior**, (risos) é maior. (Silicone) ai, eu tenho medo (risos), [...], **tinha blusinhas que eu não usava, por exemplo, de alcinha**, de regatinha, assim como até eu to, eu não usava tipo com vergonha, por não ter assim seio né, mas que hoje em dia não, eu não tenho problema em me vestir quanto a isso.

Os padrões de corpo foram mudando ao longo do tempo, e a insatisfação da mulher com ele também, pois é alvo da própria estética. Goellner aponta (2003, p. 29) “[...] que somos os responsáveis por nós mesmos, pelo nosso corpo, pela saúde e pela beleza que temos ou deixamos de ter”. A insatisfação que as mulheres apresentam em relação ao seu corpo as leva a procurar estratégias mirabolantes para chegarem até seus sonhos: “[...] nós mulheres nunca somos satisfeitas com o nosso corpo”.

O sonho/corpo desejo aqui se materializa nos seios, nas próteses de silicone, meios utilizados para a busca incessantemente de um ideal de corpo, que vai ser exposto: “[...] tinha blusinhas que eu não usava, por exemplo, de alcinha, de regatinha, [...] eu não usava tipo com vergonha, por não ter assim seio né, mas que hoje em dia não, eu não tenho problema em me vestir quanto a isso”. Nesse discurso, percebemos que ocorre a ratificação do uso do corpo, ou seja, a utilização de um corpo que pode ser melhorado para uma valoração subjetiva. Aparece uma construção de representação social dos seios, que a tornará uma mulher desejada desde que possa utilizar determinadas roupas (regatinha).

A relação da mulher com seu próprio corpo se ancora na busca de algo. Gama e Gama (2009, p. 3) dizem que a maioria das mulheres passa “[...] a se relacionar com seus corpos balizadas por essas noções subjetivas”, sendo que, no Brasil, determinadas partes do corpo feminino “[...] tendem a ser publicitariamente mais privilegiados do que outros, dada a representatividade cultural que possuem no conjunto de crenças, superstições, certezas e consensos que norteiam o imaginário do nosso povo”.

O discurso “[...] meu desejo, então esse corpinho aqui poderia ser muito melhor. Não que eu não esteja satisfeita com ele assim, mas dava pra melhorar, (risos)”, apresenta-se com um verniz que objetiva esconder outras relações humanas. Esse corpo parece não ter referência consigo mesmo, pois é vinculado a padrões sociais de estética e beleza. O corpo desejado por elas aumenta o poder de auto-estima que



possuem, como relata a atora social: “[...] mas que hoje em dia não, eu não tenho problema em me vestir quanto a isso”.

Gama e Gama (2009, p. 5) apontam que “[...] segundo a ideia freudiana de prazer, podemos dizer que estas transformações corporais geram inúmeras fantasias na busca por um corpo perfeito”, corpo esse que as atoras sociais nunca chegam a concretizar, conforme observado na fala de uma atora: “eu acredito que nós mulheres nunca somos satisfeitas com o nosso corpo”. Nesse sentido, lançamos mão da fala de Le Breton (2003) ao discorrer que na sociedade existe um convite implícito para que se faça construção de corpos, que se materializam de diversas formas, como, por exemplo, nesse discurso: “Para a minha idade estou bem, mas me incomoda sim, a barriguinha, as celulites, o peito um pouco caído, (risos)”.

Dessa forma, podemos apontar que o núcleo central que emergiu dos discursos das mestradas se encontra em um “corpo funcional centrado na saúde”. Esse corpo representado pelas atoras aponta um deslocamento de sentidos, em que a concepção de corpo apresentada foi ressignificada, tendo como base uma visão funcionalista que tem seu suporte nas áreas das ciências sociais e da saúde, áreas com as quais a educação física dialoga.

### **3.2.4 Corpo funcional situado na saúde como núcleo central**

O **núcleo central** que emergiu dos discursos das mestradas, qual seja, **corpo funcional centrado na saúde**, é o elemento que mantém a estabilidade das representações das mestradas. É ele que possibilita a manutenção da continuidade no contexto variável e também evolutivo. Essa representação é o elemento que mais resiste a mudanças. Sendo assim, qualquer elemento modificável nele iria determinar a modificação da representação. O funcionalismo estrutural está assentado na própria estrutura que aparece na vida social, e o funcionalismo cultural como “satisfação de

necessidades orgânicas totalizadas na vida social”. Isso aparece no discurso de uma autora social quando ela afirma que: “Não é somente o corpo que veicula, mas o corpo que sente, que pensa, e se movimenta. Ele é um veículo, da massa e da estrutura. Ele é tudo, sou eu”.

Avançando nesse olhar, percebemos que a estrutura interna da representação está regida pelo fenômeno da saúde, pois ao falarem sobre o corpo, as entrevistadas desenham um corpo pensado a partir de sua funcionalidade, e que essa está centrada na saúde.

De acordo com a teoria apresentada por Abric (2000), o núcleo central sempre é determinado pela natureza do objeto, ou seja, pelos tipos de relações que esse grupo específico mantém com o objeto pesquisado. Nesse processo, não se pode esquecer que tudo isso é regido pelo sistema de normas sociais e valores do contexto do qual estão inseridos.

Posto isso, podemos apontar que as orientações que as mestrandas possuem sobre corpo continuam aliadas à ideia de que um corpo saudável deve ser magro e conseqüentemente belo. Essa perspectiva está fortemente enraizada no campo da educação física, cujo papel é a manutenção de suas bases, como ratificado por Novaes (2009, p. 385) quando diz que “[...] a exclusividade da concepção de corpo biológico, concretizada nos currículos, tende a objetivar o indivíduo, colocando a saúde apenas como resultado de um funcionamento eficaz”.

Esse achado vem ao encontro do que Lindoso (2011) também aponta em sua dissertação de mestrado, momento em que encontra forte representação de corpo entre professores de esporte marcada pela representação de um corpo/saúde, como aponta a autora:

A associação corpo/saúde é marcante. Analisando o grupo de palavras encontradas como provável núcleo central, a palavra *saúde* atende ao que Abric, citado por Sá (1996), chama de função geradora, o elemento “saúde” atende à função de criar a representação. Na sociedade atual, em que o cuidado com o corpo está sempre aliado à saúde, sua representação centrada em saúde e qualidade de vida circula no grupo de professores de esporte (p. 81).

Nesse sentido, percebemos que essa representação de corpo não somente possui fortes marcas de experiências primárias relativas à formação profissional no que

diz respeito ao corpo, bem como de práticas pessoais e profissionais que são as orientadoras de seu discurso. Ainda se torna presente nas representações das mestrandas um corpo que continua atendendo à sociedade e às relações simbólicas que o cercam, ou seja, esse corpo deve ser saudável, funcional, magro e belo.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

---

A pesquisa desenvolvida junto a mestrandas de Programas de Pós-Graduação em educação física, vinculados a universidades públicas do Estado do Paraná, objetivou analisar as representações sociais de corpo instituídas em seu imaginário, buscando identificar quais foram os sentidos dados por elas ao corpo por meio de seus discursos. Tal análise foi realizada trazendo a área das representações sociais como aporte teórico para a compreensão dos sentidos que foram produzidos pelas mestrandas. As análises possibilitaram a verificação de como estão instituídas as representações de corpo das mestrandas e a identificação dos sentidos que portam seus discursos, no intuito de entender como seus discursos possuem relação com os padrões corporais que estão instituídos por meio do imaginário na sociedade atual.

Ao apresentar a área de estudos em representações sociais como campo científico referencial à compreensão dos sentidos produzidos pelas mestrandas, com base em Serge Moscovici, apropriamo-nos de uma ferramenta teórico-metodológica que nos possibilitou transitar por espaços não muito familiares à educação física e trilhar caminhos diferentes daqueles dados como seguros e práticos.

A pesquisa nos auxiliou a entender como os discursos das mestrandas reforçam comportamentos em relação ao grupo de convívio: família, amigos e pessoas com as quais se relacionam profissionalmente. Assim, suas representações foram construídas em meio a práticas sociais e portam características que não permitiram, nessa investigação, o deslocamento de sentidos, mesmo após o conhecimento científico que elas agregaram no período de formação continuada. Apesar de todo conhecimento científico, o que aparece em seus discursos são representações de corpo próximas ao senso comum, entendendo que essas representações não são melhores ou piores, mas representativas das interações construídas ao longo do tempo pelas atoras sociais.

No processo de construção das análises dos discursos levamos em consideração que cada discurso produzido porta em si uma singularidade que o torna único. Os discursos produzidos pelas mestrandas portam traços, comportamentos,

atitudes e ações determinadas pelo meio cultural e social ao qual fazem parte. O corpo, elemento investigado presente nos discursos das mestrandas, revela comportamentos e necessidades que vão ao encontro das relações simbólicas instituídas socialmente, relações essas que transmitem sua formação pessoal e profissional, e que não possuem outra forma de se expressar, a não ser, na maneira como olham, vivem e se relacionam nesse mundo.

A pesquisa nos aponta que o campo do conhecimento científico, por meio dos programas de pós-graduação investigados, não realizam deslocamentos de sentidos no que se refere ao entendimento de corpo, até mesmo porque fica evidente que o envolvimento do programa se dá por meio do objeto de pesquisa de cada linha. As mestrandas partícipes da pesquisa possuem duas ações contraditórias<sup>32</sup> em relação ao corpo:

1. Quando as respostas das mestrandas sobre o corpo ficam no campo do conhecimento científico (a ciência), elas produzem discursos apoiados nos conhecimentos que possuem, nas literaturas das quais se aproximaram e, principalmente, nos referenciais teóricos em que se apoiam e na linha de pesquisa estudada.
2. Quando os discursos focam o corpo desejo/sonho e o campo do trabalho, não aparece o deslocamento de sentido sobre esse corpo, uma vez que as mestrandas continuam ainda apoiadas nos significados e opiniões que circulam na sociedade por meio do senso comum.

Com base nessas constatações, apontamos como núcleo central das representações sociais das mestrandas a ideia do **corpo funcional centrado na saúde**. Isso nos leva a depreender que as mestrandas ainda possuem certa dificuldade em realizar a transição entre a concepção tradicional de corpo focada ainda em uma dimensão biológica para a concepção de corpo pautada num olhar multidisciplinar e polissêmico. Podemos inferir que talvez essa dificuldade possa estar atrelada ao campo profissional em que elas estão inseridas. Em sua maioria, elas trabalham em academias

---

<sup>32</sup> Aqui entendemos por contraditórios o discurso das atoras, pois elas apresentam dois olhares sobre o corpo: um discurso apoiado no conhecimento científico que as aproxima da relação da linha estudada, com conceitos definidos. E outro olhar, apoiado no campo do trabalho, em suas práticas diárias que trazem aproximação do senso comum.

ou são *personal trainer*, e essas profissões trazem, em geral, a marca do olhar do corpo na dimensão biológica.

Entendemos que a dificuldade para o deslocamento de sentidos por parte das mestrandas ocorre porque o campo da educação física é marcado “ainda” pelos discursos da saúde a partir da qualidade de vida. Somos bombardeados via televisão, revistas e, até mesmo, pelos artigos especializados da área que fundamentam uma educação física voltada à promoção da saúde. Porém, é necessário ressaltar que em um dos programas de pós-graduação investigados há preocupação externada por parte de professores (de uma área de concentração em específico), em fazer circular novos sentidos para a área, haja vista que as discussões que as mestrandas apontaram ser realizadas sobre corpo oportunizaram a elas ampliar o olhar sobre esse objeto e as relações com seu mundo. Contudo, essas ações ainda não foram suficientes para que pudéssemos identificar o deslocamento de sentidos.

Ao buscar compreender as representações sociais de corpo das mestrandas, a pesquisa fez emergir suas representações por meio do núcleo central e do sistema periférico, os quais encontraram amparo no núcleo central “**corpo funcional centrado na saúde**”. O sistema periférico, que tem por objetivo proteger o núcleo central, é representado nessa pesquisa por: corpo máquina/funcional; saúde: funcionalidade/hábitos saudáveis/ atividade física; formação continuada: graduação/programa de pós-graduação/linhas de pesquisa; intervenção profissional: campo da academia de ginástica/*personal trainer*; papel social do *personal trainer*: deslocamento de sentidos para *personal*-ouvindo; corpo pré-estabelecido: relações com a mídia, estereótipos de corpo, estranhamento do corpo; corpo desejo/sonho.

Assim, essa pesquisa nos deu pistas para podemos inferir que nem todo conhecimento científico pode dar conta de modificar representações instituídas, ou seja, é nítido que elas reconhecem que o conhecimento científico possibilitou a ampliação da lente acerca dos conhecimentos referentes à área de formação. Porém, ainda se encontram presentes em seu imaginário as relações que envolvem o imaginário coletivo sobre corpo saudável e belo, e são essas interpretações que permeiam o fazer profissional das mestrandas.

Vale observar, contudo, que algumas das mestrandas mostraram consciência crítica em relação a representação de corpo, apresentando transição entre uma visão tradicional de corpo que se atualiza diariamente por meio do discurso da saúde e da qualidade de vida, para um discurso que aponta uma perspectiva crítica em relação ao corpo entendendo ser este um complexo de relações, ou seja, apresenta um corpo em sua totalidade (corpo total), embora a tônica de seus discursos de maneira geral se dão pelo viés de corpo funcional pautado na saúde.

Entendemos que o papel de uma dissertação seja não apenas responder momentaneamente às problemáticas suscitadas para o desenvolvimento da pesquisa, guiando-se por orientações metodológicas que conduzam ao atendimento dos objetivos propostos, mas também levar o pesquisador a produzir outros questionamentos, dúvidas e incertezas que o envolvam em desafios investigativos contínuos. Por isso, ainda ficam questões a ser levantadas em relação ao papel que o corpo assume ou pode assumir na vida do profissional de educação física: quais são os fatores que ainda influenciam as concepções ideológicas no trato ao corpo em seu campo de atuação? Por que é contundente a busca do “corpo perfeito” a partir da exposição de um determinado tipo de corpo que influencia na relação com os outros? Em que as mestrandas se apoiam no que diz respeito a suas concepções, opiniões em relação à cultura, a mídia e às relações sociais? E, principalmente, qual será o papel do profissional de educação física frente à constante reconstrução dos estereótipos de corpo que acompanham os ideais estéticos postos pela sociedade e que são compartilhados diariamente entre os indivíduos?

Essas indagações são necessárias, na medida em que entendemos que as mestrandas convivem diariamente com suas próprias contradições, vivência essa que, na maioria das vezes, passa despercebida por elas. Suas representações de corpo continuam apoiadas nas relações cotidianas e nos discursos que estão imbricados na e pela sociedade, na qual o corpo perfeito (magro ou malhado) continua sendo o padrão social de beleza e saúde. Dessa maneira, podemos dizer que com o desenvolvimento dessa pesquisa foi possível verificar as construções de representações que as mestrandas em educação física possuem sobre corpo, bem como seus modos de organização da vida e de vivência de seu próprio corpo.

A dissertação alcança seus objetivos na medida em que, ao mergulharmos nas representações das mestrandas, pudemos fazer emergir suas representações sociais de corpo, identificando seu conteúdo geral por meio do levantamento do núcleo central e do sistema periférico. Nesse sentido, sugerimos avançar na pesquisa buscando entender o deslocamento de sentidos que aparece no que se refere ao papel social do *personal trainer* para os próprios profissionais da área e também para os usuários de seus serviços, pois consideramos no mínimo interessante o desvelar dos discursos sobre esse profissional, sendo necessário o mergulho radical nesse campo que possa identificar essa nova representação que se forma sobre ele.

Outro ponto que apontamos como relevante remete ao aprofundamento dessa discussão (o corpo) junto aos programas de pós-graduação investigados, no que diz respeito a como eles trazem à tona (ou não) as discussões sobre corpo na formação de pesquisadores/ professores de ensino superior; ou seja, como se faz presente de forma explícita ou implícita essa discussão e como ela pode contribuir para a formação de mestrandos e doutorandos, em geral.

Apontamos, ainda, como sugestão, que se repense o papel do profissional de educação física e suas relações com seu corpo e com o do outro, pois entendemos ser esse profissional um dos que, em seu fazer diário e prático, (re)constrói estereótipos de corpo, geralmente acompanhados de ideais estéticos que se configuram na e pela sociedade. Dessa forma, refletir sobre essa problemática nos aponta como a área continua atrelada a coerções estéticas corporais, e que são elas frutos do que a sociedade determina.

As relações que foram exploradas por essa pesquisa podem abrir novos caminhos para outras problemáticas. Quiçá, essa investigação possa resultar em outros estudos que contemplem as representações sociais no campo da educação física, haja vista ser ainda carente essa apropriação temática pela área. Conseqüentemente, outros interlocutores surgiriam, exigindo esforços na tentativa de refinar o debate acadêmico e a produção de conhecimento, aprimorando esse campo investigativo junto à educação física.



# REFERÊNCIAS

---



---

ABRIC, J-C. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 2000.

ABRIC, J-C. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, D. (Orgs.) **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p.155 –172.

\_\_\_\_\_. **Prácticas sociales y representaciones**. México: Ediciones Coyoacán, 1994.

\_\_\_\_\_. A Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.) **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998, p. 27-38.

ALMEIDA, A. M. O. Abordagem societal das representações sociais. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 24, n. 3, p.713–737, set/dez. 2009.

ALEXANDRE, M. Representação social: uma genealogia do conceito. **Comum**. Rio de Janeiro - v.10, n. 23, jul/dez. 2004, p.122-138.

ALVES-MAZZOTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações á educação. **Em Aberto**, Brasília, ano 14, n. 61, jan/mar. 1994, p. 60–78.

ANADON, M.; MACHADO. P. B. **Reflexões teórico-metodológicas sobre as representações sociais**. Senhor do Bonfim – Ba: Eduneb, 2011.

ANDRADE, C. D. **Corpo**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

ANDRADE, S. S. Saúde e beleza do corpo feminino – algumas representações no Brasil do Século XX. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n, 1, jan/abr. 2003, p.119-143.

ARRUDA, A. A. psicologia social no nordeste nos anos 80: levantamento de dados. **Revista de Psicologia**, Ceará, v.5, n. 2, 1987, p.73 -85.

\_\_\_\_\_. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. **Cadernos de Pesquisa**. n. 117, nov. 2002, p. 129-150.

\_\_\_\_\_. As representações sociais: desafios de pesquisa. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis: EdUFSC, Especial Temática, 2002.

ARRUDA, A; ALBA, M. (Orgs). **Espacios imaginarios y representaciones sociales: Aportes desde Latinoamérica**. Barcelona/México: Anthropos, 2007.

BARBOSA, C. L. A. **Educação Física escolar: as representações sociais**. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BAGRICHEVSKY, M. Do 'corpo saudável' que se (des)constitui: imperativos moralizantes rumo à saúde persecutória?. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e Congresso Internacional de Ciências do Esporte. v. 15., Goiânia: CBCE, 2007, Recife. Política científica e a produção do conhecimento em Educação Física. **Anais ...** Goiânia: CBCE, 2007.

BENEDETTI, C. **De obeso a magro: a trajetória psicológica**. São Paulo: Vetor, 2003, p.65-89.

BOSSLE, C. B. O personal trainer e o cuidado de si: uma perspectiva de mediação profissional. **Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, jan/abr. 2008, p.187-198.

BOURDIE, P. **La distinción: critérios y bases sociales del gusto**. Madrid: Taurus, 1988.

BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

BRUHNS, H. **Conversando sobre o corpo**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1989.

CABECINHAS, R. Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. **Paidéia** v. 14, n. 28. Universidade do Minho, 2004, p.125-137.

CHIZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2000.

CAMPOS, P. H. F.; ROUQUETTE, M-L. Abordagem estrutural e componente afetivo das representações sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16, 2003, p.435-445.

CODO, W.; SENE, W. A. **O que é corpo(latria)?** Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CORRÊA, T. P.; HERNANDEZ, J. A. E. Estereótipos sociais vinculados ao corpo. **Revista Digital**, año 14, n. 140. Buenos Aires, Enero, 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd140/estereotipos-sociais-vinculados-ao-corpo.htm>.

CARRIERI, *et al.* Contribuições da análise do discurso para os estudos organizacionais. **Revista E&G**. v.6, n.12, jan. 2006, p.1-22. Disponível em: [newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/ElianeFrancaPereira.pdf](http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/ElianeFrancaPereira.pdf). Acesso em 30/09/2011, às 14h43min.

CARVALHO, J. W. A. **Representações sociais de psicologia hospitalar entre médicos e psicólogos**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2005, 143f.

CARVALHO, R. S. **Transtornos alimentares em mulheres**: um estudo das representações sociais do corpo. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009, 145f.

CRESPO, J. **A história do corpo**. Lisboa – Portugal: DIFEL, 1990.

CASTRO, M. R. **Imagem corporal de mulheres submetidas à cirurgia bariátrica**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2009, 193f.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola**: implicações para prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

\_\_\_\_\_. **Da cultura do corpo**. 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

DE ROSA, A. S. 50 anos depois: a Psychanalyse, son image et son public na era do Facebook. In: ALMEIDA, A. M. O.; SANTOS, M. F. S.; TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Teoria das representações sociais**: 50 anos. Brasília: Technopolitik, 2011, p. 491-562.

DEL PRIORI, M. **Corpo a corpo com a mulher**: pequenas histórias das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000.

DOISE, W. Atitudes e Representações Sociais. In: JODELET, D. (Orgs.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p.187-204.

\_\_\_\_\_. Debating social representation. In: BREAKWELL, G. M.; CANTER, D. V. (Orgs.). **Empirical approaches to social representations**. Oxford: Oxford University Press, 1993. p. 157-170.

\_\_\_\_\_. Les représentations sociales. In: GHIGLIONE, R.; BONET, C.; RICHARD, J. F. (Orgs.). **Traité de psychologie cognitive**. Paris: Dunod, 1990, p. 111-174.

\_\_\_\_\_. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. **Revista Psicologia**: Teoria e Pesquisa. v.18, n. 1, 2002, p. 27-35.

DOTTA, L. T. T. **Representações sociais do ser professor**. Campinas, SP: Alínea, 2006.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1987.

\_\_\_\_\_. As formas elementares da vida religiosa. In: DURKHEIM, E. **Da divisão do trabalho social; As regras do método sociológico; O suicídio; As formas elementares da vida religiosa.** (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 203-245.

FARIAS, N.; BUCHALLA, C. M. A classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. **Rev. Bras. Epidemiol.** v. 8, n. 2, 2005, p.187-193.

FERREIRA, N. T. Olhares sobre o corpo e imaginário social. In: VOTRE, S. J. (Org.). **Imaginário & representações sociais em educação física, esporte e lazer.** Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001.

FERNANDES, R. C. Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia. **Motriz**, Rio Claro, v. 11. n. 2, mai/ago. 2005, p.107–112.

FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. (Orgs.). **Análise do discurso:** unidade e dispersão. São Paulo: EntreMeios, 2004.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber.** São Paulo: Almedina, 1995.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 12. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

GAMA, D. R. N.; GAMA, A. P. B. Corpo como uma fábrica de sonhos: representações sociais de corpo entre mulheres praticantes de atividade físicas que fizeram intervenções cirúrgico plásticas corretivas. **Revista Digital** – Buenos Aires, año 13, n.128, Enero. 2009.

GASTALDO, D. É a educação em saúde saudável?: repensando a educação em saúde através do conceito de bio-poder. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 1, jul/dez. 1997, p. 147-168.

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GÓES, F. Do body building ao body modification: paraíso ou perdição. In: VILLAÇA, N; GÓES, F.; KOSOUSKI E. (Orgs.). **Que corpo é esse?** Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

GOETZ, E. R. *et al.* Representação social do corpo na mídia impressa [versão eletrônica]. **Psicologia Social**, v. 20, n. 2. 2008, p.226-236.

GOELLNER, S. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.; NECKEL, J.; GOELLNER, S. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 28-40.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana.** Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, m. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento**, v. 2, n. 2. Rio de Janeiro, jul/dez. 2006, p.115-123.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar, agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994.

GONÇALVES, A.; PIRES, G. L. Educação física e saúde. **Motriz**, v. 5, n. 1, jun. 1999.

GOMES, B. C. R. **O corpo na representação social de mulheres da comunidade Boa Esperança**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, 2006, 118f.

GONSALVES, E. P. **Conversa sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2007.

GODIM, S. M. G.; FICHER, T. O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo. **Caderno Gestão Social**, Salvador, v. 2, n.1. 2009, p. 9–26.

HOROCHOVSKI, M. T. H. Representações sociais: delineamentos de uma categoria analítica. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. v. 2, n.1, Jan/jun. 2004, p.92-106.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais e esferas públicas**. A construção simbólica dos espaços públicos no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2000.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

\_\_\_\_\_. Ponto de Vista: Sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira. **Revista Temas em Psicologia: 50 anos da teoria das representações sociais**. v.19, n. 1. 2011, p. 19–26.

\_\_\_\_\_. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis, R.J.: Vozes, 2005.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: SP: Papirus, 2003.

LEMMERTZ, D. **O corpo como representação da mulher: uma análise das propagandas de produtos para emagrecimento**. 2004. Disponível em: [http://www.discurso.ufrgs.br/article.php3?id\\_article=16](http://www.discurso.ufrgs.br/article.php3?id_article=16). Acesso em: 13/03/2011, às 21h29min.

LINDOSO, R. C. B. **O corpo nas representações sociais do professor de esporte**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, CE: 2011, 121f.

LUDORF, S. M. A. A prática pedagógica do professor de educação física e o corpo de seus alunos: um estudo com professores universitários. **Revista Pensar a Prática**. v. 8, n. 12. 2005.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, E. M. M.; MAIA, H.; ALVES-MAZZOTI, A. J. Representações sociais de trabalho docente por professores de curso de Pedagogia. **Trabalho & Educação**. v.18, n. 2, mai/ago. 2009.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MARKOVÁ, I. **Dialogicity and social representations: the dynamics of mind**. Cambrig: Cambrig University Press, 2003.

MATTOS, J. A. J. Do soma para o psíquico em busca do objeto psicanalítico. In: JUNQUEIRA FILHO, L. C. U (Org.). **Corpo-mente: uma fronteira móvel**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995, p. 429-460.

MAUSS, M. A expressão obrigatória dos sentimentos. In: OLIVEIRA, R. (Org.). **Mauss: antropologia**. Coleção grandes cientistas sociais. São Paulo: Ática, 1979.

MELUCCI, A. **O jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Paulo: Unisinos, 2004.

MERLEAU – PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: campus, 1986.

MINAYO, M. C. *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

MINAYO, M. C. S. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. 12 ed. Petrópolis, R.J: Vozes, 2011, p. 73– 93.

MORAES, A. C. *et al.* Linguagens, códigos e suas tecnologias. In: **Orientações curriculares para o ensino médio**. Secretaria de Educação Básica. Brasília: ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006, 239p.

MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C.(Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: A. B., 1998.

MOSCOVICI, S. **Representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NÓBREGA, S. M. Sobre Teorias das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P. (Org.) **Representações sociais: Teoria e Prática**. João Pessoa: Universitária, 2001.

NOVAES, C. R. B. Ciência e o conceito de corpo e saúde na educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, abr/jun. 2009, p.383-395.

OLIVEIRA, R. C. **Personal training**. São Paulo: Atheneu, 1999.

**Organização Mundial da Saúde**. CID – 10. Tradução do centro colaborador da OMS para a classificação de doenças em português, 9 ed. Ver – São Paulo: EDUSP, 2003.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4 ed. Campinas: Pontes, 1996.

\_\_\_\_\_. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3 ed. Campinas: SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**. 2 Ed. Campinas: SP: Pontes, 2005.

PAIM, M. C. C.; STREY, M. N. Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpo na atualidade. **Revista Digital – Buenos Aires**, Año 10, n 79, dez. 2004.

PAULINO, L. F. **Representações sociais de velhice, cegueira e direitos sociais em instituições especializadas em deficiência visual**. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2007, 255f.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP, 1988.

PEREIRA, G. M. S. **Representações sociais de educação física: o resgate e o remédio do corpo e da mente**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro. 2008, 104f.

PIRES, A. G. M. G. **As bóias-frias e suas representações sociais sobre tempo livre e lazer**. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2000, 350f.

PORTER, R. História do corpo. In: BURKE, P. (Org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

QUEIROZ, M. C. **Configuração teórica da análise do discurso (AD) de linha francesa.** Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/configuracao-teorica-da-analise-do-discurso-ad-de-linha-francesa/17917/>. Acesso em: 20/08/2011.

RANGEL, M. A representação social como perspectiva de estudo na escola. **Revista Tecnologia e Educação.** Rio de Janeiro: v. 22, n. 112, mai/jun. 1993, p.11-15.

RANGEL, M. Ensaio sobre aplicações didáticas da teoria de representação social. 2007. **Olhar de professor.** v.10, n. 2, Ponta Grossa: p.n11-22, 2007. Disponível em: <http://www.uepg.br/olhardeprofessor>.

RIZZUTTI, E. V. **Representação social dos professores de educação física sobre a relação entre as atividades físicas e o desempenho acadêmico.** Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Gama Filho, maio de 1999, 215f.

ROCHA JR, C. P. Organização do campo da educação física: considerações sobre o debate. **Arquivos em Movimento.** v. 1, n. 2. Rio de Janeiro, jul/dez. 2005, p.69-78.

RODRIGUES, R. O desempenho do homem-massa nas práticas corporais esportivas: uma relação de amor e de ódio. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte,** Campinas, v. 27, n. 1, set. 2005, p. 153-165.

RODRIGUES, C. E. C. **Personal training.** Rio de Janeiro: Sprint, 1996.

ROSA, S. T.; BARROS, N. R. C. A relação do profissional de educação física com o corpo e sua pluralidade. **Revista Digital,** año 14, n. 140. Buenos Aires, enero de 2010. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/>.

SÁ, C. P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPIN, M. J. P.(Org.). **O conhecimento no cotidiano:** as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1998.

\_\_\_\_\_. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais.** Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

\_\_\_\_\_. **O núcleo central das representações sociais.** Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Representações Sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPIN, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano.** As representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1995, p.19-45.

SÁ, I. R. **Educação física escolar:** as representações sociais compartilhadas por professores, coordenadores e diretores. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2001, 130f.



SÁ; C. P.; ARRUDA, A. O estudo das representações sociais no Brasil. **Revista das Ciências Humanas**, v. 1, n. 1, 2000, p.11–31.

SÁ, C. *et al.* A memória histórica do regime militar ao longo de três gerações no Rio de Janeiro: sua estrutura representacional. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 26, n. 2, abr/jun. 2009, p.159–171.

SARGENTINI, V. M. O. A noção de formação discursiva; uma relação estreita com o corpus na análise do discurso. Disponível em: <http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/vanicesargentini.pdf>. Acesso em: 15/08/2009.

SANCOVSKI, B. Sobre a noção de representação em S. Moscovici e F. Varela. **Psicol. Soc.** v. 19, n. 2. Porto Alegre, Mai/Ago. 2007.

SANTOS, C. Z. G.; SANTOS, J. R. Design de moda: o corpo, a roupa e o espaço que os habita. **Revista multidisciplinar da Uniesp**. Saber acadêmico. n 9, jun. 2010, p.204-224.

SARGENTINI, V. M. O. **A noção de formação discursiva**: uma relação estreita com o corpus na análise do discurso. 2011. Disponível em: [www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/vanicesargentini.pdf](http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/vanicesargentini.pdf) Acesso em:15/10/2011, às 23h45min.

SECHI, K.; CAMARGO, B. V.; BERTOLDO, R. B. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. **Psic. Teor. e pesq.** v.25, n. 2, Brasília, abr/jun. 2009.

SEGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 13, jul.2000. p. 128–133. Disponível em: [www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf](http://www.ufrgs.br/ppghist/anos90/13/13art8.pdf). Acesso em: 19/07/2011 às 23h47min.

SIQUEIRA, D. C. O.; FARIA, A. A. Corpo, saúde e beleza: representações sociais nas revistas femininas. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 4, n. 9, mar. 2007, p.17 –188.

SILVA *et al.* A visão de corpo na perspectiva de graduandos em educação física: fragmentada ou integrada? **Movimento**, v. 15, n.03, Porto Alegre, jun/set. 2009, p.109-126.

SILVA, A. **O volume e a intensidade do corpo periodizado: cadê os professores de Educação Física?** 2011. Disponível em: <http://www.webartigos.com/artigos/o-volume-e-a-intensidade-do-corpo-periodizado-cade-os-professores-de-educacao-fisica/64861/>.

SIMÕES, R. M. R. Do corpo no tempo ao tempo no corpo: a ciência e a formação profissional em educação física. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998, 328f.

SOARES, C. L. Fundamentos da educação física escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Brasília, v. 71, n. 167, jan-fev, 1990, p.51-68.

SOARES, C. L. **Educação Física: raízes européias**. 4 ed. Campinas, S.P.: Autores Associados, 2007 (Coleção educação contemporânea).

SPINK, M. O estudo empírico das representações sociais. In: SPINK, M. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 85–108.

VALLE, L. D. **As representações sociais do professor de artes visuais no ensino médio e sua relação com a construção do conhecimento artístico do aluno**. Dissertação (Mestrado em Educação e Artes). Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2008, 115f.

VELOZO, E. L. **Cultura de movimento e identidade: a educação física na contemporaneidade**. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de educação física, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2009.

## **ANEXOS**

---

---

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezados Coordenadores do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL

Vimos por meio desta solicitar de V. S<sup>a</sup> **autorização para a realização de pesquisa de mestrado nas dependências do Departamento de Pós-Graduação em Educação Física da UEL**, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL. A pesquisa intitula-se *As representações sociais de corpo a partir do discursos de mestrandas*, sendo orientada pela Profa. Dra. Larissa Michelle Lara, docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá – UEM.

O objetivo geral da pesquisa será analisar as representações sociais sobre corpo instituídas no imaginário das mestrandas de universidades públicas do Estado do Paraná vinculadas aos programas de Pós-graduação Stricto-sensu em Educação Física, considerando que a partir do modo que estas mulheres veem os seus corpos, poderemos desvelar quais são os sentidos que elas dão ao mesmo, buscaremos mergulhar em suas falas buscando fazer emergir seus sentidos, sendo que estes sentidos poderão nos apontar as interações que vão envolver de forma simbólica seu universo humano, ou seja, como elas se relacionam em sua vida com esta temática. Farão parte desse estudo as mestrandas dos cursos de Pós-Graduação Stricto-sensu em Educação Física das universidades públicas do Estado do Paraná: o programa da Universidade Federal do Paraná – UFPR, e o programa associado da Universidade Estadual de Maringá - UEM e Universidade Estadual de Londrina - UEL. Utilizaremos aproximadamente 16 mestrandas, sendo oito do programa da Universidade Federal do Paraná e oito do programa associado em Educação Física UEM/UEL, que serão convidadas para fazerem parte da pesquisa.

As informações serão coletadas por meio de uma entrevista semi-estruturada, na qual utilizaremos entrevistas individuais, cujo objetivo central é analisar as representações sociais sobre corpo instituídas no imaginário das mestrandas de universidades públicas do Estado do Paraná vinculadas aos programas de Pós-graduação Stricto-sensu em Educação Física, pois entendemos que é por intermédio da linguagem que temos acesso aos discursos, em consequência ao discurso do sujeito/atoras, sendo assim, as análises se darão a partir dos discursos das mestrandas, de quais são os sentidos que se materializam sobre corpo em seus discursos (ORLANDI, 1996). Ao buscarmos as representações sociais das mestrandas, partimos do princípio que elas possuem um conhecimento: dão sentido aos seus corpos. Desta maneira, elas constroem suas práticas cotidianas.

O sigilo das informações será preservado por meio de adequada codificação dos instrumentos de coleta de dados. Nenhum nome, identificação de pessoas, locais e instituições, especificamente, interessa a este estudo. Todos os registros efetuados no decorrer desta investigação serão usados para fins acadêmico-científicos e inutilizados após a fase de análise dos dados e elaboração da dissertação. Além disso, informamos que este estudo é realizado de acordo com as normas do Comitê de Ética da UEM e que eventuais dúvidas podem ser esclarecidas com a pesquisadora responsável, Larissa Michelle Lara (44) 3261-4315/ sala 08, bloco M06.

Equipe:

Nome: Larissa Michelle Lara (44) 32614315

Nome: Morgana Claudia da Silva (44) 30164560 – (44) 9117 6681

Eu \_\_\_\_\_ e

\_\_\_\_\_,  
Professores responsáveis pelo programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL, após ter lido todas as informações e esclarecidos todas as minhas dúvidas referentes ao estudo, autorizo a acadêmica do programa de pós-graduação em Educação Física de Maringá, Morgana Claudia da Silva, e a profa. Larissa Michelle Lara, a realizar a pesquisa.

\_\_\_\_\_  
Professor Dr.

Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL

\_\_\_\_\_  
Professora Dra. Larissa Michelle Lara

Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física - UEM/UEL

Qualquer dúvida ou esclarecimento procurar um dos membros da equipe do projeto ou o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (COPEP), da Universidade Estadual de Maringá – Sala 01 – Bloco 10 – Campus Central – Telefone: (44) 3261-4444.

### Convite a Mestrandas

Gostaríamos de convidá-la a participar da pesquisa intitulada “*As representações sociais de corpo a partir do discursos de mestrandas*” que faz parte do Programa de Pós-Graduação Associado em Educação Física UEM/UEL e é orientada pela prof. Dra. Larissa Michelle Lara, da Universidade Estadual de Maringá - UEM. O objetivo da pesquisa é analisar as representações sociais sobre corpo instituídas no imaginário das mestrandas de universidades públicas do Estado do Paraná vinculadas aos programas de Pós-graduação stricto-sensu em Educação Física. Para isso, a sua participação é muito importante, e ela se dará da seguinte forma: inicialmente marcaremos local e dia de sua preferência para realizarmos as entrevistas, com a utilização de gravador digital e caderno de campo para anotações. A entrevista semi-estruturada partirá de uma pergunta central, e na medida em que você (mestranda) for respondendo a nossas indagações a entrevista nos possibilitará o desdobramento de novos tópicos que não fujam à questão central da pesquisa. Informamos que poderá ocorrer mais de um encontro para finalizar as entrevistas, e/ou entrevistas com uma ou mais mestrandas. Gostaríamos de esclarecer que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Informamos ainda que as informações serão utilizadas somente para os fins dessa pesquisa, e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade. Tendo em vista que as entrevistas serão gravadas, elas serão transcritas na íntegra e servirão como material de análise dos discursos das mestrandas participantes da pesquisa. Porém, os dados serão apresentados de forma geral, não ocorrendo em hipótese alguma a revelação da identidade das mestrandas participantes das entrevistas. Também será garantido ao máximo a fidedignidade dos discursos produzidos por vocês, de modo a preservar as características produzidas pelos discursos. Os benefícios esperados são possibilitar a compreensão de como são os processos e meios de produção e circulação das representações sociais que estão instituídas no imaginário das mestrandas de universidades públicas do Estado do Paraná, podendo, dessa forma, entender os sentidos que as mestrandas fazem circular sobre corpo. Poderemos entender de forma indireta como esses discursos poderão ou não interferir em suas relações cotidianas no processo de formação de profissionais da Educação Física. Caso você tenha mais dúvidas ou necessite de esclarecimentos complementares, pode nos contatar nos endereços abaixo ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da UEM, cujo endereço consta deste documento. Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue a você.

Eu,.....(nome por extenso do sujeito de pesquisa)  
 declaro que fui devidamente esclarecida e concordo em participar  
 VOLUNTARIAMENTE da pesquisa coordenada pela Prof. Larissa Michelle Lara.

Data:.....

\_\_\_\_\_  
 Assinatura ou impressão datiloscópica

Eu, Morgana Claudia da Silva, declaro que forneci todas as informações referentes ao projeto de pesquisa supranominado.

\_\_\_\_\_ Data:.....

Assinatura do pesquisador

Qualquer dúvida com relação à pesquisa poderá ser esclarecida com o pesquisador, conforme o endereço abaixo:

Nome: Morgana Cláudia da Silva

Endereço: Rua Mato Grosso, 2662 – apto 03 – Campo Mourão – PR

Telefones: 44 (vivo) 9117 6681 - (Tim) 9991 5835

E-mail: [morgana.silva@grupointegrado.br](mailto:morgana.silva@grupointegrado.br) ou [morgfoz@gmail.com](mailto:morgfoz@gmail.com)

Qualquer dúvida com relação aos aspectos éticos da pesquisa poderá ser esclarecida com o Comitê Permanente de Ética em Pesquisa (COPEP) envolvendo Seres Humanos da UEM: COPEP/UEM- Universidade Estadual de Maringá. Av. Colombo, 5790. Campus Sede da UEM. Bloco da Biblioteca Central (BCE) da UEM. CEP 87020-900. Maringá-Pr. Tel: (44) 3261-4444. E-mail: [copep@uem.br](mailto:copep@uem.br)



# Universidade Estadual de Maringá

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Comitê Permanente de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos

CAAE Nº. 0361.0.093.000-11

PARECER Nº. 522/2011

<b>Pesquisador (a) Responsável:</b> Larissa Michelle Lara	
<b>Centro/Departamento:</b> CCS / Departamento de Educação Física	
<b>Título do projeto:</b> Corpo e seus sentidos: as representações de mestrandas em Educação Física no Paraná.	
<b>Considerações:</b>	
<p>Trata-se de um projeto de pesquisa do tipo qualitativo-exploratório, de grupo III, que tem como objetivo geral analisar as representações sociais sobre o corpo instituídas no imaginário das mestrandas de universidades públicas do estado do Paraná vinculadas aos programas de pós-graduação strictu sensu em Educação Física. Para tanto, 16 pós-graduandas dos programas de educação Física de Maringá-Londrina e Curitiba serão submetidas a uma entrevista guiada, gravada em áudio, iniciada a partir de uma única pergunta: "Como você profissional de Educação Física pensa o corpo?". As entrevistas serão transcritas na íntegra para análise e interpretação das informações.</p> <p>A documentação apresentada inclui cronograma de execução com início de coleta dos dados dos sujeitos da pesquisa em setembro de 2011 e término do projeto em janeiro de 2012; desembolso financeiro de R\$ 2.756,00 a cargo da pesquisadora, sendo a maior parte do orçamento relativo às despesas de locomoção entre Campo Mourão e as cidades de Maringá, Londrina e Curitiba; termos de autorização das coordenadoras dos programas de Pós-Graduação em Educação Física dos Campus Maringá-Londrina e Curitiba; TCLE de acordo com a Res. 196/96, com exceção de não indicar os riscos/ desconfortos aos sujeitos da pesquisa, lembrando que de acordo com a res. 196/96 sempre há riscos ou desconfortos ao sujeito da pesquisa, mesmo que sejam mínimos e aceitáveis, o que deve ser indicado no TCLE. Também não há indicação no TCLE do destino final das gravações (descarte) após conclusão do estudo.</p> <p>Deste modo, somos de parecer pela APROVAÇÃO do presente projeto, solicitando, no entanto, que o TCLE seja corrigido com a inclusão da informação de que não estão previstos riscos/ desconfortos inaceitáveis aos sujeitos da pesquisa e também com a inclusão do destino final das gravações (descarte) após conclusão do estudo.</p>	
<p>Com relação à aplicação do TCLE, conforme instrução operacional do sistema CEP/CONEP, datada de 21/03/2011, os pesquisadores deverão fazer constar, além das assinaturas de ambos (pesquisador e sujeito da pesquisa) nos campos específicos da última página, a rubrica, também de ambos, em todas as folhas do documento (TCLE).</p>	
Situação: <b>APROVADO</b>	
<b>CONEP:</b> ( X ) para registro ( ) para análise e parecer	Data: 16/09/2011
<b>Relatório final para o Comitê:</b> ( ) Não ( X ) Sim	Data: Março de 2012
<p>O protocolo foi apreciado de acordo com a Resolução nº. 196/96 e complementares do CNS/MS, na 224ª reunião do COPEP em 16/9/2011.</p>	<p><i>Ricardo César Gardiolo</i>  <b>Prof. Ricardo César Gardiolo,</b>  <b>Presidente em exercício do COPEP.</b></p>



## APÊNDICES

---

---

Abaixo se apresenta a transcrição de algumas<sup>33</sup> entrevistas na íntegra, com finalidade de esclarecer o leitor sobre a maneira como foram realizadas as entrevistas.

### **ENTREVISTA 1**

ENTREVISTADORA: Bom, você se formou em que período, na graduação?

MESTRANDA: Em 2008 licenciatura, e 2009 bacharel.

ENTREVISTADORA: Ah! Você fez os dois?

MESTRANDA: Aham.

ENTREVISTADORA: E você trabalha, ou só estuda?

MESTRANDA: Eu trabalho e estudo.

ENTREVISTADORA: Trabalha em que área?

MESTRANDA: Eu sou professora de educação física na graduação, e também pra alunos de 15 a 16 anos.

ENTREVISTADORA: Na sua graduação você passou, ou pelo menos ouviu a discussão do corpo né? Aquelas discussões que apareceram desde anos 1980. Como que você vê isso?

MESTRANDA: Então, ah, o corpo pra mim, ele pode ter duas facetas né? Uma bem fisiológica, anatomia e fisiologia, e outra, de total expressão corporal, ou seja, o corpo fala por si só, eu vejo assim. A minha graduação em especial, trabalhou muito pouco eu acredito, o que poderia ter trabalhado, o corpo. A gente teve uma disciplina de atividade rítmica e uma de dança, e que foi trabalhado o corpo. No mais, o corpo era só a fisiologia, o corpo era só essa vertente, do que acontece com o corpo se estiver correndo, o que acontece no corpo se faz exercício, assim por diante. Faltou muito realmente essa abordagem, do corpo como expressão, né? Fala por si só. Como eu fiz dança antes da graduação, sempre dancei, e passei pelas danças, jazz, dancei street dance, vários tipos de dança. Eu achei que ia entrar na educação física, e fosse realmente seguir essa área da dança, do corpo falando por si só. Mas, acabou que em função da própria característica da graduação, eu acabei não me perdendo, fui para o lado da fisiologia, e também, nossa, sempre quis ser professora, eu sou apaixonada pelo corpo fisiológico também. Mas é colocar uma música, parece que vem lá de dentro. Nossa! Se eu estiver em uma sala fechada, vazia, ou mesmo que não esteja vazia, mas que eu esteja à vontade pra me soltar, eu solto, é fechar o olho e, é como se eu fizesse uma viagem, como se tivesse realmente dançando com o corpo. Assim não tivemos muitas discussões, mas eu acredito muito no corpo que por si só, fala.

ENTREVISTADORA: E agora, no processo do mestrado?

MESTRANDA: Praticamente o corpo é só um instrumento (risos), agora, é meu corpo é ..., essa percepção assim, se tá estressada, e se não tá. Porque eu sinto dores, assim, eu sei quando eu estou muito ansiosa, porque meu organismo não funciona direito, mas assim, nesse sentido né? Nada de, não dá nem para parar, para pensar como que tá meu corpo no espaço, ou o que, que eu estou expressando pras outras pessoas né? Eu não consigo perceber isso, então realmente no mestrado, numa fase tão corrida da vida, que corpo só pede pra me deixar em pé, e terminar essa dissertação.

ENTREVISTADORA: As disciplinas que você fez de alguma maneira abordou o corpo?

MESTRANDA: Olha, uma única disciplina que eu trabalhei, assim, mais o lado não tão fisiológico, né? Por que a minha vertente é a fisiologia humana, então, era uma disciplina que eu achei que ia ser fisiologia, e depois eu descobri que não era, que é a saúde e funcionalidade. E daí trabalhava também, principalmente as questões de funcionalidade, para quem trabalha com crianças com alguma deficiência. Mas acabou sendo completamente fora do meu foco. E eu acredito que eu não utilizei da disciplina tanto quanto poderia, eu fiquei um pouco, ah vamos cumprir crédito. Eu gostei da disciplina, mas não era o que eu esperava né, então daí deu aquela desanimada.

<sup>33</sup> Fizemos a opção de transcrever seis entrevistas, e não todas, devido à extensão que ficaria o trabalho.

ENTREVISTADORA: Então, você consegue perceber ou não, uma evolução na discussão de corpo entre a graduação para o mestrado?

MESTRANDA: Não! Não! Mas depende do corpo né? O corpo fisiológico sim, que foi o que eu agreguei via informação? Lesão, comportamento, como funciona a lesão bioquimicamente no corpo, ok. O funcionamento fisiológico do corpo perfeito, mudança incrível. Agora o corpo, como expressão, o corpo como processo de expressão corporal, não, não.!

ENTREVISTADORA: Para você, qual que é sua visão de corpo, o que é corpo para você?

MESTRANDA: Então, são eu acho que é muito do momento em que a gente vive? O corpo pra mim, realmente? Foi, um, deixa eu tenta lembrar. (pausa longa) Acho até que essas matérias da graduação, mesmo que a gente envolvia o corpo. O corpo foi realmente, é expressão, ou seja, como eu me posiciono perante a sociedade, como meu corpo está, o que eu represento para a sociedade, a sociedade que está a minha volta, as pessoas que estão a minha volta né. Então, por exemplo, o perfil, eu sei, desde uma roupa que eu coloco, o que ela representa né? E se você, por exemplo, estiver com uma roupa, o corpo se transforma né? Por exemplo, se você vai colocar um salto alto, você sabe, você começa a caminhar diferente, teu corpo percebe e anda diferente. Se você tá com um chinelo ou um tênis que a gente costuma usar na graduação, você já tá com o corpo em outro formato. Então assim, eu percebo essa diferença, até nas primeiras matérias, em estar interagindo com o corpo né? Gostando muito disso, e depois dessas matérias, você começa a não mais utilizar o corpo como instrumento de comunicação, e simples como sobrevivência né, para terminar a graduação, então para sobreviver.

ENTREVISTADORA: Essa sobrevivência ela está onde?

MESTRANDA: Simplesmente no acordar, comer, movimentar, né? As funções fisiológicas básicas, assim. Eu não consigo mais hoje em dia, utilizar meu corpo assim, apenas como representação social né? Mas não mais, pra aquilo que antigamente eu tinha interesse, como dançar, e estar representando o corpo de outra forma.

ENTREVISTADORA: E a relação de corpo com a saúde?

MESTRANDA: O meu corpo ele é completamente regido pelas minhas emoções, então minha saúde é regida pelas minhas emoções. Por exemplo, se eu estou ansiosa, meu intestino não funciona direito né? Se eu estou triste, meu intestino não funciona direito, se eu estou feliz, o resto funciona direito. Se eu não estou comendo muito bem, em função de estar estressada, o meu corpo sente. Então, é essa relação do corpo com a saúde né? Meu corpo, eu, eu consigo ouvir meu corpo, eu sei, opa! Eu estou muito estressada, opa! Eu estou muito ansiosa. Fulana se acalme, né? Então, é só ouvindo o meu corpo. Nesse sentido, eu tenho uma relação direta com o meu intestino né, então se o meu intestino está certinho, eu estou certinha. Se meu intestino não está certinho alguma coisa tem. E com certeza, influência a minha ansiedade, minha preocupação, excesso de preocupação, ou, quando eu quero, que um evento chegue o quanto antes né? Então assim, tudo é em função nesse sentido? No mais, graças a Deus, eu não tenho problema de saúde nunca, em geral eu sou bastante forte até. Eventualmente, tomo pouquíssimos remédios, então se eu tenho uma dor, uma coisa assim, olha espero no último, só se realmente tiver muita necessidade do remédio daí, eu vou interferir, daí vou no médico, mas senão, o próprio corpo, vou deixar ele cuidar do próprio agente infeccioso, do próprio processo inflamatório assim por diante. O próprio corpo tem que ter esse processo na minha cabeça. Então, quando .... Não que eu tome um chazinho, essas coisa mais naturais né, populares, né? Tem alguns que eu acredito realmente, que eu já vi que fez efeito, eu não sei se é psicológico, mas tem. Mas assim, corpo pra mim, eu consigo escutar meu corpo, sei que quando, eu estou bem, eu estou mal, ele me dá sinais, ele me dá sinais.

ENTREVISTADORA: Se você tivesse que conceituar saúde, como você faria?

MESTRANDA: Eu acho que saúde e felicidade estão muito próximas, por que a saúde assim, não é realmente só estar isento de doenças. Então, eu entendo saúde como assim, se eu estou feliz, se eu estou de bem comigo mesma eu estou saudável. Por exemplo, agora eu estou num

momento que provavelmente eu não estou saudável, porque eu estou muito estressada, estou ééé ansiosa, estou aguardando. Então assim, de certa forma, eu tenho um pouquinho de insônia, acordo de noite assim né, do nada, coisa que eu nunca tive problema, então pra comer, eu estou comendo mais, e até pra falar eu estou falando mais rápido né? Então, em alguns momentos, eu estou lá no carro sozinha, eu estou lá falando, da minha dissertação, o que eu vou discorrer, então é assim. Eu percebo, que agora é um momento, em que eu não estou saudável, porque se eu estivesse saudável, eu estaria comendo direito, estaria tranquila, não estaria né, meu intestino estaria funcionando regularmente por exemplo. Então é assim, corpo saudável, eu encaro muito assim, como é uma percepção de felicidade, de estar bem, isso pra mim é saúde.

ENTREVISTADORA: A gente tem visto aí na educação física uma proliferação de academias, cada vez mais. Começou ali da década de 1980, anos 2000, e agora além da academia, a gente está vendo os estúdios, o personal. Como que você vê isso?

MESTRANDA: Olha eu acho que a mídia influencia muito, e eu espero que ela continue influenciando mais, no sentido assim. Independente se a academia vai trazer lá uma ideia de corpo escultural que a sociedade permite, mas, essa pessoa pelo menos está realizando uma atividade física. Então assim, é, por mais que ainda tenha um culto à beleza por trás disso, mas, ela tá na atividade física, e a partir do momento que a pessoa começa a fazer atividade física seja numa academia, seja com um personal, seja num parque, e, ela percebe os benefícios que a atividade física, é ofertou né? Proporcionou para ela, ela realmente sabe a diferença quando ela fica parada, diferente do que é estar fazendo atividade física ou não, então eu acho assim, positivo, e eu gostaria que cada vez mais, eu acho que a gente tá, num momento importante e que, acho que realmente, que a atividade física vai, há uma tendência que ela fique cada vez mais, não como mais um supérfluo, mas que ela vire (grande silêncio), não excludente, que ela vire uma opção. Que ela faça parte né, até em função das nossas diversas atividades hipocinéticas né? Nós não nos movimentamos mais pra nada, hoje tudo é carro, ou é no computador, para ir ao banco, agora é tudo no computador né? Então, a gente não precisa mais ir, então assim, a restrição das nossas atividades são tão hipocinéticas, e as nossas relações são tão nossa com o computador, que a academia, o personal vai ser um momento de. desafogo né? Não, não é desafogo, é desafogar ali, a sensação de ficar sentada né, então eu acho importante, eu acho também o personal, principalmente tá sendo muito visto, porque as pessoas querem conversar, porque as pessoas querem atenção.

ENTREVISTADORA: Como que você acha que é o papel desse profissional, desse personal *trainer*, a pessoa que procura ela, se aproxima com o que?

MESTRANDA: Eu acho que o personal que ganha dinheiro, é aquele que é carisma, carismático, é aquele que sabe ouvir, sabe ouvir e, sabe, por exemplo, elogiar. Porque as pessoas hoje, eu percebo, é uma percepção minha, que hoje, não hoje, mas sempre foram, mas hoje são muito carentes, porque estão sozinhas no seu computador, porque estão sozinhas andando, principalmente aqui em Curitiba. Aqui em Curitiba, se você olhar os carros, todos andam sozinhos, é um ou outro que tem mais de uma pessoa dentro, ou seja, as pessoas estão sempre sozinhas, fazem tudo independentemente, sozinhas, então elas querem alguém para conversar, alguém para desabafar os problemas, alguém para dizer que elas estão bonitas, ou que estão melhorando, então o personal, eu acredito que aquele que ganha dinheiro, que mantém seus alunos, é aquele que consegue, é atingir, esse ego das pessoas.

ENTREVISTADORA: Você diria que o papel dele enquanto profissional é...?

MESTRANDA: É quase um psicólogo, o exercício tá ali, como um coadjuvante, quer dizer, sabe, não que, não que seja esse o nosso objetivo né? Mas, eu acredito que só do fato do personal ouvir os problemas né, e elogiar a pessoa já, já cria um vínculo de fidelidade.

ENTREVISTADORA: E o que será que as pessoas vão buscar na academia principalmente?

MESTRANDA: Então é o que eu acho né, a questão da carência, a questão desse corpo né, que se cultua, e que tem que se magro.

ENTREVISTADORA: Qual dos dois você acha mais...

MESTRANDA: Mais forte?

ENTREVISTADORA: É

MESTRANDA: Eu acho que ainda é o corpo, eu acho que ainda é o corpo. É, embora eu trabalhei muito tempo em academia, com avaliação física, ou seja aquela 1ª pessoa que entra na educação física, e você pergunta o que você veio buscar aqui? A maioria ainda é corpo. Mas eu vejo um aumento crescente assim, de ah, eu vim buscar qualidade de vida, não tem que fazer exercício, precisa fazer exercício, tem que fazer né. Ou seja, é buscando assim, deixando a beleza como segundo plano, se ficar bonita, melhor ainda, se ficar gostosona melhor ainda, mais eu quero qualidade de vida.

ENTREVISTADORA: Você acha que está tendo uma mudança, uma inversão lenta mais?

MESTRANDA: Eu acho, eu acredito aham.

ENTREVISTADORA: E o que é uma coisa bela para você?

MESTRANDA: É muito subjetivo né? O que é belo, o que pra mim, é belo não é pra você. Por isso, que eu acho que o belo está muito em função, não do corpo né? Mas do que vem dentro do corpo, ou seja, a alma da pessoa né? Tem pessoas que ficam bela só, só de, de você ter ela (silêncio) para como uma pessoa, para você conversar, para você ouvir, então, a beleza é assim, é externa, mas a alma compõe. Às vezes você tem uma pessoa que é muito bonita externamente, mas é a alma não, não compõe aquela pessoa, então ela, ela, perde a beleza dela, não tem aquele brilho, pode ter até beleza, mas não tem brilho né? E tanta gente que é, que é desprovida de beleza, a beleza que a sociedade impõe, beleza padronizada né? Da magra, loira de olho verde ou olho azul, não precisa ser loira, mas morena, aquele padrão. Mas eu acho, que o que fala mais é o interior, a alma da pessoa, e daí uma pessoa sem esse padrão se torna bonita, aquela pessoa que a gente quer falar, é aquela pessoa que a gente quer encontrar no corredor, né? Por que sabe que se encontrar com ela, ela vai te dar um sorriso bonito né um, um, um. Como é que se diz um aporte, né, de amizade assim, eu acho que isso que é beleza.

ENTREVISTADORA: E essa alma tá onde no corpo?

MESTRANDA: Então, para mim, talvez em função da minha, da minha religião, da minha doutrina, ela tá assim, ao redor do corpo, por fora, em formato de energia, em formato de luz, essa beleza interna, que todo mundo diz que é por dentro, pra mim está por fora, é o quanto que eu consigo olhar aquela pessoa.

ENTREVISTADORA: Você pode fala mais um pouquinho dessa luz pra mim?

MESTRANDA: Claro, claro. É em função, do que eu acredito né? Essa função assim, do nosso corpo ele tem uma energia, na verdade, somos matéria, e a matéria é formada de minúsculos átomos, que se juntando, juntando, vão dando densidade diferente né? E vão produzindo energia, exatamente, ou seja, o que eu faço aqui vai influenciar alguma coisa né, por que eu estou produzindo energia. Em alguns momentos, matéria mais densas, e em alguns momentos, matéria mais ou menos densa, né. Então seja essa luz tá, e eu consigo estar com pessoas que tem essa luz, se as energias se atraírem né, ou seja, eu com outras pessoas, que também tem energia, ou gostariam de estar com energia, é, ou seja, como se meu corpo fosse além né. Só que daqui até aqui, seria a felicidade que as pessoas não veem, mas é essa luz, que eu acho que atrai umas as outras né, por exemplo, é muito ruim, você ficar com pessoas que só te jogam pra baixo, que só reclamam né? Acho que isso é muito desagradável. Você fica pesada, é como se ela fosse tentar roubar a sua energia né, essa energia que está por fora, e daí, aquilo daqui a pouco, parece que está te sufocando né, aí tu tem que tentar sai de perto dessa pessoa, mas parece, que vai puxar energia de novo né.

ENTREVISTADORA: Você acha que um padrão de beleza, como você já comentou aí, ele é construído socialmente?

MESTRANDA: Com certeza. Tanto que cada lugar que você vai, você vai ver um padrão de beleza diferente, uma moda diferente né, um jeito, por exemplo, em alguns países, a mulher

tem que estar com um véu, ou estar com muito ouro, né. Aqui no Brasil, se for de norte a sul, você vê padrões de beleza diferentes, tem uma beleza que a mídia impõe, mas, mesmo assim, em cada localidade, uma beleza diferente.

ENTREVISTADORA: Essa beleza é aquele corpo?

MESTRANDA: Aquele corpo perfeito que a mídia expõe né, que é perfeito entre aspas também.

ENTREVISTADORA: O que você acha disso?

MESTRANDA: Desse corpo?

ENTREVISTADORA: É.

MESTRANDA: Eu acho assim na verdade, eu acredito que o corpo, você tem que estar bem com o teu corpo, eu acho que não deveria existir esse, mas, mas, é que é difícil falar né? Por que isso é uma questão cultural, de dinheiro, de poder comprar, e de status né. Mas, eu acredito que a gente, por exemplo, eu sou uma pessoa que estou, atualmente, estou de bem com o meu corpo, por mais que não tenha muito seio, por mais que não tenho um peitão, eu me aceito assim. Eu nunca, nunca pensei, pelo menos nesse momento da vida.

ENTREVISTADORA: Mas já teve esse pensamento?

MESTRANDA: Já. Quando novinha, nos meus 15, 16 anos com certeza, não vai dizer que não.

ENTREVISTADORA: Todos?

MESTRANDA: Todos. Acho que faz parte do processo de maturação, de você se reconhecer como, se afirmar com você mesmo, com o seu corpo né. Hoje eu não tenho problema nenhum com o meu corpo. Assim, não faço questão nenhuma de silicone, pra que? Gastar um dinheiro, que, por quê? Só por que a sociedade exige, que você tem, que tenha um peitão, ou um bundão. Eu não consigo aceitar muito. Não acho que seja necessário.

ENTREVISTADORA: Se eu fosse pedir para você descrever como é o corpo da curitibana. Você nasceu aqui?

MESTRANDA: Nasci, morei até os 15 anos em Florianópolis, e daí, agora voltei, estou desde 1997 aqui, to de novo curitibana né, (risos). O corpo da curitibana? Olha, eu acho um povo tão misturado aqui, sabia? Por exemplo, lá em Florianópolis, eu conseguiria de repente te dizer o corpo da catarina.

ENTREVISTADORA: Então fala pra mim do corpo da Catarina

MESTRANDA: A Catarina, se você vai em uma praia em Florianópolis é escultural, é de você ficar se sentindo pequena do lado das mulheres, é, acredito que seja muito parecido com as que descrevem do Rio de Janeiro. Então, é aquelas mulheres com pernões, muita perna, bunda né, ou seja, bunda e peito, ou seja, escultural, aquela mulher que, que, morena mesmo que seja de pele clara ela fica morena né, e pelos dourados, eu lembro muito disso, das mulheres lá realmente não depilarem, mas estarem sempre com os pelinhos douradinhos, contrastando inclusive, até com a cor da pele, eu vejo essa mulher. Essa mulher que parece que não sai da praia né, que vive na academia, e que não sai da praia. Lá, e em alguns países, o culto a beleza é muito forte, acredito, como no Rio também, acho que, pela essa exposição ao corpo ser maior, você fica mais tempo do ano, com mais partes do corpo a mostra, e aí, acaba tendo mais exposição. Aqui em Curitiba, a gente se fecha o tempo inteiro nos casacos né, daí fica elegante pela roupa, e não pelo corpo em si, a gente se mascara, é como se mascarasse em baixo da roupas, né.

ENTREVISTADORA : Você percebe um culto ao corpo aqui em Curitiba?

MESTRANDA: Em Curitiba? Tem um culto ao status, não ao corpo necessariamente. Mas, é a roupa que se usa, ao tênis, a marca, que é isso que eu percebi muito claramente quando vim para cá. É, o curitibano, ele tem que ter o tênis da marca x, a blusa o agasalho da marca y, por que ele não entra numa certa, num certo nível, por exemplo, você quer trabalhar como personal, e se você não tiver as mesmas roupas né, lá do padrão daqueles das pessoas, você, olha se você for muito bom, você até fica, mas se você tiver o tênis da marca tal é mais fácil, eu percebo isso muito forte isso aqui

ENTREVISTADORA: E o corpo? é meio?

MESTRANDA: O corpo é meio, pois o que importa é a embalagem. A embalagem, eu percebo isso.

ENTREVISTADORA: Como ele está embrulhado?

MESTRANDA: Isso mesmo. Como ela está embrulhado, que é o tênis da Nike, que é o macacão da adidas entendeu? Se a roupa é da Hering, ou se a roupa é da, sei lá, das marcas. nem, nem sei direito.

ENTREVISTADORA: E como o corpo circula aí nesse processo de marca?

MESTRANDA: Nesse processo? Olha, na verdade eu acho que até muito encolhido né, por que o que quer se mostrar não é o corpo, mas o status, de você poder ou não, comprar aquela determinada, aquele determinado embrulho né.

ENTREVISTADORA: Hum, hum, embrulho.

MESTRANDA: Embrulho né, ou seja, percebo um certa, uma certa, como que eu posso dizer? Não sei se é uma futilidade, assim sabe? Nesse sentido do status, né, por que as pessoas não são o embrulho né, é o que está dentro.

ENTREVISTADORA: O corpo é para se enfeitado?

MESTRANDA: Exato, exato. Então, tudo bem pra ser enfeitado né, mas não no sentido assim, com essas regras né, bem destacado. Percebo em Curitiba, isso muito forte, isso, não sei se é porque eu vim de outro lugar né, talvez se eu morasse aqui eu não percebesse né? Por que a gente já está envolvido na cultura, mas a cultura daqui, e a cultura de Florianópolis, nesse sentido, assim é muito forte, lá eles mostram o corpo né, aqui eles embrulham.

ENTREVISTADORA: E aquele corpo que não segue o padrão?

MESTRANDA: O que tem ele?

ENTREVISTADORA: Como que você vê ele, e como que você percebe ele no seu meio?

MESTRANDA: Aham, olha, eu vejo tanta gente mais fora do padrão do que dentro do padrão, né. Porque, principalmente aqui em Curitiba, por mais que as pessoas vão na academia, elas, a maioria que vai é aquelas que estão precisando, que estão querendo, estão em busca do corpo perfeito né, por exemplo, trabalhei muito tempo na malhação, e muitas vinham com abdominoplastia, fez cirurgia, lipo, só que o resto do corpo (foi bem contudente), não precisava nem falar que tinha tido abdominoplastia. Se eu mensurasse tríceps ou a coxa, é impossível né, aqui não ter nada, e aqui ter a gordura mole, aquela gordura com celulite né? Então você sabe que foi uma coisa produzida né, não tem como ter, o corpo guarda gordura igualmente né. É de forma igualitária, não igualitária, mais assim, a mesma composição que ela ia ter na coxa, ela ia ter na barriga, então assim, as pessoas tem os corpos que são, que não são nos padrões, daí tem aquelas pessoas que vivem muito bem com isso, e tem aquelas pessoas que não vivem bem com isso. Por exemplo, o crescente número de cirurgia bariátrica, por muito pouco, por muito pouco, está um pouquinho acima do IMC ela, né? Pensar que vai ser muito mais rápido fazer uma cirurgia, e não pensar no pós-cirúrgico, que é nunca mais poder comer ou sentar numa mesa e comer como poderia.

ENTREVISTADORA: São grandes os problemas, e as pessoas nem percebem.

MESTRANDA: Não percebem, não percebem. Eu tenho um caso assim, o meu sogro e minha sogra, eu moro com meu sogro e minha sogra, e os dois são obesos. E minha sogra conta que fez tudo que era regime, mas regime não está na dieta, está na cabeça, como você muda o teu hábito, como que você encara a alimentação. Eles na sexta feira, já estão pensando o que vão comer no domingo, mais meu Deus, eu nem sei se eu vou estar viva no domingo, como eu vou saber o que eu vou comer? A minha família é muito diferente nesse sentido, talvez por isso que nós todos somos muito magros, até comparados a família deles, que todos são obesos, desde a mãe dela a minha sogra, até as irmãs, todas, é a segunda que faz cirurgia bariátrica, a minha sogra fez a cirurgia bariátrica, ela está passando agora na pele. E isso, o meu sogro, já não quer mais fazer, ele é obeso também, não quer mais fazer por que ele começou a perceber que, como ele vai ficar sem o quibe que ele fez hoje né? Esse final de semana ele fez um quibe, como é que ele vai ficar sem come aquele quibe né? Assim, porque ele come em quantidade,

ele não come um pouquinho, é o prazer de comer, no sábado ele já tá pensando no que vai fazer para amanhã. Ah, sogro pra mim, faz um arrozinho, uma salada tá ótimo, não, mas, para ele não, vixi, o dia domingo é sagrado pra eles, é o dia da comida.

ENTREVISTADORA: É uma representação coletiva né, domingo?

MESTRANDA: Coletiva sim, aham.

ENTREVISTADORA: Senta pai e mãe, família é o almoço?

MESTRANDA: Sim, a família, a família, isso que eles cultuam só que daí, vem do excesso de alimentação, então tem as duas vertentes né? Do corpo não padronizado, as pessoas que vivem muito bem com isso, não são piradas.

ENTREVISTADORA: E tem muitas?

MESTRANDA: Poucas né, e as pessoas que tem aquela busca incessante pelo corpo, aí eu queria perder assim, eu queria perder assado.

ENTREVISTADORA E como que você vê aí as novelas, as revistas, televisão, influenciando isso?

MESTRANDA: Ah, o que mais influencia né? Hoje a gente até vê, algumas novelas colocando lá o gordinho, sem tá pensando em emagrecer, ou seja, simplesmente vivendo como um gordinho né? É mas, se você for ver é um ou outro, a maioria, as mulheres são esbeltas, mulher tem corpão, a mulher tem bundão, a maioria né, é o padrão de beleza que é cultuado.

ENTREVISTADORA: Porque que você acha que as pessoas cada vez mais querem ser magras?

MESTRANDA: Então, eu acredito que é justamente pelo, pela carência, sabe.

ENTREVISTADORA: Pra conquistar o outro?

MESTRANDA: Isso. Conquistar, não só conquistar, mas assim, pela falta de confiança que um corpo não padronizado remete, né? Pelo ego que não tá massageado, é talvez, pela insegurança de perder o parceiro, ou de deixar que ele, ou não sei como, que é esse parceiro se respeita, ou não respeita o corpo da pessoa também, tem muito isso né? Eu acho que essa noia da mulher, vai muito de como o parceiro coloca isso pra ela né? Se é aquele parceiro que vive chamando ela de gordinha né, no sentido maldoso, ou se é uma pessoa que fica incentivando ela a não se preocupar com esses regimes malucos ou, acho eu, vai muito disso também, como que é a questão da família.

ENTREVISTADORA E essa correlação da ideia de saúde é ser magro.

MESTRANDA: Tem muito disso né? E é o que eu bato muito sabia? Por exemplo, você é magrinha, falei mas, eu sou magra mas eu posso não ser saudável, como será que está as minhas artérias? Se eu só comi batata frita, se só comi não sei o que, eu falo que existem muitos magros falsos, que são magros assim olhando né, porque debaixo daquela embalagem, daquela calça apertada a vácuo, que a mulherada usa, o jeans, roupa super apertada que talvez de uma disfarçada né? Nem é tão magra assim, mas como que está a artéria, as veias e artérias também. Como é que está esse coração? Essa peça de gordura por fora, então realmente a ideia fora é de que magreza é saúde, por que eu acho um ledão engano. Claro que a tendência da pessoa que é mais magra, é ser mais saudável, mas pode ser que ela seja muito mais estressada do que alguém, e está gerando muito mais doenças pra ela, como por exemplo, os cânceres, que eu acho que tudo vai da cabeça, o câncer, eu acho que é muito em função de como você leva a sua vida né, como as preocupações que você tem ou não tem. Então, as pessoas que hoje tem câncer, são pessoas que em um determinado momento ficaram muito estressadas.

ENTREVISTADORA: Teu corpo é o teu sonho?

MESTRANDA: Não é o meu sonho! No sentido assim, a gente sempre quer uma coisinha a mais, mais não é desespero, por exemplo, assim, eu não vou deixar de estar mais feliz ou menos feliz porque eu não tenho a perna do tamanho que eu quero, ou porque se eu não tenho seio porque eu quero, uso de artifícios né? Então usa um sutiã com bojo né, mas eu vivo tranquilamente, não é o meu corpo dos sonhos. Em função dessa beleza, que com certeza se



proporciona, mas eu sou feliz com o meu corpo em função das minhas atividades atléticas. Por exemplo, pra correr eu do graças a Deus, que eu sou magrinha e que eu não tenho peito, porque pra correr é uma vantagem, então eu tenho duas vertentes, eu gostaria de ter perna pra correr mais, e ter mais força, que é o que eu venho tentando fazer na musculação, tentando criar mais força, mas, ao mesmo tempo não tenho aquela nóia assim, não sou noiada né, tipo assim, aí eu tenho que emagrecer.

ENTREVISTADORA: Quando você entra no seu quarto, sai do banho, tirou a toalha, olha no espelho, tem alguma coisa que te incomoda?

MESTRANDA: Sabe que eu estou numa fase boa comigo mesma, porque como eu consegui ganhar a perna que eu queria né, nada exagerado, mas eu consegui aumentar, atualmente eu estou numa fase bem legal. Sabe, de você olhar pro corpo e falar, poxa estou gostando de ver. Gostando de ver a imagem que passa o espelho sabe, sabe, assim não mudaria nada, atualmente né.

ENTREVISTADORA: Quando você vai ao parque, você gosta de correr. Você vê homens e mulheres, qual é a diferença entre os dois gêneros? E o que você acha que as mulheres estão procurando lá, e os homens?

MESTRANDA: As mulheres estão procurando outras mulheres, pra ver como elas estão no meio né.

E ENTREVISTADORA: Uma comparação?

MESTRANDA: É uma comparação. E os homens, eu acho que estão mais ali para se mostrar, para se exibir. É aquela coisa, do homem que mesmo que esteja com a pessoa ao lado, está sempre se exibindo né, como, tipo um leão né, que se exhibe pelo instinto dele né? Por mais que seja gordo ou não gordo, feio ou bonito, ele sempre se acha o mais bonito de todos.

ENTREVISTADORA: Então ele não tem essa preocupação exacerbada?

MESTRANDA: Em termos de proporção muito menos. Embora que hoje, também os homens estão se preocupando muito, o meu marido é super vaidoso, super vaidoso. É ele que passa creme lá em casa, é ele que é super vaidoso, eu aprendi ser mais vaidosa com ele, ele sempre foi um moleção né, mais eu acho ainda, que o homem tem mais assim, o ego mais, não é ego o instinto, mais assim de, tem que se achar mais do que a mulher, a mulher é muito mais bonita, mas sempre está mais triste, porque acha, ah o meu corpo falta isso, falta aquilo, homem por mais que ele esteja gordinho, ele está se achando melhor do que a mulher .

ENTREVISTADORA: Quando você olha um corpo, qualquer que seja, o que te incomoda?

MESTRANDA: Num outro corpo?

ENTREVISTADORA: Num outro corpo.

MESTRANDA: Eu olho muito para, para, para a região do rosto. Assim, eu gosto muito dos olhos, e daí não sei, os olhos, acho que pulam para as mãos, e pulam para os pés. Os pés, é uma coisa que eu acho, que a primeira coisa que eu olho na pessoa antes dos olhos, acho que são os pés, como que está vestido como não está, como anda, como não anda, eu tenho uma coisa também assim, de olhar a postura sabe? Não sei se é por causa de ser educadora física, mais eu acho que as pessoas são assim, eu tenho uma vontade de ir lá e arrumar, você vê que a impressão que eu tenho, é que aquela pessoa está ficando mais triste, só de estar com o corpo assim, que dá a impressão de que o cara abaixa os ombros assim, e o pé, é uma coisa que me chama a atenção, é uma coisa que eu percebo. Não o pé em si, mas o calçado que aquela pessoa está vestindo, mais o calçado, não sei por que, mas é uma coisa que me chama a atenção.

ENTREVISTADORA: Uma pessoa gorda te incomoda?

MESTRANDA: Não! Não, eu tenho assim, talvez o meu olhar, para uma pessoa gorda é de dó, talvez não seja, não me incomoda, mas eu tenho certo receio do que ela vai vir a passar, ou do que ela passa tanto psicologicamente, quanto de saúde, que ela possa ter. Eu sinto um pouco de dó. Não sei se é porque eu vejo muito o meu sogro e minha sogra com dor aqui, dor lá.

ENTREVISTADORA: Então você faz uma relação...

MESTRANDA: Faço uma relação, assim um pouco de pena sabe, não é um bom sentimento também né? Mas assim, um pouco de dó pelo o que aquela pessoa vai ter que ter força de vontade, para se ela quiser, né, para, para volta aquilo sabe, eu sinto bastante dó.

ENTREVISTADORA: É isso, obrigado.

## **ENTREVISTA 2**

ENTREVISTADORA: Então xxx, é dos anos 80 prá cá o corpo foi o centro das reflexões nas discussões dentro da educação física é. Isso independente das áreas e subáreas que foram tomando esse corpo como reflexão. Independente, se a favor ou contra da linha cognitivista, marxista, né? Como que você pensa essa discussão que estava dentro da educação física.

MESTRANDA: Que estava na década de 80? Ah eu acredito que a tendência dessas discussões é difícil desvincular com a linha de pesquisa, né. Mas que a tendência das discussões é melhorar o entendimento de corpo no sentido de que não haja mais a fragmentação, no sentido de que a pessoa comece a romper com o senso comum, por que hoje em dia ainda existe muito senso comum em relação, a corpo, alma, biológico, do senso comum, mas algumas pessoas ainda, quem mesmo não envolvidas na área, já começaram, “nossa é mesmo é verdade” às vezes surge uma discussão ou outra fala “nossa, interessante mesmo” as pessoas não pensavam assim antes o corpo como uma totalidade... Então, a tendência é melhorar porque, induz a uma reflexão mais apurada né? Eu acho que é isso. Não sei se eu respondi a sua pergunta.

ENTREVISTADORA: Quando você se formou?

MESTRANDA: Eu me formei em 2008

ENTREVISTADORA: O que você acha que muda na discussão do corpo na sua formação de graduação, e agora que você já esta quase completando um ano de mestrado, ou não mudou?

MESTRANDA: Nas discussões você diz?

ENTREVISTADORA: É no seu entendimento, lá na sua formação. Como que o corpo era discutido e se hoje,

MESTRANDA: Eu acho assim, relacionado à graduação, e agora o que eu to vendo, eu acho, eu acredito assim, por motivos, até da instituição, de renovação de professores e tudo mais. Eu vejo que quando eu entrei na graduação era muito mais fragmentada, tive disciplinas, tive é vários professores que trabalhavam técnica, que trabalhavam essa questão é, fragmentada, não apenas na fisiologia, até porque a fisiologia é necessário entender, e talvez até os professores de fisiologia entendiam na totalidade, mas professores que trabalhavam disciplinas específicas na nossa área, como por exemplo vôlei, judô, eu tive uma concepção. Eu tive uma concepção muito fragmentada, e eu vi que, por exemplo, que essa pouca experiência que eu tive agora na graduação com o estágio docente, eu percebi que agora já tem uma mudança em relação a isso. Eu vejo que já se preocupam mais com essa discussão que começou lá na década de 80, agora, na minha época se preocupavam menos, mais imagino como era antes né? Porque eu fiz um ano inteiro de judô e contando em japonês, trinta abdominais em japonês, e chegava no dez e voltávamos no um, porque ninguém conseguia contar. Então assim, eu tenho uma formação de graduação que várias disciplinas que eu me perguntava: meu Deus porque a gente fazia isso? Porque que o corpo fazia isso? Porque a gente tinha que corre em volta do tatame? Porque a gente tinha que acertar o saque do vôlei era uma técnica corporal que o saque tinha que chega até o ponto que a professora tinha marcado na quadra entendeu? Então e hoje eu aprendi que tem uma preocupação maior sim, mas peraí, porque que eles tinham que fazer isso então, porque lidar com o corpo nas disciplinas que tem principalmente corpo como foco assim, e que tenha é praticas corporais numa visão mais total, assim mais preocupada com essa discussão que faltou na década de 80.

ENTREVISTADORA: Qual que é sua visão de corpo?

MESTRANDA: A é difícil a gente fala sem relativizar, mas a impressão que da é que tá em todos os lugares né, (risos) é aquela coisa que tudo é corpo tudo envolve corpo, que o corpo é

o centro. Mas assim, eu entendo que corpo pensando em experiência pessoal assim, é o seu meio de se comunica de (tentando buscar uma palavra), culturalmente dizendo, de estabelecer é relações, é um, ele é, ele não é só um instrumento, ele, ele age naquele meio entendeu? Então é falando pessoalmente, sem nem pensar em graduação e tudo mais, a minha concepção agora, principalmente agora, que a gente estudou e vem estudando tudo isso, a gente consegue ver o corpo assim, como um, como um mediador de várias relações, de várias situações, de várias tudo envolve o corpo. Por isso que eu acredito que em várias áreas assim, vários cursos universitários, no mercado, se você for pesquisar o corpo numa determinada atividade de cada área, você consegue fazer uma grande dissertação, uma grande, porque ele tá, ele é o principal o principal foco ali da sociedade o corpo, corpo você argumenta, você interage, você se preocupa, você, então é a questão central.

ENTREVISTADORA: Esse corpo, esse corpo mediador aí que você falou, ele apareceu aqui na pós? Ou ele já estava presente na sua concepção lá na graduação?

MESTRANDA: Um, então, eu acho que com mais clareza na pós, eu acho que na graduação a gente teve uma visão muito superficial de tudo, a minha o meu currículo ainda é o antigo de licenciatura plena, é igual o que eu te disse, a gente perdeu muito tempo, eu considero muito tempo perdido com temas intensos, que duravam o ano inteiro, trabalhavam aí como que eu vou trabalhar o martelo da capoeira, e não se preocupavam com essa totalidade, assim não só se preocupar com o martelo da capoeira, mas que então, lá tiveram umas, lá tiveram umas disciplinas perdidas, fundamentos 1 especialmente com a professora xxxxxx, que discutia bastante isso, e que a professora xxxx apresentou o fundamento 1 de uma maneira bem interessante, ela começo nessa discussão que faltou na década de 80, e foi voltando no tempo e trouxe lá grandes filósofos que tem essa. A gente entrou na graduação sem saber o que era a educação física, e de repente ela trouxe um leque de possibilidades de como o corpo era visto, e como ele é visto hoje, e porque tem essa discussão hoje é. Então foi muito superficial só que na pós-graduação daí já foi mais, foi mais específico, em várias disciplinas da pós-graduação é por mais que a disciplina não tenha como foco o corpo, ou que não tenha como objetivo principal na ementa a discussão do corpo, vem esta discussão a tona, os professores estão muito preocupados hoje, então acredito que tenha surgido com mais intensidade agora.

ENTREVISTADORA: Você acha que é importante a partir disso aí que você viveu que tenha uma disciplina específica falando de corpo, ou que todas as disciplinas, todos os professores deveriam como você falou, de uma maneira ou de outra ele é o nosso objeto de trabalho, que essa abordagem aparecesse.

MESTRANDA: é então, eu acho que, eu acho interessante, o problema é que há que há muitos conceitos né, por exemplo, é de cultura corporal, cultura corporal de movimento, então assim existem, é vários paradigmas que as vezes nem se comunicam muito. Então eu acho que é interessante, por exemplo na disciplina di di di, epistemologia que a gente teve que aparentemente na sua ementa não iam trazer essa percepção de corpo de conceito e...

ENTREVISTADORA: ele aparece...

MESTRANDA: ele aparece, então acho que é legal fazer um gancho assim...,é claro que algumas disciplinas pode ser que fuja um pouco né, mas epistemologia mesmo foi legal, as professoras apresentaram bem, explicaram, e daí trouxeram um pouco da discussão de corpo de conceito de objeto da educação física, que algumas pessoas falavam que era o corpo então trouxeram essa discussão pra aborda essa questão epistemológica.

ENTREVISTADORA: humrum, e saúde?.Quando a gente fala de saúde, o que você pensa? Como que você poderia conceituar saúde?

MESTRANDA: Então na verdade o conceito de saúde mudou juntamente com o conceito de corpo né? Porque eu lembro que na disciplina de graduação alguns professores diziam: "aí o que é saúde? Ai saúde é não estar doente, saúde é bem estar, é qualidade de vida. E daí, depois a gente vai percebendo que, saúde é também muito mais amplo né? Teve uma vez que uma professora disse queee, eu não sei se foi a xxxxx ou a xxxxx, alguma dessas disciplinas

que eu fiz, daí ela falou assim:” que um professor, um estudioso uma vez falou assim “aah porque fumar é saudável. E eu, como assim? Tipo fumar é saudável né?? Ué tá falando de saúde do que? Eu estou pensando no meu psicológico, eu me sinto muito melhor quando eu fumo, então assim é, é difícil não relativizar. É difícil. Mas é como se saúde é, depende do lugar, o que é, o que você está discutindo em relação a saúde né? Então assim, pra ele , fumar era saudável psicologicamente dizendo, talvez se ele tirasse o cigarro dele talvez naquele momento, ele ficaria doente e não deixaria assim. Então assim, o conceito de saúde também tem essa mesma totalidade de conceito de corpo, acredito que saúde tenha, tenha, mais preocupação do que se está se falando, onde, se falou sobre saúde,. em quais situações e o contexto em que ela esta inserido né

ENTREVISTADORA: Mas se alguém chegasse pra você, e perguntasse “qual o conceito de saúde? Você conseguiria em poucas palavras?

MESTRANDA: Não, (negação e demonstrou com a cabeça a negação) não, eu não conseguiria.

ENTREVISTADORA: Não?

MESTRANDA: Não. Mas com o conhecimento que eu tenho agora. Se eu for usar do senso comum talvez eu consiga. Mas assim, se eu for pensar em algumas discussões que eu tive na pós-graduação, e na graduação também, é, eu não consigo definir saúde.

ENTREVISTADORA: Você acha assim, que você não conseguiu se apropriar desse conceitos de forma com que você acredita?

MESTRANDA: Isso, eu acho que é difícil conceituar né, porque você limita. Então, quando trouxeram essa discussão, tipo fumar é saudável, que daí você começa a pensar então “que é saúde agora então? Tudo é saúde? Ou nada é saúde? Que vai ser, então fica difícil que daí, você começa a refletir, e não consegue a chegar em um consenso, então eu acho que esse consenso, não sei se um dia vai existir, ainda mais assim pra gente que estuda por vários concepções reflexivos né, e tudo mais.

ENTREVISTADORA: E belo? O que é uma coisa belo pra você?

MESTRANDA: (Risos) aah academicamente falando? (risos) (demonstrou muito nervosismo, não parava de mexer no cabelo)

ENTREVISTADORA: O que é belo? Assim que você fala assim, nossa isso é bonito, Isso é belo?

MESTRANDA: Bom (pausa longa). o que é belo? O belo acredito que seja, ah, se for ver o que a gente usa no dia a dia, concepções de belo? É aquilo que se encaixa nos padrões né. É aquilo que a gente tá acostumado a ver então assim, o que, o que eu acho bonito, uma atriz da tv, uma, a miss universo mesmo, ah ela é linda, eu falei. Porque ela é ela é, tem um corpo bonito, tem uns seios grandes, tem, então assim, falando na vida pessoal. Agora se a professora xxxxxx, que é minha orientadora chegasse aqui agora, e me perguntar xxx o que é belo? Daí vai ter uma reflexão, porque belo, este conceito de belo vem desde a Grécia, e aí tudo mais, aí se for pensar em senso comum, a gente acha que é.

ENTREVISTADORA: E para você?

MESTRANDA: pra xxx belo é aquilo que tá, aquilo que eu acho bonito, o que eu acho bonito que geralmente é aquilo que tá no modismo, aquilo que tá no imediatismo, aquilo que surgiu, e geralmente é o que se encaixa nos padrões corpo, moda geralmente é mais é mais dinâmica né, por exemplo, hoje um tênis pode ser bonito, e o ano que vem este tênis não vai usar mais.

ENTREVISTADORA: Hoje ele corresponde a um padrão?

MESTRANDA: é é, ele responde a um padrão, ali no momento tempo e espaço que ele está inserido né. Já o corpo, acho que o belo já vem de um tempo a mais assim, não é tão dinâmico quanto moda e roupa e indumentárias assim, então assim, é o corpo já está naquele padrão de magreza, de ou de silicone, já há um tempinho a mais

ENTREVISTADORA: Então quando você vem trazer o belo, você já trouxe o corpo, então para xxx, quando um corpo é belo ?

MESTRANDA: Pra mim o corpo é belo (risos), olha eu vou te dizer que eu nunca tive um corpo belo. Assim eu nunca falei estou satisfeita, até porque por hábitos pessoais, não pratico exercícios com tanta frequência e tudo mais. Mais eu acredito que, pra eu ser bela eu faria coisas até humanamente impossíveis, no caso eu queria ser mais alta (risos), um pouquinho mais alta, eu queria ter o tronco mais alongado, talvez se eu fizesse alguma atividade física.

ENTREVISTADORA: Mas quando você se olha: E você fala assim: aquele é um corpo belo e aquele não é belo. O que te identifica que aquele corpo é belo?

MESTRANDA: com certeza, a questão da magreza ou das gordurinhas a mais, sem dúvida, às vezes acho até que tem uma gordurinha a mais, mais por exemplo, a aquela menina tem o quadril largo, tem as coxa grossa, mas ela não tem celulite (falou com muita ênfase), aquilo é bonito também pra mim. Porque eu penso assim, aí eu tenho o quadril largo e tenho as coxas grossas, e tenho celulite, mas eu não estou bonita. Às vezes a pessoa tem até uma gordurinha a mais, em certo local, mas, que, tenha um padrão ali, há sempre tem um padrão ali embutido na minha cabeça.

ENTREVISTADORA: Você acha que se constrói, se é que a gente pode usar este termo de construção, você acha que se constrói um corpo belo? É possível esse padrão de corpo belo?

MESTRANDA: uma pessoa que, por exemplo, não é bela, e um dia pode ficar bela?

ENTREVISTADORA: Por exemplo, você mesma falou assim, aí esteticamente os seios grandes, isso é um padrão colocado na sociedade de corpo belo? Você trouxe o magro né, isso é um padrão? Isso se constrói?

MESTRANDA: ahhh, eu acho, eu tenho quase que certeza que se constrói né. Porque se você for estudar historicamente o corpo, antigamente era mais gordinho e tudo, não tinha essa preocupação, hoje em dia ele é mais estranho, hoje a tendência é cada vez mais é a mulher estranhar o corpo, estranha aquilo que se veste, aquilo que não se encaixa direito no corpo, então, por exemplo, você colocou ali uma calça muito justa, e sobro uns pneuzinhos a tendência é você estranhar tudo isso, e eu acredito que já ouve mais consenso, a mulher já foi mais satisfeita, eu tenho praticamente certeza que ela já teve mais satisfação com o corpo , então eu acho que isso é construído sim .

ENTREVISTADORA: Então você acredita que, por exemplo, que essa coisa de ser belo, esse corpo belo, é uma construção social da vida, que isso aí é marcado pelas relações culturais, pelas relações sociais?

MESTRANDA: uhummmm

ENTREVISTADORA: Então você acredita que isso está presente?

MESTRANDA: Tá, isso.

ENTREVISTADORA: Porque você acha que as pessoas aí, nos últimos, ai vamos por nos últimos 20 anos né, vamos pegar a década de 90, a década depois do ano 2000, por que as pessoas tão indo tanto nas academias ou buscando um personal? Por que as pessoas estão com essa busca de ginástica, ou de atividade?

MESTRANDA: É pra tenta entrar nesses padrões né, pra tentar conseguir, porque a gente que, eu, por exemplo, já tive uma vivência em academia, as pessoas elas tentam se inseri ali, para estar num padrão social, como por exemplo, todo mundo faz academia, então porque eu não vou fazer? Já é um padrão, pra tentar trabalhar o seu corpo como se fosse tentar entrar numa forma. Quando você pensa em entrar numa academia, será que eu vou entra em forma? Então é a tendência de tentar entrar no padrão, tanto que hoje em dia as academias que tem mulheres personal, ou mesmo homens que são bonitos eles vendem mais o trabalho deles, eu já trabalhei em uma academia que tinha uma modelo da Reco, e ela era uma das pessoas que mais tinham alunos porque ela é linda ela, ela é linda, na minha concepção. Ela tinha um corpo muito bonito e aí, a busca ali era o que pessoas que não tinham nada a ver com ela, e que tinham um corpo totalmente diferente dela, e que estavam ali para tentar ser igual a ela, então a tendência é tenta coloca numa forma, colocar num padrão.

ENTREVISTADORA: São influenciados por quem?

MESTRANDA: Eu acho que o maior, o que, o que mais influencia isso é a mídia sem dúvida.

ENTREVISTADORA: A mídia, você acha que a mídia, a TV, o jornal, ela interfere, ou ela influencia nessa concepção do corpo?

MESTRANDA: ah é difícil. Eu acho que influencia mesmo. Porque pensa, mesmo eu, a xxx falando, mesmo eu tendo toda essa leitura de corpo, é pode ser que falte alguma disciplina que discuta isso, ou falte, assim toda as discussões que a gente fala, a gente não consegue sair desse, dessa concepção, de que tem que ser de uma forma, de que tem que ter um padrão, eu acho muito difícil romper com isso.

ENTREVISTADORA: Mesmo eu estudando?

MESTRANDA: Mesmo estudando, mesmo tendo toda complexidade. Mesmo chamando para uma discussão, um debate, então assim, é engraçado, você vê uma coisa, você estuda, estuda, estuda, daí você passa no parque do Ingá, e as pessoas estão se matando de correr lá, dando não sei quantas voltas, entendeu? Isso é muito difícil.

ENTREVISTADORA: Ah, será que elas não estão correndo por qualidade de vida?

MESTRANDA: Eu acho que principalmente a mulher não, principalmente, acho que aí a mulher tem um grande peso né. Porque é, a mulher ela busca qualidade de vida, mas assim, a maioria delas, pela vivencia que eu tenho, pelos relatos que eu tenho, por exemplo, eu tenho, eu conheço homens que são magros, que não são satisfeitos com o corpo e que são satisfeitos e que correm por qualidade de vida. Agora, eu nunca ouvi relato de uma mulher que diz “ah eu to tão satisfeita com meu corpo”, ah então vou correr porque, porque ai “ porque hoje eu olhei estou com as coxas assim”, “ah eu vou correr porque, porque se eu parar de correr eu engordo, eu estou satisfeita com o meu corpo agora mas se eu parar de correr eu não vou ficar satisfeita, eu engordo, se eu parar de correr eu não vou ficar satisfeita.

ENTREVISTADORA: Ou seja, sempre buscando aquele padrão que é idealizado?

MESTRANDA: Sempre buscando, a mulher principalmente. Com certeza!

ENTREVISTADORA: Então, seguindo essa linha de raciocínio, vamos pegar aqui três exemplos, tá? Como que você definiria a mulher carioca, a mulher paranaense, não. A mulher carioca, a mulher curitibana, e a mulher maringense, corpo! Você fala assim, ah olha o que diferencia no corpo da mulher de Maringá é isso, a mulher de Curitiba é isso, a mulher carioca é isso.

MESTRANDA: Tá, a mulher carioca, eu acho a mais fácil de definir, acho que a carioca, porque eu já estive lá também, a gente vê muito a carioca, é muito fácil até de se alimentar aquela coisa, a mulher ela não se cuida muito do pescoço pra cima, é eu posso até estar dizendo isso, mas assim, você percebe nitidamente que, as vezes ela tem muitas rugas no rosto, ela até aparenta ter mais idade, por ser uma cidade muito quente, que é uma cidade com muito calor, muito sol, não se cuida muito, mas os corpos (falou com ênfase) são todos padronizados, aquele corpo belo mesmo. Então, eu não sei por que, é um padrão incrível quando eu fui pra lá, e a gente foi caminha assim nessas praias, Leblon tal. Que são mais de classe média alta, e era muito igual, e eu acho que uma vai influenciando a outra, mas, igual aquilo que eu falei, igual, você vai na academia e vai ficar com o corpo igual da outra, vai na academia e vai ficar com o corpo igual com o corpo igual da professora. Então lá é muito assim. Daí você olha, assim no rosto e a pessoa não tem assim uma vaidade, assim o cabelo também está bem despenteado, coisas assim, que seriam coisas básicas. Eu acho assim, que a pessoa tem uma pele meio judiada, tipo assim, ai aquela pessoa tem trinta anos, mais nossa não parece, ela tem cara de quarenta, então lá no Rio de Janeiro é mais fácil de definir. Maringá eu já acho mais completa aqui. Eu já acho que as mulheres principalmente são as mulheres são bonitas, cuidam tanto do rosto e do corpo de uma forma total mesmo assim, se preocupam muito. Até com outros meios né, acupuntura, alguma coisa mais alternativa, né, agora tem essas massagens então não só com exercício físico.

ENTREVISTADORA: Eu busco coisas pra poder manter meu corpo dentro de um padrão?

MESTRANDA: De um padrão, e também a preocupação de cuidar da face com a pele. Então Maringá é, nossa, é um mercado muito amplo nessa questão. Por que aqui eu acho que não é só as pessoas que trabalham com exercício físico que ganham dinheiro, mas também questão psicológica, cirurgia plástica, tanto no seio quanto no olho então assim né? E já a, já a mulher curitibana, eu nunca fui pra Curitiba, nunca passei muito tempo lá (pausa), é a mulher curitibana, a impressão que dá é que ela não chega a ser tão vaidosa, não sei se pelo frio pelas roupas, é pelo ritmo agitado. Talvez São Paulo também se encaixaria nisso né, porque não vê tanta mulher tão vaidosa lá, preocupada tanto, então, a concepção de corpo em Curitiba eu tenho impressão, que seja é menos preocupada de se encaixar nesse padrão.

ENTREVISTADORA: De maneira geral, essas três mulheres a gente falando em corpo belo, elas vão procurar alguma questão de estética? Você acredita que elas, elas estão seguindo um padrão que elas são influenciadas pela televisão pelas revistas pela mídia, você acha que elas são influenciadas?

MESTRANDA: Aham, acredito que sim, com certeza, as três.

ENTREVISTADORA: As três?

MESTRANDA: A de Curitiba talvez é se ela não tá, se ela não tem aquele corpo naqueles moldes pode ter certeza que, que ela não está satisfeita, porque ela vê pra fora né, ela vê o jeito que seria em Maringá e a mulher do Rio de Janeiro. Então é muito difícil né, são poucas mulheres que são desencanadas assim, com essa questão.

ENTREVISTADORA: Bom, você acha que então a mídia vai interferir nesse processo. E você como profissional de educação física, você acha que se a pessoa chegasse pra você, pra poder fazer, te contratar como uma profissional, e com esse padrão de corpo querendo estar em foram, você acha que com o seu conhecimento você consegue mudar o conceito que essa pessoa tem?

MESTRANDA: Ai, eu acho um pouco difícil, porque é psicológico, porque assim a gente que estuda, às vezes se vê, procurando lá um médico que coloca um silicone mais barato, aquelas coisas assim, então a gente que estuda isso, então imagina aquela pessoa, que tá chegando ali pra ter um padrão e você precisa vender aquilo é, é quase impossível você conseguir vincular uma informação para uma pessoa que não é, que é descolada da realidade, por que a realidade é essa, são padrões né?

ENTREVISTADORA: Aham, Você acha que, porque as pessoas estão querendo ser tão magras, e cada vez mais né?

MESTRANDA: (risos) Olha se você olhar com a discussão que o professor xxx teve na disciplina, é, pode ser tudo culpa do (risos) do modernismo. Do, da forma do modernismo para alguns autores, talvez por alguma concepção pode ser culpa da lutas de classe né? Luta marxista, agora, vendo de modo geral assim, é, é essa questão de estranho mesmo assim, de você engordar, e você que tem uma coisa crescendo, então tudo é estranho mesmo assim, tudo quanto mais tirar é melhor do que ganhar. É então assim às vezes, por exemplo, tem até essas mulheres assim, que gostam de ter músculos e tudo mais né? Mas então assim, poder ter certeza que elas estão preocupadas em tirar aquela massa gorda que ela tem, e quer transformar aquilo em massa magra, então de qualquer forma assim, é uma troca assim, de então, eu acho que é essa tendência de ser magra é assim é assim é reflexos dos padrões expostos pela mídia, por esses meios, e também dessa forma a mulher vai exteriorizando e isso é muito acessível né, é muito fácil emagrecer se for ver, é muito simples tá tudo muito acessível às academias estão baratas. Os parques estão lotados, são atraentes né? Então assim, tem vários pacotes de site de compras coletivas que vende de massagens, drenagens que desincham por preço barato então a pessoa, ta fácil assim e a tendência também, é cada vez mais as pessoas procurarem por isso.

ENTREVISTADORA: Ser magro é ter saúde?

MESTRANDA: Não. Não porque, pelo contrário né, ser magro demais é, nossa! No meu padrão, no meu belo que eu defino, na verdade ser magro não é nada saudável. Porque a

lógica, assim né, falta de alimentação, então assim, porque às vezes a pessoa tem tendência a ser magro mas geralmente ela já tem algum problema vincula ali.

ENTREVISTADORA: Ser magro remete ao belo? E não remete a saúde?

MESTRANDA: Não, ser magro remete ao belo só que, a saúde já está desvinculada daquilo. Então é mesma coisa de um atleta. O atleta ter uma boa performance não remete a saúde, geralmente um atleta que tem uma boa performance num campo de futebol, por exemplo o Ronaldinho né, no senso comum, não tem saúde, então é mais ou menos a mesma ligação né? Ser magro é a pessoa, a mulher em si, por exemplo, o ser humano quer ter um padrão de beleza, mas isso não remete a saúde.

ENTREVISTADORA: E você acha que essa busca então 90%, quase 100% aí, principalmente as mulheres, elas vão buscar, padrão delas, elas não estão buscando primeiro à saúde?

MESTRANDA: Não, elas estão sempre no patamar tá focado mais da beleza, na beleza, na magreza e o que é belo pra aquela pessoa.

ENTREVISTADORA: E pra você xxxx? O seu corpo, é o teu sonho?

MESTRANDA: (risos) Não. (nervosismo). Eu já até vim de tênis pra tentar correr (risos), lá no parque, mas estou achando que eu não vou não.

ENTREVISTADORA: Porque que não é?

MESTRANDA: Ai é porque tem coisas que me incomodam até assim, barriguinta, tudo, gordurinha.

ENTREVISTADORA: Mas você é magra.

MESTRANDA: Não, eu não me acho magra.

ENTREVISTADORA: Quando você sai do banheiro, você sai lá de seu banheiro e vai para o seu quarto, quando você se olha no espelho, o que você vê? O que te incomoda?

MESTRANDA: Eu não acho meu corpo bonito. Não acho, o que me incomoda é, são as gordurinhas, que eu tenho a mais, igual eu te falei. Algumas coisas eu até queria ter mais, tipo, seria melhor se eu tivesse mais peito entendeu? Mas isso tá acessível, se eu conseguisse emagrecer, eu sempre falo. Se eu conseguisse emagrecer cinco quilos, eu coloco silicone.

ENTREVISTADORA: Mas quem te olha, coloca você dentro do padrão de um corpo belo. Você é magra.

MESTRANDA: É, mas eu não me vejo desse jeito.

ENTREVISTADORA: E o seio te incomoda?

MESTRANDA: Pouco seio me incomoda, muito quadril me incomoda, tanto que às vezes eu penso assim: se eu colocar seio eu vou ter que analisar primeiro, porque eu tenho muito quadril, então eu vou parecer gorda (afirmativa), peituda e bunduda né? (Risos) Então, assim, tem toda uma preocupação, eu não me enxergo num padrão, eu me enxergo totalmente gordinha, assim, principalmente daqui pra baixo (mostrou a cintura para baixo).

ENTREVISTADORA: E você acha que a maioria de nós mulheres pensam assim? Quando se olham no espelho não tá satisfeita. E os homens?

MESTRANDA: Os homens, eu acho que assim, eles são mais desencanados, são mais satisfeitos, alguns né. É hoje já tem uma tendência de homens muito, estão preocupados quanto às mulheres. E já até tem homens fazendo reduções e tudo mais. São estes tipos de homens, são vaidosos assim, mas eu acho que eles, que teoricamente eles são mais desencanados assim.

ENTREVISTADORA: Quem busca mais esse padrão de corpo? O homem ou a mulher?

MESTRANDA: A mulher.

ENTREVISTADORA: E para você qual seria essa preocupação básica? De se ter um corpo perfeito, de ser magro para ro homem e para mulher? Ter um corpo magro, perfeito, belo.

MESTRANDA: Eu acho a cobrança da sociedade né? Eu acho que não se pensa em homem em passarela magros, e mulheres tem. Eu acho que não se fazem tantas novelas com tantas mulheres bonitas quanto homens. Então assim, é uma cobrança. Eu acho que a tendência é assim, tanto, por exemplo, em Maringá. Maringá tem muito mais mulher bonita do que homem.



Isso é fato (foi contundente). Muito mais, então assim, isso é uma tendência, uma rede, por que é assim, uma coisa vai puxando a outra. Então assim, Maringá tem mulher bonita? Então eu tenho que me cuida, porque eu estou aqui em Maringá.

ENTREVISTADORA: Eu vou ter que me transformar?

MESTRANDA: Sim. Já homem não, aí nossa, Maringá tá cheio de mulheres bonitas que legal, então mais e daí? O que vai muda na minha vida? Não vai mudar nada,. eles são mais desencanados. Eu acredito que é mais um ciclo, uma coisa vai puxando a outra, é igual aquela coisa que eu falei do Rio de Janeiro. As mulheres vão se preocupando com a outra, então, eu tenho que entrar na forma, então eu acho que é por isso.

ENTREVISTADORA: Então xxxx, quero te agradecer, por ter tomado seu tempo.

### ENTREVISTA 3

ENTREVISTADORA: Oi, então você se formou na PUC? Em que ano?

MESTRANDA: Isso, em 2007.

ENTREVISTADORA: Seu curso já foi direcionado para licenciatura ou bacharel?

MESTRANDA: É de licenciatura plena. Última turma, eu acho.

Entrevistadora: Você já está trabalhando?

MESTRANDA: Eu já trabalhei em escola, mas agora, quando eu entrei no mestrado, eu tive que parar, porque eu trabalhava 40h em escola particular, daí o mestrado, ou a escola.

ENTREVISTADORA: Como é que você viu essa discussão de corpo na sua formação?

MESTRANDA: Bom, a gente teve várias disciplinas, entre elas, tinha uma chamada corpo em movimento, que na verdade, abordava mais como que a gente ia abordar o corpo com as crianças na escola, como incluir eles, os chamados gordinhos como. Já trabalhando a inclusão, porque antigamente, não focava tanto nisso, acho que a formação era bem de exclusão né, era direcionada só para o rendimento, e alto desempenho. Mais daí, já ensinando, como a gente trabalharia e colocaria todo mundo pra fazer aula de educação física, e não só os melhores.

ENTREVISTADORA: E uma discussão sobre o corpo na sua totalidade, houve?

MESTRANDA: Sobre a imagem. Eu é difícil de recordar né, essa discussão, eu acredito que sim, mas agora eu não me lembro não, no momento.

ENTREVISTADORA: E no mestrado?

MESTRANDA: No mestrado é mais difícil, por que tudo é mais focado para as disciplinas do teu projeto. Eu pouco escuto sobre, a não ser nas áreas qualitativas, porque eu sou da quantitativa, então a minha área é criança e adolescentes, comportamento de risco, então não se discute muito essa imagem do corpo ou o que é corpo.

ENTREVISTADORA: E nas disciplinas obrigatórias? Foi discutida alguma coisa sobre corpo?

MESTRANDA: Acho que não, acredito que não, não me recordo.

ENTREVISTADORA: Então você percebe uma discussão maior na graduação.

MESTRANDA: É, na graduação eu acredito que sim, porque o mestrado já te direciona, muito focado no direcionamento do teu projeto né? As disciplinas sim são gerais para todos, mas também, ou você tem a metodologia da pesquisa, você discute aquilo, ou a metodologia de ensino superior que vai aprender a ser professor do ensino superior, então é muito focado para as áreas já né, não tem muito essa discussão, não abre muitas portas no currículo.

ENTREVISTADORA: O que é corpo pra você?

MESTRANDA: Corpo? (risos). É uma pergunta muito ampla. Corpo pra mim é uma máquina (risos nervosos). Uma máquina perfeita, que nós devemos cuidar, e cada um tem que é, valorizar o que tem. Eu acho que não pode ficar nessa de, é, o corpo perfeito. O corpo perfeito é o que você acha que tem que é o corpo perfeito, não é o que a mídia impõe.

ENTREVISTADORA: E o que a mídia impõe?

MESTRANDA: A mídia impõe a, a magreza (risos nervosos, incomodo), às vezes até levando à anorexia, por que todas, todas as atrizes que aparecem na televisão, tudo que aparece na televisão, tem o corpo, são tudo magrinho, então poucas, pouca propagandas que nem a da

Dove, que apareceu há uns tempo atrás, que colocavam a pessoa na beleza natural, não naquela beleza estipulada entre aspás, né, que é a magreza. Ser belo é ser magro. É isso que a mídia impõe.

ENTREVISTADORA: E você acha que isso que você falou, está relacionado com saúde?

MESTRANDA: Da relação da, do corpo, não. Eu acho que saúde, a pessoa pode ser magra e ser saudável, mais a maioria é que, a meu ver, né, a maioria dessas pessoas que, as modelos principalmente não são saudáveis, a gente cansa de ouvir que elas desmaiam antes dos desfiles, porque ficam sem comer. E até mesmo, por exemplo, atletas de judô, já ouvi falar também, que quando tem pesagem, antes da pesagem eles ficam sem tomar água, correm com roupas quentes pra poder suar e perder água, porque perder gordura de última hora é muito difícil, né. Então eles colocam o corpo numa situação extrema não saudável, pra entrar naquela pesagem pra poder competir. Então eu acho, que o corpo imposto pela mídia, não tem relação com a saúde.

Entrevistadora: Você acredita que as pessoas acreditam que ser magro é ser saudável?

MESTRANDA: Algumas pessoas acreditam que ser magro é ser saudável, é claro que a gente sabe que a obesidade traz é doenças, não é saudável ser obeso. Mas também a magreza em excesso, não, não traz a saúde, tem que ter um meio termo, tudo tem que ter um meio termo, não pode ser nem, não é 8 e 80 né tem que ter meio termo, mas não tem né?

ENTREVISTADORA: Nos últimos tempos a gente tem visto cada vez mais a proliferação de academias e agora, os personal, ou as clínicas para grupos menores, como que você vê isso?

MESTRANDA: Eu acho isso muito interessante, porque a atividade física ela, ela leva a saúde. Então pra mim, corpo é saúde, e tem que estar relacionado a tua satisfação, entre o corpo e a saúde, eu acho que é muito interessante, acho que as pessoas estão aderindo mais a atividade física, até com o auxílio da mídia também, a mídia tem os seus pontos positivos e negativos.

ENTREVISTADORA: Mas por que ela tem? O que você acha que estão buscando?

MESTRANDA: Eu acho que estão buscando saúde. Depende né? Depende da população, tem, é isso é muito relativo, você vai numa academia, você conversa com várias pessoas, você vai ver que algumas tem opinião, quer ficar magro, igual a fulano de tal, ou quer ficar saudável, principalmente os mais velhos, querem ficar saudáveis, e os homens querem ficar fortões, então depende assim, não pode generalizar, que acho que, tipo eu faço academia eu quero ficar saudável então.

ENTREVISTADORA: Mas você é magra?

MESTRANDA: É, eu sou magra, mas é genética. Como, como, como e não engordo, mas eu gosto de ser magra, mais também não, não, não emagreceria mais pra ficar com um corpo de não, padrão, não.

ENTREVISTADORA: O que você acha desse padrão de corpo que é colocado aí?

MESTRANDA: Eu acho isso horrível na verdade. Porque padrão, não existe um padrão, né, cada um tem que seguir por si, é tem que ter o corpo que lhe agrada, né. Se a pessoa não é feliz gorda, emagreça então, faça um regime, faça alguma coisa. Tem pessoas magras que não gostam de ser magras também, querem dar um enchidinha porque fica muito, muito magrinha, é ruim também, então, não, não acho que é certo falar que tem um padrão de corpo.

ENTREVISTADORA: E no meio da educação física que você anda, qual que é o padrão de corpo que prevalece?

MESTRANDA: É, o que mais falam os alunos, assim, quando eu dei aula na graduação, é que as mulheres tem que ser magrinhas, entre aspás, gostosonas assim, né, e os homens tem que ser fortões, essa é um estereótipo que eles falam, né.

ENTREVISTADORA: Porque você acha que eles pensam isso?

MESTRANDA: Eu acho que é pelo efeito da mídia. Principalmente os que estão no início da faculdade, nos primeiros períodos, porque entram pensando que a educação física é jogar bola, que é ficar, fazer academia, e não é isso. Depois que eles entram, até tem uma decepção, eu acho, que não é aquilo de ficar jogando bola, ou fazendo exercício, é, então, acho que os

primeiros períodos, eles tem uma opinião diferente do que os que já estão saindo, porque os que já estão saindo, já tem aquela visão de saúde, promoção de saúde na escola, ou na academia.

ENTREVISTADORA: E quando eu falo belo, o que significa o belo para você?

MESTRANDA: O que agrada os olhos(risos).

ENTREVISTADORA: O que te agrada os olhos no corpo?

MESTRANDA: No corpo, ah essa é difícil! (risos), Eu acho que quando há uma simetria. Sabe, quando tem, proporcional, quando, é muito, é muito estranho, você vê aqueles meninos que malham na academia, malham só braço, e ficam com a perna fininha, pra mim aquilo não é belo, porque não tem uma simetria, eu acho que a simetria, a proporção, é o que torna a pessoa bela.

ENTREVISTADORA: O estranhamento é a falta de simetria?

MESTRANDA: Isso é a falta de simetria, muito grande em cima, muito pequeno em baixo.

ENTREVISTADORA: O que mais te incomoda em um corpo?

MESTRANDA: Hum. Não vou negar que as gordurinhas em excesso me incomodam também, para os olhos né? Não sei se, porque na verdade, a gente já olha também as gordurinhas com aquela ai, não é saudável, pode ter colesterol, por que a gente estuda isso, então a gente sabe, que a gordura na região abdominal pode proporcionar o desenvolvimento de colesterol, diabetes, e tudo mais, né? Então, a gente sempre pensa ai, tem que eliminar a gordurinha extra que pode levar a uma doença. Eu já levo sempre para o lado da doença, que é a parte que eu estudo né, então eu, é que eu penso sempre na prevenção, então para mim, essas gordurinhas extras também não é muito bom.

ENTREVISTADORA: E qual que é o papel da mídia em todo esse processo?

MESTRANDA: Eu acho que é modificar essa visão de que o corpo perfeito é o corpo magro. Mas não é isso que acontece, né? Vejo até algumas, algumas partes da mídia, algumas formas assim, tentam proporcionar isso, tentam passar isso, mas ultimamente não é o que a gente tem visto né, sempre a magreza e tudo mais.

ENTREVISTADORA: Quando a gente fala em padrão de beleza, Qual é o papel da mídia?

MESTRANDA: Tirar essa ideia de padrão, né? Não existe um padrão, né.

ENTREVISTADORA: Você acha que ela tira?

MESTRANDA: Não, ela continua colocando como se fosse um padrão, as modelos, e os artistas, mas eu acho que ela continua colocando um padrão.

ENTREVISTADORA: E as pessoas em volta o que você acha? Como que elas lidam com isso?

MESTRANDA: Elas acreditam né, principalmente os leigos, as pessoas que não tem tanto estudo, ou, ou mesmo leigos da área, né, que não são dessa área e acham que, que realmente o padrão que as pessoas tem que seguir é esse.

ENTREVISTADORA: Você disse que os alunos também correm atrás desse padrão? Por que será?

MESTRANDA: É, eu acho que, justamente quem entra na faculdade, entra como um leigo ,né então não sabe ainda o que é, o que é lidar com o corpo, o que é o corpo e acha que é, é entra na graduação ainda com essa cabeça de que tem que seguir um padrão.

ENTREVISTADORA: Uma professora gordinha te passa o que?

MESTRANDA: Ah se a aula dela for boa, me passa que ela é uma ótima professora, isso não me incomoda, não.

ENTREVISTADORA:Não?

MESTRANDA:Não me incomoda não (nervosa), não muito.

ENTREVISTADORA: Quando você olha no primeiro momento?

MESTRANDA: Na verdade, não pode julgar pelas aparências né, eu não sou de julgar pela primeira impressão, porque é, a gente já sabe, às vezes, que a pessoa é gordinha, não que ela não seja saudável, não que ela não saiba dar uma boa aula, mas eu não julgo pelas aparências. Eu particularmente, mas eu acho que os outros julgariam (riso).

ENTREVISTADORA: O que é corpo.

MESTRANDA: Corpo, como eu falei né? Corpo pra mim é uma máquina, e temos que cuidar dessa máquina, que é a máquina mais importante. Se uma coisinha tiver funcionando mal, já vai atrapalhar no funcionamento de outra, e assim vai, então tem que manter tudo, tudo bem.

ENTREVISTADORA: Teu corpo é o teu desejo?

MESTRANDA: Éhhh!, Eu estou feliz com o meu corpo (riso).

ENTREVISTADORA: Porque o éhhh?

MESTRANDA: É, poderia ser assim um pouco mais abonada (risos mostra os seios). Eu sou muito magrinha, eu gosto de ser magrinha, mas poderia ter um pouco mais de seio, um pouco mais de, sabe assim? Mais não me incomoda. Um, ou me incomoda? Acho que sim (risos).

ENTREVISTADORA: Quando você se olha no espelho, Tomou banho, tirou a toalha e se olhou você está satisfeita?

MESTRANDA: Humm, estou satisfeita

ENTREVISTADORA: Não falta nada?

MESTRANDA: Não (riso nervoso), não faria nenhuma cirurgia pra colocar nada (risos aponta para os seios).

ENTREVISTADORA: E como você vê que essas relações no seu meio, com as suas amigas, com as pessoas que você convive. Você acha que de maneira geral as mulheres estão satisfeitas com o corpo?

MESTRANDA: Não. Algumas amigas minhas sim, outras não. Eu tenho uma amiga que era muito magrinha, quando a gente era adolescente, e depois, agora ela começou a engordar, e está bem gordinha, e, só que eu já falei pra ela, ela fuma, bebe, ela gosta de, então, ela faz regimes loucos, assim sabe, eu sempre dou uns conselhos para ela, para ela não fazer isso, para ela parar de fumar e beber, e procurar um nutricionista, alguém da área, ou um técnico para fazer atividade física, ela começou. Mas ela não está satisfeita por causa da, mas é por causa do comportamento dela, ela que levou a isso.

ENTREVISTADORA: Você acha que ela tem essa clareza?

MESTRANDA: Não, acho que não. Porque ela não procurou nenhum profissional, ela vai pela cabeça dela, e pelo que as revistas mostram que a televisão mostra de dieta.

ENTREVISTADORA: Quando você vai aos parques, e aqui em Curitiba tem muitos, você vê homens e mulheres fazendo atividade física, você acha que as mulheres estão ali fazendo por quê?

MESTRANDA: Depende da população, eu acho. A minha sogra, por exemplo, ela tem 60 anos e ela faz exercício tudo, e ela faz pela saúde, é porque ela emagreceu 10 quilos, então ela quer manter. Porque então, ela não era saudável, ela tinha problema de colesterol e tudo, então ela fez essa dieta, fez durante 2 anos, ela fez exercício, dieta, ela emagreceu 10 quilos, e agora ela faz isso para manter, e por causa da saúde também. Então eu acho que os idosos vão mais pela saúde, e alguns jovens, eu acho que pelo corpo, para emagrecer, para ficar com o corpo que eles querem, na cabeça de cada um.

ENTREVISTADORA: Como que é a mulher curitibana?

MESTRANDA: hummm (riso)

ENTREVISTADORA: Vamos por uma situação, você tem que definir ou diferenciar mulher carioca, a londrinense e a curitibana.

MESTRANDA: Bom, a carioca é o corpo acima de tudo, é o corpo padrão, entre aspas, é, é tudo lá pra eles gira em torno do corpo, do corpo bonito, que eles colocam na cabeça, diferente eu acho, de Londrina. Eu não sei por que eu não tenho muita convivência, mas eu acho que deve ser meio parecido com o de Curitiba. Eu não sei se tenho muito essa cultura do corpo belo mesmo assim, perfeito, digamos assim, para mídia. Não sei, eu acho que aqui é mais para saúde, porque nós temos muitos programas, assim justamente aquelas academias ao ar livre, tudo que leva, tudo, é foca tudo em relação a saúde, eu acho que aqui tem mais relacionado a saúde do que lá no Rio de Janeiro, comparando.

ENTREVISTADORA: E como que é esse corpo, a estrutura se você tivesse que falar.

MESTRANDA: Ah! Hum. Eu acho que as mulheres curitibanas são mais magras do que as cariocas, é, as cariocas tem o corpo mais assim escultural.

ENTREVISTADORA: Por que você acha que elas são mais magras?

MESTRANDA: Bom, pelo que eu vejo assim né, em comparando as duas cidades, quem sabe a alimentação também. Não sei, é, mas eu acho que aqui, apesar dos programas, se faz menos exercício que lá, por causa do clima também, o clima é uma coisa que influencia muito, quando chove, aqui chove muito, agora não tá chovendo tanto, mas chove muito, é muito frio, então poucas pessoas usam os parques, vão mais para a academia, e no Rio de Janeiro, você vê muitas pessoas nas ruas, fazendo exercícios, nas praias, porque é calor o ano inteiro. Então esse, esse acho que é um incentivo também de atividade física o clima, então aqui eu acho que, não sei, não sei te dizer por que as pessoas são mais gordas ou mais magras.(risos).

ENTREVISTADORA: E como você vê essa relação de olhar o corpo, a diferença entre o homem e a mulher?

MESTRANDA: Eu acho que, bom o homem. É que a mulher, ela olha muito mais a mulher do que o homem né (risos), é verdade. As mulheres se arrumam para as mulheres, o homem não, o homem quer, quer é o corpo da mulher na verdade, não quer a arrumação da mulher tudo, então eu acho que o homem quer a mulher entre aspas gostosona, que tenha peito grande, bunda grande, magra.

ENTREVISTADORA: E o corpo dele, ele se preocupa?

MESTRANDA: Eu acho que sim, a maioria dos homens se preocupam hoje em dia, em ficar também é, mais musculoso ou mais saudável, não sei, mas, apesar que, depois de uma idade muitos criam aquela barriguinha né, de, de chope, mais eu acho que a preocupação é semelhante, só que as mulheres demonstram mais preocupação em cuidar do corpo do que o homem

ENTREVISTADORA: é isso, obrigada pela sua ajuda.

#### **ENTREVISTA 4**

ENTREVISTADORA: Em que ano você se formou?

MESTRANDA: Me formei em 2010 aqui mesmo na Federal.

ENTREVISTADORA: E qual é sua formação?

MESTRANDA: É da licenciatura plena

ENTREVISTADORA: Você está trabalhando atualmente?

MESTRANDA: Agora não, eu trabalhava em banco, e aí, por ir muito a academia, resolvi fazer o curso de educação física. Trabalhei um pouco em academia, e por ter terminado a licenciatura fui direto para o mestrado. Então, nesse momento eu não trabalho, faço bicos em ginástica.

ENTREVISTADORA: Como foi discutido o corpo durante sua graduação?

MESTRANDA: Bom foi bem crítica, as disciplinas me levaram a pensar de forma diferente daquilo que eu achava. Tive várias disciplinas que me apresentavam esse corpo mais crítico. Como vim de uma concepção mais voltada para o olhar de um corpo modulado, do corpo apresentado nas academias e na tv, quando cheguei aqui, eu mudei radicalmente minhas opiniões sobre esse corpo. Então, esse corpo que eu penso hoje, foi mudado radicalmente pelas coisas que aprendi nas discussões das disciplinas, e dos professores que traziam a tona essa relação. Tenho certeza absoluta, que a concepção de corpo que eu tenho hoje, é fruto da relação das discussões que foram realizadas na sala de aulas na graduação, e também tive muita sorte de ter excelentes professores que se preocupavam com isso. Como também, tive professores que ficavam falando em aula, que a gente tinha que se preocupar com o corpo, ter um corpo magro, pois esse corpo, é que seria a nossa porta de entrada no trabalho, e aqui considero as academias, fitness, né. Então tivemos de tudo, né, mas eu acredito que o que é mais consistente, é essa visão geral que deram para a gente na nossa formação.

ENTREVISTADORA: E em relação com sua formação no mestrado? Mudou essa discussão? O que avançou?

MESTRANDA: Bom não mudou muito, pois as disciplinas são mais específicas. No meu caso, deu certo, pois estou na linha da sociologia do esporte. E porque também, fui fazer disciplinas na área das ciências sociais, por esse lado melhorou. Agora olhando somente o programa de educação física do mestrado, não, pois as discussões são mais focadas para as disciplinas específicas que você faz, para o seu projeto. E as disciplinas que são obrigatórias, não trazem essa discussão. Eu avancei a partir das minhas leituras, e daquilo que meu orientador me passou, mas não avancei pensando no que o programa em si propicia, estamos diretamente ligados na área da saúde.

ENTREVISTADORA: E nas disciplinas obrigatórias. Foi discutida alguma coisa sobre corpo?

MESTRANDA: Como eu falei anteriormente não, porque as obrigatórias são metodologia do ensino superior e metodologia da pesquisa.

ENTREVISTADORA: O que é corpo para você?

MESTRANDA: Corpo? Bom pra mim, ele é único, é tudo. Não é somente o corpo que veicula, mas o corpo que sente, que pensa, que se movimenta. Ele é um veículo que eu necessito, porém ele é além do veículo, da massa e da estrutura. Ele é tudo, sou eu.

ENTREVISTADORA: Então, onde se encaixa esse veículo?

MESTRANDA: É que é assim, eu falo veículo porque não me desvinculo do corpo biológico, sabe lá da biomecânica, do desenvolvimento motor, daquele corpo que anda e funciona para algo. E que não é só veículo, mas ele é também eu. Veículo na proporção que ele me carrega, me leva, mas é além disso. E muito mais do que um corpo biológico, é um corpo sentimental, amoroso, é um corpo que anda, que ri, que chora, e tudo.

ENTREVISTADORA: E saúde o que é para você?

MESTRANDA: Ah, pra mim saúde é tudo. Como eu vim com um conceito muito fechado para o curso, e isso foi mudando aos poucos, pra mim saúde é ter condição de fazer as coisas, é estar bem física e psicologicamente comigo mesmo. Não é só ausência de doença, mas também estar bem consigo mesmo. Por isso eu vou à academia, para me sentir bem comigo mesmo. Hoje eu faço exercício físico, porque me preocupo com minha qualidade de vida.

ENTREVISTADORA: Você acha que as pessoas acreditam que ser magro é ser saudável?

MESTRANDA: Lógico que sim, pois ainda na nossa sociedade ser magro é ser saudável. Eu vejo com minha filha em casa, a mais velha está com 13 anos, e está mais gordinha, eu tento lidar com esse corpo dela numa boa, porém os avós, tios e outras pessoas, ficam o tempo todo falando para ela que ela está gordinha e que precisa emagrecer, então por mais que eu pense diferente, aí fora, ela se depara com essa cobrança, está latente, e eu não tenho como blindar minhas filhas disso. É uma luta constante, dela e minha mesma. Na escola as amiguinhas delas chegam até rir dela, se ela não consegue fazer alguma coisa, aí ela diz que não consegue porque tá gorda, olha que difícil. E veja, eu tenho um corpo que não é magrinho, né?

ENTREVISTADORA: Nos últimos tempos, a gente tem visto cada vez mais a proliferação de academias e agora o trabalho de personal trainer, e as clínicas, como que você vê tudo isso?

MESTRANDA: Difícil hein? Bom depende das pessoas, pessoas com mais de 40 anos buscam saúde, qualidade de vida, eu acredito e vejo isso no meu redor. Abaixo disso, eu acho que ainda buscam um corpo perfeito, uma atrofia muscular, emagrecer principalmente. E isso, eu tenho certeza, está ligado diretamente com o que as pessoas veem aí fora. A mídia, as revistas. As mulheres casadas, por exemplo, buscam a academia porque querem ter um corpo aceitável para o seu marido, as solteiras (risos) buscam um corpo para poderem conquistar (risos). O personal, ou melhor, as pessoas que vão procurar o personal, eu acho que a maioria está indo em função da qualidade de vida, as clínicas do corpo, está vendo? Clínica de corpo, já passa uma mensagem de corpo belo e perfeito, funcional. Agora as academias grandes e pequenas muitas pessoas estão ali, buscando um corpo igual ao que veem nas revistas e na tv. Eu me preocupo com isso, porém vejo que sou prisioneira desse mundo, e por mais que eu tente

pensar, pois eu tenho uma formação acadêmica, (risos), eu me volto com aquilo que todo mundo pensa, é difícil fazer essa separação.

ENTREVISTADORA: E no meio da educação física aqui, qual é o padrão de corpo que você acha que prevalece?

MESTRANDA: (risos) É o corpo magro. Fica muito evidente, muito mais evidente no bacharelado, no início da graduação, quer seja ela licenciatura ou bacharel, as meninas principalmente chegam com roupas que marcam, que mostram seu corpo. No decorrer do curso isso vai mudando um pouco, bem pouco, (risos), na licenciatura não aparece muito isso, já no final. Mas no bacharel isso vai se reforçando mais, um tipo de corpo já estipulado, aí vejo a influência da ginástica, do fitness né, sendo o propulsor desse contexto. Então, eu acredito que no mundo da educação física, aqui na Federal o que aparece é uma preocupação pelo corpo, pode até ser pela idade. Mas olha, antes de eu vir para cá, tinha uma menina vendendo umas legs, daí tinha um monte de meninas em volta, todo mundo reclamando que tinha que ser maior, mais larga, meu quadril vai ficar feio, etc. Então a preocupação está aí, ainda mais porque na educação física o corpo é evidente.

Entrevistadora: Porque você acha que elas agem assim?

MESTRANDA: Por causa da mídia, e também por causa do que as pessoas acham que um profissional de educação física deve pensar e ser. Então está atrelado ao corpo perfeito, (riso). A mídia é a principal articuladora dessa, desse olhar, isso até mesmo porque as pessoas que entram, pensam que a educação física é somente jogar bola ou realizar atividades de academia. E eu acho que isso não vai mudar tão cedo, se nós que estamos aqui dentro, não conseguimos desvincular, imagina o povão aí fora (riso).

ENTREVISTADORA: E quando eu falo belo, o que significa o belo para você?

MESTRANDA: Ah para mim, belo é muita coisa, nossa é difícil falar hein? Belo, belo, bom é uma estrutura, as linhas simétricas. Daí não tem jeito, já penso em um corpo bonito, não tenho como fugir disso. Minha mente (risos), já traz essa concepção. Belo é um homem bonito.

ENTREVISTADORA: E no corpo o que é belo?

MESTRANDA: No corpo, a essa é difícil (risos), eu acho que quando existe uma simetria assim, uma imagem que te passa tranquilidade, uma harmonia nas formas. Então, não pode ser gordo, né. Aí (risos), novamente, eu ligo a um corpo bonito, não tem jeito, é minha formação de pessoa mesmo, que foi melhorada com a faculdade, e muito viu, porém ainda trago aquelas coisas que chamamos de culturais (risos).

ENTREVISTADORA: E como você vê a mídia em todo esse processo?

MESTRANDA: Ah, eu vejo ela responsável de tudo isso. Ela é determinante para a, a construção de um corpo idealizado pelas pessoas. É ela que impõe o corpo que devemos ter, nas revistas, na televisão, na internet. Por mais que eu tenha uma noção crítica a isso, eu não consigo fugir dos padrões estabelecidos e colocados na sociedade, então ela é o que realmente importa né (risos), não tem jeito.

ENTREVISTADORA: Quando a gente fala em padrão de beleza, qual é o papel da mídia?

MESTRANDA: É fundamental e determinante, como falei anteriormente. Eu não consigo pensar em um padrão de beleza sem que me venha imediatamente na mente uma mulher magra, alta, loira, de olhos claros, charmosa e sexy, (risos). Eu (risos). E homem, alto. Musculoso, mas sem exageros, olhar forte, só de sunga na praia, um homem viril (risos). Mas olha só, não é isso que a sociedade passa pra gente?

ENTREVISTADORA: E as pessoas? Como que você acha que elas lidam com isso?

MESTRANDA: Aceitam isso, e nem pensam, pra falar a verdade nós vivemos em sociedade que não é crítica, né, as pessoas de maneira geral compram tudo que dão a elas. Por exemplo, não julgando, mas (risos) já julgando, se eu tivesse feito o curso de educação física na PUC, eu teria uma outra visão. Lá eles preparam para o campo do trabalho, para academia mesmo, não tem essa de reflexão não, o corpo tem que ser bonito, pois é ele que vai vender, sou um produto de venda, aiiiiii, que horrível. Então eu tive sorte de ter escolhido aqui, a Federal, porque

aqui os professores são mais, hum, refletem mais. O campo de trabalho está aí, mas a reflexão vem em primeiro lugar. Eu acho que é essa a grande diferença de quem estuda em uma pública para uma particular (risos). Uma privada te prepara para o trabalho, e aí vem junto todo esse conceito de perfeição de belo mesmo, o mercado exige isso de nós profissionais da educação física. A outra, pública, que prepara para ser pesquisador, pensador, reflexivo, o trabalho, ah esse deixa prá lá (risos), porque até mesmos a maioria de nossos professores trabalham pensando, lendo né? E não com a mão na massa. É ruim, não como você disse lá no início é diferente, e eu sou produto dessa formação, por isso eu quero ser pesquisadora, tive muitos exemplos aqui.

ENTREVISTADORA: Uma professora gordinha te passa o que?

MESTRANDA: Olha eu não gosto não. Eu por exemplo, não estou magrinha, mas também não sou gordinha, então, acredito que estou no padrão, não de magro, mas pra dar aula ok? Meus alunos não reclamam. Quando eu fazia academia antes de entrar aqui, se eu visse uma professora de ginástica mais gordinha, já falava que a ginástica ali não ia dar certo.

ENTREVISTADORA: E hoje isso mudou?

MESTRANDA: Não, por mais que eu seja reflexiva e sou, isso é muito presente ainda pra mim viu. Não adianta eu ficar mentindo pra você sobre essa questão. Eu não faço ginástica com que é gordo, posso refletir e tudo mais, mas pra mim, pro meu corpo não dá não. Olha aí de novo aquilo que falei, a construção cultural de ser magro e gordo.

ENTREVISTADORA: E o teu corpo?

MESTRANDA: Bom, Sou , hum,. um pouquinho satisfeita com ele (risos). Só um pouquinho viu.

ENTREVISTADORA: Teu corpo é o teu desejo?

MESTRANDA: Não! Não a gente sempre quer mais. Veja bem, tenho duas filhas, meus seios já estão um pouco caídos né, porém olhando para outras pessoas está bom. Mas, me incomoda, não sei se colocaria hoje silicone, mas amanhã é possível. Então não tem jeito de a gente não estar dentro desse processo social, por isso eu não sou satisfeita com ele. Melhorar os seios, a celulite, a barriguinha e tudo mais (risos). Ih, só nascendo de nove né? (risos). Mas, você perguntou do meu desejo, então esse corpinho aqui poderia ser muito melhor. Não que eu não esteja satisfeita com ele assim, mas dava pra melhorar (risos).

ENTREVISTADORA: Então, quando você se olha no espelho, tomou um banho, tira a toalha e se olha no espelho, você sozinha. Você está satisfeita com o que vê?

MESTRANDA: Vixi (risos). Eu acho que pode melhorar e muito. Para a minha idade estou bem, mas me incomoda sim, a barriguinha, as celulites, o peito um pouco caído (risos). Eu fico pensando no meu marido, juro. Já estou no segundo casamento, pra ele tudo é tranquilo, porém eu percebo que em geral os homens ficam procurando na gente aquele mesmo corpo de quando casamos, era um corpo melhor (risos), isso eu tenho certeza (risos).

ENTREVISTADORA: Como você vê essas questões no seu meio no seu grupo de amigas, as pessoas que você convive. Você acha que de maneira geral as pessoas estão satisfeitas ou não com o corpo?

MESTRANDA: Não estão não. As minhas amigas, nós já formamos um grupo acima dos 30 anos, então todas tem alguma coisa pra arrumar, e mesmo aquelas que arrumaram querem melhorar algo. A eterna insatisfação feminina (risos). No meu grupo tem magrinha, gordinha, baixinha, hehehe, de tudo, então convivemos com esse corpo, mas com certeza não é o corpo de nossos sonhos. Eu acho sinceramente que a mulher é uma eterna insatisfeita.

ENTREVISTADORA: porque tanto “inha”?

MESTRANDA: (risos), barriguinha, baixinha, gordinha, (risos), e prá deixar mais simpático, para não ficar tão duro. Nossa, eu não tinha pensado nessa forma, vou repensar o que falo. Agora me assustei.

ENTREVISTADORA: Quando você vai aos parques aqui em Curitiba, você vê homens e mulheres fazendo atividade física. Você acha que as mulheres estão ali fazendo o que?



MESTRANDA: Oras, com certeza pra se mostrar para outras mulheres. Algumas estão preocupadas com sua saúde, mas são poucas viu. E só olhar como estão vestidas, porque é tudo muito justo, é pra valorizar a mercadoria, hehehe,(risada longa). Porque não vão correr com um agasalho folgado, é bem mais confortável, mas não, é minha aparência, é necessário mostrar algo. O corpo. Já o homem não tá nem aí, barrigudo, careca. A mulher não, ela está ali, um é pra se mostrar, e pra caçar também. Mas o homem é muito mais bem resolvido com seu corpo, do que a mulher. Não existe essa preocupação para eles. Agora nós, vamos para nos mostrar, para nos compararmos com outras mulheres, e principalmente (risos), para criticarmos as outras que estão piores que nós mesmas. Nossa, eu não devia falar isso, mas, é, é, o que eu penso.

ENTREVISTADORA: Como que é a mulher curitibana?

MESTRANDA: Ih, bom, magra, não tem músculos muitos definidos, loira ou cabelo tingido (risos) olha aqui o meu. Agora se preocupa muito em se vestir bem. Se tem algo que saiu na mídia, não passa dois meses e todas as mulheres curitibanas estão aí vestidas iguais, sem problemas. Então a mulher Curitibana é muito vaidosa, se preocupa em se vestir bem, é também apressada, cheia de coisas pra fazer, mas tem uma preocupação muito grande com sua aparência.

ENTREVISTADORA: Vamos por uma situação, você tem que diferenciar a mulher carioca, a mulher londrinense e a curitibana, e aí?

MESTRANDA: Nossa que difícil, (tempo de pausa, pensando). Bom, a carioca é corpo, corpão, muita bunda, quadril, morena, sem muita neura com o que usar, pode sair de shorts e etc, até mesmo pelo clima, a cidade propicia isso né. A londrinense, talvez também pelo clima, é mais solta, anda de shorts, de vestidinho, então acho que o corpo dela é mais magro, mais alta e sem muita barriga. Já a curitibana como te falei, se preocupa com a imagem, aqui não dá para sair de shortinho, porque se não, já ficam pensando no que você quer, o que você vai fazer, o que está por trás daquela roupa. Aqui, a gente tem que se preocupar muito com a forma de se vestir e aparecer ao outro. Isso é problemático. O corpo é mais coberto, porém deve-se ter um cuidado muito especial com ele, ele te apresenta (risos).

ENTREVISTADORA: Como você vê a relação do corpo entre o homem e mulher?

MESTRANDA: Ah o homem é muito mais tranquilo. Eu vejo o meu marido, não tá nem aí para a barriguinha dele, mas para a minha, vixi, (risos). A mulher se preocupa com ela e com a outra, principalmente com a outra. Eu acredito que nós mulheres nunca somos satisfeitas com o nosso corpo, porque sempre estamos procurando na outra mulher algo que a gente acredita que nossos maridos desejam, então eu desejo o corpo da outra. Que feio né? Mas é assim, mesmo, pra gente se relacionar, pra conhecer outra pessoa, a gente depende exclusivamente da aparência. O meu marido, por exemplo, quando nos conhecemos, ele me disse que o que chamou mais a atenção dele foi meu corpo, muito mais bonito do que é hoje, mas também eu era mais novinha né (risos). Que duro o tempo, passa o tempo e o corpo cai (risos). Mas estou tranquila com meu corpo, estou de bem com ele. Nossa que contraditório, não falei coisa com coisa, mas é assim que eu penso. Olha eu gosto do meu corpo, mas tem muita coisa que poderia ser melhorada viu!

ENTREVISTADORA: E com o corpo dele, ele se preocupa?

MESTRANDA: O homem se preocupa sim com o seu corpo, mas é diferente de nós, se ele tem uma barriguinha saliente, ele não tem neura como a gente tem. Ele lida bem com o ser careca e outras coisas, até mesmo porque ele vai conquistar uma mulher daquele jeito, e a gente não, se eu não tiver uma boa aparência, como vou conhecer alguém? As mulheres pensam assim. Então novamente meu cartão de visita é o corpo. Você acha que alguém vai vir conversar comigo, se não gostar inicialmente do que está vendo?

ENTREVISTADORA: Então podemos dizer que você não está satisfeita com seu corpo?

MESTRANDA: Com certeza. Mas veja bem, eu sou um produto desse mundo que eu vivo. Mundo complexo, e cheio de coisas que me mantém escrava desse processo. Eu tenho, tenho

escrito em maiúsculo, necessidade de me apropriar das coisas que estão aí, de me fazer ser entendida pela lente dessa sociedade capitalista. No laboratório de pesquisa estávamos analisando o corpo de mulheres em revista playboy da década de 1980, comparando com 2010, nossa que diferença. A mulher de hoje é toda feita, peitão, muito silicone, cheia de coisas que ela busca dia a dia. Tem peitão, pernã, bundão, hehehe. Olha as mulheres frutas, e olhando por aí, parece que todo mundo quer se aproximar desse corpo, parece que só esse corpo chama a atenção. Olha a contradição do ser magra. Então por mais que eu ache que eu mudei minha concepção de corpo, aquela que eu tinha quando eu trabalhava no banco, antes de vir fazer o curso, ela está ainda muito presente ainda no meu íntimo, eu acredito, tenho quase que certeza que eu no meu íntimo não mudei a forma de pensar o corpo, como ser magro e belo, por mais que diariamente eu faça esse exercício principalmente em casa com minhas filhas, que eu vejo a mais velha sofrendo por estar mais cheinha. Quando a gente está vendo tv, ela me mostra está vendo mãe, todo mundo magro, eu acho isso cruel. Eu dialogo com elas, falo, mostro que o importante é se ter saúde, mas mesmo assim, é difícil, pois quando elas vão para a escola, as pessoas cobram, as roupas ficam horríveis em gordinhos, você não acha? Eu luto todo dia comigo mesmo, e até falo pra mim, fulana você está ótima, com 35 anos, você queria o que? Ter corpo de garotinha? Mas no fundo eu queria mesmo, hehehehehe. Bom eu penso assim, não sei se te ajudei, mas gostei da sua pesquisa, não esqueça de mandar pra mim depois hein. Boa sorte!

#### **ENTREVISTA 5:**

ENTREVISTADORA: Bom, dos anos 80 pra cá, o corpo foi o centro das atenções, nas discussões dentro da educação física, isso independente da área, ou que área que foi tomando esse corpo como reflexão. A favor, contra, a linha cognitiva, cognitivista, marxista, independente, como você pensa essa discussão?

MESTRANDA: Ah eu acho que as discussões, sempre têm uma, é de ordem política, e gestora de, de tipo assim, governo, tudo é uma questão maior. A gente está inserida dentro de uma cultura, e daí a gente segue as tendências que, mundiais ou do país, acho que a gente segue a linha do país que a gente está inserido! Eu acho isso!

ENTREVISTADORA: Em que ano você se formou?

MESTRANDA: Em 2001.

ENTREVISTADORA: Quando você era acadêmica, como que era a discussão do corpo? Lá nas aulas, em sua formação?

MESTRANDA: Eu acho que não difere muito do que está agora, né. Eu acho que, era o mesmo padrão. Acho que isso de uns tempos pra cá, é mesma coisa eu não vi nenhuma mudança, entre 2001 e agora! A beleza está relacionada com corpo, com o magro e, eu acho que é a mesma coisa!

ENTREVISTADORA: Nas suas aulas isso era discutido? Ou aparecia de vez em quando?

MESTRANDA: Não discutia muito não, a gente só tinha fundamentos né, um e dois, então tratava assim mais a parte histórica da educação física, a questão higienista que a educação física passou, mas a questão do corpo mesmo, acho que é discutido mais agora, né!

ENTREVISTADORA: Você se formou em 2001, e quando você fez especialização?

MESTRANDA: Não tratava nada disso não, eu fiz na linha de ginástica laboral né? Era mais de cunho fisiológico e biológico, não tinha muita discussão de corpo, cultura, era bem específico!

ENTREVISTADORA: E agora, que você entrou no mestrado, você acha que mudou o conceito, muda a concepção daquilo que você estudou com hoje?

MESTRANDA: É mais discutido, antes a gente não discutia abertamente, né, isso, não tinha disciplinas né, agora com a divisão da educação física em bacharel e licenciatura, não sei se tem mais disciplinas, com certeza, no mestrado mesmo a gente teve como uma obrigatória de epistemologia que discutiu isso, essas questões de corpo, cultura.

ENTREVISTADORA: E como você viu essa mudança, ou se houve mudança para você? Agora a pouquinho você disse que não teve muita mudança.

MESTRANDA: Eu não vejo, mais é discutido, né? Eu acho que o padrão socialmente imposto é o mesmo, mas o que difere é que em dez anos agora, está sendo discutido, né, antes não era uma coisa que todo mundo sabia, mas ninguém se discutia!

ENTREVISTADORA: Você acha que a grande diferença de 2001 para hoje é só a nível de discussão?

MESTRANDA: Só. Socialmente os padrões são os mesmos, não vejo diferença.

ENTREVISTADORA: Então e para você, o que é corpo?

MESTRANDA: Corpo (risos). Corpo é uma representação (risos) do físico, do psicológico, do social, tudo, tudo representa corpo, a gente é a nossa representação (risos nervosos) física mais de tudo, que a gente é, né, da maneira que a gente se veste, se porta tudo, as pessoas veem o nosso corpo né (risos), mas, eu acho que é uma representação global, de tudo.

ENTREVISTADORA: Se alguém pedisse para você conceitue corpo, como você o faria?

MESTRANDA: Eu daria, é que a primeira imagem que muitos veem é só a da aparência né? Mas o corpo, acho que realmente é tudo isso, o fisiológico, o psicológico uma harmonia de tudo eu acho, social, da maneira que a gente se porta, muito reflete também a questão corporal, a imagem corporal, né.

ENTREVISTADORA: E saúde? O que é saúde para você?

MESTRANDA: Saúde é o principal eu acho, que o nosso corpo às vezes, muitas vezes manifesta e remete o nosso estado de saúde né, muitas tarefas que a gente faz, muitas coisas, o principal é a saúde. Saúde representa um corpo saudável. Por exemplo, uma pessoa que consegue fazer as tarefas do dia-dia, sem dificuldade sem dor, sem, pra mim é saúde, de cunho biológico fisiológico, mas é essencial.

ENTREVISTADORA: E o outro? Espiritual, está dentro da saúde?

MESTRANDA: Sim, acho que sim, espiritual, saúde é tanto mental quanto física né, acho que engloba tudo, uma pessoa que está aí com equilíbrio, bom, né, ela está com equilíbrio espiritual, mental e físico. Acho que era o ideal, né. Quando a gente está com desajustamento numa dessas acho que daí a gente apresenta algum problema (risos).

ENTREVISTADORA: Então se alguém chegasse para você e perguntasse qual o seu conceito de saúde? Como você definiria isso em poucas palavras?

MESTRANDA: Saúde, ou uma pessoa saudável? Pode ser assim?

ENTREVISTADORA: Tem diferença para você?

MESTRANDA: Saúde é o estado, bom, fisiológico e biológico da pessoa, que está tudo em dia com seus exames. Consegue executar suas tarefas no dia a dia (risos) sem dificuldade, sem desprendimento, e que tem um equilíbrio emocional e físico, acho que está satisfeito com essas variáveis aí.

ENTREVISTADORA: E belo? O que é uma coisa bela para você?

MESTRANDA: Belo eu acho que é relativo né, acho que cada pessoa tem o seu olhar sobre o que é belo, né, tem influência cultural, o que a cultura ou o que a mídia impõe. As pessoas transpõe muitas vezes isso, mas, para mim o belo é um conjunto né. Não é só aparência física.

ENTREVISTADORA: E a aparência também faz parte?

MESTRANDA: Faz parte. Aparência às vezes, até da maneira que a pessoa se porta também, se ela está adequada ou não, da maneira que ela se veste, se comporta.

ENTREVISTADORA: Por exemplo, se você tivesse que falar o que um corpo belo?

MESTRANDA: Bom os parâmetros fisiológicos e biológicos eu não vou saber de cara né, mas daí a gente já percebe que uma pessoa (risos) com IMC, ou com sobrepeso assim, num, num, eu não considero belo, mas pode ser que tenha cultura, ou pessoa que acham né, a realidade que eu vivo não!

ENTREVISTADORA: Te incomoda, ver um pessoa, uma mulher com uma barriguinha com um pneuzinho aparecendo? A gente costuma ver algumas pessoas aí com umas blusas mais curtas, e a barriga te incomoda? Te causa estranhamento ou não, é normal?

MESTRANDA: Ah eu nem ligo, na verdade, cada um anda do jeito que quer né. Não acho bonito, uma coisa que para os meus olho, nossa que, que eu já acho a vestimenta inadequada, então, daí eu já vou ver com outros olhos né, é um pouquinho estranho.

ENTREVISTADORA: Mas você não acha bonito? Esse não achar bonito é simplesmente pelo conceito de feio e bonito, ou te causa estranhamento, inadequado?

MESTRANDA: Eu acho inadequado, não é estranhamento. Na verdade, eu nem ligo como as pessoas, eu me preocupo mais comigo do que com os outros, tem alguns que dá até, você olha e faz até dar dó, né, da pessoa, mas é a maneira que ela escolheu né (risos).

ENTREVISTADORA: Essa dó é porque ele é diferente do outro?

MESTRANDA: Não, é porque acho que está se expondo, eu não acho legal isso aí, né. Dependendo do ambiente, a pessoa está com a barriga de fora, isso daí, formalidade minha, tem gente que não liga, acho que tudo tem lugar né? Se for na praia, eu não estou nem aí, a gente não liga, mas, vai no meio acadêmico mesmo, numa festa e a pessoa está assim daí.

ENTREVISTADORA: Quando você olha, e fala assim: “aquele é um corpo belo”, “aquele não é belo” o que está te identificando, diferenciando que esse é belo e esse não é belo?

MESTRANDA: Então, pra mim não é só o corpo, como eu já coloquei, é o comportamento, como a pessoa se porta e se veste né, então às vezes a pessoa é bonita, mas está com uma roupa inadequada também não vou achar bonito, (risos), eu sou muito assim, né, as vezes, a pessoa é meio deselegante não sabe se vestir, então não é só o corpo, é a representação da pessoa, né.

ENTREVISTADORA: Você acha então que se constrói esse corpo belo? É possível ter um padrão colocado na sociedade de corpo belo?

MESTRANDA: A mídia e a sociedade impõe, mas não o que eu acho, que é real com o que a população representa, né. Acho que eles pegam um, estereótipo de pessoas muito magras, muito malhadas, que na verdade não representam o global da população, acho que tem uma influência negativa da mídia nesse sentido.

ENTREVISTADORA: Seguindo essa lógica que você falou, então as pessoas correm atrás desse corpo belo, é fácil?

MESTRANDA: Corre. Por isso das cirurgias plásticas, e outras coisas, as insatisfações, as pessoa estão cada vez mais, procurando alcançar esse tipo de beleza imposto, pelas atrizes, da mídia, acho que não só no Brasil, é uma tendência mundial isso.

ENTREVISTADORA: Isso é uma construção social, ou cultural?

MESTRANDA: Eu acho que é uma construção social e cultural né, a gente vive aqui, mas eu percebo que nos Estados Unidos é igual, todos os lugares, a gente vive o capitalismo, a competitividade, não se, acho que sim.

ENTREVISTADORA: E isso influencia para essa formação de um corpo estereótipo?

MESTRANDA: Sim. Eu acho que sim, influencia. A cultura que a gente está inserida é a sociedade, ela dita muito comportamento, né?

ENTREVISTADORA: Você acha que nos últimos 20 anos, mais especificamente, as pessoas estão buscando mais academias, e agora entra também uma nova pessoa dentro da academia, não é mais a academia é o personal?

MESTRANDA: Acho que por essa busca mesmo, eu sou personal. Acho que erroneamente as pessoas não buscam saúde, a maioria, não sei se todos né, buscam estar dentro do tipo estabelecido, do biótipo que a mídia impõe, então as pessoas tentam entrar, e muitos ficam com desajuste até psicológicos, ficam aí fazendo um monte de cirurgias, vai para academia, e na verdade quem precisa ir pra academia não vai.

ENTREVISTADORA: Por que será?

MESTRANDA: Porque, acho que essa questão de bullying, não é só pra criança não (risos), as pessoas ficam discriminadas, quem tem sobrepeso, que chega diferente, então, a gente percebe na academia, que as pessoas ficam com vergonha de não estar seguindo o que a sociedade diz, e acabam não procurando atividade física.

ENTREVISTADORA: E o personal, esse novo profissional que aparece, qual é o papel dele?

MESTRANDA: É eu acho que o personal, na verdade ele, na verdade ele é procurado né, então ele, a pessoa vai com um objetivo, acho que a priori é estético, pra melhorar, e ele trabalha em cima do objetivo da pessoa, mas não de uma forma de conscientização de saúde, acho que falta um pouco isso no personal, ele dá o foco não, que a estética é uma consequência de uma pessoa saudável, para mim, acho que tem uma inversão de papéis aí, que deveria ser melhor discutido e trabalhado.

ENTREVISTADORA: E como você acha que as pessoas ouvem esse personal?

MESTRANDA: Então, eu acho que ela, muitas vezes, tem dois tipos de pessoas que procuram um personal, a pessoa que está querendo melhorar fisicamente, eu acho que o personal induz muito essa conduta. Outra tem gente que segue uma tendência marombeira, que o cara quer uma busca pela beleza, e tem as pessoas que tem a busca pela saúde, acho que tem dois tipos de profissionais no mercado. Geralmente esse profissional que busca estética ele se expõe, acho que ele expõe a imagem dele também, usando regata, a barriga de fora. Pregando que aquilo ali é o bonito e que o aluno tem que alcançar aquilo.

ENTREVISTADORA: Quando você vê as pessoas correndo, por exemplo, aqui no parque, você acha que, principalmente as mulheres elas estão correndo por quê?

MESTRANDA: (Pausa) acho que a maioria, é uma questão de percepção, né. A maioria tá buscando alcançar a estética imposta pela sociedade, ou às vezes, até os próprios amigos e parceiros ficam pressionando a pessoa né, a busca pela estética. Ela acaba sendo influenciada. Não sei se têm dados estatísticos disso, mais eu acredito que tem muita influencia da mulher ser mais cobrada do que o homem.

ENTREVISTADORA: A gente está falando de mulher, então, se você tivesse que definir, vou te dar três exemplos. Como que você definiria o corpo da mulher carioca, o corpo da maringense e o corpo da curitibana?

MESTRANDA: O corpo, então os cariocas, eles evidenciam mais a questão do corpo, acho que até uma questão litorânea de praia, eles andam com menos roupa, mais exposição do corpo, então eles buscam, uma estética, parece que é um pessoal que malha mais, busca mais esse seria um tipo imposto.

ENTREVISTADORA: A característica do corpo da carioca seria malhada?

MESTRANDA: Malhada, pra mim malhada é indecente, que aquelas roupas lá pra mim mesmo morando na praia, eu acho horrível, funk, aquelas coiseira toda, mas é a cultura deles né? Acho que a cultura lá é bem regional né, no caso curitibano que já tem um clima mais frio, eles andam com menos exposição de corpo, é um pessoal que se veste melhor, mas a busca pelo corpo, acho que tanto Maringá, Curitiba e Rio de Janeiro. Acho que Maringá fica no meio termo, até por questão climática.

ENTREVISTADORA: A curitibana anda com mais roupa e tal, elegante, qual seria a característica do corpo dela? Magra, gorda, média?

MESTRANDA: Média. Acho que média. O pessoal lá, pelo que eu vi dali, tá mais média. E o pessoal de Maringá, acho que fica no meio termo entre Curitiba e Rio de Janeiro, porque é um clima também mais apropriado, tem mais bosque, acho que a acessibilidade de atividade em Maringá é boa.

ENTREVISTADORA: Então, qual que é essa característica?

MESTRANDA: De Maringá? Médio, não acho que nem tem muita gente com sobrepeso, acho que tem bastante gente que preocupa, acho que tem um nível econômico social bom, a cidade, é uma cidade que favorece. Então eu colocaria, nem se aproxima de curitibana e nem da carioca. Ficaria no meio termo.

ENTREVISTADORA: Você acredita que essas três mulheres, que todas elas estão procurando seguir um padrão vinculado pela sociedade? Naturalmente elas vão buscar esse padrão?

MESTRANDA: Sim, acho que tem bastante influencia sim da mídia, mas tem a cultura regional, cultura de clima, tudo uma questão social também né, tá embutido nisso aí.

ENTREVISTADORA: Ser magro é ter saúde?

MESTRANDA: Não! Para mim não! Ter saúde, é você estar, como eu disse anteriormente, estar com seus exames, fisiológico biológicos bem de glicemia, isso é ser saudável, as vezes tem magro doente, e uma pessoa com sobrepeso mas que está tão bem.

ENTREVISTADORA: Então ser magro remete ao belo, mas não remete a saúde?

MESTRANDA: Não!

ENTREVISTADORA: Porque que as pessoas querem mais ficar magras, do que ser saudável?

MESTRANDA: Acho que a mídia impõe isso, acho que falta uma política pública aí no caso, política pública mesmo, para trabalhar, conscientização né, só que não sei, a mídia não está interessada nisso.

ENTREVISTADORA: Você acha que a gente conscientiza alguém?

MESTRANDA: Não! Nós mesmos, que somos da educação física, teríamos que ter um papel mais expressivo nisso.

ENTREVISTADORA: E não consegue?

MESTRANDA: Ah, dificilmente eu vejo um personal pedindo um exame cardiológico, que já foi imposto, a gente percebe que a gente não tenta conscientizar o cliente, que a saúde é em primeiro lugar, e a estética é segundo, acho que é compromisso, que a própria universidade deveria ter mais foco nisso, porque eu, como eu falo, nessa questão não evolui nada de quando eu me formei até agora.

ENTREVISTADORA: Para você continua a mesma?

MESTRANDA: No fundo sim, indiretamente ou diretamente o mesmo, mas ninguém faz nada.

ENTREVISTADORA: E seu corpo?

MESTRANDA: Ah é o normal (risos).

ENTREVISTADORA: Ele é o teu sonho?

MESTRANDA: Ah, acho que é, eu não me encano muito com isso não, é que eu sempre fui atleta, sempre fiz atividade física, sempre tive com o IMC bem, agora no padrão. Antes, era até mais baixo, nadava muito né, o meu IMC e os meus exames biológicos e fisiológicos estão bem, então eu acho que eu estou bem.

ENTREVISTADORA: Você é magra, você segue esse padrão, e como que é isso com suas amigas?

MESTRANDA: É bastante, assim às vezes falam tudo fica bom, alguém as vezes, fazem este comentário. Mas, eu não fico feliz assim, fico até triste, porque as outras pessoas que falam isso né, e não deveriam, mas eu vou fazer o que (risos), ué, porque é verdade. Ah, tudo fica bom, magrinha, então acho que até as lojas tem que dar uma mudada porque, minha mãe mesmo tem dificuldade, de ter muitas coisas, que ela é pequenininha, então antes usava calça alta, agora usa baixa, e o pessoal mais velho, não gosta né, então acho que é uma coisa política mesmo. Seguir o mesmo padrão.

ENTREVISTADORA: Tudo no mesmo padrão

MESTRANDA: Tudo no mesmo padrão

ENTREVISTADORA: Então quando você sai do banheiro, e se olha, está satisfeita com o que vê?

MESTRANDA: Fico, acho que é normal, eu não sou muito encanada com essa questão de estética, de beleza, mas vai ver que porque eu sempre fui magra, fui modelo.

ENTREVISTADORA: Você acha que como você, a maioria das mulheres também se sentem bem, se olhando no espelho?

MESTRANDA: Acho que não, se não ia ter tanta cirurgia plástica, porque eles separam bem o corpo. Muita gente querendo por silicone.

ENTREVISTADORA: A cirurgia é sinônimo de insatisfação?

MESTRANDA: De insatisfação, correção insatisfação, e as vezes as pessoas em vez de buscar uma atividade física, que vai demorar mais a dar resultado, mas vai estar com uma saúde boa, prefere o resultado imediato. Então, todo mundo quer facilidade, mas não tem relação com a saúde.

ENTREVISTADORA: Você falou lá atrás que as mulheres de Maringá estão no meio termo, e os homens e as mulheres de Maringá ?

MESTRANDA: Acho que são meio termo (risos), acho que segue uma tendência nacional e mundial. Quando eu era pequena, tinha crianças mais magra, eu acho que eram outros hábitos de vida, então agora eu não vejo mais crianças magras, como havia 20 anos atrás, quando eu era criança, mas mudou-se muitos hábitos, antes a gente brincava na rua, agora já é perigoso, eu acho que é uma cadeia.

ENTREVISTADORA: Tudo influência, você acha que essa preocupação de ser magro está influenciado homem e mulher?

MESTRANDA: Na verdade a mídia aponta os dois, as duas relações de beleza, o homem meio musculoso, e mulher magra também, mais eu acho que as mulheres acabam pegando um pouco mais essa neurose de corpo perfeito.

ENTREVISTADORA: O homem magrinho não, vamos por aquele homem que tem a barriguinha, a carequinha aqui em Maringá. Você acha que ele se preocupa, quando ele chega na mulher por ter esse corpo?

MESTRANDA: Eu acho que a preocupação tá sendo meio geral (risos), pelo que eu estou vendo, acho que ele é assim, não se preocupa tanto em chegar na mulher, mas ele tem receio, né, acho que antes não tinha isso agora tem.

ENTREVISTADORA: E é só aqui em Maringá?

MESTRANDA: Não, acho que não é uma tendência nacional.

ENTREVISTADORA: Quem é mais cobrado?

MESTRANDA: A mulher

ENTREVISTADORA: A mulher por quê?

MESTRANDA: É que a imagem, é mais imposto para a beleza da mulher, é atriz, a gente percebe uma tendência de mais, e a mídia fica mais em cima por produtos de beleza, tem todo um interesse político, a gente sabe que é empresarial. Então a mulher fica mais exposta, cabelo, maquiagem, então são muito mais produtos, que envolve a mulher, e que são mais rentáveis pelo capitalismo do que para os homens.

ENTREVISTADORA: E pra gente terminar, você define aqui em Maringá, que as pessoas as mulheres os homens, eles são belos na sua maioria ou igual em qualquer lugar.

MESTRANDA: Então, eu acho que eles são mais bonitos, mais de médio a bonito, eu já acho o pessoal do norte mais feio mais (risos), é mais uma perspectiva minha, eu acho o pessoal do sul é mais bonito. Pelas cidades que eu já conheci, estados eu acho que o sul, o pessoal tem mais cuidado, até por uma questão cultural, também do que o pessoal do norte, mas isso é uma visão minha.

ENTREVISTADORA: E de Maringá especificamente?

MESTRANDA: Acho o pessoal bonito também, todo mundo que vem de fora, fala que o povo de Maringá é bonito.

ENTREVISTADORA: Por que será?

MESTRANDA: Acho que é por causa da questão socioeconômica, a pessoa se cuida mais, aqui a gente tem um clima favorável, também não é nem muito frio nem muito calor, é calor, mas, não tem aquele frio, então tem uma exposição do corpo, então eu acho que a pessoa acaba se preocupando um pouco mais.

ENTREVISTADORA: Obrigada pelo tempo que ficou aqui comigo.

MESTRANDA: De nada.

## ENTREVISTA 6

ENTREVISTADORA: Quando você se formou?

MESTRANDA: em 1999

ENTREVISTADORA: Na sua formação você ouviu alguma coisa sobre a reflexão do corpo, iniciada em meados de 1980? Como que ele apareceu na sua formação, na graduação?

MESTRANDA: É, bom eu vim daquela leva que a educação física era basicamente voltada para o esporte. Eu vivi isso muito presente em todas as disciplinas, e as disciplinas que poderiam abordar era muito vago, é, então nós começamos a pensar a discutir a área, mas não a área voltada pra cultura corporal, mas a áreas do profissional de educação física, bem naquela época se tornou profissão, foi pela professora xx, que foi logo que ela veio aqui para a universidade, então as discussões, um pouco mais profundas, em relação a educação física, foi somente nessa disciplina. E o que faltou, o que talvez tenha faltado, é nas outras disciplinas que pudessem abordar essa questão da cultura corporal. Não, tinha então, eu acho que a disciplina trabalhava um pouquinho mais a dança, ritmo, acredito que são as disciplinas que poderiam se aproximar mais da temática, eram dadas as aulas, fazíamos as atividades, os eventos, festivais, mais não havia discussões em relação a todo esse movimento que aconteceu a partir da década de 80.

ENTREVISTADORA : E como que você considera a visão daqueles professores, naquela época em relação ao corpo ?

MESTRANDA: É bom, ali não existia na verdade, bom não existia um interesse em estudar né, dessa maneira dessa área sociocultural, o corpo na verdade para eles era, o que, era um instrumento é que seria utilizado pra poder estar aplicando as atividades, por que basicamente, como a grade tinha muita disciplina esportiva, então, um dois aprofundamentos, ainda que eu peguei na época do aprofundamento, eu não me lembro de ter tido esse tipo de abordagem, então os professores viam o corpo de que forma, somente como um meio pra poder estar reproduzindo em cada disciplina em cada bloco

ENTREVISTADORA: Fala um pouquinho mais sobre isso, esse corpo como um meio.

MESTRANDA: como eu, como meio (risos), bom, quando eu me refiro ao meio, seria como eu falei um instrumento mesmo, e não ir além, não representaria nada mais do que a forma completa para poder estar reproduzindo o que eles passavam né, desde o esporte, até as disciplinas de dança, e outras. Nas outras disciplinas então, quando a gente falava fisiologia, era muito mais distante, então, nas disciplinas que podia ser abordadas eu não me recordo, talvez também porque não havia meu interesse, eu venho da área do esporte, e nunca procurei ver, olhar por esse ângulo, mas talvez tenha faltado um pouquinho de incentivo dos professores, porque quando você espera um contraponto, você espera receber um incentivo, até para você ter um olhar diferente, eu tive esse olhar um pouquinho mais diferenciado agora, na pós-graduação, pelo fato da área se voltada pra área sociocultural nas disciplinas que a gente tem tido.

ENTREVISTADORA Esse ponto é importante, como que você acha que evoluiu essa questão de corpo, no seu ponto de vista, dentro da sua formação no mestrado?

MESTRANDA: Bom é, na verdade a evolução pra mim é muito recente, então, a partir do momento em que nós começamos a fazer as disciplinas, a disciplina especial, que foi minha porta de entrada para o programa, eu comecei a ter outras reflexões, então pra mim foi muito cru, por que a minha formação não deu base de nada pra esse tipo de discussão. Então, foi na disciplina do mestrado que eu comecei a ter uma visão um pouquinho mais diferenciada, e você vai conseguindo identificar os autores, os estudiosos que fizeram esse tipo de abordagem, e conhecendo melhor, é claro, que todo esse processo de transformação, de mudanças que a educação física começou a ter a partir da década de 1980, que na época, a formação da universidade a gente ouvia falar, mas era muito é, não tinha um entendimento, não foi levada essa discussão adiante, sabia que existia um movimento, que existia os autores, mas ficava por



ali, e não havia esse aprofundamento, eu não sei se em outras formações, outras universidades, que eu vejo também que vai muito da linha da universidade que ela adota para aquele curso de formação, e a UEL na minha época era basicamente tecnicistas né, e quando eu falo tecnicista não é uma crítica ao tecnicismo, é que quando eu falo de uma maneira errada tecnicismo, é que o corpo era só para os gestos, movimentos, e reprodução, e se você executava de uma maneira, digamos satisfatória, que o professor principalmente na prática, você tinha meio caminho andado como profissional, dentro daquela época .

ENTREVISTADORA: Eu me formei nessa época em 86, então talvez, eu peguei até muito mais.

MESTRANDA: Muito mais, por que no meu período ainda tinha algumas outras disciplinas, e como nós, ainda não tínhamos essa cultura, não era divulgado, então, as disciplinas que abordavam esse tipo de situação corporal, não era muito valorizada dentro do currículo, que tinha na época então, com eu vinha do esporte, se eu me recordar, eu lembro que fazia a disciplina de qualquer jeito não procurava aprofundar.

ENTREVISTADORA: E agora dentro do mestrado, todas as disciplinas que você fez, todas elas discutiram o corpo, apareceu esse corpo ou foi mais em uma determinada área?

MESTRANDA: Na verdade eu não fiz, eu não fiz nenhuma disciplina, principalmente da linha da professora xx que discutiu. Mais de uma forma mais efetiva, na disciplina de metodologia de ensino superior, de políticas pedagógicas, que nós fizemos, que trata um pouco dessa área escolar, então essa disciplina existia uma discussão interessante, então eu me recordo, são essas disciplinas, depois eu fiz uma outra disciplina, que já era na área do marxismo, que a gente discutia, existia as discussões dentro dessa linha, a questão do livro que o estado implantou, que foi um grupo na década de 1980 que se reuniu, e começou a estudar a questão da cultura corporal. Então assim, surgiu essas discussões, que na verdade me chamou atenção pra esse tipo, poxa existe vida praquilo que eu não tenho visto até agora né , mas não de uma maneira aprofundada, que faltou uma disciplina que eu acho, que por chocar horário, talvez não tenha sido feita, mas assim existia essa discussão, mas é claro de uma maneira não aprofundada, mas sempre era colocado principalmente essa questão do autores para a gente tentar distinguir no meio de tantos, mas qual era a visão a ideia que eles tinham né.

ENTREVISTADORA: Então você entende que ocorreu uma progressão.

MESTRANDA: Muita, em relação a minha formação 100%, por que eu não tinha.

ENTREVISTADORA: Você atribui ao mestrado e a especialização?

MESTRANDA: Minha especialização eu fiz na área de treinamento, foi mais específico ainda, nas questões biológicas, técnicas, treinamento esportiva, e a cultural corporal não foi falado.

ENTREVISTADORA: O que é corpo para você?

MESTRANDA: Bom eu acho que o corpo é, eu vejo como uma representação né, ele é um meio também, ele é um instrumento que você pode utilizar desde suas tarefas mais básicas, como ele pode representar muitas coisas, por meio do corpo você consegue se expressar, você consegue , é você consegue de repente atingir outras pessoas, acho que pensando além do meio que a gente utiliza para respirar, para estar viva, além da estrutura fisiológica, o corpo pode representar muita coisa além disso. Acho que os movimentos podem dizer muita coisa, acho que essa questão da expressão ela é muito interessante né, dependendo do seu estado de espírito, você tem uma representação, você se expressa de determinada forma.

ENTREVISTADORA: Essa representação para você vai além do físico?

MESTRANDA: Além do físico eu acho que, quando eu falo essa representação, é meio confuso Para você explicar, você que estuda é mais fácil, (risos), mas quando eu falo de representar, eu acho que ele pode, é ele pode dizer, ele pode de repente trazer para as pessoas seu estado, suas vontades, seus anseios, e esse tipo de situação ele não é reproduzido, né, uns falam com gestos, outros com reprodução, cada um fala do seu jeito, fala que ele pode representar muita coisa, ele pode representar uma pessoa, ele pode demonstrar pras outras pessoas quem é você através dos seus gestos, é mais ou menos isso, é meio confuso (risos), por que você tem

que se coloca, mas eu vejo que ele, o corpo, vai além do físico, ele tem outras funções que podem ir além.

ENTREVISTADORA: E o belo, o que é o belo para você?

MESTRANDA: O belo pra mim é o saudável, essa questão da beleza estereotipada, eu nunca aderi mesmo na época de um curso que eu fiz que começou a ter muito a questão das práticas da academia, personal trainer. Sabemos que hoje para a sociedade é determinante, a gente estava até discutindo na sala de aula que o bom profissional nessa área, às vezes não é visto pela sua competência né, mas o cartão de entrada dele é a questão da beleza, e eu sempre olhei, procurei olhar para o outro lado, o belo pra mim é o saudável, quando eu falo saudável não é só saudável no termo corporal. É você ter uma boa cabeça, um bom intelecto, para você poder realizar aquilo que você propõe.

ENTREVISTADORA: Se você fosse falar assim, no corpo, onde que o belo aparece no corpo?

MESTRANDA: Onde o belo aparece? Um, você só faz pergunta difícil (risos, gargalhando), olhando, olhar para um corpo e ver onde ele aparece, eu acho que na essência da pessoa, nas atitudes, na forma que ela conduz, na seriedade, no comprometimento, é, tudo bem, que as vezes você não conhece uma pessoa a fundo, e não consegue identificar essas características, mas são essas características que eu procuro aliar, quando uma pessoa ela é bela, é nesse sentido, agora a questão do corpo eu vejo mais o corpo saudável, não um corpo escultural, um corpo musculoso bonitinho não é por esse lado

ENTREVISTADORA: Então você fala aí do corpo saudável, então você está trazendo alguma aproximação para a saúde, quando fala em saúde você pensa no que?

MESTRANDA: Quando eu falo em saúde, eu penso numa capacidade mínima de se executar atividades, sejam atividades que você se propõe a fazer, como atividades física no final do dia, início da sua manhã, até mesmo seu trabalho, é que tudo é claro, a gente tem um desgaste. Penso assim, mas é esse desgaste, tudo isso tem que se tornar prazeroso, então quando eu falo de saúde eu não falo só do físico, mas eu falo da saúde mental, o intelecto tem que estar bom para você, é desenvolver então, são termos muito amplos em termo de qualidade de vida, às vezes a qualidade de vida é para mim, e não é para você né? Mas eu vejo como saúde, qualidade de vida, você leva uma vida digamos mais regrada, você conseguir desenvolver o seu trabalho né, com certa tranquilidade mesmo que seja cansativo, é você desenvolver as atividades que você se propõe de lazer, é claro ter seu tempo de lazer, que é claro que você precisa dividir tudo isso, então eu acho que saúde para mim, ele envolve outros fatores que não é só a saúde física, que é importante também, é ter qualidade de vida para mim, as vezes a concepção de qualidade não pode ser para outras pessoas

ENTREVISTADORA: E essa saúde relacionada com o corpo, qual o link que você faz?

MESTRANDA: Qual o link, eu faço eu me sinto bem, é então a minha estrutura é essa, então eu não sei, se eu saísse, essa estrutura física, me sentiria mal.

ENTREVISTADORA: Como que você discute saúde e corpo, por exemplo, você acha que tem um padrão de corpo estabelecido na sociedade?

MESTRANDA: Para a sociedade acho que sim, acho que o corpo estrutural, magro, eu acho que essa é a relação do belo que é feita.

ENTREVISTADORA: E dentro do curso?

MESTRANDA: Também, também e muito. É às vezes a gente percebe, que os alunos ou as alunas de repente que não atendem esse parâmetro que a sociedade coloca, eles ficam meios que marginalizados, até mesmo na questão dos estágios né, então eu tenho percebido, mas isso não é institucional, eu acho que é cultura do curso de educação física. Então, existe já aquela questão de que eu não me sinto bem perante aquelas pessoas, eu estou me sentindo deslocado, como já tive caso de alunos que já foi para o estágio, e se sentiram mal em academia, por que não tinha o corpo digamos um corpo escultura, alguma coisa nesse sentido, então a pessoa mesmo se sente mal dentro daquele ambiente, então, eu acho que dentro do curso de educação física nos já melhoramos muito, nós já avançamos bastante. Porque hoje,

outras disciplinas que não eram importantes, são tidas como importantes, até essa nossa área, sociocultural tem avançado demais, tem outras pessoas se interessando pelos estudos, e tem deixado essa cultura um pouco de lado, mas ainda é muito presente.

ENTREVISTADORA: Você citou a área, ou próprio curso, os professores que trabalham com isso, eles conseguem avançar, ultrapassar esse preconceito, ou isso é muito mais forte?

MESTRANDA: Eu acho que tem melhorado mais isso é muito mais forte. É muito mais forte, até mesmo se você for analisar a vestimenta dos alunos do curso, tudo bem, você tem aqueles períodos de aulas práticas, mas às vezes os alunos não vão para uma prática, mas ele já está condicionado, que até a roupa que ela vai vestir, tem que ser apropriada para o que ele está fazendo, então isso é, eu gosto de observar né, essas coisas, eu gosto bastante de conversar com os alunos e você vai percebendo, eu vejo que hoje principalmente no curso de bacharel, vamos separar, o curso de licenciatura ele é mais tranquilo né, porque estamos formando professores pra atuar no ensino fundamental um e dois, e médio, agora no curso de bacharel isso é muito presente, eu não sei se e só na universidade que eu trabalho, mas eu acho que é meio que geral, pelo que a gente tem percebido. É cartão de entrada, tanto que se você comparar as turmas, pega as turmas de bacharel e turma de licenciatura, você vê é, alguns alunos você vê no próprio jeito dos alunos que é diferente, daí você consegue visualizar quem é os alunos do bacharel e da licenciatura, sempre tem, você erra uns e outros né, mas de uma maneira geral você consegue visualizar.

ENTREVISTADORA: A mídia, vamos pegar aí a televisão, os outdoors, as próprias redes sociais né, você acha que existe influencia deles para essa construção, que digamos, desse padrão, se é que a gente tem esse padrão corporal?

MESTRANDA: Eu acho que é determinante essa questão da mídia, ela na verdade, ela dita muito aquilo que se deve ser feito, não só na educação física, mas em todas as outras áreas né, na verdade nós temos aí uma herança muito forte da época que a educação física, ela era vista só como uma prática né. Isso nós já avançamos demais, só que ainda existe essa ligação, é da questão ah vamos lá fazer o curso de educação física, porque lá é um clube de todo mundo saradinho, e isso aí, vai resolver seu problema lá fora, e quando os alunos se deparam com a realidade do curso, eles veem que não é bem isso aí. E mais a mídia, ela é determinante, ainda de ligar a educação física, o profissional de educação física com essa questão do belo, mas isso fica muito claro, até mesmo nas pessoas que trabalham você não vê uma pessoa que trabalha como personal, digamos acima do peso, porque a pessoa, como é que ela vai acreditar que ela realmente é competente naquilo que ela está fazendo, se automaticamente o corpo dela não está traduzindo isso? Então, eu acho que tem essa ligação ainda muito direta, na questão da visão do curso mesmo, da estrutura física com a ligação da competência daquilo que ela está se propondo a fazer, a gente sabe que não é essa relação, ela não é direta né, pode acontecer de alguns profissionais conseguirem aliar tudo né, corpo saradinho, bonito e competente naquilo que faz isso nós sabemos que pode ser visto como uma relação direta, mas a mídia influencia.

ENTREVISTADORA: Você falou aí do personal, Qual é o papel dele hoje na sociedade?

MESTRANDA: Hoje o papel do personal pelos relatos que eu vejo né, a ideia no caso da função do personal, qual seria a função do personal, ele atender um grupo de pessoas que de repente tem um poder aquisitivo um pouco melhor, e que em função da sua carga horária de trabalho, ele prestaria um atendimento individualizado. Só que hoje, o personal pelo que eu percebo, ele foge dessa característica, só dos conhecimentos da área da educação física, ele é mais psicólogo, mas amigo né, ele é mais companheiro do que realmente aparenta, trabalha com os conhecimentos, então eu vejo o personal hoje, com inúmeras características, não estou dizendo que são negativas, mas como profissional que pretende entrar nesse, ele tem que ser multi, se não, ele não consegue se manter. Inclusive, essa questão do padrão do corpo é muito vista, eu não tenho conhecimento assim de alunos que fogem desse padrão, pode existir claro, mas eu,

principalmente no personal, na área de fitness, na academia, agora as outras áreas como a dança eu já não tenho muito conhecimento, o esporte já é mais marcante né.

ENTREVISTADORA: E o que você acha que as pessoas buscam na academia hoje?

MESTRANDA: Hoje é a estética, a estética é muito forte.

Entrevistadora: E a saúde onde fica?

MESTRANDA: A saúde é, eu acho que ela vem em segundo plano, então eu acho que essa busca da estética, de melhorar a aparência física, e ela é o primeiro plano, aí a saúde vem como um bônus, digamos assim, porque a pessoa tem uma ideia, se ela busca o seu condicionamento físico, se ela busca a questão da estética, automaticamente ela tem, ela não entra por outros caminhos, que hoje a gente sabe que na academia fica muito fácil, então eu falo assim, treinamento em academia é treinamento puro básico, sem nenhuma intervenção de medicamentos e nada, e eu vejo que a saúde ela é secundária na maioria das academias, por que hoje quem pensa em saúde se você for analisar, é o personal são mais indicados, eu acho que eles trabalham um pouco mais essa vertente do que as academias, que tem melhorado também, por que hoje você tem visto a terceira idade dentro das academias né, tem se comprovado com pesquisas que o treinamento com peso é eficiente e tal. Eu acho que tem mudado um pouquinho.

ENTREVISTADORA: Mas você acha que esse idoso, essa terceira idade quando ele vai, ele vai pela saúde, ou também buscando modificações corporais?

MESTRANDA: Eu acho que os dois, mas ele também, até pelo fato da questão da idade, de todo o procedimento fisiológico que acontece a gente sabe, e que vamos passar por isso, eu acho que também estão pensando em uma estética, por se você for pensar em exercícios na qualidade de vida, saúde, você tem uma vida bacana, você não, obrigatoriamente você não precisa ir para uma academia, tem outros locais que proporcionam que pra mim, no meu ver proporcionam tudo isso que você que com mais prazer, porque eu não gosto de ambiente fechado, mas aí é um problema meu isso e de cada um.

ENTREVISTADORA: Se você fosse viajar e alguém falasse assim pra você: descreve pra mim como que é a mulher londrinense, e a carioca?

MESTRANDA: A mulher londrinense de uma maneira geral. A mulher carioca então vamos lá. Mulher carioca, morena, corpo sarado, já veio na minha cabeça, loira, alguma coisa nesse sentido né? Eu acho que a mulher londrinense em termos de característica física: alta, (riso solto) é magra, olha só, é morena, que leva uma vida independente, uma pessoa independente, eu acho que essa é a característica.

ENTREVISTADORA: Por que você trouxe a magra?

MESTRANDA: Por que é o padrão que a gente está acostumada a ver, é o padrão que a sociedade impõe, infelizmente é dessa forma, que isso trabalha, e como a gente trabalha a educação física, isso é muito presente, então se a gente não tomar cuidado e começar a ter um pensamento diferente, você não leva essa discussão num pensamento diferente, e fácil de você acabar entrando nesse meio, e acabar tendo a visão de que realmente é colocado.

ENTREVISTADORA: De forma geral lá na universidade, quando você olha as meninas passando, as mulheres é esse padrão que está lá?

MESTRANDA: É esse padrão, no bacharel.

ENTREVISTADORA: De maneira geral, dos cursos que daí vocês convivem, vocês tem mais de 20 cursos né?

MESTRANDA: Já modificou eu acho que é, mais acentuado nas áreas da saúde, é bem presente, então pelo que a gente conhece os alunos do curso de fisioterapia, nutrição é bem aparente, com a educação física, agora tem outros cursos, a enfermagem que aí já modifica um pouquinho as características, agora nutrição, educação física, fisio, é.

ENTREVISTADORA: Então se você tivesse que falar a caracterização, em qual o biótipo da mulher londrinense?

MESTRANDA: É o biótipo da magra.

ENTREVISTADORA: Da magra?

MESTRANDA: Magra, estatura um pouco mais alta, a pele clara, e cabelos mais morenos, mais castanhos, mais mulher independente, eu acho que é bem característica de todas as mulheres isso, mas ou menos para juntar a que são, as que eu conheço que é assim.

ENTREVISTADORA: E a Curitibana?

MESTRANDA: Para a curitibana: Mais loiras, mais clara (risos), com um monte de roupas por causa do frio (risos), tudo isso, é eu acho que é alta também, é e uma estatura mediana, se a gente fosse para o nordeste podemos ver uma estatura menor né, alta e eu não conseguiria ver. E acho que é outro padrão, se não fosse o padrão, eu não sei se quando eu falo magra, não é aquela pessoa modelo, é uma pessoa digamos assim dentro dos parâmetros normais. É isso. Dentro das tabelas de composição corporal. Proporções corporais que são vistas como normais.

ENTREVISTADORA: E você, seu corpo é o seu sonho, teu desejo?

MESTRANDA: (risos) Um, eu acho que sou muito satisfeita com ele, eu não tenho um, não almejo muito mais que isso, é claro que existe aquela preocupação né, que você passa de uma certa idade, da questão que puxa, por que isso é, e isso está dentro da gente (risos), e tem que de repente cuidar de alguma coisa assim (mostra os seios). Mas não almejo não, olho para outra pessoa, e fico poxa queria ter aquele jeito né, não eu acho que para mim estou muito satisfeita, quando começa a me incomodar, quando eu começo a cansar, mas aí é questão de, eu vejo que é mais uma questão de saúde, aí eu começo a ligar o alerta, preciso fazer uma atividade.

ENTREVISTADORA: Mais questão fisiológica.

MESTRANDA: É fisiológica para atender, e para trabalhar né. Com mais tranquilidade, esteticamente eu não mudaria nada em mim, (risos).

ENTREVISTADORA: Então vou pegar uma situação hipotética, na hora que você está lá na sua casa, você sai do banho, você vai a frente do teu espelho quando você se olha você gosta?

MESTRANDA: (risos) Tem um detalhe.

ENTREVISTADORA: ahhh.

MESTRANDA: Tem um detalhe, eu acho que eu tenho, as minhas pernas são finas para a estrutura do meu corpo, assim, então, mas não que me incomoda ao ponto de dizer assim, nossa preciso enlouquecidamente mudar isso em mim né, mas é um detalhe que eu estava esquecendo, que eu olho, e já me privou de algumas coisas no sentido assim de usar shorts, tais, hoje eu não ligo mais, mas um determinado tempo, eu me privaria, mas assim, quando eu olho, se logo me chamar à atenção de maneira negativa, eu acho que é as minhas pernas. (risos) Elas são mais finas que a estrutura né, então eu acho que seria essa parte, mas não quando eu olho, assim não tem aquela coisa nossa, não quero não gosto, não, estou satisfeita.

ENTREVISTADORA: De maneira geral, a convivência com as amigas, com as pessoas que você está ali, você acha que de uma maneira geral, no seu meio, as mulheres elas estão satisfeitas?

MESTRANDA: Não. Não e não. De maneira geral não. Sempre tem algumas, quer seja uma parte, ou até mesmo num todo né, nunca está bom, você pode, você percebe sempre que alguém está em busca, sempre olha outro modelo, ah queria que fosse aquele, faço comparações, então isso é muito presente, no meio das pessoas, que se eu for analisar as pessoas que eu convivo, não foge muito desse padrão, mas a insatisfação das pessoas, eu até brinco, gente está bom demais, mas sempre você nota que traz essa insatisfação, ou porque é muito magra, tem até isso também né, porque está fora do peso, porque são sei o que, por que está acima, então é incrível, como a pessoa não está satisfeita consigo mesmo.

ENTREVISTADORA: Até mesmo, se a gente for olhar, a gente está vivendo em uma sociedade que as pessoas, 50% elas estão acima do peso.

MESTRANDA: Sim.

ENTREVISTADORA: Então, a gente tem de uma maneira geral, a gente tem corpos estruturais que aparece na televisão, na mídia, essas pessoas tem um corpo que vamos dizer, um corpo comum, que não está dentro daquele padrão, e isso nas relações vai interferindo?

MESTRANDA: Principalmente na nossa área. Por que eu até friso, que na nossa área ainda tem uma ligação muito forte com essa questão da educação física, atividade, a educação física e o desempenho do corpo, tudo interfere, principalmente na nossa função, tem melhorado, acho que nós avançamos bastante, mas ainda tem muita coisa.

ENTREVISTADORA: Quando você vai no zerão, você está caminhando, o que você vê ali?

MESTRANDA: Bom ali você vê de tudo. (risos). Ali você vê de tudo, desde rapazinho que corre sem camisa para mostrar para todo mundo que ele é forte, que ele corre bem, até senhores que também são, ali tem uma diversidade muito grande né, e uma coisa que é bacana, que você vê que as pessoas não estão muito preocupadas, principalmente naquele ambiente que deveria.

ENTREVISTADORA: Tem alguma coisa que te incomoda, quando você vai andar, que você olha fala nossa isso me incomoda?

RENATA: Eu acho que os exageros de vestimenta, eu acho que quando a pessoa que realmente você vê, que está ali, passa mesmo para se mostrar, mesmo para causar, eu acho que chama a atenção, poxa para que isso né, então acho que isso é.

ENTREVISTADORA: O corpo gordo te incomoda?

MESTRANDA: Não, passa para mim despercebido, a não ser que seja muito aquela coisa que vai te chamar a atenção. Por que quando a gente fala em corpo gordo pode falar de vários graus, aí, digamos. Mas assim, uma pessoa gorda, não me chama a atenção não, agora se for exageradamente, exagerado, mas isso, naquele ambiente vamos citar um exemplo do ambiente normal de atividade física você não encontra, vê aquele padrão ali. É gordo tudo bem, a pessoa é gorda, mas, não ao ponto de ser mórbido, não tem perigo, né. Eu acho, hoje, a nossa sociedade ela mudou muito né, os hábitos, que tem sido mas visível essa questão da prática da atividade, mas eu acho que esse movimento digamos, em prol da atividade tem tirado os gordinhos da sua casas, daquela coisa, daquela opressão, que eu acho que era diferente, e tem trazidos eles para essa inclusão. Então hoje, eu vejo que o ambiente, ao ar livre, então você encontra pessoas que não tem mais vergonha, de estar se expondo, então acho que hoje é essa questão, vamos fazer atividade física, tem atingido essa população também, que às vezes ficava mais marginalizada, então eu não vejo problema não. Eu tenho amiga, que é assim, eu convívio, eu acho que eu sou acostumada, e como a gente trabalha num curso de graduação, também convive com pessoas diferentes o tempo todo né, então eu acho que tem todo esse processo de assimilação, mas não me chama atenção, digamos a gorda não, a não ser que ela seja exagerada (risos), que aí chama a atenção de todos né? (risada solta). Não sei se eu te ajudei.